ANTÔNIO ALVIMAR SOUZA

A IGREJA ENTROU RENOVADAMENTE NA FESTA:

Igreja e carisma no sertão de Minas Gerais

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Montes Claros / MG

2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA SOCIAL
NÍVEL: DOUTORADO

A IGREJA ENTROU RENOVADAMENTE NA FESTA:

Igreja e carisma no sertão de Minas Gerais

Tese de Doutorado

Doutorando: Antônio Alvimar Souza

Orientador: Prof. Dr. Augustin Wernet

São Paulo – SP

2006

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Objeto da Pesquisa	15
Hipótese	17
Fundamentação Teórica	19
Metodologia	24
Tipologia das Fontes	28
Mapa da Diocese de Montes Claros	30
 I – A IGREJA NO MEIO DO SERTÃO	31
1.1 – A Diocese de Montes Claros e sua Criação	40
1.2 – Os Primeiros Bispos	43
1.3 – Dom Aristides de Araújo Porto	47
 II – DOM JOSÉ ALVES TRINDADE: BISPO DE BONFIM (BAHIA) E MONTES CLAROS (1943-1962)	49
2.1 – A Igreja da Disciplina	57
2.2 – Crise e Contrastes no Ultramontanismo	62
2.3 – Igreja Moral e Disciplina	66
 III – O IMPACTO DO CONCÍLIO VATICANO II E A IGREJA DO SERTÃO (1962-1968)	75
 IV – O CATOLICISMO PÓS-CONCILIAR NA ARQUIDIOCESE DE MONTES CLAROS	91
 V – O CONCÍLIO VATICANO LANÇA RAÍZES NO SERTÃO	105
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
 FONTES E BIBLIOGRAFIA	164

ABREVIATURAS

A C	- Ação Católica
A D P	- Assembléia Diocesana de Pastoral
A E A M C	- Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Montes Claros
A L	- América Latina
A P A M	- Arquivo Particular de Américo Martins
A P	- Ação Popular
CD – UNIMONTES	- Centro de Documentação da Universidade Estadual de Montes Claros
CEBs	- Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	- Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
C P T	- Comissão Pastoral da Terra
D E M C	- Diretório Estudantil de Montes Claros
D E N O C S	- Departamento Nacional de Obras Contra a Seca
E F C B	- Estação Ferroviária Central do Brasil
FETAEMG	- Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais
G S	- Gaudium Spes
J E C	- Juventude Estudantil Católica
JOC	- Juventude Operária Católica
J U C	- Juventude Universitária Católica
M E B	- Movimento de Educação de Base
M F C	- Movimento Familiar Cristão
P D P	- Planejamento Diocesano de Pastoral
P O	- Pastoral Operária
S C	- Sacrosanctum Concilium
SUDENE	- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
T F P	- Tradição Família e Propriedade
T L	- Teologia da Libertação

“Senhor, tu és nosso pai, nós somos barro; tu nosso oleiro, e nós todos, obra de tuas mãos”. Is 64,7

AGRADECIMENTOS

A generosidade deve fazer parte da vida humana. Elemento fundante do existir é a humanidade que deve ser construída permanentemente. Não nascemos humanos, mas nos tornamos humanos no decorrer de nossa história. Aristóteles chama nossa atenção para o fio tênue que separa o animal do plenamente humano. No decorrer da vida nos tornamos hermeneutas do existir. Penso que a história é a possibilidade de compreensão do nosso ser no mundo. A História nos apresenta os momentos de cuidado e de negligência com nossa existência. Em um mundo da negligência com a biodiversidade entendemos que não poderíamos faltar com o amor à história, a ética e a generosidade. A história porque esta sempre nos ensinou ideais aristocráticos, entre estes o de agradecer. A ética pelo amor incondicional à vida que se manifesta na biodiversidade do universo e a generosidade, porque esta nos forma na escola da benevolência instituindo em nossas vidas o desejo permanente de abandonar o cruel existente em nós, instituindo o plenamente humano.

Neste trabalho sou grato a Deus. Causa e sentido de todas as coisas.

Ao professor Dr. Augustin Wernet paciente historiador e filósofo, nossa reverência e admiração. A ele o prêmio dos imortais. Alegrias e glórias eternas.

Agradeço à Vera Cruz Trindade pela santidade e testemunho no cuidado para com Dom José Alves Trindade em todo o decorrer de sua vida. Como Maria soube com ele caminhar até ao pé da cruz. Com inteligência e sabedoria guardou cadernos e recortes que colaboraram neste trabalho.

Ao amigo Otaviano pela perseverança nos estudos e à professora Marina de Fátima Brandão Carneiro por ter estreitado o meu contato com a Universidade de São Paulo.

Agradeço a Dom Geraldo Magela de Castro, arcebispo de Montes Claros, pelo pastoreio desta porção do povo de Deus no Norte de Minas Gerais.

Às Faculdades Santo Agostinho, Funorte e Unimontes meus agradecimentos.

Agradeço às professoras Doutoras Ana Paula Tavares Magalhães e Íris Kantor pela leitura atenta e minuciosa e participação na banca de qualificação.

Agradeço finalmente ao meu pai Benilson José de Souza por ser exemplo de dedicação e amizade. Minha irmã Cacilene Soares de Souza pelos cuidados que tem por todos nós e meus sobrinhos queridos: Alexandre Victor Soares, Paula Karoline Soares e Karen Tatiane Soares.

Agradeço Antônio Wagner Veloso e Luiz Quintino “Luquinha” pela ajuda e dedicação na leitura e correção.

Enfim, um agradecimento a Três Cônegos premonstratenses e a um jesuíta: Cônego Maurice Marcel Gaspar – *in memoriam* –, por ter registrado o fascinante panorama do sertão de Minas Gerais. Ao Cônego Antônio de Oliveira Maia pela memória viva e atual da espiritualidade do homem do sertão e ao Cônego Adherbal Murta pela inteligência, respeito e admiração. Ao Padre Henrique Munaiz Puig pela luta incansável em favor da juventude.

RESUMO

A pesquisa em questão discute a presença da Igreja no norte de Minas Gerais, isto é, na Diocese de Montes Claros. Procuramos à luz do episcopado de Dom José Alves Trindade entender as forças dinamizadoras do catolicismo nesta região singular do Brasil. O episcopado de Dom José Alves Trindade será analisado a partir de três forças impulsionadoras da ação evangelizadora do bispo durante seu pastoreio na Diocese de Montes Claros, ou seja, o catolicismo popular, as Comunidades Eclesiais de Bases e a Nova Evangelização. Para melhor entendimento, a presente pesquisa procura descrever a tipologia deste catolicismo no sertão de Minas Gerais apresentando sua especificidade e dinâmica dentro da ação evangelizadora da Igreja que entrou renovadamente na festa. Entendemos que a Igreja popular resiste no carisma do povo que continua permanentemente recriando seus espaços de resistências para vivência da fé.

ABSTRACT

The research at issue discusses the presence of the Church in the North of Minas Gerais, that is, in the Diocese of Montes Claros. We have attempted, in the light of Dom José Alves Trindade's episcopate, to understand the dynamical forces of Catholicism in this singular region of Brazil. Dom José Alves Trindade's episcopate will be analyzed from the impelling forces of the bishop's evangelistic action during his leadership in the Diocese of Montes Claros, that is, the popular Catholicism, the Basic Ecclesiastical Communities and the New Evangelization. For a better understanding, the current research attempts to describe the typology of this Catholicism in inland Minas Gerais presenting its specificity and dynamics within the Church's evangelistic action that has renewedly entered into the spirit. We understand that the popular Church resists in the charisma of the people that continue permanently recreating their resistance space for the experience of faith.

INTRODUÇÃO

Toda pesquisa constitui um caminho a percorrer. Os caminhos são muitas vezes cheios de surpresas, pois são desconhecidos e apresentam novidades durante o percurso. Mas, afinal, o que seria do pesquisador sem os problemas permanentes que despontam em sua trajetória? A mobilidade das questões nos coloca numa atitude permanente de renovação. Pesquisar é então desvendar novas trilhas e apontar para novos desafios a serem alcançados.

A temática do sagrado nos encanta. Nas palavras de Rudolf Otto, este campo nos fascina. Expressa bem Otto quando faz menção ao campo religioso como o do "*mysterium tremendum et fascinans*".¹ É verdade que a temática do sagrado desperta em nós diversas sensações, isto é, desde curiosidade, paixão, temor e, porque não dizer, medo.

A história das religiões chama a nossa atenção para essa última atitude do homem, isto é, o medo da natureza, da finitude da vida e, porque não dizer, da própria infinitude do universo. É diante da infinitude do universo que o homem toma conhecimento do sagrado. Lembra-nos Mircea Eliade que "*o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano*".² O sagrado enraíza-se numa hierofania como lugar original de sua revelação. É algo que se revela, mas que ao mesmo tempo oculta, da saúde e santidade. Tanto M. Eliade quanto P. Ricœur apontam o sagrado como caminho na busca de identidade.

Bataille, por sua vez, entende o sagrado como "*o sentimento evidente e não mais animal*".³ O sagrado institui humanidade aos seres humanos. Enquanto o animal aceita a sua imanência, o homem insurge e experimenta a sua insatisfação diante do limite que o circunda. O sagrado coloca em desordem essa aparência estável do mundo de então. O sagrado se coloca como "*perigoso para esse mundo claro e profano onde a humanidade situa seu domínio privilegiado*".⁴ O sagrado se institui e torna presente na vida humana como mundo de sentido que não se separa do humano. Não podemos distanciar o humano do sagrado, pois nas palavras de Touraine "*nada autoriza a jogar fora o sujeito com a religião como não se joga fora a criança com a água do banho*".⁵

¹ WACH, J. *Sociologia da religião*. p. 26.

² ELIADE, Mi. *O sagrado e o profano*. p. 17.

³ BATAILLE, G. *Teoria da religião*. p. 32.

⁴ Idem.

⁵ TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. p. 226.

Entendemos que o universo do sagrado se coloca como aquele que institui sentido para a vida humana. O sagrado alimenta o mundo dos símbolos humanos. Lembra-nos Berger que

o universo simbólico também ordena a história. Localiza todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro. Com relação ao passado, estabelece uma **memória** que compartilhada por todos os indivíduos socializados na coletividade. Em relação ao futuro, estabelece um quadro de referência comum para a projeção das ações individuais. Assim o universo simbólico liga os homens com seus predecessores e seus sucessores numa totalidade dotada de sentido, servindo para transcender a finitude da existência individual e conferindo um significado à morte individual.⁶

O sagrado institui o seu próprio tempo. Tempo sagrado que se instaura numa relação com a mãe-natureza, isto é, com aquilo que é originário. Recorda Boff que o sagrado “*suscita a dimensão de espírito: capacidade do ser humano de continuamente criar sentidos e inventar símbolos*”.⁷ A dimensão simbólica constitui um campo de interpretações das experiências originárias do humano, pois nas palavras de Cassirer o homem se constitui como um feixe de experiências simbólicas. Afinal, o mesmo, está inserido no universo do sagrado. O universo do sagrado não é algo diferente da vida humana, pois a vida humana é a base para as experiências religiosas. Pontua Cassirer que “*o pensamento religioso se origina no mesmo fenômeno fundamental que é a vida humana*”.⁸ Sendo assim, não podemos separar a dimensão do sagrado da vida humana. Muitos tentaram fazer entender o sagrado como se este fosse um estranho incorporado à realidade humana. O sagrado institui identidade, confere saúde e vida numa sociedade “*onde todos os membros podem agora conceber-se como pertencendo a um universo que possui um sentido, que existia antes de terem nascido e continuará a existir depois de morrerem*”.⁹

A busca de Identidade marca os campos distintos do sagrado e do profano. Campos que foram se distinguindo com o acento intolerante da razão grega que aprofundou tal separação a partir da tradição socrático-platônica posteriormente denunciada, inicialmente por Hegel e, posteriormente, por Nietzsche como profundamente negadora da dimensão do humano.

É importante destacar que o mundo do mito não separa as dimensões de sagrado e profano, pois na história da humanidade “*não podemos fixar o ponto onde termina o mito e começa a religião. No curso da história a religião permanece indissoluvelmente conectada e*

⁶ BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. p. 140.

⁷ BOFF, L. *Saber cuidar*. p. 150.

⁸ CASSIRER, E. *Antropologia filosófica*. p. 135.

⁹ BERGER, P.; LUCKMANN, T. *op. cit.*

impregnada com elementos míticos”.¹⁰ Afinal, o homem é um todo. Briga com os deuses, chora e entristece, sente ciúmes e em alguns momentos tenta fazer uma apropriação considerada indébita dos poderes celestiais.¹¹ Lembra-nos Boff que

o ser humano pode cultivar o espaço Divino, abrir-se ao diálogo com Deus, confiar a ele o destino de sua vida e nele encontrar o sentido para morte. Surge então a espiritualidade que dá origem às religiões. Elas expressam o encontro com Deus nos códigos das diferentes culturas.¹²

O homem não rompe sua relação com o sagrado, pois o mesmo está enraizado em suas origens milenares. É importante salientar que nem a modernidade com seu aparato tecnocientífico foi capaz de apagar os vestígios da religião. Importante salientar que

é preciso recusar abertamente a idéia da ruptura entre as trevas da religião e as luzes da modernidade, porque o sujeito da modernidade outro não é que o descendente secularizado do sujeito da religião.¹³

As experiências do sagrado explodem com a modernidade e na perspectiva de Touraine

não se pode reduzir a modernidade ao triunfo do conhecimento e da ação racional. A sociedade moderna nasce com a ruptura da ordem sagrada do mundo; no lugar desta aparece a separação, mas também a interdependência da ação racional instrumental e do sujeito pessoal.¹⁴

A religião não fica distante da vida dos humanos, ao contrário, permanece presente e atuante nas diversas iniciativas humanas. Lembra Gleiser que “*o que é realmente fascinante é que tanto a ciência como a religião expressam nossa reverência e fascínio pela natureza*”.¹⁵

A questão do sagrado retorna ao espaço de discussão tornando para o pesquisador um tema desafiador em um mundo onde a racionalidade tenta ocultar os sinais milenares da religião. A análise que se coloca na atualidade sobre a questão do sagrado exige uma recolocação crítica num ambiente que se firmou a partir de “sociografias” e “historiografias” da religião. Entendemos que não basta apenas uma descrição da religião. A problematização se estabelece com a tentativa de entender a sedução impetrada pelo sagrado na vida humana.

¹⁰ CASSIRER, E. *op. cit.*

¹¹ Dois casos interessantes podem ser encontrados na história da humanidade em relatos distintos. Platão no Banquete citando o mito dos andróginos, e no livro das Gêneses a tentativa de se apoderar da árvore do conhecimento do Bem e do Mal.

¹² BOFF, L. *op. cit.* p. 151.

¹³ TOURAINE, A. *op. cit.* p. 2.

¹⁴ TOURAINE, A. *op. cit.* pp. 225-226.

¹⁵ GLEISER, M. *A dança do universo: dos mitos de criação ao big-bang.* p. 40.

Certo é que a religião como espaço originário de manifestação do sagrado entrecruza com os mitos imprimindo na memória humana a evidência da “mobilidade” das origens. Lembra-nos Mircea Eliade que os mitos do fim do mundo desempenham um papel importante na história da humanidade. Os mitos puseram em evidência a mobilidade das origens: fato é, a partir de um certo momento, que a *origem* não está só num passado mítico, mas também num futuro imaginário. A religião não indica somente para as origens, isto é, um passado estático. Podemos dizer que a religião indica para o futuro apontando em seu universo uma dimensão escatológica. Lembra bem Le Goff que a religião carrega uma dimensão de passado e futuro na medida em que expressa nos mitos o sentido das origens e na escatologia o sentido da mobilidade do presente. A religião tenta transferir para Deus a responsabilidade da decadência de todas as coisas existentes no universo.

As condições do fim do mundo são geralmente concedidas de três formas principais pelas sociedades ‘primitivas’: ou é por culpa dos homens que cometeram pecados ou faltas rituais; ou será a pura vontade de Deus, que porá fim ao mundo; ou a causa do fim do mundo pode ser apenas a sua decadência, por um processo de degradação contínua.¹⁶

A questão da decadência presente no universo religioso recebe atenção também de Rosset em “*A Antinatureza*” que não vê em Deus ou na religião o elemento desagregador da natureza, mas no próprio homem que danifica a ordem natural de todas as coisas. Rosset lembra que a natureza foi, na verdade, invocada para destruir a religião, pois entendia uns que a religião se coloca numa esfera que vai para além da natureza. “*Se é a natureza quem tudo faz, Deus torna-se inútil e a religião é vencida*”.¹⁷ Por outro lado, devemos lembrar que

uma interpretação religiosa do mundo só é possível se existir um mundo a interpretar, isto é, se o que existe deve sua existência a princípios e sua duração a forças, atuantes (em jogo) na existência, que lhe permitem sobreviver.¹⁸

A partir das considerações iniciais observamos que a experiência religiosa nos desafia, pois falar de religião não é muito fácil. Na verdade, a pós-modernidade nos coloca cada vez mais diante de atos religiosos. As novas espiritualidades valorizam o mágico e o imediato. É um mundo permeado por mistérios. Segundo Benedetti, neste mundo misterioso predomina o ritual e o simbólico, pois “*em todo esse ministério, a iconografia, o simbolismo e o ritual cerimonial tinham maior peso do que a palavra dita*”.¹⁹ Mencionamos aqui as

¹⁶ LE GOFF, J. *História e memória*. pp. 329-333.

¹⁷ ROSSET, C. *A anti-natureza*. p. 34.

¹⁸ Ibid. p. 35.

¹⁹ BENEDETTI, L. R. *Templo, praça, coração*. p. 47.

novas espiritualidades que procuram dar sentido para o homem na atualidade. Tais espiritualidades acentuam a exterioridade, ou seja, vestes, amuletos, sacramentais e ritos devocionais. Seria uma volta ao sagrado? O que traz de novo estas novas perspectivas religiosas que soerguem das cinzas de uma sociedade técnico-industrial? O que diria Augusto Comte com o seu profético positivismo que propunha uma sociedade científica com o soterramento das bases míticas e metafísicas? O advento de uma nova sociedade fundada em parâmetros religiosos não esconderia uma volta à grande disciplina como já pesquisou João Batista Libânio em seu livro “*A volta à grande disciplina*”.

Não podemos deixar de enfatizar o caráter institucional que carrega a matriz religiosa européia que colaborou decisivamente na consolidação das idéias de hierarquia e disciplina no ocidente. É importante destacar que uma porta se abre para a transcendência, pois os objetos são sagrados porque não são profanos, isto é, estão constituídos de significados. O mundo da religião é, na verdade, um mundo de muitos significados, tais significados falam à existência do Ser humano pelo seu próprio existir.

O espaço sagrado torna-se necessário no mundo religioso, pois fascina e retira o humano de sua própria cotidianidade. O espaço sagrado torna-se o lugar do mistério e do escondido. Afinal, existe uma linha limítrofe entre o espaço sagrado e o profano? Inicialmente, percebemos que, enquanto o primeiro se constitui como o mundo do simulacro, o segundo se manifesta na sua rotina cotidiana. O mundo profano está eivado de explicações. A claridade da razão elucidativa desnuda, revela e destitui o mundo de qualquer sacralidade. Como nos lembra Eliade, no mundo profano “*Os seres supremos de estrutura celeste têm tendência a desaparecer... afastam-se dos homens*”²⁰ tornando-se apenas objeto de explicação. Aqui podemos compreender porque a ciência moderna encontra tamanha dificuldade para estabelecer um relacionamento harmonioso com as experiências religiosas. Na verdade, enquanto a ciência explica, dessacraliza, desnuda; a religião se coloca no campo da contemplação. O mundo da religião esconde por trás dos véus do divino a sacralidade da vida e da natureza, colocando todas as realidades diante da experiência do divino. Nesta perspectiva tem papel fundamental Rudolf Otto por ter sido um dos pesquisadores que, sem deixar de levar em consideração as características próprias do sagrado, impediu que o mesmo fosse enclausurando nas malhas do extremo racionalismo da modernidade.

Na religião, o tempo se redimensiona de maneira diversa, pois o tempo sagrado é cíclico. É um tempo que aponta para as origens. Nele o caráter da festa se torna presente. A

²⁰ ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. p. 103.

liturgia aponta para regras e proibições deixando claro o espaço humano e o espaço dos deuses. No tempo religioso voltamos às origens. Essa originalidade primeira aponta para o culto da terra – origem/fecundidade – o que é mãe. A terra lembra para nós o imaginário religioso milenar traduzido nas diversas culturas em expressões sagradas como a expressão bíblica que nos adverte: *"lembra-te homem que tu és pó e em pó há de se tornar"*.²¹

No espaço da religião encontramos também a dimensão festiva própria do sagrado. A festa encontra-se presente numa perspectiva de transcendência do humano, pois ela é sempre celebração da vida. Lembra-nos Rubio que *"a celebração pertence ao mundo simbólico, não ao mundo do cotidiano"*.²² A festa religiosa evoca o encontro com o transcendente e nos distancia do cotidiano. A festa tem a capacidade de romper com a monótona repetição dos atos do dia-a-dia. Percebemos seu poder de romper com o cotidiano que satura a vida humana. As festas recordam momentos cruciais da existência humana, isto é, nascimentos, colheitas, morte e mudanças na natureza. A festa religiosa tem um profundo significado antropológico na medida que se firma como expressão do mundo simbólico do ser humano. Ao mencionar a importância da festa Rubio assim a caracteriza:

a festa religiosa vale por si mesma, pela sua própria expressividade. Ela comporta uma atitude lúdica, inútil em termo de produtividade. Tem uma dimensão comunitária e constitui um espaço de afirmação da vida e do valioso que ela contém.²³

A categoria de festa aqui apresentada remete às experiências das Comunidades Eclesiais de Bases, isto é, aponta para o sentido da festa cristã. Nas trilhas de Taborda²⁴ empregaremos a Categoria de festa inspirada em Peter Hünermann, professor da Universidade de Münster. Taborda pontua inicialmente que

a Categoria de festa não só corresponde ao espírito de nossos povos que sabem festejar e gosta de fazê-lo, mas provém do interior mesmo de uma visão de cristianismo que se entende como fé atuante na caridade.²⁵

No entendimento de Taborda a *"festa é dessas realidades que devem ser vivenciadas, não descritas"*.²⁶ A festa expressa a alegria do próprio viver. Traduzimos o posicionamento das pessoas frente aos acontecimentos da existência humana. Para Taborda a

²¹ GÊNESIS 3,19.

²² RUBIO, G. *Unidade na pluralidade*. p. 489.

²³ Ibid. p. 489.

²⁴ Francisco Taborda é doutor em teologia pela Universidade de Münster. Escreveu um brilhante trabalho com Título: *Sacramento, Práxis e Festa*.

²⁵ TABORDA, F. *Sacramento, práxis e festa*. p.16

²⁶ Ibid. p. 46.

festa guarda três elementos constitutivos essenciais. *Em primeiro lugar a valorização de determinados acontecimentos dignos de celebração.* Os acontecimentos passados e presentes são celebrados com certa frequência. Cada povo tem suas festas, pois estas fazem parte da vida cotidiana das pessoas. Os seres humanos não celebram qualquer coisa, pois os acontecimentos trazem lembranças que marcam a memória individual e coletiva das pessoas. *O segundo elemento é a expressão significativa.* A festa traz sempre o elemento da gratuidade. A alegria que contagia todos os presentes. A fartura encanta os participantes, pois tudo se multiplica no gesto da doação. Na festa perdemos a noção do limite: bebemos muito, comemos muito, rimos muito. O gozo toma conta de nossa vida e o tempo parece voar. *O terceiro elemento é o da intercomunhão solidária.* A celebração é sempre comunitária, isto é, com outras pessoas que valorizem um mesmo acontecimento. “*A festa é sempre fonte de solidariedade; cria e intensifica a vivência comunitária*”.²⁷

Nas comunidades eclesiais encontramos sempre uma festa. Cada encontro irradia a fortaleza dos laços da intercomunhão de um povo. A alegria toma conta da vida do mutirão e da procissão, pois a vida se traduz na experiência de fé e a fé se traduz na experiência de vida.

OBJETO DA PESQUISA

O presente trabalho é resultado do estudo da história da Igreja na Arquidiocese de Montes Claros-MG, tomando como marco referencial o episcopado de Dom José Alves Trindade, quinto bispo diocesano na região norte-mineira no período de 1956 a 1988. Tomaremos como referência geográfica a Arquidiocese de Montes Claros.

Analisaremos também neste trabalho os elementos ultramontanos presentes no episcopado de Dom José Alves Trindade no período mencionado. Entendemos o ultramontanismo nas palavras de Wernet que o conceitua como “*o movimento católico que em oposição ao iluminismo, era fiel à autoridade de Roma, que estava além dos Alpes*”.²⁸

Neste momento específico da história da Igreja montes-clarense, apontaremos para uma Igreja diante de uma encruzilhada, ou seja, seguir o mundo moderno, considerado diabólico ou obedecer ao Papa. Destacaremos a importância dos movimentos religiosos e

²⁷ Ibid. p. 48.

²⁸ WERNET, A. *A igreja paulista no século XIX*. p. 05.

pastorais na constituição de uma Igreja voltada para a figura do bispo popular que conseguiu manter a autoridade sem perder a simpatia.

O trabalho em questão trilhará o caminho breve dos bispos antecessores de Dom José Alves Trindade que servirão de elo para a compreensão do episcopado do bispo em questão nesta pesquisa. Não será nossa pretensão analisar os episcopados anteriores pela vastidão e especificidade de cada um. Entendemos que a indicação dos episcopos anteriores possibilitam uma ligação com a pesquisa em questão.

A presente pesquisa tomou como orientação três eixos fundamentais, isto é, o catolicismo popular, as Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's) e a Renovação Carismática Católica. A pesquisa apontará a presença e a força destes elementos eclesiais na Arquidiocese de Montes Claros.

Analisaremos o catolicismo em sua tipicidade no Norte de Minas Gerais como nos indica Weber, pois para o mesmo “*o aparato conceitual sociológico deverá captar a **tipicidade** ou a **homogeneidade** dos fenômenos históricos, tendo como finalidade conferir um tratamento científico aos mesmos ou o termino de um processo de explicação ou imputação causal*”.²⁹ Os tipos ideais propiciam uma maior compreensão do catolicismo sertanejo pesquisado no Norte de Minas Gerais. Nas trilhas de Weber entendemos que a ciência não pode chegar à compreensão da substância das coisas integrando estas a totalidade das coisas.

Weber não aceita a concepção clássica de ciência, segundo a qual ela pode abranger a substância das coisas integrando-as num sistema totalizante no qual o pensamento abranja a totalidade do real. Todo conhecimento é hipotético na medida em que nenhum sistema reproduz a realidade que é infinita.³⁰

Diferente de muitos outros trabalhos que já foram feitos abordando a temática da religião, queremos privilegiar nesta pesquisa a tipicidade do catolicismo do Norte de Minas Gerais. A pesquisa ora em andamento procura ser uma elaboração analítica de um fenômeno sócio-cultural do século XX. Como nos lembra Wernet: “*Tratando o fenômeno religioso numa perspectiva histórica como expressão sócio-cultural, temos de conhecer, ao lado do auto-entendimento teológico, também as interpretações teórico-filosóficas*”.³¹

O estudo das mentalidades exige do pesquisador uma nova postura. Essa “*nova orientação atinge aspectos metodológicos, relações interdisciplinares e o modo de apresentar os resultados*”³² da pesquisa acadêmica de maneira diferenciada. Compreender a tipicidade de

²⁹ WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais*. p. XXIV.

³⁰ Ibid. p. XXV.

³¹ WERNET, A. Op. cit. p. 07.

³² Ibid. p. 10.

um tempo constitui um grande desafio, pois exige uma postura de distanciamento de quem se encontra em um outro tempo e um outro lugar. Fazer uma historiografia comparativa constitui um grande desafio, pois a história de um movimento religioso depende do auto-entendimento do fenômeno religioso que se apresenta. Diante do fenômeno encontramos o pesquisador com sua subjetividade, sendo assim, o sujeito observador e o objeto observado não são elementos completamente separados, e a atividade do historiador não deve ser vista como contemplação a-temporal e a-histórica que se deixa guiar pela pura objetividade do objeto. A atividade do historiador está marcada pela situação existencial e condicionada por fatores sócio-culturais e típicos de uma determinada região, pois *“todo conhecimento da realidade cultural é sempre um conhecimento subordinado a pontos de vista especificamente particulares”*.³³

É o sujeito concreto com seus interesses, valores e preocupações, que se debruça sobre a realidade histórica e procura compreender a tipicidade e os sentidos de cada manifestação na história.

HIPÓTESE

O presente trabalho tomará como marco referencial o episcopado de Dom José Alves Trindade, período que compreende os anos de 1956/1988. Dom José Alves Trindade, quinto bispo diocesano governou a Diocese de Montes Claros - MG por 32 anos. O seu episcopado reflete as idéias oriundas do Concílio Vaticano II (1962–1965). Na verdade, trata-se de um episcopado que marca profundamente a história da cidade de Montes Claros que de menina nos anos 50 com precárias habitações, locomotiva e ausência de uma infra-estrutura, constitui-se no decorrer desses trinta e dois anos uma Cidade-Pólo, Princesa do Norte, quinta maior cidade do Estado de Minas Gerais e Sede das manifestações religiosas, políticas e culturais do Norte de Minas Gerais.

O profundo episcopado de Dom José cresceu como parte da história do povo da Diocese de Montes Claros que depois de desmembrada ainda hoje guarda uma vasta superfície territorial 44.308,71 km² com uma população estimada de 7249.892 habitantes.³⁴ A sede do episcopado – Montes Claros-MG – reflete as contradições do povo sertanejo de uma profunda religiosidade. Sem sombra de dúvida, uma experiência exemplar adquirida nas experiências das festas populares e suas diversas manifestações religiosas encontradas no

³³ WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais*. p.131.

³⁴ Dados do IBGE/Censo 2000 que compreende a população dos 40 municípios da Arquidiocese. C.f também Documento: *“Mutirão de Evangelização Solidário e Missionário da Igreja Particular de Montes Claros”* 2005-2008.

Norte de Minas Gerais. A postura do bispo conciliar reflete a habilidade de saber lidar com as diversas experiências populares que foram se consolidando durante seu pastoreio na Diocese de Montes Claros.

O episcopado do “aggiornamento” permite uma articulação dos movimentos populares que irá renovar e fortificar as experiências das comunidades. Este “aggiornamento” não fugirá do paradigma ultramontano que apesar dos avanços não deixará de imprimir elementos conservadores na caminhada eclesial da Diocese de Montes Claros.

A Diocese de Montes Claros – MG desperta atenção pela sua profunda religiosidade popular, fato notável nas diversas festas populares realizadas no decorrer de cada ano. Chama nossa atenção as Festas Marianas – Nossa Senhora do Rosário –, São Benedito, Divino Espírito Santo e as festas juninas. As diversas festas populares manifestam uma rede de solidariedade existente entre os excluídos presentes em nossa sociedade que se encontram a partir de uma experiência comunitária e solidária da fé. Nas festas populares podemos detectar a preservação dos valores locais expressos nos traços da cultura local que guarda elementos da ancestralidade presente no Norte de Minas Gerais, isto é, negros, portugueses e indígenas.

A presente pesquisa não poderá deixar de apontar o impacto destruidor das correntes neo-pentecostais, especialmente da Renovação Carismática Católica - RCC - sobre as diversas manifestações populares do homem sertanejo do Norte de Minas Gerais. Apontaremos como este impacto destruidor se externa nos conceitos – cantos e idéias – veiculados pela Renovação Carismática Católica – RCC – que associada a um imaginário neo-liberal de matriz pentecostal norte-americana, abomina e persegue destruindo as manifestações locais impondo-lhes uma nova perspectiva global/individualista de vivência da espiritualidade.

Nossa hipótese é que o episcopado de Dom José Alves Trindade, nascido em uma conjuntura ultramontana, foi capaz de absorver uma eclesiologia nascida do Concílio Vaticano II possibilitando a emergência de uma Igreja popular com uma forte presença e preocupação com os mais pobres. Nesta trajetória percebemos que a compreensão da Igreja não se restringe aos grandes teólogos que formulam os grandes tratados de teologia. A mediação humana torna-se fundamental no entendimento dos conceitos formulados que tomam vida com as ações humanas. Dom José soube receber a mensagem do Concílio Vaticano II e torná-la viva no Norte de Minas Gerais. Fica claro que o bispo ao manter sua comunhão com o poder central de Roma possui autonomia para gestar uma nova consciência eclesial em sua diocese com os seus sonhos e esperanças.

O Concílio Vaticano II no Decreto *Christus Dominus* chama a atenção dos bispos para a consciência do conhecimento necessário de sua realidade para que a mensagem cristã seja melhor vivida e compreendida em cada lugar. Lembra o Decreto que

a fim de poderem cuidar do bem dos fiéis de maneira mais apropriada à condição de cada um, esforcem-se para conhecer-lhes a fundo as necessidades nas circunstâncias sociais em que vivem. Aproveitem, portanto, os instrumentos técnicos, especialmente a pesquisa social.³⁵

O bispo, que participou do Concílio Vaticano II, foi capaz de permitir que a Igreja desse passos significativos para a constituição de um novo modelo eclesial que tomará corpo no Norte de Minas Gerais no período de 1956 a 1988. Marcará definitivamente a nova eclesiologia os três Planos Pastorais do episcopado de José Alves Trindade. Destacamos em nosso trabalho as *Diretrizes Pastorais de Montes Claros 1967 – 1970*, *Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros 1975 – 1978* e *Planejamento Diocesano de Pastoral 1981 – 1983*. Nossa pesquisa não apontou para a existência de outros planos indicando para uma maior permanência dos já indicados no período em questão.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os conceitos tornam-se fundamentais na discussão de um problema. Afinal, a compreensão se estabelece a partir de um universo delineado pelo homem que se encontra inserido no mesmo. Lembra-nos Ortega y Gasset que somos a nossa circunstância. E é dentro dessa circunstância que aprendemos a olhar para o mundo que se encontra à nossa volta. Tal perspectiva nos remete a Heidegger que insiste na nossa localização no mundo para compreendê-lo. Entendemos que toda compreensão esbarra na precariedade da percepção que o homem possui do mundo que se estende à sua volta. Georges Colingwood, em sua autobiografia, alertava-nos para a ilusão dos problemas eternos criados pela permanência das mesmas palavras.

As palavras necessitam ser compreendidas dentro de um universo típico. Este universo típico demanda uma explicitação da mentalidade e dos conceitos adequados para a constituição de um entendimento necessário para a vida humana. É importante destacar que, no decorrer da história da humanidade, os conceitos se tornaram fundamentais para a compreensão de um mundo possível. Os conceitos dão vida às ações humanas, pois no

³⁵ Decreto *Christus Dominus*, n.1053. In: COMPÊNDIO do Vaticano II. Constituições. Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1986.

desenrolar da história os seres humanos, “*elaboraram sistemas e idéias que sustentam imagens e representações coletivas, mediante a qual se atribui uma identidade, estabelecem divisões, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta de seus membros*”.³⁶

Não fazemos pesquisa sem um árduo burilar dos conceitos. Conhecemos a precariedade das palavras, mas sabemos da tarefa de precisá-las para melhor adequá-las ao mundo de significados de um trabalho científico. Sentimos a necessidade de procedimentos definidos. E é justamente neste momento que debruçamos sobre os conceitos elementares que delinearão as linhas mestras da pesquisa em questão.

Em primeiro lugar perguntamos: o que é a Igreja? De qual Igreja estamos falando nesta pesquisa? Por que o título “*A Igreja entrou renovadamente na festa: Igreja e Carisma no Sertão de Minas Gerais*”. Ao voltarmos aos documentos conciliares encontramos duas idéias fundamentais. Uma expressa na Constituição *Lumen Gentium* que aponta a idéia de uma Igreja como um corpo. Tal perspectiva avança na medida que coloca em questão o antigo modelo tridentino, piramidal e rigidamente hierárquico. A Igreja se apresenta a partir do Concílio Vaticano II como um corpo em que cada membro é diferente, isto é, formando uma totalidade naquele que é a síntese que é o Cristo Senhor.³⁷

A segunda idéia a encontramos na Constituição *Gaudium et Spes* que apresenta a Igreja como comunidade fraternal que congrega os irmãos na mesma fé em Cristo. Lembra-nos a *Gaudium et Spes* que “*primogênito entre muitos irmãos, depois de sua morte e sua ressurreição, pelo dom do seu Espírito, Ele institui, entre todos aqueles que receberam pela fé e pelo amor, nova comunidade fraternal, em seu corpo, que é a Igreja*.”³⁸

A Igreja é este corpo onde os membros são chamados a participar do grande projeto de edificação de um mundo melhor. Entendemos a Igreja como um corpo na sua forma mais participativa. É corpo no reconhecimento da diversidade dos carismas e no reconhecimento da pluralidade de seus membros. A visão rígida que acentua o poder obscurece a dimensão do serviço indicada numa Igreja mais participativa. A rigidez obscurece o carisma e torna-se peso para os leigos na comunidade de fé. Lembra-nos Boff que “*a centralização cristológica no horizonte do mistério da encarnação levou a Igreja latina a*

³⁶ PESAVENTO, S. J. *Em Busca de uma História: Imaginando o Imaginário*. pp. 9-28.

³⁷ *Lumen Gentium*. n. 12/13, In: COMPÊNDIO do Vaticano II. Constituições. Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1986.

³⁸ *Gaudium et Spes* n.300, In: COMPÊNDIO do Vaticano II. Constituições. Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1986.

*um endurecimento institucional excessivo; como instituição bimilenar, não destila jovialidade nem alegria, mas respeitabilidade e sentimento de peso”.*³⁹

A Igreja presente no Norte de Minas Gerais experimenta o sabor da responsabilidade por séculos, fez a trajetória e a experiência de ser uma Igreja praticamente leiga. A precariedade do clero, o fato desde ser pouco numeroso, possibilitou o surgimento de um modelo eclesial onde os leigos tivessem mais oportunidade de participação. Salvador, Mariana e Diamantina, primeiras províncias eclesiásticas que alimentaram espiritualmente Montes Claros, estão marcadas pela presença de um catolicismo lusitano. A presença das irmandades torna-se visível na arquitetura, ocupação dos espaços sagrados, nas vestes e na organização eclesial. O catolicismo do sertão de Minas Gerais assume uma face diferenciada com a ausência das irmandades, espaços sagrados delimitados e organização eclesial diferenciada. Tem uma proximidade com o ultramontanismo na sua forma institucional de organização. Assim sendo, predomina as associações religiosas, ou seja, legião de Maria, Apostolado da Oração, Liga Católica Maria e José, Filhas de Maria e Vicentinos. Na verdade, a espiritualidade do sertão se manifesta em uma Igreja onde a presença do leigo é muito expressiva em um universo de pouco padre, muita reza e pouca missa.

No Norte de Minas Gerais o institucional sofre desgaste com a indiferença do sertanejo que, prisioneiro de seu mundo longínquo, parece sentir a distância da espiritualidade das Minas. Sanchis indica para “o fim de uma situação de hegemonia”.⁴⁰

Talvez não fosse correto indicar o fim de uma situação de hegemonia, pois afinal o catolicismo nesta região resistiu por longos anos nas mãos dos rezadores. As festas acontecem sem a presença dos clérigos que só participam das mesmas nos momentos determinados onde se demanda a presença do oficial, isto é, batizados, casamentos e celebração das missas. O catolicismo sertanejo sobreviveu distante da religião oficial. A tipicidade do catolicismo popular do sertão debilitou a presença da Igreja hegemônica. A permanência de um catolicismo devocional deu ao homem do sertão um sentimento de pertença e de identidade. O catolicismo aqui semeado toma seu lugar e assume feições específicas nesta região com suas particularidades. Lembra-nos Sanchis que

arrancado do húmus particular que assegurava seu crescimento antropológico, o catolicismo português viu-se jogado num espaço aberto e sem fim, onde encontrou sincronicamente universos simbólicos diferentes, através da força aproximação das identidades de três povos desenraizados.⁴¹

³⁹ BOFF, L. *Igreja carisma e poder*. p. 234.

⁴⁰ SANCHIS, P. *Religião, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro*. In. *Fieis & Cidadãos: Percursos de Sincretismo no Brasil*. p. 11.

⁴¹ Idem. p. 24.

Na perspectiva de Fragoso “*sob o controle da Igreja hierárquica, nosso povo praticava os atos religiosos ordinários, ainda muito sob o critério de lei e da obrigação. Daí a freqüência à missa dominical ou aos sacramentos eram o cumprimento de uma obrigação religiosa*”.⁴² Diferente da rigidez e da formalidade institucional os homens e mulheres levam suas vidas na simplicidade da vida do campo. Os mesmos vivem uma fé sem muitas complicações. A vida se estrutura em torno dos ciclos da natureza. A aspereza da vida se esconde em uma espiritualidade festiva que ajuda a superar a dureza do cotidiano. Lembra Fragoso que “*o outro aspecto da manifestação da alma popular era a festa*”.⁴³ Considerava-se festa as manifestações religiosas pertencentes ao mundo da espiritualidade cristã que marcava a vida das pessoas. Entende Fragoso que as mesmas fazem parte da vida e da religiosidade popular. Destaca também que as mesmas são fonte, hora de crítica pelo seu lado desregrado, mas que, por outro lado, são toleradas por romper com a rotina cruel e a monotonia da vida do homem do interior. Destaca o elemento psicológico impresso na festa que redimensiona a vida humana, como já assinalamos anteriormente.

A Igreja do sertão é também lugar do carisma. A palavra deriva de *charis* ou *chairein*, “*são palavras geradoras da compreensão teológica do Antigo e Novo Testamento, significando a gratuidade, benevolência e o dom de Deus que se abre e entrega ao homem*”.⁴⁴ O carisma se dimensiona para a construção de mundo mais positivo. O mesmo se coloca na perspectiva do serviço que devemos oferecer à sociedade em que vivemos. O carisma é exercido em favor da libertação de um povo. Assim sendo, a Igreja é carismática quando a mesma coloca seus carismas a serviço de um projeto de vida. Recorda-nos Boff que “*Paulo detalha este modelo dizendo que a Igreja é um corpo com muitos membros, todos vivificados pelo mesmo Espírito e cada qual com sua função. Não existe nenhum membro não carismático, vale dizer, ocioso, sem ocupar um determinado lugar na comunidade*”.⁴⁵

A Igreja que nasce no sertão das Minas Gerais guardou em seu seio a memória da Igreja povo de Deus. Igreja leiga e festiva. Igreja carismática e servidora que coloca seus carismas à serviço da vida. Esta Igreja soube acolher e entender o nascimento das Comunidades Eclesiais de Bases que, por mais de duas décadas, animou e fortificou a vida das comunidades do Norte de Minas Gerais. A fortaleza da Igreja ancorada no laicato deu vida e esperanças para uma Igreja institucional agonizante. No período Pré-conciliar sentiam-se os sinais de falência do modelo institucional que não mais conseguia responder aos apelos

⁴² FRAGOSO, H. *A Igreja na Formação do Estado Liberal*. p. 219.

⁴³ Idem, p. 219.

⁴⁴ BOFF, L. *Igreja carisma e poder*. p. 237.

⁴⁵ Idem, p. 238.

pastorais da região. Nas Diretrizes Pastorais de Montes Claros 1967 – 1970 a Igreja local manifesta sua preocupação de não mais conseguir atingir os fiéis com seus antigos métodos. Destaca o Plano que a Igreja “*não conseguia mais atingir com as formas de evangelização tradicionais uma camada importante da população. Havia, pois, necessidade urgente de mudanças*”.⁴⁶ Estas mudanças começavam a tomar lugar a partir das idéias vindas do Concílio Vaticano II. O ambiente favorável estava criado. Lembra o Plano Pastoral de 1967 – 1970 que o laicato tomava mais força e indicava a direção que a Igreja deveria seguir. Parece significativo o registro encontrado no primeiro plano pastoral do pós-concílio. O mesmo reflete a ambigüidade existente no novo modelo eclesiológico que se colocava naquele momento. Destaca o Plano que

Dom José concentra sua atenção para os problemas internos da Igreja. Reinicia a construção do Seminário, que é inaugurado em 1965. Sua maior atividade, porém, é o apostolado direto com o povo do interior que ele visita constantemente. Enquanto isso, nossos movimentos de ação católica, como a JEC, JOC e MFC, começam a dar seus primeiros frutos: UM LAICATO CONSCIENTE, SEDENTO DE RENOVAÇÃO que cada vez mais se preocupa com o problema da Igreja local. Mas a grande obra de Dom José é a RENOVAÇÃO DA DIOCESE, inspirada nas idéias e orientações do CONCÍLIO VATICANO II, que abriu uma fase decisiva para a Igreja de Montes Claros.⁴⁷

Enfatizaremos o rosto desta Igreja povo de Deus que se descortinou nesta Arquidiocese nas três décadas sob a orientação de Dom José Alves Trindade. O trabalho toma como linha orientadora quatro pontos desenvolvidos em forma de capítulos. O primeiro capítulo indica o tempo de adaptação e reconhecimento do homem norte-mineiro que tem com temática “*A Igreja que Nasce do Sertão*”. O segundo está marcado pela experiência pastoral em Bonfim (Bahia) e Montes Claros e terá como tema “*Dom José Trindade: Bispo de Bonfim (Bahia) e Montes Claros*”. O terceiro indica para o impacto do Concílio Vaticano II e a Igreja do Sertão (1962-1968) que tem como tema “*O Impacto do Vaticano II e a Igreja do Sertão*” e, finalmente, no quinto o Concílio Vaticano lança raízes no sertão, o mesmo pontuará os conflitos emergentes entre as pastorais populares ancoradas numa profunda experiência de religiosidade popular e movimentos emergentes alicerçados nas experiências da nova evangelização.

O estudo em questão pretende entender a tipicidade deste catolicismo que se manifesta em uma região específica com seus problemas e dilemas locais. Por sua vez, uma compreensão não se desvincula da compreensão da Igreja oficial que, com seus documentos e

⁴⁶ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes Pastorais de Montes Claros 1967–1970*. p. 14.

⁴⁷ Idem, p. 16.

orientações, indica o caminho a seguir em cada diocese, isto é, das mais próximas às mais distantes. Lembra-nos Dom José na apresentação das Diretrizes Pastorais de Montes Claros 1967 – 1970:

Em todas as nossas atividades, porém, qualquer que seja sua natureza ou função nossa de serviço eclesial, um segredo de alegria, verdadeiro estímulo e até sinal de vitória, deve sempre nos acompanhar: Marchar com Pedro e sob Pedro, em meio também aos obstáculos que, inevitáveis, se levantarão a quem pretende, mesmo, para a frente caminhar e subir.⁴⁸

METODOLOGIA

Toda pesquisa pressupõe um conjunto de regras que norteia e fundamenta a abordagem epistemológica de um trabalho científico. A necessidade de regras se coloca a partir das balizas que demarcam o território pesquisado. A investigação exige um rigor acadêmico que não permite que nos distanciemos do horizonte almejado. Lembra-nos Boff que *“pesquisar implica em, a partir dos dados fundamentais, investigar outros dados, fazer-lhes crítica e criar novas propostas explicativas”*.⁴⁹

Ao pensarmos o método queremos indicar o caminho a ser seguido no desenvolver deste trabalho. Afinal, o método não pode constituir um entrave, mas a abertura de caminhos para o desenvolvimento da pesquisa. Lembra-nos Chauí que não existe um método melhor que o outro, mas um método que facilite nosso caminho.

Neste trabalho as interrogações possibilitaram uma busca de bibliografias que viessem responder às necessidades do estudo da história da Igreja na Arquidiocese de Montes Claros. Para que a pesquisa fosse possível analisamos os documentos diocesanos elencados na bibliografia desta pesquisa num confronto com os documentos publicados pela cúria Romana no período mencionado. Tomamos também a literatura local, isto é, livros e artigos publicados pela Igreja particular de Montes Claros e seus autores regionais. Destacamos os escritos pessoais de Dom José: homilias e artigos publicados. Também mereceu destaque os Arquivos do Cônego Nilton D’Angelis. Neste arquivo encontramos uma primeira tentativa mal-sucedida de escrever uma história da Igreja Local. São diversas pastas com documentos dos cinco bispos que pastorearam a diocese de 1910 a 1988. Contribuiu também para a pesquisa a análise do livro do Cônego Marcel Maurício Gaspar, *“Trente années d’Apostolat ou Bresil”*, publicado na Bélgica nos anos trinta que especifica e relata as diversas missões premonstratenses dentro da Diocese de Montes Claros.

⁴⁸ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes Pastorais de Montes Claros 1967–1970*, p. 06.

⁴⁹ BOFF, C. *Teoria do método teológico*. p. 695.

Analizamos as mensagens dominicais publicadas por Dom José Alves Trindade no Jornal do Norte, pois estas constituíram durante vários anos o espaço para divulgação e exortação do seu episcopado. O presente trabalho procurou ser um espaço de diálogo com outras leituras indicadas pelo professor orientador que, sem sombra de dúvida, contribuiu significativamente para o seu desenvolvimento e enriquecimento. Dentre estes autores destacamos: Clodovis Boff, Leonardo Boff, Hans Küng, José Comblim, José Oscar Beozzo, Riolando Azzi, João Batista Libânio, Henrique Cristiano de Matos, Ney de Souza e Pierre Sanchis.

O presente trabalho é, sem dúvida, parte deste caminho feito sob a orientação do Prof. Dr. Augustin Wernet e constitui o resultado das observações e ponderações do mestre ao seu discípulo. Uma longa trajetória foi iniciada com este trabalho no decorrer destes anos. A pesquisa continua sua permanente tarefa de lustrar as incompreensões do homem no decorrer da história. Acreditamos que é preciso ir além da aparência do discurso para estabelecermos uma compreensão historiográfica que valorize a subjetividade, o imaginário, o cotidiano, o singular e o efêmero.

A modernidade colocou para nós uma nova perspectiva de leitura do mundo quando chama atenção para a questão da subjetividade. Subjetividade que Hegel situa na esfera do “dever-ser” do indivíduo que se manifesta como inquietação de um sujeito que percebe o mundo apenas na esfera unilateral do indivíduo. Essa perspectiva nos coloca diante de possibilidades de leitura da realidade que nos desafia cotidianamente.

O desafio contínuo de descrever a tipicidade da história da Igreja no Norte de Minas Gerais fez-nos reagir a uma perspectiva positivista da história que nos deseducou para conviver com uma história de paradoxos. É importante destacar que “*a modernidade não comporta soluções. Cabe ao homem viver com os paradoxos*”.⁵⁰ O nosso esforço seguiu na tentativa de expressar a singularidade da Igreja presente no Sertão de Minas Gerais. É verdade que a Igreja Católica no Norte de Minas Gerais subsiste na catolicidade da Igreja universal. Entendemos que por sua vez, a mesma Igreja assume um rosto próprio numa região específica com peculiaridades distintas.

Nossa metodologia seguiu, como já foi indicado anteriormente, os tipos ideais indicados por Weber. Entendemos que na impossibilidade de comparar uma realidade singular “*a solução está na construção do tipo ideal que pode tomar a forma de um tipo médio ou de uma pesquisa que mostre os traços específicos Típicos de uma organização*

⁵⁰ WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais*. p. 13.

peculiar do saber".⁵¹ Entender a História da Igreja no Norte de Minas Gerais em sua tipicidade, significa apontar o rosto de uma igreja leiga, marcada pela religiosidade popular, com pouca presença de clérigos e com um forte elemento festivo. Sendo assim, pontuamos que "*o tipo ideal constitui-se como recurso metodológico para a compreensão do real, possui um valor heurístico, isto é, criado conforme as exigências do andamento da pesquisa*".⁵² O momento heurístico se articula com o momento hermenêutico e com o momento crítico. Boff ilustra os três momentos lembrando que o mesmo está marcado pela descoberta (daí heurística). O segundo se caracteriza pela interpretação, pois as descobertas não falam por si mesmas, "*mas somente quando as interrogamos. Daí as perguntas sobre o que querem dizer, levando-se em conta o contexto geral da época*".⁵³ O terceiro momento se caracteriza por se colocar como instância crítica, isto é, como instância de julgamento e confrontos com as outras tipologias existentes. Sendo assim, entendemos que no Norte de Minas encontramos uma tipicidade de catolicismo que se difere do tipo oficial descrito pelos documentos oficiais da Igreja.

A pesquisa se organizou levando em consideração a possibilidade de construção de cinco capítulos tomando as linhas orientadoras já indicadas anteriormente. O primeiro capítulo comporta as informações preliminares necessárias para a compreensão da Arquidiocese de Montes Claros. Descrevemos a criação da Arquidiocese e um breve histórico dos primeiros bispos. O mesmo indica o tempo de adaptação e reconhecimento do homem norte-mineiro e tem com temática "*Uma Igreja no meio do Sertão*". Neste capítulo não colocamos muita força na figura dos primeiros bispos por não se encontrarem estritamente ligados à pesquisa e fora do período mencionado neste trabalho.

O segundo capítulo está marcado pela experiência pastoral em Bonfim (Bahia) e Montes Claros e tem com tema "*Dom José Trindade: Bispo de Bonfim (Bahia) e Montes Claros*". Procuramos descrever a face da Igreja da disciplina e seus dilemas em um mundo em permanente conflito. Os dilemas colocados pela modernidade fizeram com que a Igreja se sentisse ameaçada pelas transformações em curso. Na verdade, torna-se perceptível a crise do ultramontanismo em um momento que apontava para mudanças. Tais transformações em curso não livraram a Igreja de pensar uma grande revisão de suas posturas no Concílio Vaticano II.

⁵¹ WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais*. p. 25.

⁵² Idem, p. 26.

⁵³ BOFF, C. *Teoria do método teológico*. p. 203.

O terceiro capítulo indica para o impacto do Concílio Vaticano II e a Igreja do Sertão (1962-1968). O capítulo tem como tema *O Impacto do Vaticano II e a Igreja do Sertão*. Entendemos que o Concílio Vaticano II representou um momento de ruptura e de retomada de caminho para a Igreja Católica. Destacaremos este acontecimento singular na história da Igreja universal que evocará um novo tempo e instaurará uma postura dialogal com o mundo moderno.

No quarto capítulo analisamos os impactos do Concílio na Arquidiocese de Montes Claros. Este período (1968-1988) será marcado pelos conflitos emergentes entre as pastorais populares ancoradas numa profunda experiência de religiosidade popular e movimentos emergentes alicerçados nas experiências da nova evangelização que tomará como título “*O Catolicismo Pós-Conciliar na Diocese de Montes Claros*”. Destacaremos a forte experiência da religiosidade popular e suas influências nos aspectos sócio-culturais do sertão norte-mineiro. Apontaremos também para o caráter de resistência que a religiosidade popular assume nos contornos da Arquidiocese de Montes Claros.

No último capítulo, procuramos entender o retrato da religiosidade popular e do episcopado de Dom José Alves Trindade à luz dos três Planos de Pastorais que foram elaborados durante seu episcopado. Analisaremos os mesmos à luz das inovações propostas pelo Concílio Vaticano II e pelos Documentos produzidos pelos bispos latino-americanos na Conferência de Medellín (Colômbia) de 26 de agosto a 04 de setembro de 1968 e na Conferência de Puebla de Los Angeles (México) de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979.

É verdade que o conhecimento que possuímos não pressupõe a totalidade, mas apenas uma janela do universo das questões investigadas. Gadamer alerta para a impossibilidade de esgotarmos e apreendermos a totalidade da realidade. Lembra que “*a compreensão acaba acontecendo, a cada caso, a partir desse todo, de natureza tanto objetiva como subjetiva. Afinal, cada realidade deve ser compreendida a partir de si mesma*”.⁵⁴

TIPOLOGIA DAS FONTES

As fontes constituem uma riqueza para uma pesquisa. Não cabe ao pesquisador inventar informações, mas elencá-las e discuti-las de forma crítica possibilitando a criação de textos que subsidiem o entendimento da história de um povo. Jaeger, fazendo memória a Tucídides, lembra-nos que “*quanto mais atual é um assunto e mais viva a sua participação*

⁵⁴ GADAMER, H. *Verdade e Método. Traços Fundamentais de Uma Hermenêutica filosófica*. p. 437.

nele, tanto maior gravidade ganha para Tucídides a adoção de um ponto de vista. Temos de interpretar o seu plano de historiador como o esforço interior para obter um ponto de vista adequado sobre aquele acontecimento que divide o mundo”.⁵⁵ Temos a clareza do distanciamento que devemos tomar para maior compreensão do episcopado de Dom José Alves Trindade. Ao mesmo tempo, temos também a consciência que somos parte desta história e que nossas digitais ficarão impressas no universo de nossas interpretações.

Para esta pesquisa tivemos como fontes primárias e manuscritas os cadernos com as homilias dominicais de Dom José Alves Trindade. Os mesmos foram catalogados com os títulos: Cadernos de Homilias I – Cristo Rei e Advento/ Manuscritos, Cadernos de Homilias II – Homilias do Tempo Comum/ Manuscritos, Cadernos de Homilias III - Tempo Comum/ Manuscritos. As homilias manuscritas traduzem as mensagens dominicais lidas em suas missas para os fiéis da Diocese de Montes Claros. Predomina a liberdade de expressão com citações livres, refletindo o pensamento conjuntural da Igreja naquele momento específico da história da Igreja de Montes Claros.

No segundo momento, destacamos os artigos publicados na imprensa de Montes Claros que representa um vasto material a ser analisado por esta pesquisa e por outros possíveis pesquisadores que queiram estabelecer outros recortes possíveis da história do episcopado de Dom José Alves Trindade. Em nossa pesquisa encontramos os recortes de mais de duzentos e dez artigos publicados na imprensa local e regional que revelam a atuação e o pensamento do bispo no governo da Igreja local. Os mesmos estão em poder de sua irmã Vera Cruz Trindade que, com esmero e preocupação, contribuiu significativamente para o acesso aos documentos em seu poder para esta pesquisa.

Destacamos também um exemplar da “*Dissertatio Ad Lauream In Facultate Theologica. Josephus Alves Trindade. Pont. Coll. Pio Brasiliensi. Roma, 1940*”. A mesma tem como título: “*A Moral das Leis Penais Segundo Affonso de Castro, OFM*”. O original encontra-se nos arquivos da Cúria Arquidiocesana e contém 185 páginas. Grande parte da documentação do episcopado de Dom José pode ser encontrado nos arquivos da Cúria Arquidiocesana que ainda não organizou o acervo documental, fotográfico e pessoal do bispo em questão.

Pelos documentos pesquisados percebemos o direcionamento que o episcopado de Dom José Alves Trindade procurou seguir em seus anos de governo na Diocese de Montes Claros. Nos artigos entendemos a inclinação pela defesa da institucionalidade da Igreja. Os

⁵⁵ JAEGER, W. *Paidéia. A formação do homem grego*. p. 309.

temas abordados refletem a defesa da doutrina, moral e da autoridade. Já nos Planos de Pastoral encontramos uma igreja mais povo de Deus voltada para as preocupações sociais. Entendemos que os três Planos de Pastoral refletem o clima de abertura e novos posicionamentos que viriam a ser desenvolvidos na Diocese nos anos seguintes ao Concílio Vaticano II. Destacamos os Planos intitulados: Diretrizes Pastorais de Montes Claros 1967 – 1970, Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros 1975 – 1978 e Planejamento Diocesano de Pastoral 1981 – 1983. O primeiro foi impresso pela editora São Vicente de Belo Horizonte em 1967, o segundo ainda hoje continua mimeografado. Já o terceiro foi impresso por Promoção da Família Editora de Belo Horizonte em 1981 e distribuído timidamente na diocese. Ainda hoje podemos encontrar grande quantidade nas prateleiras da cúria diocesana.

Atentamos também para os documentos da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Documentos do episcopado latino-americano, entre estes destacamos: os documentos de Medellín e Puebla. Na compreensão do Concílio Vaticano II destacamos o *Compendio Vaticano II: constituições, decretos, declarações com introdução e índice analítico* de Frei Boaventura Kloppnberg O.F.M. Dos documentos conciliares destacamos a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja e seus ensinamentos e a Constituição dogmática *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje.

Consultamos artigos e livros que discutem a problemática em questão entre estes destacamos os trabalhos publicados nas revistas: Vida Pastoral, Revista Eclesiástica Brasileira, Revista de Estudos Históricos, Revista de História, Convergência (CRB) e Concilium. Nestas revistas consultamos artigos e estudos feitos por: Alberto Antoniazzi, Riolando Azzi, Augustin Wernet, José Oscar Beozzo, Maria Lina Boff, José Comblin, Oscar de Figueiredo Lustosa, Francisco Cartaxo Rolim, Leonardo Boff, Clodovis Boff, Pierre Sanchis, João Batista Libânio, Francisco Taborda e Luiz Roberto Benedetti.

Gostaríamos ainda de destacar as diversas teses e dissertações consultadas no centro de documentação do programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Entre estas destaco o trabalho de Juventino de Castro Aguado que tem como título: *O acaso da Utopia e o despertar do Carisma. Vivências na Igreja Católica em Ribeirão Preto 1967 – 1988*. A tese de Evandro Faustino que tem como temática “O Renitente Catolicismo Popular e o trabalho de Maurílio José de Oliveira Camello que tem como temática: Dom Antônio Ferreira Viçoso e a Reforma do Clero em Minas Gerais no Século XIX”.

Com certeza, não foi possível esgotar toda a bibliografia. Afinal, estamos em um caminho que a cada momento aponta novas luzes. Assim sendo, entendemos que o presente trabalho é fruto de um processo que ainda não chegou ao seu fim. O que ora apresentamos é apenas um fruto provisório que poderá gerar novas sementes.

MAPA DA DIOCESE DE MONTES CLAROS

I – A IGREJA NO MEIO DO SERTÃO

Sertão. Sabe o Senhor: Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar: Viver é muito perigoso...⁵⁶

A fé do homem sertanejo tem muito a dizer para aqueles que procuram compreender a história da Igreja no Norte de Minas Gerais. Penso ser impossível compreender a história da Igreja de Montes Claros sem levar em consideração a constituição do povo sertanejo, sua cultura, histórias e manifestações espirituais.

O legado do Rio São Francisco⁵⁷ que invade o sertão trazendo a força da espiritualidade favorecerá a futura Diocese de Montes Claros, cravada no coração do sertão norte-mineiro. As águas do velho Chico trará a seiva necessária para espiritualidade da Igreja aqui nascente.

Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Formigas. Nome muito comprido para a pequena povoação plantada em torno da capela que, por volta de 1769, José Lopes de Carvalho mandara edificar na sua Fazenda Montes Claros, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição e São José.⁵⁸

Montes Claros, inicialmente palco das missões, terras longínquas pertencentes inicialmente à Arquidiocese de São Salvador até 1854⁵⁹, Mariana até 1917, quando depois passou para a Arquidiocese de Diamantina até 25 de abril de 2001 quando o Papa João Paulo II criou a Arquidiocese de Montes Claros.

Em pleno sertão de Minas – que chamarei naturalmente “a mata brasileira” – naqueles vastos desertos semeados de oásis, isto é, paróquias afastadas uma das outras de cinquenta, e cento e cinquenta quilômetros.⁶⁰

⁵⁶ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. p. 22. GASPAR, Maurício M. *Do sertão de Minas*. Faz também menção à palavra Sertão: “Sertão é uma palavra portuguesa intraduzível, que significa longe do mar, isto é, o coração daquelas regiões semi-abertas à civilização”.

DENIS, Pierre “*Lê Brésil au XX e siècle*” dá esta definição: Sertão: “é a região sem casas e sem estradas, onde a civilização não introduziu nenhuma espécie de conforto, onde qualquer encontro é um acontecimento, onde se é conduzido pela bússola, e onde se vive de Provisões obtidas pela caça e se dorme com a cabeça sobre a cela”. op. cit. p. 03.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. p. 307.

“O nome Sertão ou Deserto não designa uma divisão política de território, não indica senão uma espécie de divisão vaga e convencional determinada pela natureza particular do território e, principalmente, pela escassez de população. O Sertão compreende, nas Minas, a bacia do São Francisco e dos seus afluentes.”

⁵⁷ PAULA, H. de. *Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes*. p. 276. “*Diz o Padre Maurício Marcel Gaspar que a primeira idéia de criação de um Bispado no Norte de Minas foi ventilada às margens do majestoso São Francisco em 1899, por Manoel Ambrósio e Antônio Nascimento*”.

⁵⁸ PAULA, H. de. op. cit. p. 09.

⁵⁹ OLIVEIRA SILVA, F. *Sub umbra alarum tuarum: história da criação e organização da Diocese de Montes Claros (1903 –1943)*. p. 30.

⁶⁰ GASPAR, M. M. *No sertão de Minas*. Ordem Premonstratense. Abadia du Parc-lez-Louvain. p. 05.

Ali estava sendo plantada a semente do povo que no futuro irradiaria a fé, a cultura e a riqueza do Norte de Minas Gerais.

Em uma carta dirigida aos premonstratenses em 1902, podemos encontrar a seguinte preocupação de Dom Joaquim Silvério de Souza “*Infelizmente, são numerosas as paróquias privadas de levitas que se ocupem das funções pastorais, e o número dessas aumenta sempre mais*”.⁶¹

Os antecedentes indicam para a figura de rezadores, beatas e uma infinidade de figuras espirituais que colaboram na implementação da fé no sertão seco das Minas Gerais. Lembra-nos Oliveira Silva que

na Igreja do Brasil, já na primeira metade do século XIX, aparecem os primeiros sinais de um movimento de reforma que se concretiza a partir do pontificado de Pio IX (1846 – 1878). A partir da segunda metade do século XIX, a Igreja procura recuperar a liberdade cerceada pelas ingerências do governo imperial, através do regalismo.⁶²

A reforma pretendida na Igreja do Brasil na perspectiva de Lustosa não passava de uma revitalização da ordem já implantada e consolidada nos esquemas tradicionais que aqui já vigorava.⁶³ Toda revitalização pretendida, isto é, escondida por trás do nome de reforma, na verdade, visava restaurar a obediência e orientação dada por Roma. O movimento de revitalização da obediência escondia uma postura Ultramontana. O Ultramontanismo defendia e reforçava a autoridade do Papa. Oliveira Silva recorda que

em todo o mundo esse movimento recebia o nome de Ultramontanismo. Inicialmente, ultramontano significava um católico convicto fiel ao Papa. Com o Concílio Vaticano I (1869 – 1870), que reforçou o poder do Papa e proclamou a sua infalibilidade, ocorreu que os anticlericais deram um sentido pejorativo ao termo, chamando os ultramontanos de antiliberais supostamente favoráveis ao poder supercentralizado do Papa.⁶⁴

Os primeiros sinais de “reforma” iniciam por volta de 1846 no pontificado de Pio IX sob a liderança de dois grupos de bispos, de um lado os que priorizavam a formação intelectual do clero, representados pelos bispos Dom Romualdo Seixas, arcebispo de Salvador (1827 – 1860) e Dom Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará (1861 – 1890). Do outro lado, encontramos o segundo grupo que tem como figuras importantes Dom Antônio Ferreira

⁶¹ GASPAR, M. M. op. cit. p. 07. Trecho da carta de Dom Joaquim Silvério de Souza de 18 de novembro de 1902: “*Parochiae, quae levitis pastoralibus officiis addictis in hac Diocesi carent, multae sunt latiusque in dies augentur*”.

⁶² OLIVEIRA SILVA, F. op. cit. p. 38.

⁶³ LUSTOSA, O. de F. Pio IX e o catolicismo no Brasil. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. p. 273.

⁶⁴ OLIVEIRA SILVA, F. op. cit. p. 39.

Viçoso de Mariana (1844 – 1875) e o bispo de São Paulo, Dom Joaquim Antônio de Melo (1851 – 1861) preocupados com a formação espiritual do clero, ou seja, adequar a prática e formação dos presbíteros com os ditames da Cúria Romana. Na verdade, era um momento em que se fazia valer a mentalidade de Pio IX. A questão se torna visível quando alguns leigos pertencentes às irmandades se recusam a obedecer às ordens de seus bispos.⁶⁵

Os conflitos que começavam a surgir, na verdade, refletiam uma nova mentalidade que vinha em sintonia com as transformações ocorridas no mundo. A modernidade impingia medo na religião que se sentia impotente diante da possibilidade de perder o poder de tantos séculos. A reação ao medo de perder o poder encaminha a Igreja para o enclausuramento, isto é, para o que os historiadores chamam de romanização.⁶⁶ “A romanização da Igreja implicava em sua adequação ao modelo europeu, naquele momento fortemente antiliberal, ultramontano e ancorado num estreitamento dos laços com Roma.”⁶⁷ Na verdade, o que percebemos é que as elites dominantes possuíam um projeto “novo” para a sociedade brasileira. Este novo projeto representava a ruptura com as estruturas de poder dominantes até aquele momento. A Igreja, por sua vez, não pretendia perder os privilégios até então conquistados. Não podemos deixar de dizer que o projeto de sociedade reinante até aquele momento não deixava de ser conservador, pois estava sendo alavancado pelos mesmos grupos que até então mantinham o poder hegemônico, isto é, com uma diferença significativa, a tentativa de ausentar a Igreja do novo projeto de sociedade nascente.

É neste contexto de transformação que vão surgindo as idéias que estarão presentes no início da futura diocese de Montes Claros. A atuação de Dom Viçoso em Mariana repercutirá na reforma da Igreja do Brasil e, sobretudo, na Igreja local. Foi durante o episcopado de Dom Viçoso que ocorreu a criação da Diocese de Diamantina. O primeiro bispo de Diamantina foi Dom João Antônio dos Santos. O mesmo foi eleito bispo aos 12 de marco de 1863, tomando posse a 2 de fevereiro de 1864.

Dom João, discípulo de Dom Viçoso foi o primeiro bispo a pisar o solo da atual diocese de Montes Claros, em sacrificantes viagens a cavalo, como era o único e habitual transporte da região no tempo, em excursões pastorais até os limites com as Províncias Civil e Eclesiástica da Bahia.⁶⁸

⁶⁵ SOUZA, N. de. (org.). *Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo*. p. 276. “A questão propriamente dita começou quando, tentando fazer prevalecer a mentalidade do papa Pio IX, os bispos de Olinda, dom Vital Maria de Oliveira, e de Belém, dom Antonio de Macedo Costa, resolveram fechar as irmandades religiosas de Pernambuco e do Pará, as quais se negavam a expulsar os maçons de seus quadros”.

⁶⁶ BEOZZO, O. (org.). *História da Igreja no Brasil*, v.2/2, p. 144; WERNET, A. *A igreja paulista no século XIX*, pp. 96-97.

⁶⁷ DE BONI, L. A. (org.). *A presença italiana no Brasil*. v. 1. p. 45.

⁶⁸ OLIVEIRA SILVA, F. *op. cit.* p. 42.

Montes Claros geograficamente se coloca no meio do caminho, indicando para o centro das Minas Gerais e apontando para o caminho da Bahia de São Salvador. Da “Princesa do Norte” os “baianos” olham para o sul das Minas Gerais e voltam seus corações para o Norte, caminho do Bom Jesus da Lapa. A espiritualidade norte-mineira se liga profundamente ao Bom Jesus da Lapa. De Montes Claros, peregrinos marchavam à pé pelas margens do Rio São Francisco, de cavalo ou de pau-de-arara para a gruta às margens do Rio São Francisco. A presença dos benditos, devoções e promessas marcam o tipo de espiritualidade presente no espaço que no futuro seria a Diocese de Montes Claros.

Montes Claros figurava nas preocupações de Dom João Antônio dos Santos que faleceu a 05 de maio de 1905, deixando como sucessor Dom Joaquim Silvério de Souza. Dom João Antônio dos Santos exerceu seu episcopado num período de profundas transformações quando os bispos voltavam suas atenções para a defesa dos interesses da Igreja que se sentia ameaçada pelo poder temporal. Na Carta Pastoral do Episcopado Brasileiro de 1890 encontramos a seguinte lamentação: *“Que será de ti, coitado e querido povo brasileiro se além de tudo te roubam também tua fé, e ficas sem Deus, sem Deus na família, sem Deus na escola, sem Deus no governo e nas repartições públicas.”*⁶⁹

A preocupação maior naquele período era restaurar a Igreja para Cristo, ou seja, implementar uma pastoral dos sacramentos. Os padres faziam uma pregação sem compromisso social. Preocupados com a moralização do clero os bispos estendiam proibições a bebidas, jogos e festas. Ao povo restava a prática de devoções e uma pregação que fosse simples sem muita preocupação com questões teológicas. Este modo de ser Igreja iniciava com a formação do seminário que era conservador e retrógrado. à propósito, lembra-nos Wernet que

O seminário Episcopal de Dom Antônio Joaquim de Melo apresentou-se, sob muitos aspectos, como pólo oposto da Academia Jurídica do Largo de São Francisco. No seminário, a tentativa da implantação de um ascetismo e moralismo exagerados; na Academia vivia-se numa alegria frenética, passeava-se por todos os cantos da cidade, ria-se e procurava-se o divertimento lícito e ilícito com uma sede tanto mais ardente quanto maiores foram as privações. No Seminário o objetivo de querer regenerar o país pela religião romana exclusivista e intolerante.⁷⁰

A perspectiva de uma Igreja aberta e preocupada em dialogar com o mundo ia ficando cada vez mais difícil. A intolerância com o novo, o “moderno” cedia lugar ao retrógrado e ao conservador. As manifestações populares foram perdendo lugar para uma

⁶⁹ Episcopado Brasileiro. *Primeira carta pastoral do episcopado brasileiro ao clero e aos fiéis da igreja do Brasil*. São Paulo, 1890, 6.

⁷⁰ WERNET, A. *op. cit.* pp. 116-117.

religião hierarquizada e inflexível. Os festejos populares, tão comuns na região norte-mineira foram sendo rejeitados.⁷¹

O povo neste contexto de intolerância procurava alternativas para sua sobrevivência fora deste mundo de hostilidade. Lembra-nos Aubert que “*de um lado dominava o princípio de autoridade, a tradição de hierarquia e de disciplina, pelos quais a Igreja católica nunca ocultou sua predileção*”.⁷² A dureza das estruturas eclesiais obrigava o povo a buscar saídas para sua sobrevivência em um ambiente de pouca colaboração e entendimento. Lutar contra o poder instituído parecia uma luta inglória para um povo que não detinha o instrumental elaborado da teologia.

Na perspectiva de Espín o catolicismo popular, neste ambiente, surge como “*locus theologicus*”, possibilitando a cristalização de um espaço de resistência e exercício da justiça social.⁷³ Diferente do catolicismo institucional que vive dependente da hierarquia e das formalidades institucionais o catolicismo popular

para existir, depende fundamentalmente de toda a comunidade, das famílias e, especialmente, das mulheres mais velhas das famílias. Os ministros do catolicismo latino são principalmente as mulheres mais velhas, consideradas mais sábias e, em geral, possuidoras de maior sagacidade pessoal e espiritual que os homens.⁷⁴

O catolicismo popular neste universo ameríndio e africano representa o espaço de resistência de um povo que não encontrou lugar nos espaços institucionais. Percebemos que

os europeus tentaram evangelizar suas vítimas a partir da posição dos vencedores, enquanto a devastação continuava em volta deles, sem, perceber que os papéis sociais impostos pela conquista – juntamente com as diferenças culturais muito grandes entre eles e os ameríndios e africanos – afetavam profundamente o que e como suas vítimas recebiam o cristianismo.⁷⁵

Esqueciam os missionários, reguladores da esfera institucional, que a liberdade de criatividade possibilitava a recriação da fé em um ambiente cultural que a mesma estava sendo semeada. Assim sendo, destacamos o amplo universo das devoções populares que ia moldando a fé do povo no catolicismo popular norte-mineiro. Encontramos um amplo campo

⁷¹ OLIVEIRA SILVA, F. *op. cit.* p. 60. “*Trata-se das festividades como marujada, catopé, caboclinhos e outras, cujos dançantes faziam nas igrejas, suas apresentações com danças e cantos. Também foram contra as músicas de caráter teatral ou mundano, como valsas nas igrejas*”.

⁷² AUBERT, R.; HAJJAR, J. *A Igreja na Sociedade Liberal e no Mundo Moderno III.* p. 99.

⁷³ ESPÍN, O. *A Fé do Povo.* p. 21.

⁷⁴ Idem, p. 31. C.f também a tese de doutorado de ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. *Mulheres Beatas e Militantes na Igreja de Bauru – 1960 / 1990.* São Paulo: Departamento de História, 1999. A mesma foi orientada pelo Prof. Dr. Augustin Wernet e constitui documento importante para a compreensão da questão das mulheres na Igreja e no interior do catolicismo popular.

⁷⁵ Idem, p. 63.

de expressões mariológicas e cristológicas associadas a um universo de crenças indígenas e africanas. Se de um lado encontramos as devoções à Nossa Senhora, gosto por romarias e procissões, do outro encontramos uma infinidade de superstições que colocam o homem nortemineiro em contato com o cosmo e com as forças espirituais que sustentam o mesmo. O catolicismo oficial convive com as práticas populares, ora incorporando-as, ora excomungando aquelas que de forma visível afrontam a ortodoxia.

A religiosidade popular em um contexto de exclusão representa o espaço de organização do povo expulso do âmbito institucional. Lembra-nos Fragoso que

antes de tudo a Igreja era vista como uma propriedade dos brancos. Para os negros escravos era uma realidade dolorosa sentida em sua própria pele o fato de a Igreja ser em grande parte um instrumento nas mãos dos brancos para a ratificação da escravidão.⁷⁶

Por parte dos índios “*a Igreja se lhes apresentava como algo de indissoluvelmente unido à sociedade dos civilizados*”.⁷⁷ Os mesmos se sentiam como hóspedes de uma instituição que não representava seus interesses. Por sua vez, o povo encarava a Igreja como sendo dos padres. Acentua-se “*o conceito de Igreja-hierarquia. E perante o povo continua a ser enfocada a dignidade do estado clerical em antítese aos homens do século. O povo por sua vez mais e mais se firma em sua posição subalterna na Igreja*”.⁷⁸

Mas, afinal, quem é o povo de que fala o catolicismo popular? A expressão povo serviu para veicular muitas idéias. No contexto eclesial entendemos povo como o “*conjunto dos cristãos, membros de uma mesma sociedade cristã, que possui seu fim próprio e os meios adequados para consegui-lo*”.⁷⁹ Esta compreensão valoriza o caráter institucional. Este caráter institucional prioriza a idéia de controle. O povo de Deus torna-se “freguês” da instituição que precisa controlá-lo. O fato de pertencer à mesma sociedade cristã destitui o cristão do direito à diferença. Daí, para muitos, tornava-se incompreensível um índio ou um negro se tornar cristão sem abrir mão de seus costumes e cultura. O ser católico se manifesta como sinônimo de cultura européia. Índios, negros, caboclos e sertanejos com seu modo diferenciado são obrigados a abrir mão de sua cosmovisão para assumir os pressupostos da fé cristã. O catolicismo oficial teve dificuldades de lidar com o povo. Diferente da religião institucionalizada a religiosidade popular entende o povo

⁷⁶ FRAGOSO, H. A Igreja na Formação do Estado Liberal. In: CEHILA, História da Igreja no Brasil. Segunda Época – Século XIX. p. 149.

⁷⁷ Idem, p. 145.

⁷⁸ Idem, p. 147.

⁷⁹ BOFF, L. *E a Igreja se fez Povo*. p. 40.

como o resultado da vasta rede de comunidades, associações, sindicatos, movimentos populares autônomos e articulados entre si que dentro da massa e contra o espírito de massa vai se formando em tensão e contraposição às elites, com a vocação de transformar a todos – massa e elites – num único povo assentado sobre as mais diferentes formas de participação e comunhão.⁸⁰

Nesta perspectiva, o povo não depende do institucional para a sua sobrevivência. “*Eles se autodefinem, desenham seu projeto histórico e montam suas formas de organização e de atuação. Criam sua cultura capaz de expressar suas lutas, seus valores e suas esperanças*”.⁸¹ A Igreja popular institui um conceito de povo inspirador de utopias, isto é, capaz de compreender a direção que estes devem tomar para gestar uma Igreja mais participativa. A Igreja popular reflete o espírito do Concílio Vaticano II quando exercita a possibilidade de participação e comunhão de todos os seres humanos. Enquanto na Igreja institucional participam o povo de direito, na religiosidade popular participam os cristãos de fato.

Na obra do Cônego Maurício *Marcel Gaspar*⁸², Montes Claros aparece como uma região de profunda espiritualidade, por sua vez, uma das melhores paróquias de Diamantina. Tendo inicialmente uma das figuras mais importantes: o Cônego Lúcio Antunes de Souza.⁸³ Pela importância e distância eram conferidas aos primeiros missionários destas terras todas as faculdades que o sacramento da ordem lhes possibilitavam: “*Foram-lhes concedidas todas as faculdades e poderes que um bispo pode conferir a um simples sacerdote, até mesmo a administração do Sacramento da Confirmação*”.⁸⁴

É verdade, temos somente notícias esparsas da Freguesia de Formigas, antigo nome de Montes Claros. O memorialista montes-clarense Hermes de Paula tem referências de dois nomes importantes da história da Igreja local. Segundo Hermes de Paula, “*em 1841 a Vila de Formiga já tinha anseios de cultura. Pede ao governo a criação de uma aula de Latim. O pedido é, porém, indeferido*”.⁸⁵ Mas, quem daria aulas de latim em um lugar tão distante? Aparece na lista os nomes dos padres Caldeira Brant e Cônego Antônio Gonçalves Chaves. Cônego Chaves foi provisionado a 15 de dezembro de 1834, influenciando nos destinos eclesiásticos e políticos da Vila de Formigas por mais de 40 anos.

⁸⁰ BOFF, L. *E a Igreja se fez Povo*. p. 45.

⁸¹ Idem, p. 45.

⁸² Missionário belga da Ordem Premonstratense.

⁸³ Nasceu em Espinosa aos 13 de abril de 1863. Aos 04 de outubro de 1880 ele começou seus estudos no Seminário Diocesano de Diamantina onde permaneceu até a conclusão dos estudos de filosofia e teologia. Foi ordenado em 31 de maio de 1890. Toma posse na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e São José de Montes Claros aos 19 de março de 1896.

⁸⁴ GASPAR, M. M. op. cit. p. 18.

⁸⁵ PAULA, H. de. op. cit. p. 09.

A religião católica é praticada em Montes Claros desde os princípios do século XVIII, quando Gonçalves Figueira, transformando a sesmária em fazenda, edificou, ao lado da sede, uma capela rústica, batida de barro, sob a invocação de Nossa Senhora. Mais tarde, já em 1769, Lopes de Carvalho edificou uma capela melhor acabada, capela de Nossa Senhora da Conceição e São José, conseguindo, ao mesmo tempo, o primeiro Capelão: Padre Teotônio de Azevedo. A Paróquia foi criada em 1832, sendo primeiro vigário Pe. Chaves, embora o Pe. Ambrósio Caldeira Brant tenha trabalhado até 1834, sem entretanto ser vigário.⁸⁶

Como primeiro vigário o Padre Chaves marcou decisivamente a vida da Igreja local de 1835 a 1877. Foi chefe do Partido Liberal, presidente da Câmara durante 12 anos, deputado Provincial e pai de 10 filhos. Padre Chaves viveu neste sertão no século XIX. Hermes de Paula indica que domiciliou nestas terras a partir de 1834. O tempo urge. Estamos separados por 170 anos de história. Já diziam os gregos que o tempo se encarrega de desfazer todas as coisas. Tudo vai desaparecendo num movimento permanente de vir-a-ser. Chama nossa atenção Heráclito de Éfeso: *“Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo, nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança dispersa e de novo reúne, compõe-se e desiste, aproxima-se e afasta-se”*.⁸⁷ Graceja a idéia de fluidez do tempo e indica para nossa incapacidade de segurar as coisas. Vivemos de memórias, percepções, como assinala Aristóteles:

Ora, enquanto os outros animais vivem com imagens sensíveis e com recordações, e pouco participam da experiência, o gênero humano vive também da arte e de raciocínios. Nos homens, a experiência deriva da memória. De fato, muitas recordações do mesmo objeto chegam a constituir uma experiência única.⁸⁸

Ao descrever as memórias da cidade de Montes Claros, Hermes de Paula dedica palavras de envergadura para o Cônego Chaves: homem decidido, corajoso, leal e amigo de Feijó, figura marcante na crônica de Montes Claros e de todo Norte da Província. O Cônego Chaves dirigiu os destinos da Vila de Formigas, durante 12 anos.⁸⁹

Poucos anos antes do Cônego Chaves havia passado por este sertão Auguste de Saint-Hilaire, que percebeu a necessidade de ampliar a fé nesta região. Registra a timidez e pequenez da Igreja. Assinala a simplicidade de uma Igreja nascente em meio ao sertão.

A Igreja de Formigas, muito pequena para a atual população da vila, é pouco ornada no interior... No santuário existem três altares, dois laterais e o do meio. As Imagens dos Santos tem na cabeça uma auréola de prata que se coloca e retira à vontade.⁹⁰

⁸⁶ Ibid, p. 271.

⁸⁷ ÉFESO, H. de. *Fragmento 91*. p. 97.

⁸⁸ ARISTÓTELES. *Metafísica*. p. 03.

⁸⁹ PAULA, H. de. op. cit. p. 166.

⁹⁰ SAINT-HILAIRE, A. op. cit. p. 327.

Descreve também Saint-Hilaire a simplicidade das piedades e a pouca formalidade com que as celebrações eram feitas. No deserto encontrava um clero desinteressado, ávido por dinheiro, amante da simonia⁹¹ e pouco preocupado com seu rebanho. Pontua Saint-Hilaire:

À sombra desses abusos vi uma grosseira incredulidade insinuar-se pelo deserto; se não tomarem cuidado, ela acabará por embrutecer a homens que têm tão grande necessidade de moral e civilização, e acabarão por cair num estado pior que o dos índios.⁹²

Os bispados mais extensos faziam com que os superiores não dessem conta daquilo que acontecia em suas dioceses. Saint-Hilaire não deixa de colocar visibilidade ao encontrar elementos do clero completamente desinteressados pelas questões eclesiásticas. A participação dos padres era pouco expressiva na espiritualidade e vida das pessoas. Recorda Souza que

nas devoções populares, celebradas nas irmandades e confrarias, a participação do padre era pouco expressiva. Se por um lado a presença do padre era quase que desnecessária para as práticas do catolicismo popular, por outro era fundamental e necessária a sua atuação como meio de administrar os sacramentos e para entender e viver o conceito de salvação.⁹³

Uma Igreja leiga tinha conquistado espaço. Este espaço conquistado pelos leigos servirá de entrave para a consolidação de uma Igreja clerical. Estava no imaginário do povo que, ao poder religioso cabia apenas as funções ligadas às cerimônias e ao culto. Já a subordinação jurídica e política cabia ao Rei. “*Esse predomínio laico engendrou sérios atritos entre os agentes clericais e as confrarias e, nesse sentido, o relacionamento entre ambos foi permeado por tensões e querelas.*”⁹⁴

A história da religião no Norte de Minas Gerais é bem mais antiga e traz consigo muitas experiências de uma espiritualidade secular. Segundo Hermes de Paula, foi “*inegavelmente o Pe. Navarro – Auspilueta Navarro – o primeiro sacerdote católico que pisou as terras incultas do atual município de Montes Claros, em 1554*”.⁹⁵ Com certeza, a história não guardou o nome de muitos que passaram por aqui na bandeira de Fernão Dias.⁹⁶ A história também registra o nome do Padre Antônio Corvelo Ávila que assistia também os habitantes do

⁹¹ Ibid, p. 310.

⁹² Idem.

⁹³ SOUZA, N. de. (org.). *op. cit.* p.337. Cf. DREHER, M.N. (org). *Imigrações e história da igreja no Brasil.* p. 81.

⁹⁴ GAETA, M. A. J. da V. *Redes de sociabilidade e de solidariedade no Brasil colonial: as irmandades e confrarias religiosas.*

⁹⁵ PAULA, H. de. *op. cit.* p. 272.

⁹⁶ Idem.

município de Montes Claros.⁹⁷ Na lista também aparece o Pe. Antônio Mendes Santiago⁹⁸, Pe. Teotônio de Azevedo⁹⁹, Pe. Silvestre da Silva Carvalho¹⁰⁰, Pe. Teotônio¹⁰¹. Nos registros de Hermes de Paula encontramos o indicativo que talvez tenhamos ficado de 1808 a 1815 sem padre na região. A partir de 1815 encontramos o Pe. Paulo Antônio Barbosa¹⁰², Pe. Feliciano Gonçalves de Aguiar¹⁰³, Pe. Felipe Pereira de Carvalho¹⁰⁴, Pe. Ambrósio Caldeira Brant¹⁰⁵, Pe. Antônio Gonçalves Chaves¹⁰⁶, Pe. Antônio Augusto Alkimim¹⁰⁷, Pe. Augusto Prudêncio da Silva¹⁰⁸, Pe. Manoel Assunção Ribeiro¹⁰⁹, Pe. José Vieira da Silva¹¹⁰, Pe. Lúcio Antunes de Souza¹¹¹, Côn. Carlos Vincart, Côn. Francisco Paula Moreau, Côn. Benoit Maussen e Côn. Maurício Marcel Gaspar. Os dois últimos “*iniciaram um movimento para Montes Claros ser a sede do Bispado que seria criado no Norte de Minas*”.¹¹²

1.1 – A DIOCESE DE MONTES CLAROS E SUA CRIAÇÃO

A história da pregação da fé no Norte de Minas Gerais permeia as discussões de lideranças civis, militares e eclesiásticas. O Cônego Maurício Gaspar aponta para a penúria em que viviam os sertanejos neste recanto isolado do Brasil.¹¹³ Quando se refere às missões nas terras secas do Norte de Minas Gerais aparece com frequência a palavra “sacrifício”. O sacrifício recorda as condições difíceis encontradas por um missionário belga que percebe a falta do extremamente necessário para a sobrevivência de um povo. Registra o Cônego Maurício Gaspar a “*falta de escolas, a ausência completa de vias de comunicação nessas*

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ “Homem inquieto e belicoso” fundou várias capelas no sertão. PAULA, Hermes de. op. cit. p. 272.

⁹⁹ Foi o padre que secretariou os atos de doação do patrimônio da matriz, em 1769. Ibid, p. 272.

¹⁰⁰ Visitador do Sertão Alto. Ibid, p.272.

¹⁰¹ Padre que celebrava no Arraial de Formigas. Assentou um cruzeiro à margem da estrada baiana. Ibid, p. 272.

¹⁰² Em 1815, Capelão vindo da Freguesia de Itacambira. Ibid, p. 272.

¹⁰³ Padre ajudante. O mesmo ajudava o Pe. Paulo Antônio. Em 1828 passou a Capelão do Arraial de Formigas. Ibid, p. 272.

¹⁰⁴ Em 1818 o mesmo já fazia alguns batizados com licença do Pe. Paulo. Ibid, 272.

¹⁰⁵ Em 1832 substitui Padre Feliciano e passa assinar “cura” até 1834 quando transfere para Coração de Jesus. Ibid, p. 273.

¹⁰⁶ 1835 provisionado por dois anos. Foi vigário até 1877 granjeando a estima de todos. Ibid, p. 273.

¹⁰⁷ Substituiu o Cônego Chaves, iniciou o cemitério com dinheiro do seu bolso, com trezentos mil réis. Fez também reparos na matriz. Ibid, p. 274.

¹⁰⁸ Político de grande prestígio, morando depois em Brejo das Almas. Ibid, p. 274.

¹⁰⁹ Em 1895 assume a direção das almas. Padre trabalhador, executou os trabalhos da talha da velha matriz. Ibid, p. 274.

¹¹⁰ Substituto do Padre Manoel.

¹¹¹ Ficou pouco tempo na Freguesia indo para Diamantina para secretariar o Bispado.

¹¹² PAULA, H. de. Op. cit., p. 276.

¹¹³ GASPAR, M. M. *No sertão de Minas*. p. 4.

vastas regiões do Sertão de Minas que forçosamente apontava para a lentidão do progresso".¹¹⁴

Nesta época, o Arraial de Formigas contava com uma população de aproximadamente 30.000 habitantes, sendo que 7.000 moravam na cidade. A Paróquia existente devia atender 12 capelas.¹¹⁵ Na cidade de Montes Claros havia duas Igrejas paroquiais, sendo uma delas a Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José do Arraial de Formigas.¹¹⁶ Saint-Hilaire em 1817 faz algumas referências à primeira capela:

A igreja está situada no fundo da praça, muito perto daquele dos pequenos lados que foi edificado; não coincide infelizmente porém com o meio deste lado e é um pouco oblíqua, o que prejudica a regularidade do conjunto. A igreja de Formigas, muito pequena para a atual vila, é pouco ornada no interior e tem todos os lados rodeados exteriormente por uma galeria. No Santuário existem três altares dois laterais e o do meio. As imagens dos santos têm na cabeça uma auréola de prata que se coloca e se retira à vontade. Essa auréola é um crescente, munido de raios retos e massiços que produzem péssimo efeito. Formigas não é aliás o único lugar em que esse gênero de ornato está em uso; já o tinha observado em todas as outras Igrejas da Província.¹¹⁷

É importante acentuar que a idéia de criação da nova Diocese responde à percepção de alguns que sentiam o completo descaso pela fé nestas terras. Hermes de Paula registrando palavras de Urbino Vianna, assim expressa: *"Nota-se a pobreza da igreja, que desejamos ver melhor cuidada pelos filhos do lugar"*.¹¹⁸

O movimento para a criação da Diocese de Montes Claros inicia-se por volta de 1907 tendo à frente os cônegos premonstratenses da abadia do Parc. Registra Hermes de Paula, que o intenso movimento para que Montes Claros se tornasse Diocese tirou de Januária, cidade às margens do Rio São Francisco, as esperanças.

Em novembro de 1907 os premonstratenses, tendo à frente o Pe. Bento Mausen e Pe. Maurício Gaspar, iniciaram um movimento para Montes Claros ser sede do bispado que seria criado no Norte de Minas.¹¹⁹

¹¹⁴ Ibid, p. 11. Encontramos também no Livro de Tombo da Parochia de Grão Mogol a seguinte descrição datada de 1913. "Como sabeis, irmãos e filhos, o vasto sertão faz parte desta diocese; e não é só alli, infelizmente, que se contempla o triste espetáculo de misérias que tantas lágrimas fez verter ao coração compassivo e paternal do apostólico bispo de Diamantina". Tombo, 3b,1913.

¹¹⁵ GASPAR, M. M. *Trente années d'Apostolat au Brésil*. p. 54.

¹¹⁶ PAULA, H. de. *Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes*. p. 286.

¹¹⁷ SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. p. 326.

¹¹⁸ PAULA, H. de. *Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes*. p. 288.

¹¹⁹ Ibid, p. 276. Lês Prémontrés de Montes demandèrent au député Camillo Prates de lancer lê premier article qui parut dans lê número 28 d' "a verdade". 26 décembre 1907.

O assunto envolveu várias autoridades entre elas Camilo Prates¹²⁰, Cônego Lúcio Antunes de Souza¹²¹, Dr. Honorato Alves¹²².

O movimento para criação da Diocese de Montes Claros foi intenso com destacada liderança dos padres brancos – Ordem Premonstratense. Depois de toda movimentação em 10 de dezembro de 1910, pela Bula “*Postulat Sane*”, S. Santidade Pio X cria-se a Diocese de Montes Claros no Norte de Minas Gerais.

A Diocese de Montes Claros é criada exatamente no início do século XX, refletindo a conjuntura da Igreja no Brasil. Na perspectiva de Azzi

um dos fatos mais significativos desse período foi a multiplicação de dioceses e a nomeação pontifícia dos respectivos bispos, sem nenhuma interferência do poder civil. Com o crescimento das dioceses, aumentaram os seminários para a formação do clero, sendo preparados dessa forma elementos para assumir as novas paróquias criadas nessa etapa.¹²³

A primeira década do novo século não mostrava uma perspectiva inovadora para a Igreja. A Igreja ressentida com o modernismo tentava se firmar como instituição guardiã da moral e dos bons costumes do povo brasileiro. Afinal, os bispos brasileiros não viam com bons olhos a perda de privilégios que, na verdade, na cabeça de muitos constituía verdadeiro patrimônio adquirido. Dom Sebastião Leme por volta de 1916 “*ao assumir a Arquidiocese de Olinda dera um alerta em carta pastoral de saudação, afirmando que, embora o Brasil fosse um país católico, era governado por uma minoria agnóstica*”.¹²⁴ Neste momento da história, a Igreja se engajava na luta para a manutenção dos privilégios conquistados na colônia. Os católicos eram incentivados a lutar para a manutenção dos princípios cristãos na sociedade. A postura da Igreja nesse período, isto é, de 1900 até os anos de 1930, reflete uma postura ideológica oficialmente conservadora. Lembra-nos Azzi que

a postura ideológica do episcopado nesse período era declaradamente conservadora e autoritária. Daí a simpatia de muitos católicos pelo fascismo italiano, pelo salazarismo português, pelo franquismo espanhol e pelo movimento integralista no Brasil.¹²⁵

¹²⁰ Deputado e escritor.

¹²¹ Eleito bispo de Botucatu, na época, ofereceu seus préstimos junto à Santa Sé para agilizar a criação da Diocese de Montes Claros. Nasceu na região no distrito de Gameleiras em Monte Azul. Foi vigário de Montes Claros, cargo que exerceu até 1902.

¹²² Formou a comissão para angariar donativos para a criação da Diocese. PAULA, Hermes de. *Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes*. p. 277. “Deputado Honorato Alves presidiu o município, no quadriênio iniciado em 1912. Durante sua gestão praticou vários atos de benefício para o município”. VIANNA, Nelson. *Efemérides Montesclarenses*. p. 17.

¹²³ AZZI, R. *A igreja e a república no Brasil*. **Vida Pastoral**. p. 25.

¹²⁴ Ibid. p. 26.

¹²⁵ Ibid. p. 27.

Ainda na perspectiva de Lustosa a atitude do período reflete os exemplos claros de um comportamento anti-moderno da Igreja que deseja frear as novidades que encantavam estudiosos, intelectuais, escritores e religiosos. A Igreja chamará de

modernismo um conjunto de doutrinas e posições que foram artificialmente organizadas em um sistema e que, segundo os teólogos e biblistas da época, eram cultivadas e desenvolvidas, de preferência, nos campos dogmático-científicos da Fé católica, com a utilização de procedimentos e métodos críticos.¹²⁶

Na verdade, a crítica ao moderno escondia a necessidade de preservação do conservadorismo presente em uma Igreja que se recusava a dialogar com o mundo emergente. *“O catolicismo sentiu-se ameaçado com o surgimento das novas técnicas e com a avalanche crítica que caía, de chofre, sobre os estudos exegéticos e teológicos, desnordeando os meios conservadores”*.¹²⁷

1.2 – OS PRIMEIROS BISPOS

A Diocese de Montes Claros teve como seu primeiro bispo Dom João Antônio Pimenta, coadjutor da Diocese do Rio Grande do Sul que, nomeado pela Bula *“Commissum humilitati nostrae”* de 07 de março de 1911, chega solenemente à nova sede episcopal no dia 07 de outubro de 1911. A descrição da chegada foi feita pelo Cônego Maurício Gaspar nos seguintes termos:

No dia seguinte, 08 de outubro, sua Excia Revma. acompanhado pelo clero, pelo Presidente e demais membros da Câmara Municipal, pelas autoridades civis e militares e por grande concorrência de todas as classes sociais, ao bimbilar festivo dos sinos e ao espoucar de dezenas de dúzias de foguetes, foi recebido à porta da Catedral pelo Vigário e Cônego Carlos Antônio Vincart indo celebrar a sua primeira missa pontifical durante a qual, do púlpito, foi dada as leituras das Bullas acima referidas¹²⁸ pelo pregador Revmo. Sr. Pe. Ramiro Leite Ferreira, vigário de Januária. Estava assim empossado o primeiro Bispo de Montes Claros. Festas belíssimas houve nesta ocasião na sede do novo bispado, estando a igreja artisticamente ornamentada. Em honra de sua Excia. ficou organizado um esplêndido cortejo com quadros alegóricos vivos e vestidos a caráter representando a Santa Sé, República Brasileira, os Estados, as Nações Católicas com saudações cronômicas em diversas línguas e levando cada qual a bandeira da respectiva nação, as 24 paróquias do bispado, etc.¹²⁹

¹²⁶ LUSTOSA, O. de F. *Fundamentalismo: uma gestão autoritária do sagrado*. **Vida Pastoral**. p. 20.

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Bullas *“Commissum Humilitati nostrae”* de 07 de março de 1911 e *“Postulat Sane”* de 10 de dezembro de 1910.

¹²⁹ GASPAR, Maurício Marcel. *Trente années d'Apostolat au Brésil*. p. 117. PAULA, Hermes de. *Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes*. p. 277.

A festa congregou todos os notáveis da região. A alegria do novo bispado trouxe esperanças para uma região que se sentia extremamente abandonada. O grande evento religioso ficou marcado nas palavras do Cônego Maurício Gaspar como aquele que foi capaz de aglutinar a todos, isto é, homens, mulheres, adolescentes, crianças, pobres e ricos, ou seja, “*tous les notables de la ville faisaient partie de la manifestation*”.¹³⁰

O primeiro bispo de Montes Claros foi Dom João Antônio Pimenta. O prelado nasceu em Capelinha – Minas Gerais. Consta nos registros que o mesmo nasceu no dia de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América Latina¹³¹, isto é, 12 de dezembro de 1859. Fez parte dos estudos em Minas Novas e, posteriormente, em um dos colégios mais respeitados da época, o Caraça. Em outubro de 1879 matriculou-se no Curso de Teologia do Seminário de Diamantina e foi ordenado sacerdote no dia 10 de junho de 1883.¹³²

Em 1892 foi nomeado vigário de Capelinha residindo em Água Boa com a finalidade de construir uma igreja. Em 1897 foi removido para a freguesia de Piedade e, posteriormente, em 1899 muda para Teófilo Otoni. Nessa ocasião foi agraciado com o título de camareiro secretário supra-numerário de S. S. Leão XIII. Em 1905 foi nomeado coadjutor com direito à sucessão do bispado do Rio Grande do Sul, tendo sido preconizado bispo titular da Pentecostia, a 21 de fevereiro de 1906.

Dom Antônio Pimenta foi sagrado bispo em Barreiras a 21 de maio por Dom Joaquim Silvério de Souza. Durante cinco anos esteve no Rio Grande do Sul administrando a diocese com zelo de pastor. A chegada de Dom João Antônio Pimenta à Sede Episcopal de Montes Claros se deu no dia 7 de outubro de 1911 segundo relato do Cônego Maurício Gaspar.

No dia 07 de outubro deste ano, Dom João Antônio Pimenta, Bispo-coadjutor de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul, fez sua entrada solene em Montes Claros na qualidade de primeiro bispo da nova Diocese¹³³

Dom João Antônio Pimenta, durante o seu episcopado, esforçou-se em realizar visitas canônicas a todos os recantos, povoações, capelas e freguesias da Diocese de Montes Claros. Durante seu episcopado reorganizou quatro freguesias: Santa Ana de Vila Brasília,

¹³⁰ GASPAR, M. M. *Trente années d'Apostolat au Brésil*. p. 117.

¹³¹ SGARBOSSA, M. *Um santo para cada dia*. pp. 398-400.

¹³² PAULA, H. de. *Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes*. p. 277.

¹³³ GASPAR, M. M. *Trente années d'Apostolat au Brésil*. p. 115. “Le 7 octobre de la même année, Mgr Joaô Antonio Pimenta, évêque-coadjuteur de Port Alegre dans L'État de Rio Grande do Sul, faisait son entrée solennelle à Montes Claros et le lendemain prenait possession de son siège episcopal en qualité de premier évêque du nouveau diocèse”. Conferir também VIANNA, Nelson. *Efemérides montesclarenses 1707-1962*. pp. 123-124.

Brejo das Almas, Santo Antônio de Gorutuba e Bonfim.¹³⁴ Cria também quatro novas freguesias: Santa Cruz de Morrinhos – 18 de dezembro de 1913; São Sebastião de Bela Vista (São João da Ponte) – 28 de janeiro de 1914; São João do Paraíso (São João do Paraíso/MG) – 10 de novembro de 1914; Nossa Senhora da Conceição de Extrema – 8 de outubro de 1919. Durante o episcopado de Dom João Antônio Pimenta registra-se o reforço do clero com a entrada de 13 sacerdotes sendo eles: seis portugueses, três italianos, três belgas e um polaco. Lembra Oliveira Silva que

desde a criação da diocese de Montes Claros em 1910, o baixo número de sacerdotes sempre foi um desafio durante a atuação de Dom João, seu primeiro bispo. Ele acolheu muitos sacerdotes na diocese durante seu episcopado, mas a permanência deles durava pouco tempo.¹³⁵

O Cônego Maurício Gaspar, ao se referir à vida do novo bispo, deixa transparecer como era árdua a tarefa de um bispo nos sertões de Minas Gerais. Descreve a vida dura das cavalgadas e das dificuldades ao entrar por uma região deserta e cheia de surpresas. Salienta também a índole generosa do sertanejo numa descrição diferente da de Saint-Hilaire que caracteriza os moradores desta região como preguiçosos, indolentes e maltrapilhos.

A população atual do Sertão é quase toda composta de homens de cor. Não havia, por ocasião de minha viagem, senão dois homens brancos na povoação de Contendas, e não vi mais que um único durante os quatro dias que passei na de Coração de Jesus.¹³⁶ A indolência dos habitantes do Sertão é talvez maior ainda que a dos outros mineiros. Sua fisionomia revela-lhes já a índole, e se encontra a expressão desse defeito em todos os movimentos do seu corpo. Aliás, o calor do clima convida bastante os homens dessa gleba a intregarem-se à ociosidade.¹³⁷

O Cônego Maurício Gaspar com sua polidez, cordialidade e generosidade belga, descreve o trabalho do novo prelado com a mesma dureza de um soldado da fé que sabia das durezas da travessia do Sertão a caminho de uma desobriga religiosa:

As visitas pastorais são excessivamente penosas, mas todavia consoladora são os resultados. Na primeira visita pastoral feita em 1912, o bispo visitou quarenta localidades e seis paróquias, o mesmo administrou o sacramento do crisma à 13.951 pessoas e 18.164 eucaristias foram distribuídas.¹³⁸

¹³⁴ As freguesias em questão hoje correspondem: Santa Ana de Vila Brasília/Brasília de Minas; Brejo das Almas/Francisco Sá; Santo Antônio do Gorutuba/Catuni e Bonfim/Bocaiúva.

¹³⁵ OLIVEIRA SILVA, F. *op. cit.* p. 263.

¹³⁶ Hoje município distante a 80km de Montes Claros.

¹³⁷ SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. p. 308.

¹³⁸ GASPAR, M. M. *Trente années d'Apostolat au Brésil*. p. 122. "Les visites pastorales sont excessivement pénibles, mais combien consolants sont les résultats. Ainsi, lors de première visite pastorale faite en 1912, Monseigneur visite quarante localités de six paroisses, il administre le sacrement de confirmation à 13.951 personnes et 18.164 communions furent distribuées".

Sabia o Cônego a vida dura que enfrentava o bispo iniciante. A penúria das distâncias não tirava o brilho, a persistência e a vontade de corresponder a generosidade encontrada no homem do Sertão. As “*voyages excessivement fatigants*” não diminuía o zelo pastoral de Dom Antônio Pimenta que fez o povo mostrar uma face transfigurada diferente da anterior descrita por Saint-Hilaire em seus relatos de 03 de agosto de 1817 na Vila de Formigas.

Os habitantes de Formigas têm a pior das reputações no tocante à probidade. Antes que eu chegasse tinham-me aconselhado por toda a parte a que não deixasse meus animais de carga na proximidade das casas, para que não corressem o risco de serem roubados.¹³⁹

Diferente da descrição do viajante francês o missionário belga descreve a piedade, “*le zèle pour le salut des ames*”, e a atitude extremamente hospitaleira – “*hospitalité chamante*”¹⁴⁰ do homem do Sertão. Tal atitude produziu no novo bispo intenso entusiasmo, sendo que o mesmo idealizou uma série de melhorias para a sua Diocese. Deu início à construção da Catedral, em 1914; mandou construir o Palácio Episcopal instalando neste uma capela sob a proteção de Nossa Senhora de Lourdes, idealizou o Colégio Diocesano¹⁴¹ e trouxe para a Diocese os filhos de Santo Afonso de Ligório (padres redentoristas) e os filhos de São Vicente (padres lazaristas). Dom João, na verdade, era o reflexo de uma Igreja nascente que oscilava entre o zelo pastoral e a mentalidade marcada pelo modelo de uma Igreja tridentina. Escreve Oliveira Silva que o primeiro bispo de Montes Claros “*era um homem bom, mas severo e autoritário. Esses traços eram marcantes na personalidade do primeiro bispo de Montes Claros*”¹⁴² que próximo da morte, em seu testamento faz um pedido de perdão, reconhecendo suas dificuldades no trato com as pessoas na diocese.

Para terminar seu testamento, fez um pedido de perdão às pessoas que tivesse ofendido por explosões de seu temperamento nervoso, embora essa nunca tivesse sido sua intenção. Também pediu perdão aos pobres pelo fato de não ter podido acudir-lhes sempre em suas necessidades. Ele deixou recomendações aos membros de sua família para que não traíssem a fé e as tradições da família, inscrevendo-se em sociedades secretas e nomeadamente da maçonaria e que se abstivessem de bebidas alcóolicas e do vício do jogo.¹⁴³

¹³⁹ SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. p. 327.

¹⁴⁰ GASPAR, M. M. *Trente années d'Apostolat au Brésil*. p. 110.

¹⁴¹ Em 1920 chega a Montes Claros o Cônego Paul Laenerts, enviado especial do Abade superior de Parc, a fim de tratar com S. Excia. Revma. Dom João Antônio Pimenta, Bispo diocesano, da reorganização da Missão Premonstratense em Montes Claros e o funcionamento de um Colégio Diocesano. VIANNA, Nelson. *Efemérides montesclarenses*. p. 21.

¹⁴² OLIVEIRA SILVA, F. *op. cit.* p. 266.

¹⁴³ *Ibid.* p. 277.

Dom João refletirá a formação que recebera em sua juventude. Não podemos esquecer que o homem é constituído do que Heidegger denomina suas possibilidades, ou seja, o que Ortega y Gasset denomina de circunstâncias.

Não podemos esquecer que Dom João nascerá em 1859, portanto, ainda dentro do clima da Independência em 1822, da Constituinte de 1823. Com certeza, seus formadores foram os que experimentaram todas estas transformações num país onde cultura e informação demoravam chegar. Lembra-nos Beozzo que três questões alimentavam os debates da época: “*o conflito de poder latente entre a Assembléia Constituinte e o Imperador, a questão da cidadania num país onde a maioria da população era constituída de escravos e a questão da liberdade religiosa*”.¹⁴⁴

As três questões mencionadas acima alimentavam o imaginário dos formadores que assistiram o desfecho, vendo Dom Pedro em 12 de novembro de 1823 mandar cercar a Assembléia Constituinte retirando do povo o direito de elaborar a Carta Magna. A segunda questão perpetua até nossos dias, isto é, uma multidão de excluídos sem direito a trabalho, terra, emprego e cidadania. A terceira questão mais importante para o nosso entendimento é a questão religiosa, isto é, objeto apaixonado de debates que serviu de pretexto para a dissolução da Assembléia Constituinte: “*Se a Assembléia não fosse dissolvida, seria destruída nossa santa religião...*”.¹⁴⁵

A defesa da “Santa Religião” marcará o episcopado de Dom João que trazia em seus sermões temas que lhe eram muito caros como: pátria, família e religião. Na verdade, “*Dom João faz parte de uma longa tradição da Igreja que se colocava ao lado dos conservadores, da direita, do autoritarismo e da ordem*”.¹⁴⁶ Faleceu em 20 de julho de 1943.

1.3 – DOM ARISTIDES DE ARAÚJO PORTO

O segundo bispo de Montes Claros nasceu na cidade mineira de São João Nepomuceno a 05 de outubro de 1882 e ordenou-se em 16 de julho de 1905. Dom Aristides é conhecido como bispo da simplicidade. Hermes de Paula salienta que “*Dom Aristides, de uma simplicidade ao extremo, imediatamente tornou-se estimado pelo povo*”.¹⁴⁷ Dom Aristides de Araújo Porto foi nomeado pela Bula “*Hodie nos*” de 24 de maio de 1931 coadjutor de Dom

¹⁴⁴ BEOZZO, J. O. Igreja católica e liberdade religiosa nas constituintes do Brasil. **Vida Pastoral**. p. 09.

¹⁴⁵ Ibid. p. 10.

¹⁴⁶ OLIVEIRA SILVA, F. *op. cit.* pp. 278-279.

¹⁴⁷ PAULA, H. de. *Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes*. p. 279.

João Antônio Pimenta. Foi sagrado bispo em Leopoldina por Dom Helvécio Gomes de Oliveira e assistido por Dom Justino José Santana e Dom Carloto Fernandes da Silva no dia 30 de agosto de 1931. O segundo bispo da Diocese de Montes Claros chega à cidade no dia 08 de janeiro de 1932. Vianna assim deixa marcada a histórica chegada:

chega à cidade de Montes Claros, sendo festivamente recepcionado, S. Excia. Revma. Dom Aristides de Araújo Porto, nomeado para bispo coadjutor e sucessor de Dom João Antônio Pimenta, Bispo da Diocese de Montes Claros.¹⁴⁸

Com a saída de Dom Aristides de Araújo Porto assumiu **Dom Antônio de Almeida Morais Júnior** que foi recebido em Montes Claros no dia 29 de janeiro de 1949. Neste dia o povo em grande massa estava presente na praça da Estação Ferroviária Central do Brasil e suas imediações para acolher o novo bispo da Diocese de Montes Claros. A chegada do novo prelado mobilizou toda a cidade. “*Estavam presentes todas as autoridades municipais, deputados federais e estaduais residentes na Diocese, todo o clero regular e secular, vigários de diversas paróquias*”.¹⁴⁹ A saudação do bispo encanta a multidão e deixa profunda impressão no coração dos fiéis da Diocese de Montes Claros.

Dom Antônio de Almeida Morais Júnior foi o terceiro bispo de Montes Claros escolhido a 02 de outubro de 1948 pela Bula “*Commissum Humilitati Nostrae*”.

O quarto bispo foi **Dom Luiz Vitor Sartori** que nasceu em Caxias, Rio Grande do Sul, onde fez seus primeiros estudos. Foi ordenado sacerdote em janeiro de 1927. Foi sagrado bispo em 01 de junho e chegou à cidade de Montes Claros no mesmo ano. Hermes de Paula o caracteriza como: “*simples, trabalhador e enérgico*”.¹⁵⁰ Dom Vitor Sartori começou a compreender as dificuldades da região intensificando o apelo pelas vocações sacerdotais, construindo o seminário, reformando o Palácio Episcopal e liderando movimentos para melhoria da vida do homem sertanejo. Dom Vitor Sartori “*liderou vários movimentos para melhoria da cidade, inclusive reivindicando energicamente do governo estadual a solução do serviço de energia elétrica e da planta cadastral da cidade*”.¹⁵¹

¹⁴⁸ VIANNA, N. *Efemérides montesclarenses*. p. 32.

¹⁴⁹ PAULA, H. de. *Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes*. p. 280.

¹⁵⁰ Ibid, p. 281.

¹⁵¹ Ibid, p. 281.

II – DOM JOSÉ ALVES TRINDADE: BISPO DE BONFIM (BAHIA) E MONTES CLAROS (1943-1962)

Em 06 de outubro de 1956, chega a Montes Claros, Dom José Alves Trindade. O vigário capitular da Diocese convoca todos os fiéis para a chegada do novo bispo. Na convocação encontramos o veredicto de Monsenhor Gustavo Ferreira de Souza lembrando as palavras de Santo Inácio de Antioquia: *“É dever de cada um de vós confortar o Bispo. Bendito seja aquele que vos concedeu a graça de possuir tal Bispo”*.¹⁵²

Para a posse do novo bispo estendeu-se longa festividade nos dias 06 e 07 de outubro de 1956. A chegada ao aeroporto foi acompanhada pela Comissão de Honra formada pelos

Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Francisco Bias Fortes, Exmo. e Revmo. Sr. Metropolitano da Sede Arquiepiscopal de Diamantina Dom Newton de Almeida Batista, Exmo. e Revmo. Sr. Dom Serafim Gomes Jardim arcebispo titular de Anasarta, Exmo. Sr. vice governador do Estado Dr. Artur Bernardes Filho, Exmo. e Revmo. Sr. Bispo prelado de Paracatu Dom Eliseu Vender Weijer, Exmo. e Revmo. Monsenhor Jorge Lopes, DD. Vigários capitulares de Arassuaí, Exmos. Srs. Deputados Federais e Estaduais da Região diocesana e da cidade, Exmo. Sr. Prefeito Municipal e prefeitos dos municípios da Diocese, Exmo. Sr. Juiz de Direito da Comarca de Montes Claros e senhores Juizes das Comarcas da Diocese, Exmo. Sr. Comandante e Oficiais do 10 B.I, Exmo. Sr. juiz municipal, Exmo. Sr. Delegado especial de polícia, Exmos. Srs. Promotores de justiça e Exmos Srs. Presidentes das Câmaras dos municípios da Diocese.¹⁵³

As festividades prosseguiram com missa pontifical na Catedral, almoço no Palácio Episcopal e manifestações populares no dia 07 de outubro de 1956, também data do aniversário natalício do novo Bispo. Manifestaram na ocasião os seguintes oradores: *“Dr. Abílio Leite Barbosa, juiz municipal pela população montesclareense, a senhorita Alaíde Martins pela mulher montesclareense. Um menino pela infância montesclareense”*.¹⁵⁴

No dia 07 foi ainda oferecido um banquete pela sociedade montes-clareense falando Dr. Geraldo Atayde, fazendo o brinde à Santidade o Papa. As homenagens seguiram até o dia 16 de outubro somando mais de 09 dias de festa. Prestaram homenagens nestes dias o Seminário Diocesano, Escola Apostólica São Norberto, Orfanato Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Paróquia da Catedral, Santa Casa de Caridade Nossa Senhora das Mercês, Matriz de

¹⁵² FERREIRA DE SOUZA, Monsenhor Gustavo. *Dom José Alves Trindade*. Convite de Posse, Festa da Natividade. Montes Claros, 08 de setembro de 1956.

¹⁵³ Ibid.

¹⁵⁴ Ibid.

Nossa Senhora e São José, Associações Religiosas, Escola Profissional Nossa Senhora das Mercês e Sanatório Clemente Faria”.¹⁵⁵

Todas as festividades foram coordenadas pelo ilustre Monsenhor Gustavo Ferreira de Souza. O referido padre nasceu em 01 de agosto de 1915, ordenou sacerdote em 28 de dezembro de 1941 e faleceu em 06 de fevereiro de 1993. Recebeu Dom José por ocasião de sua chegada e o acompanhou em seu ministério. Por ocasião da morte de Monsenhor Gustavo Ferreira de Souza, assim expressa Dom José:

Monsenhor Gustavo partiu ontem para receber o prêmio lá na casa do Pai. Do Pai a quem ele consagrou em Cristo na sua Igreja. Peregrino de 77 primaveras. Filho de Brasília de Minas, ele conheceu de perto e ajudou todos os Bispos desta Diocese, nascida de São Pio X, em 1910. Ele vitorioso, leva uma grande folha de serviço sacerdotal em seu cofre de celeste glorificação. Cofre cheio de prestimosidade e de educação no falar e no sofrer. Sem sofrer o sacerdócio perde seu valor. No bilhete de sua saudação à Diocese, ele elencou os amigos seus de verdade e que lhe tecem uma gratidão imortal.¹⁵⁶

O cerimonial esteve a cargo do Padre Joaquim Cesário dos Santos Macedo, a comissão de ornamentação foi presidida pelo Cônego Hermano José de Moraes Ferreira, O. Praem. A assessoria e organização da imprensa foi coordenada pelo Padre Agostinho J. Beckhauser, o desfile dos estabelecimentos de ensino estiveram sob a direção do Padre Paulo Emílio Pimenta, a comissão de hospedagem foi coordenada pelo Cônego Siardo Maes e Padre Joaquim Cesário dos Santos Macedo. Para as comemorações encontramos a seguinte nota do Vigário Capitular:

Faz-se um veemente apelo ao comércio para cerrar as portas dos estabelecimentos às 15 horas do dia 06 de outubro. As solenidades serão abrilhantadas por uma Banda de Música Militar de Belo Horizonte, gentilmente cedida pelo Senhor Comandante Geral da Polícia Militar Cel. Manoel Assunção com eficiente colaboração do Te. Cel. Geraldo Batista, Dd. Comandante do 10º B.I e do Te. Cel. José Coelho de Araújo Dd. Delegado Especial de Polícia.¹⁵⁷

Dom José Alves Trindade, quinto bispo de Montes Claros, é sobrinho de dois Cônegos irmãos e de uma irmã Filha da Caridade chamada Gabriela.¹⁵⁸ Filho do Sr. Antônio Alves da Trindade e de D. Maria das Dores Almeida, nasceu em Lagoa Dourada, Minas

¹⁵⁵ FERREIRA DE SOUZA, Monsenhor Gustavo. *Dom Dr. José Alves Trindade*. Convite de Posse, Festa da Natividade Montes Claros. 08 de setembro de 1956.

¹⁵⁶ TRINDADE, Dom José Alves. *Cadernos II*, anotações, p. 01.

¹⁵⁷ FERREIRA DE SOUZA, Monsenhor Gustavo. *Dom Dr. José Alves Trindade*. Convite de Posse, Festa da Natividade Montes Claros, 08 de setembro de 1956.

¹⁵⁸ RESENDE E SILVA, A. V. de. *Genealogia mineira*. VI parte, (A Família Tiradentes) Oficina Gráfica, 1939. p. 204. Neste exemplar encontramos parte da genealogia de Dom José Alves Trindade e uma observação a tinta feita na página 204 de próprio punho pelo bispo: Este é Antônio Alves da Trindade (meu pai), irmão do professor José Alves da Trindade e da “condenada pelo exército” Irmã Gabriela, servindo no H.C.E. – Hospital Central do Exército / Rio.

Gerais, aos 07 de outubro de 1912. Seminarista de Mariana, foi enviado aos fins de 1933 para Roma, sendo pioneiro no Colégio Pio Brasileiro. Foi ordenado presbítero em 27 de março de 1937 na Basílica de São João de Latrão e laureou em teologia junto à Pontifícia Universidade Gregoriana.¹⁵⁹ Dom José Alves Trindade destaca em sua formação pela profunda amizade com os livros. Desde o seminário até sua vida madura esteve sempre com os livros nas mãos.

Foi vigário cooperador da Paróquia do Pilar de São João Del-Rei em 1940, exerceu depois em Mariana os cargos de professor nos dois seminários, vigário-ecônomo de Sumidouro, Capelão do noviciado do Carmo e chanceler do Arcebispado.¹⁶⁰

Em 04 de outubro de 1943, Pio XII o nomeou Bispo diocesano de Bonfim no Estado da Bahia. A sagração episcopal aconteceu em Mariana aos 21 de novembro de 1943.¹⁶¹ Encontramos nas palavras do Pe. José D'Angelo Neto o significado e entendimento da escolha de Dom José Alves Trindade para o episcopado:

O Santo Padre olhou para as montanhas, porque delas lhe haveria de vir um auxílio. Olhou para as montanhas, porque nelas haveria de encontrar almas que se lhes assemelhassem. Almas altivas que olhem para Deus.¹⁶²

A mineiridade se expressa no orgulho de Minas Gerais poder oferecer mais um prelado para o serviço da Igreja. Faz questão de repetir D'Angelo Neto que

o Santo Padre parece ter dito aquelas palavras do Salmo: *“Levavi oculos meos in montes, unde veniet auxilium mihi”*. Elevai os meus olhos para as montanhas donde me virá um auxílio. Elevei os meus olhos para as montanhas de Minas.¹⁶³

Dom José é apresentado como o bravo guerreiro da fé que saía de Minas para devolver aos baianos o tributo da fé, aqui plantado, nos séculos anteriores. Entendia D'Angelo Neto que Dom José descia das montanhas.

Desce de Lagoa Dourada, da Serra das Vertentes, donde saem águas para os grandes rios de nossa Pátria... V. Excia. vai pagar aos baianos a dívida dos mineiros. De lá nos veio a primeira benção de Deus, de lá saíram os primeiros missionários destas Minas, os primeiros pregadores do Evangelho.¹⁶⁴

¹⁵⁹ Dom José Alves Trindade laureou na Pontifícia Universidade Gregoriana no ano de 1940. Foi seu orientador o Pe. Ulpiano López, S.J. O mesmo apresentou trabalho com o título : *A Moral das Leis Penais Segundo Affonso de Castro*, O.F.M.

¹⁶⁰ TRINDADE, Dom José Alves. *Jubileu de Prata Sacerdotal* – Montes Claros, 1962. GAZETA DO NORTE, Ano XXXVIII, Num 2417 de 06 de outubro de 1956 expressa: Dom José “Espírito culto, além de brilhante orador sacro, exerceu ainda o magistério como professor de Espanhol no Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto”.

¹⁶¹ Dom José foi sagrado em Mariana tendo como sagrante principal Dom Helvécio Gomes de Oliveira.

¹⁶² D'ANGELO NETO, Pe. José. Discurso proferido por ocasião da Sagração de D. José Alves Trindade. Manuscrito, 1956. p. 1.

¹⁶³ Ibid, p. 1.

¹⁶⁴ Ibid, p. 3.

O mineiro que descia para o sertão baiano trazia a bravura de um guerreiro. Bravura admirada por Saint-Hilaire que via no mineiro um povo pouco submisso quando afirmava que “*os comandantes das vilas exercem um poder despótico sobre seus subordinados, estes, sempre que podem, desafiam, mesmo quando tratados sem mostra de autoridade*”.¹⁶⁵ Dom José Alves Trindade transferia de Minas levando os ideais de liberdade das minas gerais. O espírito aventureiro descia com as águas do velho rio São Francisco. O mineiro que entrava nas terras baianas levava o ideal da fé cristã. Recorda-nos Arruda que

enquanto síntese, Minas emerge ligada a um destino inelutável, qual seja o de garantir a ordem e a liberdade, a tradição e a esperança. Destarte, as Minas a tudo provêm, quer a segurança frente aos princípios dissolventes, tornada essência de liberdade, quer a preservação da herança, no âmbito das mudanças futuras.¹⁶⁶

O mineiro carrega o espírito transformador, a audácia da mudança e o sentimento de liberdade. Sendo assim, por onde passou o bispo mineiro, ficou gravado o espírito do respeito e os ideais da liberdade.

Dom José Alves Trindade transferiu-se para a Diocese de Montes Claros no Norte de Minas Gerais no dia 21 de maio de 1956, sendo empossado no dia 06 de outubro do corrente ano.

Dom José tem como lema “*Omnes Unum*”. Paulo Lachenmayer OSB, assim comenta o Brasão de Armas de Dom José Alves Trindade: **Fundo** de prata, três anéis entrelaçados, de vermelho, sendo que o anel inferior é rematado, no pé, por uma cruz do mesmo. **Insígnias:** Episcopais, que são: chapéu, prelaticio de três fileiras de bordas de verde e cruz processional. Os três anéis entrelaçados exprimem em Deus a Trindade das Pessoas na unidade da natureza e exprimem no Bispo Trindade uma preocupação, a de servir a um só Senhor, uma só fé, um só batismo. (Ef. 4,5)

A Cruz simboliza o corpo místico de Cristo, a Igreja, que torna filhos do Pai aqueles que o Filho remiu e o Espírito Santo vivifica, de modo a participarem da divindade “*addinae consortes naturae*”.

No lema “*Omnes Unum*” repete o bispo, em favor dos seus diocesanos, a mesma oração de Jesus Cristo: “*Ut omnes Unum Sint*” (Jo 17,21) para que os cristãos sejam todos uma unidade, assim como com o Pai, o é o Filho, com Espírito Santo.¹⁶⁷

¹⁶⁵ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco (1816-1822)*. p. 40.

¹⁶⁶ ARRUDA, Maria A. do N. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. pp. 70-71.

¹⁶⁷ LACHENMAYER, P. *Brasão de armas*. Lembrança de Posse do 5º Bispo Diocesano de Montes Claros, Salvador, Festa da Assunção de Nossa Senhora, 1956. TRINDADE, Dom José Alves. *Mensagem do 5º Bispo eleito de Montes Claros aos seus diocesanos*. Mensagem escrita em Salvador no dia 15 de agosto 1956/ Mosteiro

Conforme levantamento feito por Cônego Newton de Angelis, o quinto bispo de Montes Claros tem 15 prelados e padres em sua árvore genealógica, assim enumerados:

Padre Manoel Rodrigues Dantas, Padre Antônio Rodrigues Dantas, Padre Domingos da Silva Santos, Padre Antônio da Silva Santo, Frei José da Conceição Veloso, Padre Francisco José Ferreira de Souza, Padre Antônio José Ferreira de Souza, Padre Protázio Rodrigues Chaves, Cônego Heitor Augusto da Trindade, Cônego João Batista da Trindade, Padre Francisco Teófilo Rodrigues Chaves, Dom Orlando Chaves, Dom Antônio Augusto de Assis, Dom Pio de Freitas Silveira, Padre Ézio Rodrigues Chaves Lima e Dom José Alves Trindade.¹⁶⁸

O novo bispo que chega ao Sertão de Minas Gerais é da família de Tiradentes. O Cônego Newton de Angelis em suas pesquisas localizou documentos em arquivos brasileiros e estrangeiros que demonstram tal afirmação.¹⁶⁹ A genealogia de Dom José não tem como objetivo elevá-lo de forma espetacular, mas fazer-nos compreender a simplicidade de um homem que foi se doando pela causa do Evangelho em terras tão distantes e com muitas dificuldades. Os antecedentes familiares de Dom José, talvez justificassem, um lugar melhor na estrutura hierárquica da Igreja. Afinal, tratava de um bispo culto, formado em Roma, de família distinta, com um currículo extenso de serviços à Igreja que repetia sempre: “*nunca quis ser nada ou ter nada, sou apenas um simples bispo*”.

Por ocasião de sua chegada em Montes Claros deixa Dom José Alves Trindade clara a sua obediência à Igreja na pessoa do Papa. Lembra aos fiéis:

Quis o grande sucessor de S. Pedro fosse o modesto bispo de Bonfim transferido para Montes Claros, na qualidade de seu 5º pastor. Obediente à voz paterna de Sua Santidade, iremos em breve nos afastar da hospitaleira comunidade diocesana ao Norte da Bahia e, no dia 07 de outubro, assumir o governo da setentrional Diocese em nosso estado de origem.¹⁷⁰

O tom da obediência permeia a mensagem do quinto bispo de Montes Claros que permanecerá por vários anos no governo da Diocese expressando o acatamento das ordens vindas da Cúria Romana. Sempre fiel à Igreja manteve sua modesta vida no Palácio Episcopal de onde recebia diariamente várias pessoas para aconselhamentos e confissões. As referências ao representante de Pedro tornavam-se constantes em seus discursos e falas cotidianas. Entendia Dom José que um bispo santo jamais podia se afastar das pegadas de Pedro a quem

de São Bento. Publicada na Gazeta do Norte em 13 de setembro de 1956. Na edição ano XXXVIII, Num 2410, Dom José explica o sentido do seu Brasão de Armas.

¹⁶⁸ ANGELIS, Cônego Newton de. *Árvore genealógica ascendente*. Doc. Arq. Cônego. 22 de março de 1989, Rio Pardo de Minas.

¹⁶⁹ Ibid. Doc. Arq. Cônego. 22 de março de 1989, Rio Pardo de Minas.

¹⁷⁰ GAZETA DO NORTE, Ano XXXVIII, Num 2410 de 13 de setembro de 1956.

o Senhor confiou a sua Igreja. Em 1956, dirigindo-se aos diocesanos, assim pontua Dom José Alves Trindade:

Ao Santo Padre Pio XII e ao seu representante no Brasil, o Exmo. Sr. Nuncio Apostólico; prestamos a homenagem certa do nosso profundo e filial acatamento junto ao túmulo dos dois primeiros antecessores nossos, mesmo de longe, desejamos depositar as sagradas flores da veneração e da saudade.¹⁷¹

Não faltava em Dom José vontade de conhecer a sua nova Diocese. Não sabia ele os tempos que viria experimentar na vasta região que lhe estava sendo confiada. No início do seu episcopado, em Montes Claros, Dom José não tinha noção do tamanho da diocese para onde estava mudando. Este desconhecimento é expresso pelo próprio bispo quando afirma que “*o desconhecimento in loco das realidades e dos problemas, ligados a jurisdição diocesana de Montes Claros, não nos permite pormenorizada a programação de trabalho*”.¹⁷² No início de seu ministério prometia para o povo da nova Diocese ser o baluarte da religião no sertão norte-mineiro, apresentando uma única proposta concreta para o início de seus trabalhos na nova Sede Episcopal: a construção do Seminário. Em entrevista ao Diário em 07 de outubro de 1956 expressa uma preocupação:

evidente o maior problema do Brasil, ou mesmo do mundo é a missão evangélica de pregar a boa nova. Nisso se resume toda a vida de um bispo, ser arauto da missão divina de Cristo na terra. Mas dois braços apenas nada ou quase nada podem fazer. Daí necessitamos urgentemente enfrentar ou continuar a enfrentar o problema da criação do seminário, dando-lhe de acordo com as normas e determinações da Santa Sé, uma orientação que forme sacerdotes para as necessidades de nossa época.¹⁷³

O bispo que chegava ao Sertão norte-mineiro tinha a visão de uma outra realidade diferente, que guardava contrastes e semelhanças. Uma era a perspectiva do homem culto que vinha de Roma trazendo a sabedoria da academia, o segredo dos livros e a piedade da Sé Apostólica. Já estivera na Bahia, Diocese de Bonfim, território muito parecido com a nova Diocese. Ambas guardam a dureza do sertão, isto é, os olhos do homem sertanejo e a piedade cultivada sob o sol causticante. O contraste se instaura na percepção do bispo culto que entende ser também sua missão dissipar a ignorância religiosa numa terra com grande carência de pessoas letradas. Lembra Dom José no início do seu episcopado que

¹⁷¹ TRINDADE, Dom José Alves. *Mensagem do 5º Bispo eleito de Montes Claros aos seus diocesanos*. GAZETA DO NORTE, Ano XXXVIII, Num 2410 de 13 de setembro de 1956.

¹⁷² Idem. GUERRA, Adolfo Leitão. *Discurso de acolhida a Dom José Alves Trindade*. 23/09/1956. Bonfim, Bahia. Bispo bandeirante que chega ao “Sertão sempre em flor, o sertão de Euclides da Cunha, os sertões das invernadas inclementes, ou das secas periódicas, da canícula escaldante, da caatinga eriçada de cactos, dos riachos secos e das fontes extintas, das endemias, dos ranchos à feição das tabas dos primitivos aborígenes, da miséria dos paus de arara”.

¹⁷³ TRINDADE, Dom José Alves. *Entrevista*. O Diário, Montes Claros, 06 de outubro, 1956.

nada existe de mais grave para a igreja do que a ignorância religiosa. Nada pode nos preocupar mais, a nós Anjos prepostos por Deus à frente das igrejas, do que a falta de divulgação da doutrina.¹⁷⁴

O Norte de Minas Gerais não guardava somente a ignorância religiosa, mas outras formas de desconhecimento daquilo que era mais elementar. A pobreza sempre foi marca dessas terras. O sertanejo padece sob o julgo da exploração material e espiritual numa terra onde as leis pouco funcionam. Capistrano de Abreu em *Capítulos de História Colonial (1500-1800)* recorda a observação de Saint-Hilaire sobre a forma como os fazendeiros gastavam seu dinheiro:

como vê, não é em construir belas casas nem mobília-las. Comem arroz e feijão: muito pouco lhes custa também o vestuário, tão pouco dispendem na educação de seus filhos, que se rebolem na ignorância e são de todos estranhos aos prazeres da sociedade”.¹⁷⁵

A pobreza não estava na carência dos bens necessários para viver, mas em uma cultura patrimonialista que se formava. Tal cultura primava pelo acúmulo dos bens materiais sem nenhuma preocupação com o bem-estar das pessoas que viviam nestas cercanias. A fama do mineiro seguro, sovina e mão fechada ia se consolidando numa cultura que oscilava entre a riqueza acumulada e a pobreza desmedida. Lembra Capistrano de Abreu que o “*aumento da fortuna serve muito mais para satisfazer-lhes a vaidade que para aumentar-lhes os gozos*”.¹⁷⁶ Como se não bastasse, a pobreza cultural crescia uma cultura da violência e da brutalidade no sertão das gerais, pois os roubos e crimes eram freqüentes nesta região. Nas pregações de Dom José Alves Trindade encontramos uma série de preocupações que tem início com a formação cultural, mudança de hábitos e fortalecimento da fé nos limites da Diocese de Montes Claros. Certo é que ao imaginarmos Minas Gerais, não podemos pedrificar a imagem do mineiro. Não podemos tomar o modelo do mineiro do centro de Minas Gerais sem levar em consideração outras figuras dispersas pelo Estado, tão vasto e complexo. Ao chegar ao norte de Minas Gerais, o mineiro do Campo das Vertentes encontrou, com certeza, um “povo mineiro” diferente daquele que conhecia nas proximidades de São João Del Rei. Recorda-nos Dias que Minas Gerais é “*toda uma sucessão de montanhas, de onde os seus municípios verdadeiros anfiteatros, separados uns dos outros por antemurais de granito, -onde cada mineiro- vive à parte.*”¹⁷⁷ A idéia do isolamento natural, com certeza, influencia, de maneira

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ ABREU, C. de. *Capítulos de história colonial (1500 – 1800)*. p. 227.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ DIAS, Fernando Correia. *A imagem de Minas: ensaio de sociologia regional*. p. 21.

decisiva, no jeito calado e observador do mineiro. Sua personalidade expressa a simplicidade e o silêncio das próprias montanhas de Minas.

O novo bispo estava disposto a demonstrar a sua autoridade na divulgação da fé nesta vasta região. Para isso, não mediu esforços durante seu episcopado para participar de inúmeras solenidades. Vianna enumera uma série de atividades que preenche o vasto currículo de Dom José durante seu pastoreio na Diocese de Montes Claros. O bispo do sertão marcava presença em inauguração de pontes¹⁷⁸, festividades municipais¹⁷⁹, criação de associações religiosas¹⁸⁰, festividade de grupo escolar¹⁸¹, inauguração de banco¹⁸², benção de cine-teatro¹⁸³, criação de paróquias¹⁸⁴ e criação de escolas.¹⁸⁵

O episcopado de Dom José Alves Trindade reserva as contradições de um momento dinâmico da história da Igreja no Brasil. De um lado, os ares da formação tridentina e, de outro, a esperança no Concílio Vaticano II¹⁸⁶ que inspirava a eclesiologia deste meado do século XX. Dom José Alves Trindade chegava ao sertão de Minas Gerais encontrando uma população eminentemente católica, o que facilitava, de certa maneira, a sua atuação como bispo nesta região.

Como bispo conciliar, trazia as idéias que iriam orientar a sua atuação pastoral no norte de Minas Gerais. A própria expressão pastoral vem banhada das luzes conciliares, pois a mesma foi atribuída a João XXIII que quis um Concílio de cunho pastoral. Estava marcada uma nova etapa na História da Igreja que não pouparia forças para se fazer conhecida por sua ação no mundo. Recorda Comblim que a

palavra pastoral queria exprimir exatamente a intenção de João XXIII quando convocou o Concílio, isto é, não se trata de repetir fórmulas dogmáticas já definidas, nem de aumentar a lista dos dogmas, mas de fazer com que a igreja seja compreendida nestes novos tempos.¹⁸⁷

O episcopado de Dom José Alves Trindade se coloca inicialmente em um mundo de dilemas, isto é, em um contexto de adaptação da Igreja ao mundo que vinha passando por um processo de modernização. Os esquemas mentais estavam mudando a maneira de pensar a

¹⁷⁸ VIANNA, Nelson. *Efemérides montesclarenses*. p. 91.

¹⁷⁹ Ibid, p. 323.

¹⁸⁰ Ibid, p. 141.

¹⁸¹ Ibid, p. 361.

¹⁸² Ibid, p. 173.

¹⁸³ Ibid, p. 95.

¹⁸⁴ Ibid, p. 52.

¹⁸⁵ Ibid, p. 72.

¹⁸⁶ COMBLIN, J. Vaticano II ontem e hoje. **Vida Pastoral**. Ano XXVI, n. 125, 1985. "O Concílio Vaticano II foi o maior acontecimento do século para a Igreja Católica: tudo que se fez na Igreja, pelo menos depois de 1918, recebeu o seu significado histórico no Vaticano II".

¹⁸⁷ Ibid, p. 02.

Igreja, pois a mesma, apesar de toda resistência, não conseguia ficar imune às mudanças do tempo. Os novos esquemas pensados pelo Vaticano II perturbavam a cabeça dos bispos conciliares, pois os mesmos não davam conta de compreender o que acontecia naquele momento da história da Igreja. O impacto do Concílio Vaticano II foi tão forte que produziu um verdadeiro “*aggiornamento*” na vida da Igreja. Dom José se colocava em um momento de grande desafio, isto é, aprender a dialogar com o mundo pós-conciliar e se abrir para uma nova perspectiva pastoral. O diálogo se tornava fundamental naquele momento crucial da história da Igreja, pois o

Vaticano II não somente falou sobre o diálogo, mas iniciou um diálogo com o mundo, com as outras confissões cristãs e com as religiões não cristãs. Levou à fundação de organismos novos a nível, nacional, diocesano, paroquial em vista do diálogo com todos os homens”.¹⁸⁸

São estas questões que analisaremos nos capítulos a seguir deste trabalho que, com certeza, permitira uma compreensão mais detalhada do episcopado de Dom José Alves Trindade.

2.1 – A IGREJA DA DISCIPLINA

O final da Segunda Guerra Mundial vem trazendo transformações na sociedade e no interior da Igreja Católica. Na sociedade assistimos um anseio por mais liberdade e tolerância. As correntes de pensamentos emergentes vão configurar uma nova maneira de pensar o ser humano. O dilaceramento das duas grandes guerras associadas à experiência de implantação do socialismo no leste europeu colocou uma necessidade de pensarmos o humano a partir de uma nova dimensão. O existencialismo emergente coloca uma necessidade de re colocação das questões humanas. Mais anseio por liberdade, participação na sociedade e nas esferas de decisões do mundo moderno.

A Igreja começava a tomar consciência que não era possível ficar indiferente às questões do seu tempo. O clima eclesial começa a mudar tomando o mundo católico de surpresa. Lembra-nos Zizola que o mundo era apanhado de surpresa quando a Igreja iniciava anúncios de mudanças. Na verdade, “*poucos eram os espíritos que tinham consciência da vastidão da crise religiosa em curso*”.¹⁸⁹

¹⁸⁸ Ibid, p. 03.

¹⁸⁹ ZIZOLA, G. *A Utopia do Papa João*. p. 309

Na Igreja do Brasil estas transformações ainda demorariam a chegar, pois os impactos das mudanças só se fariam sentir depois dos anos 60 com a efetivação do Vaticano

II. Na perspectiva de Souza podemos vislumbrar alguns sinais desde a década de 40, pois

em 1949, teve início em Natal (RN) o Movimento de Educação de Base (MEB) liderado pelo então padre Eugênio de Araújo Sales, promovendo o movimento litúrgico bíblico. Nesta época se multiplicam semanas de catequese, congressos, como o I Congresso de Ensino Religioso, no Rio de Janeiro, em julho de 1950.¹⁹⁰

Uma grande expectativa ia se formando na medida em que a Igreja tentava uma aproximação com os poderes públicos. Se, de um lado, apontava uma necessidade de equilíbrio entre poder religioso e civil, de um outro, permanecia a idéia de que os poderes públicos deveriam manter-se benevolentes com o catolicismo.

Os conflitos que angustiam a Igreja desde sua separação do Estado pela Proclamação da República em 1889 continuavam espinhando uma instituição eclesiástica que sentia insatisfeita com sua atuação somente no plano espiritual. É importante destacar que “*após a Revolução de 1930, o catolicismo, principalmente o clero do Rio grande do Sul, passou a apoiar o movimento revolucionário. Foi em torno da figura de Getúlio Vargas e do clero do Sul que teve início uma reaproximação entre Estado e Igreja católica*”.¹⁹¹ Durante este período o povo servia de massa de manobra para os interesses das classes dominantes que manipulavam a política e a religião em favor dos seus próprios interesses. Fato é que “*essa política predominou durante o Estado Novo e constituiu a base do processo político social de 1946 a 1964*”.¹⁹²

Elucidando o clima apontado por Beozzo encontramos na Revista “A Ordem” fundada por Jackson de Figueiredo e dirigida por Alceu Amoroso Lima o artigo intitulado *A Igreja no Apocalipse*. O artigo é assinado pelo Padre Álvaro Negromonte. Neste encontramos a seguinte preocupação:

A situação da Igreja no mundo moderno preocupa e até decepciona a muitos cristãos. Ignorada pelo laicismo, minada pelo individualismo religioso, desrespeitada pelos costumes, postergada pelos cuidados econômicos, desatendida pelo capitalismo, abandonada do operariado, combatida pelo comunismo e ‘protegida’ por alguns governos, que será da Igreja, se o mundo continuar nesta direção?¹⁹³

¹⁹⁰ SOUZA, N. de. *Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da igreja católica em São Paulo*. p. 463

¹⁹¹ Idem; p. 458.

¹⁹² Idem; p. 458. Cf. também BEOZZO, J.º *A Igreja Entre a Revolução de 1930. O Estado Novo e a Remodocratização*. In. FAUSTO, B. (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*, T.3, V.4, p. 293.

¹⁹³ NEGROMONTE, Pe. Álvaro. *A Igreja no Apocalipse*. P.03

Uma situação angustiante pairava no ar. Uma nuvem ameaçadora colocava em xeque conquistas seculares que a Igreja se recusava a abrir mãos. A instituição eclesiástica queria propagar uma crença que a colocava como defensora dos valores inalienáveis da sociedade brasileira. Ao fazer referência às idéias do momento em questão, Negromonte procura isentar a Igreja de qualquer conluio com qualquer que seja a tendência presente na sociedade “*pois na verdade, sendo de todas as classes, a Igreja não se confunde com nenhuma e só defende os interesses gerais. Os que identificam Igreja e sistema capitalista renovam e agravam o erro dos que a identificam com a monarquia*”.¹⁹⁴

A idéia de ser “perita em humanidade” predominava em um momento que o catolicismo queria restabelecer os privilégios perdidos neste meado do século XX.¹⁹⁵

Após a Proclamação da República a Igreja entra num processo de romanização.¹⁹⁶ A mesma necessitava redefinir sua identidade numa conjuntura emergente que, na visão dos críticos, era pouco favorável à instituição. Essa redefinição exige “*um controle clerical – um clero zeloso –, virtuoso e obediente que se formará em seminários rigidamente disciplinadores*”.¹⁹⁷ A disciplina passará ser a tônica da formação de uma Igreja preocupada com sua conjuntura “*ad intra*”. É necessário preservar a instituição das investidas do mundo moderno que deseja destruí-la. Para a manutenção da instituição petrificada no tempo faz-se necessário na perspectiva de Bastide que os religiosos venham “*de fora e não estejam naturalmente ligados ao Brasil por sentimentos profundos. Sua verdadeira família era a de Roma*”.¹⁹⁸

A Igreja da disciplina encontra território favorável na medida em que vislumbra nos setores conservadores da sociedade a possibilidade de manter suas regalias. Como é sabido, a manutenção da instituição robustecia o autoritarismo clerical impondo como preço na perspectiva de Benedetti “*o silêncio das camadas populares, cuja expressão religiosa era legitimada pela casta clerical*”.¹⁹⁹

¹⁹⁴ Idem; p.03.

¹⁹⁵ João Paulo II. Discurso às Autoridades e ao Povo de Salvador da Bahia, Salvador, Bahia, 06/07/80. “A igreja fundada por Cristo, indica ao homem de hoje o caminho a seguir para construir a cidade terrena... A igreja indica o modo de construir a sociedade em função do homem, no respeito ao homem... a igreja é *perita em humanidade*.”

¹⁹⁶ BASTIDE, R. In. BENEDETTI, Luiz Roberto. Igreja, Difícil Busca de Identidade. Vida Pastoral, Ano XXIV, Setembro/Outubro, n. 112, 1983, p.03.

¹⁹⁷ BENEDETTI, L. R. Igreja, Difícil Busca de Identidade. P.03

¹⁹⁸ BASTIDE, R. *Religion and Church in Brasil*. p. 341.

¹⁹⁹ BENEDETTI, L. R. *Igreja, Difícil Busca de Identidade*. p. 04

Este modelo de Igreja apontado por Benedetti identifica-se com a perspectiva indicada por Boff em seu livro “*Igreja, carisma e Poder*”.²⁰⁰ Boff identifica este modelo com o título de “*civitas Dei*”. Neste modelo “*a Igreja se entende como exclusiva portadora da salvação para os homens*”.²⁰¹ Nesta eclesiologia o Papa, o Bispo e a estrutura hierárquica da Igreja constituem o eixo de sua compreensão. A Igreja é essencialmente hierárquica. O mundo não tem consistência teológica e deve ser convertido para Cristo. Nesta tendência eclesial “*o político constitui a dimensão do **sujo** que deve ser evitado o mais possível. Mais que neutralidade, vigora uma indiferença face às realidades **mundanas***”.²⁰²

É verdade que não podemos nos posicionar de forma maniqueísta, pois entendemos não haver um modelo eclesial puro. A pureza só se estabelece no mundo dos conceitos onde os mesmos se encontram cristalizados. Afinal, a história da Igreja é dinâmica e comporta em seu seio modelos eclesiais herdados do passado que vão se acotovelando com os modelos do presente. Sendo assim, entendemos que dois modelos eclesiais estão presentes na fase pré-conciliar do episcopado de Dom José Alves Trindade. Ao citar o padre Álvaro Negromonte não foi acidental, pois o mesmo escrevia com certa frequência na Revista “*A Ordem*” que Dom José lia com frequência. De uma maneira geral, a revista em questão, não se distanciava de um cunho ultramontano que privilegiava uma eclesiologia conservadora.

Na fase pré-conciliar do episcopado de Dom José Alves Trindade, além do modelo que pensa a Igreja como “*civitas Dei*”, encontramos também o modelo de Igreja como “*mater et magistra*”. Na verdade, são dois modelos de Igreja que sintetizam uma vontade de querer controlar o mundo que foge das vistas do poder sagrado. No modelo de Igreja como “*civitas Dei*” a instituição se sente responsável por construir a cidade de Deus neste mundo negando as estruturas de organização temporal. O mundo é um lugar de perdição como nos lembra uma das orações mais conhecidas da Igreja, isto é, a Salve Rainha. Nesta oração lembramos a expressão gravada secularmente no coração dos fiéis: “*gemendo e chorando neste vale de lágrimas*”.²⁰³ O Universo precisa ser convertido para Cristo. A Igreja tem a última palavra sobre todas as coisas. Os fiéis para alcançar a salvação necessitam ser incorporados ao grande reino cristão, ou seja, nas palavras de Santo Agostinho: “*o uso das*

²⁰⁰ O livro “*Igreja Carisma e Poder*” de Leonardo Boff foi publicado em 1981 e depois cassado pelo Tribunal da Doutrina da Fé presidido pelo Cardeal Joseph Ratzinger.

²⁰¹ BOFF, L. *Igreja Carisma e Poder*. p. 17.

²⁰² Idem; p.18.

²⁰³ Na oração Mariana Salve rainha encontramos a idéia que o mundo é um vale de lágrimas e de sofrimentos que necessitamos ultrapassar

coisas temporais relaciona-se, na terra, com a obtenção da paz terrena e, na cidade de Deus, com a obtenção da paz celeste".²⁰⁴

Ao modelo de Igreja “*civitas Dei*” associa-se o “*mater et magistra*”. Neste a Igreja possui uma lição sobre todas as coisas. No primeiro, tenta trazer todos para o reino sagrado e sob o título explícito de católico, nomeia sindicatos cristãos, escolas católicas, imprensa católica e universidades católicas.²⁰⁵ Já no segundo modelo, a Igreja é simplesmente sinônimo de hierarquia.

No nível doutrinário este tipo de igreja se mostra conservador e ortodoxo. Suspeita de todas as inovações. A dogmática é rígida e a visão jurídica, próprias de quem ocupa os lugares de mando na igreja. A referência à autoridade especialmente ao papa, está sempre presente.²⁰⁶

Ao depararmos com a presente conjuntura podemos perguntar: como nascerá algo de novo em uma Igreja tão enraizada no conservadorismo? A resposta é pontuada por Hoornaert que indica o nascimento de uma nova Igreja a partir de uma outra leitura que não seja a da instituição. Partindo desta idéia, Hoornaert, Boff e Benedetti parecem concordar que a Igreja só ganha uma identidade popular quando se afasta da estrutura dominante de poder. Alfineta Benedetti: “*aqui o sociólogo pergunta ao teólogo: por que esse catolicismo popular só adquire identidade, exatamente ao ser silenciado?*”²⁰⁷ A resposta nasce da necessidade de compreender a Igreja em sua dinâmica, isto é, abandonando a leitura que se faz da instituição como instrumento de poder, entendendo-a como lugar do carisma.

2.2 – CRISE E CONTRASTES NO ULTRAMONTANISMO

As últimas décadas do século XX marcaram a sociedade brasileira com profundas transformações. A emergência de uma burguesia industrial e comercial apontava para um futuro mais promissor. O crescente fenômeno da urbanização marcará o rosto de um Brasil diferente. Grande parte da população inicia um movimento de deslocamento para os grandes centros urbanos. As mudanças na sociedade não atingirão somente a vida social, econômica e política. Também a religião passa por momentos de turbulências, pois

²⁰⁴ AGOSTINHO, Santo. A Cidade de Deus Contra os Pagãos, Parte II, p.404²⁰⁴

²⁰⁵ BOFF, L. *Igreja Carisma e Poder*. p. 18.

²⁰⁶ Idem; p.19.

²⁰⁷ BENEDETTI, L. R. *Igreja, Difícil Busca de Identidade*. p. 04.

os anos 50 assistem à percepção dos problemas sociais por parte da Igreja, e da necessidade de mudanças sociais profundas. Percepção por parte da hierarquia, não em sua totalidade, mas sim de alguns bispos, sensíveis às vozes proféticas então representadas pela Ação Católica.²⁰⁸

Na conjuntura eclesial das últimas décadas uma nódoa de conservadorismo foi marcando a Igreja católica na Europa. Essa postura não podia deixar de repercutir no Brasil. Afinal os bispos de posturas ultramontanas estabeleciam uma atitude permanente de vigilância para que ninguém se desviasse da reta doutrina. Em Minas Gerais, os bispos nomeados vinham, na sua maioria, de Mariana, refletindo a formação rígida pensada por Dom Antonio Vicente Ferreira Viçoso. Se, de um lado, o conservadorismo predominava, do outro, os vagalumes começavam vagar pelas entranhas da Igreja do Brasil. A contribuição de Dom Armando Lombardi, nomeado Núncio apostólico, foi de grande significado para a Igreja que redimencionava seus vetores. Além de apoiar as ações sociais da Igreja do Brasil “*Dom Armando influenciou na nomeação para bispos de um grande número de jovens progressistas que viriam a ser os líderes do setor ativo pós-64*”.²⁰⁹

É nesta conjuntura eclesial ambígua que encontramos um dos bispos mais jovens do Brasil. O mesmo foi sagrado bispo com 36 anos de idade, muito jovem para o momento. Acreditamos que a sagração de Dom José Alves Trindade se insere numa conjuntura dialética que apontava para momentos de fechamento e abertura. Os anos seguintes são uma prova das sementes que estavam sendo lançadas. O nascimento da CNBB com Dom Helder Câmara em 1952 e a nomeação de Dom Armando Lombardi como Núncio de 1954 a 64 representa um momento impar na Igreja do Brasil.²¹⁰

A nomeação de Dom José Alves Trindade neste período reflete os ares que a Igreja iria respirar no período posterior com toda a preparação que viria acontecer para o Concílio Vaticano II. Em Dom José encontramos esta ambigüidade: de um lado um bispo jovem, de outro lado, se mantinha em posições conservadoras.

O mineiro de São João Del-Rei refletia o espírito piedoso do homem das Minas que trazia consigo a idéia dos grandes pregadores da fé cristã das Minas Gerais. É importante destacar que “*nenhuma história da igreja pode desprezar o estudo da realidade cultural em que o povo brasileiro vive, pois foi exatamente este descuido em estudar a cultura que ocasionou no*

²⁰⁸ BENEDETTI, L. R. *Igreja, Dificil Busca de Identidade*. p. 05.

²⁰⁹ Idem; p. 06.

²¹⁰ Dom Armando Lombardi, Núncio apostólico no Brasil, no período de 1954 a 1964.

passado as maiores distorções das quais as histórias acerca da religião eram vítimas".²¹¹ Assim sendo, faz-se necessário entender o episcopado de Dom José Alves Trindade a partir de sua formação em Mariana²¹² e depois sua partida para o Colégio Pio Brasileiro em Roma.²¹³

Em 1956, encontramos artigo no Jornal Gazeta do norte fazendo a seguinte distinção:

Dom José Alves Trindade, o novo bispo de Montes Claros, nasceu em Lagoa Dourada, em Minas, a 07 de outubro de 1912. Fez estudos em Mariana, onde concluiu também o curso filosófico. Em 1934, aluno fundador do Pontifício Colégio Pio Brasileiro, estudou todo curso teológico na Universidade gregoriana, em Roma; aí se ordenou sacerdote, a 27 de março de 1937, na Basílica de São João de Latrão e na mesma universidade se doutorou em teologia após brilhante defesa da tese em 10 de julho de 1940.

A primeira etapa da formação de Dom José Alves Trindade se deu em um ambiente de raízes ultramontanas. O seminário de Mariana fora fundado por Dom Antônio Vicente Ferreira Viçoso em 1750 exatamente para consolidar as idéias do Concílio de Trento (1545-1563). Lembra-nos Boschi que

fosse como fosse, a história da educação em Minas Gerais colonial, especialmente quanto ao nível superior e à formação de quadros, parece ter um de seus pontos essenciais na fundação, em dezembro de 1750, do Seminário de Mariana, natural corolário da instituição do primeiro bispado instalado nas terras mineiras no período colonial.²¹⁴

O seminário representava o lugar de salvação para a decadente formação sacerdotal. Assim, como em São Paulo, Dom Antônio Joaquim de Melo pensava o seminário *"para a cura do mal da decadência geral do clero"*.²¹⁵ Também em Minas, Dom Viçoso via nesta casa a possibilidade de regeneração e formação sólida de um clero nacional. Visava-se uma formação religiosa, com um internato que fosse capaz de isolar o seminarista do mundo. Lembra-nos Wernet que o seminário naquele momento *"satisfaz certamente as expectativas*

²¹¹ HOORNAERT, E. *A Cristandade Durante a Primeira Época Colonial*. In. HOORNAERT, E.; AZZI, R.; GRIJP, Klaus Vander.; BROD, Brenno. *História da Igreja no Brasil*. Ensaio de Interpretação a partir do Povo. Primeira Época. 4ª edição, Vozes/Paulinas, Rio de Janeiro/São Paulo, 1992. p.264

²¹² O Seminário de Mariana foi fundado aos 20 de dezembro do ano de 1750, pelo primeiro Bispo, Dom Frei Manuel da Cruz. Posteriormente desmembrou-se em dois Institutos; Seminário Menor Nossa Senhora da Boa Morte e Seminário Maior São José. Teve seu período áureo a partir do episcopado de Dom Antonio Ferreira Viçoso que confiou a direção do mesmo aos confrades da Congregação da Missão. Estes se dedicaram ao referido trabalho durante cento e treze anos, ou seja, de 1853 a 1966.

²¹³ O Colégio Pio Brasileiro²¹³ foi inaugurado a 03 de Abril de 1934, por vontade do Papa Pio XI e do episcopado do Brasil, com um papel de destaque para o Cardeal Dom Sebastião Leme.

²¹⁴ BOSCHI, C. *A Universidade de Coimbra e a Formação Intelectual das Elites Mineiras*. p. 103.

²¹⁵ WERNET, A. *A Igreja Paulista no Século XIX*. p.111

*dos que acreditavam que somente através de um total isolamento do **mundo** seria possível a moralização do clero”.*²¹⁶

Observa ainda Wernet que o espírito dos dois grandes baluartes ultramontanos se encontravam na medida em que, os mesmos, desejavam uma formação rigorosa para os seminários. Recordando Nabuco, pontua Wernet que “*os seminários dirigidos pelos lazaristas seguiam o mesmo rigor*”.²¹⁷ Afinal, Dom Viçoso havia sido ex-diretor do Seminário do Caraça, casa por sua vez declaradamente de tendência ultramontana.²¹⁸ O regulamento se apresentava severo e tinha como pontos relevantes a considerar:

Como motivos de exclusão são mencionados: 1) escarnecer dos exercícios de piedade que se praticam no seminário; 2) lançar mãos violentas em outro ou dizer-lhes injúrias grosseiras com escândalo; 3) proferir discursos contra a fé ou bons costumes, ou ter em poder livros que contenham impiedades; 4) embriagar-se ou fazer excessos semelhantes; 5) introduzir no seminário bebidas e armas de defesa; 6) não querer sujeitar-se ao regulamento.²¹⁹

Estas normas eram seguidas no seminário episcopal de São Paulo e em Mariana no seminário de Dom Antônio Ferreira Viçoso.

As proibições apontavam para a rígida disciplina a que se submetia o clero. O homem necessitava ser disciplinado para que este estivesse à serviço do bem da Igreja. Como nos lembra Lustosa, é preciso educar para uma gestão autoritária do sagrado. Esta maneira refletirá “*nos esquemas de política da igreja católica em face das novidades que empolgam os diversos meios sociais nos primeiros anos deste século*”.²²⁰ Na verdade, o catolicismo se sentia profundamente marcado e ameaçado com as novas correntes de pensamento. Para manter a coesão, nada melhor que uma volta à grande disciplina. Faz-se necessário recordar que parece uma estratégia institucional a prática da Igreja se recolher e silenciar nos momentos de crise. Tática muito questionada na atualidade pelos meios acadêmicos e de informação. O silêncio constitui a melhor arma? Creio que a Igreja esqueceu as lições dos grandes padres da Igreja que estudavam seus adversários para combatê-los com suas próprias armas. Esconder não parece a melhor solução em um mundo dinâmico, em profundas transformações. Uma coisa era esconder um documento quando só este existia, outra coisa é se comportar no mundo da pluralidade de informações. Fato é que no momento de crise a

²¹⁶ Idem; p. 111.

²¹⁷ Idem; p. 111.

²¹⁸ PIMENTA, S. G. *Vida de Dom Antonio Ferreira Viçoso*. p.135.

²¹⁹ WERNET, A. *A Igreja Paulista no Séc XIX*. p. 111.

²²⁰ LUSTOSA, O. de F. *Fundamentalismo: Uma Gestão Autoritária do Sagrado*. p. 19.

instituição volta-se sempre para suas bases conservadores. “*O conservadorismo tradicional continuou dominante na área católica, e, aproveitando as posições firmes de Roma*”.²²¹

Nos seminaristas incutiam-se os ideais salvacionistas da Igreja, isto é, a Igreja era o lugar feliz, réplica do paraíso divino. Nas crônicas do *Jornal Verbum*, órgão cultural dos seminaristas da Diocese de Montes Claros, encontramos o espírito da época, elucidado pelos seminaristas, que viviam compenetrados pelo espírito da disciplina. Nas palavras de Pimenta encontramos: “*entrei aqui há pouco tempo e posso dizer-lhes que estou imensamente alegre. O seminário é uma segunda família. É lugar que nos leva ao caminho do bem e da virtude*”.²²² No depoimento de Correia, o mesmo pondera: “*o nosso seminário ficou mais alegre e cheio de entusiasmo no caminho do altar. Estes novatos deixaram seus pais e irmãos, mas aqui no seminário encontraram outros pais e irmãos não menos amáveis*”.²²³

Religião, piedade e disciplina convidavam para o abandono da vida mundana. O jovem que saía do mundo necessitava encontrar uma nova família sagrada que o acolhesse. A formação indicava para uma visão romântica do mundo distante do que acontecia naquele meado do século. A visão espiritual elevada impedia o jovem seminarista de vislumbrar as transformações em curso. Souto Filho expressa bem esta visão romântica dos seminaristas ao recordar São José, esposo de Nossa Senhora. Escreve o seminarista no *Jornal Verbum*: “*ao recordar São José lembramos sua **pureza** sem mancha, sua **fidelidade** indefectível e sua prontíssima **obediência**. Devemos imita-lo não só quanto ao trabalho, mas sim quanto à **obediência**, virtude e exemplo*”.²²⁴ Chama nossa atenção o tom dado às palavras “pureza”, “fidelidade” e “obediência”. A sonoridade das expressões reflete um clima onde o homem puro, fiel e obediente constituía o modelo a ser seguido na Igreja. Na verdade, o modelo de seminarista estava sendo constituído para responder a uma Igreja que já tinha naquele momento dificuldades com as ofertas que a modernidade lhes apresentavam.

²²¹ Idem; p. 20.

²²² PIMENTA, V. *O Nosso Seminário. Verbum*, Órgão dos Seminaristas da Diocese de Montes Claros, 1956.

²²³ CORREIA, E. T. *Saudação aos Novatos. Verbum*, Órgão dos Seminaristas da Diocese de Montes Claros, 1956.

²²⁴ SOUTO FILHO, J. *São José. Verbum*, Órgão dos Seminaristas da Diocese de Montes Claros, 1956.

2.3 – IGREJA MORAL E DISCIPLINA

O Catolicismo sertanejo possuía semelhanças com o projeto de Igreja pensado para o Brasil naquele momento histórico. Preocupação que assemelhava ao projeto de “*bem-estar social e manutenção da ordem familiar da moral cristã católica*”.²²⁵

Nas pregações de Dom José Alves Trindade encontramos a invocação de temas que refletem a mentalidade deste momento vivido pela Igreja no encontro com a modernidade. As reflexões e homilias de um eclesiástico refletem a formação recebida nos anos de estudos no Seminário. As idéias, os pensamentos lidos, os mestres e as orientações servirão para nortear a prática pastoral dos homens que dirigirão a Igreja do Brasil. Sendo assim, uma questão orientadora para os bispos é sempre a formação sacerdotal. Este tema constitui a menina dos olhos dos episcopos.

Com Dom José Alves Trindade não foi diferente, pois o mesmo experimentou momentos felizes e perturbadores com as experiências de formação na Diocese de Montes Claros. Assistiu o florescimento do Seminário Nossa Senhora Medianeira e também seu fechamento. Viveu depois do Concílio a experiência de possuir um clero minguido. A quase inexistência de vocações fez com que tivesse de enviar seminaristas para outras partes do país para completar seus estudos filosóficos e teológicos. Predominava uma formação para a Igreja universal, desconsiderando a realidade local em que a diocese estava inserida. Os seminaristas eram formados em Diamantina, Brasília, Belo Horizonte e Salvador. Na verdade, uma formação eclética e descontextualizada para o presbitério que deveria viver numa única região.

A questão da formação naquele momento talvez, não causasse tanto mal estar, pois afinal, os padres formados deveriam ser para a Igreja, seja onde a mesma estivesse. Para manter este modelo eclesiológico/centralizador, distante da realidade “*a instituição dependia dos seminários para a sua sobrevivência. Esta situação entravou a igreja numa exagerada preocupação com as vocações e os seminários*”.²²⁶

A preocupação acentuada com os seminários e vocações refletem, na verdade, uma postura clerical que pensa a instituição eclesiástica a partir do clero e sua organização. Sem o clero a Igreja não existe. Sem o clero não existe comunidade. A eclesiologia da disciplina pensa a Igreja na dimensão da hierarquia. O clero se apresenta como alavanca indispensável para a manutenção da instituição.

²²⁵ SOUZA, N. de. *Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da igreja católica em São Paulo*. p. 459.

²²⁶ SERBIN, K. *Os Seminários: Crise, experiências e síntese*. p. 93.

Na saudação de Dom José Alves Trindade aos seus diocesanos encontramos a seguinte preocupação: “*evidente o maior problema que temos em qualquer parte do Brasil, ou mesmo do mundo é a missão evangélica de pregar a boa nova*”.²²⁷ A pregação da boa nova naquele momento ainda não tinha em vistas o protagonismo dos leigos, isto é, só pensado depois do Concílio Vaticano II. Acreditava Dom José que a tarefa era reservada ao clero que tinha a tarefa de levar a salvação ao “povo de Deus”.

A própria expressão “povo de Deus” é muito significativa, pois a mesma só toma um sentido mais exigente a partir das reflexões eclesiológicas do Concílio Vaticano II. Lembra-nos Comblin que a adoção do conceito de povo de Deus esteve no centro do processo do concílio que estava para acontecer nos anos 60 e

a adoção do conceito de povo de Deus desde a discussão da *Lumen Gentium* repercutiu em todos os documentos conciliares. Nos Concílios anteriores os leigos eram vistos como objeto da hierarquia. A sua iniciativa nunca aparecia.²²⁸

Para que a salvação chegasse ao povo de Deus, ou seja, aos fiéis tornava-se urgente a criação de seminários para educar e treinar braços para a propagação da fé. O mundo era um lugar a ser conquistado para Cristo. Os que não o seguiam eram vistos como infiéis, ou seja, perdidos e condenados a irem para o inferno. O seminarista era então o bravo e valente guerreiro que seria preparado para conquistar o mundo para Deus. O mundo dos infiéis devia desaparecer para que a “*orbi*” cristã tomasse seu lugar.

Lembra-nos Dom José Alves Trindade que

dois braços apenas nada ou quase nada podem fazer. Daí necessitarmos urgentemente de enfrentar ou continuar a enfrentar o problema da criação do nosso seminário, dando-lhe de acordo com as normas e determinações da Santa Sé uma orientação que forme sacerdotes para as necessidades da nossa época, atualizando assim esta máquina cuja sublime finalidade é a formação de sacerdotes, ministros de Deus, extensão e multiplicação dos braços do bispo, numa diocese.²²⁹

A idéia de formar sacerdotes para “nossa época”²³⁰ soa como uma profunda incoerência para o momento. De um lado, percebemos no bispo, a preocupação com uma formação atualizada, e, por outro lado, fica registrada a preocupação com uma formação que estivesse “*de acordo com as normas e determinações da Santa Sé*”.²³¹

²²⁷ TRINDADE, Dom José Alves. *Saudação a seus diocesanos*. O Diário. 1956.

²²⁸ COMBLIN, J. Vaticano II Ontem e Hoje. P. 05

²²⁹ TRINDADE, Dom José Alves. *Saudação a seus diocesanos*. O Diário. 1956

²³⁰ Idem. 1956

²³¹ Idem. 1956

A formação seguia os pressupostos neotomistas. O neotomismo permaneceu até o Concílio Vaticano II como uma das mais visíveis atitudes que compartilhava alguns segmentos da Igreja. Para os mesmos, a filosofia moderna a partir de Descartes (1596 – 1650), constituiu a ponta de lança responsável pela crise do mundo moderno. O neotomismo critica o racionalismo cartesiano por sua pretensão de domínio do pensamento humano, isto é, por tentar transformar o homem em uma “coisa pensante”.

O neotomismo toma força com os apelos da Cúria romana para que os cristãos católicos resistam às investidas da modernidade. A modernidade se apresentava como laica e sem Deus, questionando os princípios sagrados da religião. A encíclica *Aeterni Patris* de Leão XIII em 1879 reforçou a idéia de que o tomismo se apresentava como valor permanente a ser preservado pela Igreja.²³² Tal postura invadiu décadas e predomina na esfera eclesial até nossos dias, pois em 1979 João Paulo II “*por ocasião do centenário da encíclica Aeterni Patris reafirma a preferência da Igreja católica pelo tomismo*”.²³³ Na perspectiva de Van Acker, o neotomismo foi um balde de água jogado nas pretensões políticas de alguns segmentos da Igreja. Afinal, alguns viam na monarquia a solução para os problemas do Brasil. Assim, o neotomismo indisponha politicamente os setores monarquistas com os que alimentavam idéias republicanas. Defender o tomismo era também defender a Igreja e o modelo político pensado pela mesma. Lembra-nos Maritain que a Igreja e o Estado cooperam para o bem da comunidade humana, mas que “apenas Deus constitui a fonte da soberania”.²³⁴ É importante destacar que Jacques Maritain (1882 – 1973) é a figura de maior destaque do pensamento neotomista. Assim, entendemos que, o mesmo continua sustentando o primado da teologia sobre as questões que envolvem interesses do Estado. Entende ainda Maritain que a religião deve oferecer uma reflexão que humanize o mundo, diferente da ciência moderna que por “seu caráter matemático edifica um mundo distante da experiência ordinária que possuímos”.²³⁵

Van Acker entende que o neotomismo não pode ser entendido como um simples instrumento de manipulação da Igreja, mas como um conjunto de idéias capaz de dialogar com o mundo moderno. Van Acker

²³² C.f COPLESTON, F. *História de La Filosofía*. Traducción: José Manuel Garcia de la Mora, Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1989. p.245. “Sería una inexactitud decir que el resurgimiento Del tomismo en el siglo XIX se originó con la publicación, en 1879, de la encíclica *Aeterni Patris* del papa León XIII”.

²³³ REALE, G. *História da Filosofia*. Do Romantismo até nossos dias. p. 769.

²³⁴ Idem, p. 775.

²³⁵ C.f COPLESTON, F. *História de La Filosofía*. Traducción: José Manuel Garcia de la Mora, Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1989.p. 251. “*El carácter matemático de la física moderna ha dado por resultado la construcción de un mundo que dista tanto del mundo de la experiencia ordinaria que llega a hacérsenos prácticamente inimaginable*”.

reconheceu que o tomismo muitas vezes foi usado para defender interesses sociais não compatíveis com a busca da verdade. Nesses casos o resultado não contribuiu em nada para o desenvolvimento da filosofia, nem do tomismo, nem da Igreja. Não se deve, contudo, reduzir o tomismo a manobras ideológicas a serviço da Igreja católica.²³⁶

No nosso entendimento, o neotomismo não consegue se libertar do instrumental teórico proposto pela Igreja Católica que, via no mesmo, a ferramenta para manter seus ideais no limiar da modernidade. Não entendemos ser o neotomismo um caminho de diálogo, mas de manutenção das posições oficiais da Cúria romana. Não poderíamos deixar de indicar uma breve leitura da encíclica “*Fides et Ratio*” de João Paulo II sobre as orientações entre fé e razão. Recordando Paulo VI, indica o papa que,

sem dúvida, Santo Tomás possui, no máximo grau, a coragem da verdade, a liberdade de espírito quando enfrentava os novos problemas com honestidade intelectual de quem não admite a contaminação do cristianismo pela filosofia profana, mas tão pouco defende a rejeição apriorística desta.²³⁷

O neotomismo tenta enfraquecer o processo de emancipação do homem preiteado pela modernidade. Se a modernidade deseja lhe oferecer a autonomia, o neotomismo tenta lhe convencer que o mesmo não pode viver e conhecer sem a dependência de Deus. Recordamos mais uma vez a encíclica *Fides et Ratio* que “*entre as grandes intuições de Santo Tomás, conta-se a de atribuir ao Espírito Santo o papel de fazer amadurecer, como sapiência, a ciência humana*”.²³⁸ Parece ficar evidente que o homem não tem condições de sozinho caminhar no planeta, que o mesmo sempre necessitará da Igreja mãe e mestra para guiá-lo em seus caminhos.

Formar para a disciplina torna-se caminho obrigatório para uma Igreja que na teoria desejava se abrir para o mundo, mas que, na realidade, não queria perder o seu poder hegemônico conquistado nestes vários séculos de expansão do cristianismo. A disciplina visava uma formação compacta, isto é, uma formação homogeneizadora. Uma montagem de instrução para garantir uma eclesiologia de dominação clerical. Pontua Comblin que “*o clero não aceita ser julgado pelo seu poder. Não aceita ser objeto de análise sociológica como se fosse uma entidade acima da humanidade, um pedaço do céu na terra*”.²³⁹

Esta visão clerical centrada no poder torna o episcopado refém dos presbíteros, pois a Igreja não consegue se visualizar do lado de fora dessa engrenagem de poder

²³⁶ CARVALHO, J. M. de. *Curso de Introdução à Filosofia Brasileira*. p. 236. Leonardo Van Acker nasceu na Bélgica, no ano de 1896, e morreu em São Paulo em 1986.

²³⁷ PAULO II, João. *Carta Encíclica Fides et Ratio*, p. 61.

²³⁸ Idem, p. 62.

²³⁹ COMBLIN, J. *Os Interrogantes da Vida Religiosa no Século XXI*, p. 82.

centralizado. Se, por sua vez, a Igreja tenta manter tal modelo, a sociedade a repudia com suas experiências de democracia. Afinal, “*durante séculos o clero foi a classe dominante, a classe privilegiada, que se atribuiu o poder supremo em nome de Deus que pretende representar. No passado o poder do clero era reconhecido, temido, mas respeitado*”.²⁴⁰ Analisando esta perspectiva dominadora, é importante destacar que tanto Comblin como Libânio são unânimes em reconhecer que torna-se impossível manter um modelo centrado de autoridade em um mundo em permanente mudança pois “*a dimensão crítica da razão constitui elemento fundamental da revolução cultural moderna irreversível*”.²⁴¹ Reflete Comblin que

hoje em dia não se aceita mais uma reivindicação de superioridade ou mordomia em nome do clero, em nome de uma classe superior. De fato o clero perdeu muitas das suas antigas mordomias, no entanto, na América Latina ainda as conserva no meio do povo simples e mesmo nas classes superiores na medida que o sagrado ainda impressiona as mentes.²⁴²

A Igreja da disciplina vive um intenso conflito entre tradição e modernidade. A mentalidade pré-conciliar ainda traz as nódoas do Vaticano I (1870). O Vaticano I mostrou-se profundamente conservador, pois foi um “*concílio todo centrado na figura do papa, feito infalível e dotado de poderes absolutos que no fundo, só valeriam para Deus*.”²⁴³ Toda conjuntura pré-conciliar manifesta-se espantada com a possibilidade de mudança, pois até os anos 60 a disciplina girava em torno de “*um modelo de igreja piramidal, em cujo o topo, solitário e absoluto, se encontra o papa, depois os bispos, os religiosos e lá em baixo os leigos*”.²⁴⁴

A figura do papa será sempre exaltada, pois o mesmo é “*aquele que Jesus constituiu o chefe visível da igreja na terra*”, quando lhe disse (em Mt 16,18): “*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja*” e a quem confiou a guarda universal do rebanho, na aparição, à beira do Lago de Tiberíades, depois da ressurreição: com a ordem, “*apascenta as minhas ovelhas ... apascenta os meus cordeiros*”. (Jô 21, 15-16)¹⁴

A formação devia manter os princípios básicos da obediência petrina exaltada por Dom José Alves Trindade em seus sermões dominicais. Lembra-nos Dom José que “*aqui na terra, os bispos, que são os sucessores (de Pedro) procuram desdobrar o seu zelo e sua fidelidade em continuar a atuação dos apóstolos*”.²⁴⁵ Ao fazer alusão a Pedro lembra a

²⁴⁰ Idem, p. 82.

²⁴¹ LIBÂNIO, J. B. *A Volta à Grande Disciplina*. pp.131 –147. COMBLIN, J. Os Interrogantes da Vida Religiosa no Século XXI, p. 82.

²⁴² BOFF, L. *O Papa da Grande Disciplina*. Artigo/Idéias, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 03/04/2005.

²⁴³ Idem

²⁴⁴ TRINDADE, Dom José Alves. *Na Festa de São Pedro*. Cadernos de Homilias II, Manuscritos, 29/06/93.

²⁴⁵ TRINDADE, Dom José Alves. *Igreja Apostólica*. Cadernos de Homilias II, Manuscritos, 29/06/93.

obediência que devemos ao papa e faz questão ainda de salientar que “*há uma curiosidade. Qual? Os doze nomes dos apóstolos estão distribuídos em três grupos de quatro. O nome que encabeça não varia: é Pedro*”.²⁴⁶ Entende Dom José em diversos sermões que Pedro “*simboliza a firmeza e a unidade da igreja que fornece aos fiéis uma profunda sensação de segurança, em face das investidas do erro e da violência*”.²⁴⁷ A presença de Pedro na vida da Igreja garantirá a firmeza da fé, pois Jesus “*vai conferir a Pedro o pastoreio de todo o rebanho da igreja: apascenta os meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas*”.²⁴⁸

Nesta conjuntura, o catolicismo ultramontano não deixa o povo entregue à sua própria sorte. O mesmo procura estabelecer uma rede de controle que seja capaz de satisfazer as necessidades espirituais do homem simples. Lembra-nos Zagheni que “*o povo cristão vive normalmente uma fé simples, capaz de iluminar as realidades concretas e de dar força para enfrentar os problemas do dia-a-dia*”.²⁴⁹ Os mesmos são organizados numa esfera devocional que não lhes permitem fugir ao controle institucional, pois “*a canalização da piedade dos fiéis para algumas devoções tende, positivamente, a evitar proliferação descontroladas da piedade popular*”.²⁵⁰

Parece interessante pontuar que mesmo as devoções populares deviam responder às necessidades do ambiente institucional que essas estavam inseridas. Daí a grande preocupação com devoções ao Coração de Jesus e à Nossa Senhora. Esse devocionismo ancora e cristaliza uma eclesiologia que entende que os fiéis necessitam ser guiados e controlados pela religião. Faz-se necessário que as devoções ao Coração de Jesus e à Nossa Senhora sejam espalhadas pelo mundo para que o mundo seja curado dos males do século. Tornava-se necessário combater o secularismo, o racionalismo e a degeneração dos valores morais que a modernidade vinha trazendo.

A devoção ao Coração de Jesus se difunde depois das aparições a Margarida de Alacoque em 1600 e permanece na atualidade nas paróquias das diversas dioceses e arquidioceses do mundo cristão. Segundo a devoção, o coração de Jesus salvaria o mundo das infinitas ofensas dispensadas diariamente pelos pecadores. Assim sendo, fazia necessário que o Sagrado Coração de Jesus triunfasse no mundo profano e promíscuo.

²⁴⁶ TRINDADE, Dom José Alves. *Igreja Apostólica*. Cadernos de Homilias II, Manuscritos, 29/06/93.

²⁴⁷ TRINDADE, Dom José Alves. *Na Festa de São Pedro*. Cadernos de Homilias II, Manuscritos, 29/06/93. Lembra também em seu sermão *Lumen Gentium* nº 22: “Assim como por disposição do Senhor São Pedro e os outros Apóstolos constituem um Colégio Apostólico, paralelamente o Romano Pontífice, sucessor de Pedro, e os Bispos, sucessores dos Apóstolos, estão unidos entre si.”

²⁴⁸ TRINDADE, Dom José Alves. *A Igreja Sobre a Rocha*. Cadernos de Homilias II, Manuscritos, 29/06/93.

²⁴⁹ ZAGHENI, G. *Curso de História da Igreja*. p. 62.

²⁵⁰ Idem, p. 63.

A Igreja se sentia acuada e perseguida diante do indiferentismo que estava se colocando e intensifica o estímulo as devoções, para que as mesmas, ajudem na conversão do mundo. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus traz em seu seio a idéia de defesa da instituição, do clero e da moral que estavam sendo corroídos pelo secularismo. A idéia de que o Coração de Jesus devia reinar decretava o triunfo do seu coração sobre os males do mundo. Na verdade,

a Igreja queria penetrar em profundidade nos símbolos, na tradição e no sentimento do povo. Pio XI, em 1929 elevava a festa do Sagrado Coração ao nível de primeira classe: as encíclicas “*Miserentissimus Redemptor*” (08 de maio de 1928) e “*Charitate Christi compulsi*” (03 de maio de 1932) repropunham a espiritualidade da devoção ao Sagrado Coração com nova intensidade, privilegiando seus aspectos reparadores.²⁵¹

As devoções marianas, por sua vez, são encontradas nas igrejas do mundo inteiro. Estas são numerosas, como também são as devoções e títulos atribuídos à Nossa Senhora. Ela “*é virgem, é mãe, é esposa, é viúva, é rainha, é a sabedoria e o tabernáculo de Deus*”.²⁵² As devoções marianas povoam o imaginário do povo. As inúmeras paróquias e comunidades têm como título invocações marianas. São raras as comunidades dedicadas ao Espírito Santo ou à Santíssima Trindade. Pontua Zagheni que “*a fé cristã madura, ligada ao dogma trinitário – embora professada conceitualmente por todos, através das formas simples de oração e dos ritos (por exemplo, do sinal da cruz, da oração do Glória) – ainda permanece distante da vida espiritual do povo*”.²⁵³ Os incentivos teológicos foram muitos desde o início da história da Igreja para que as piedades marianas obtivessem lugar de destaque no culto cristão. O catolicismo popular identifica-se significativamente com o personagem feminino de Nossa Senhora. Afinal, Nossa Senhora tem o rosto feminino e materno em uma instituição que secularmente primou pelo patriarcalismo. Lembra-nos Boff que

houve uma exploração mariológica no sentido que interessava ao poder machista: apresentar Maria apenas como aquela mulher que diz sim, que se resigna a fazer a vontade de Deus, que esconde nos afazeres caseiros, na modéstia e anonimato.²⁵⁴

As devoções populares, neste contexto, carregam o espírito da timidez que interessava aos desejos institucionais. A reza do terço servia como elemento aglutinador e socializador mas pouco politizador dos homens e mulheres cristãs. Em uma instituição que

²⁵¹ Idem, p.70.

²⁵² BOFF, L. *O Rosto Materno de Deus*. p. 15.

²⁵³ Idem, p. 62.

²⁵⁴ Idem, p. 45.

privilegia o poder esquecemos a outra dimensão indicada por Paulo VI na encíclica “*Marialis Cultus*” que faz questão de dizer que

longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo.²⁵⁵

Os séculos XIX e XX serão marcados por aparições significativas de Nossa Senhora. Destacamos a de 1830, à Santa Catarina Labouré; em 1846, em La Salette; em 1858, em Lourdes. Mencionamos também Fátima, Portugal. Contabilizamos 179 entre 1928 e 1958. Parece significativo que muitas aparições tenham um conteúdo ideológico, isto é, Nossa Senhora aparece incentivando a oração do terço para a contenção do comunismo.

Neste universo mariano, não podemos deixar de destacar, o Movimento Sacerdotal Mariano fundado pelo padre Gobbi em 1972. O Movimento Sacerdotal Mariano lembra que

hoje, a Igreja vive em um mundo que construiu uma nova civilização secular. O espírito do mundo ou o secularismo, penetrando no seu interior, foi a causa do grande sofrimento e da crise em que ele vive. É a famosa “fumaça de satanás”, da qual falou o Papa Paulo VI, de venerável memória.²⁵⁶

O medo do mundo em transformação toma conta das mensagens de Nossa Senhora. A devoção Mariana passa ser lugar fecundo de um debate ideológico com fins a manter o *Status quae* definido pela doutrina oficial. O conteúdo político das mensagens sustenta uma reflexão eclesial onde o povo não participa das mesmas. Afinal, os leigos não davam conta das discussões teóricas e dos embates centrados no interior da instituição. Se, de um lado, Nossa Senhora dizia que “*muitos são os meus filhos Sacerdotes, que atraíçaram o Evangelho para se tornarem coniventes com o erro diabólico do marxismo... Por culpa deles, sobretudo, é que virá brevemente, o castigo do comunismo, que despojará a todos dos seus bens*”.²⁵⁷ Do outro lado, o povo continua em sua peregrinação recitando as orações mais simples do seu universo devocional. Os mesmos continuam cantando suas canções e benditos aprendidos em sua espiritualidade cotidiana. Se a instituição oficial prioriza a disciplina, a religiosidade do povo prioriza a espontaneidade e a simplicidade.

Nas mensagens recebidas pelo padre Gobbi a instituição sofre com as investidas do mundo. O mundo torna-se um grande problema para o Papa, pois

os sofrimentos e revoltas do mundo abrem no coração do Papa uma ferida profunda... O papa sofre pela traição e abandono de muitos. Até os seus próximos colaboradores

²⁵⁵ BOFF, L. *O Rosto Materno de Deus*. p. 46.

²⁵⁶ GOBBI, S. *Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora*. p. 25.

²⁵⁷ Mensagem de Nossa Senhora no dia 28 de julho de 1973. GOBBI, Stefano. op. cit., p. 09.

desobedecem-lhe e hostilizam-no com freqüência. Muitos sacerdotes por ele tão amados opõem-se lhe. Muitos filhos meus, vítimas de satanás.²⁵⁸

A tentativa de enquadramento do catolicismo popular visa, sobretudo, impedir que o mesmo crie alternativas de resistência para o povo. No entendimento de Azzi, este modelo de vigilância vislumbra o catolicismo oficial controlando os sentimentos religiosos do povo, pois “*cabia exclusivamente ao clero a administração do patrimônio da fé católica*”.²⁵⁹ O povo era visto como ignorante e inculto, incapaz de compreender os mistérios mais profundos da fé. Lembra-nos Azzi que “*as procissões tipicamente populares são consideradas manifestações exteriores, sem vínculo religioso algum*”.²⁶⁰

A hierarquia olhava com restrições para as manifestações do povo que as viam sob suspeita por não estarem sob o controle da Igreja oficial. Lembra Azzi a grande campanha para a supressão de algumas expressões populares de espiritualidade. Destacamos aqui resultado da conferência do arcebispo de Diamantina Dom Joaquim Silvério de Souza e seus bispos sulfragânicos, realizada em maio de 1927 na cidade de Montes Claros que assim estabelece: “*continuem os sacerdotes no trabalho de supressão do maldito passatempo de folias, a pretexto muitas vezes de honrar os santos, aos quais injuriam os falsos devotos com os muitos escândalos dados nessas ocasiões*”.²⁶¹

A preocupação excessiva com a disciplina reflete um modelo centralizador que começará a ruir com o espírito renovador do Concílio Vaticano II. Na verdade, toda preocupação com a autoridade visava a preservação de uma ordem institucionalizada cravada no seio da Igreja ao longo de sua trajetória. Na perspectiva de Barros, visava criar “*uma cultura de auto-preservação, quando não de carreirismo eclesiástico do que um caminho espiritual de fé e serviço pastoral*”.²⁶² O cenário descrito revela, sem dúvida, um momento de transição e esgotamento. Estava instalado um clima favorável para as idéias conciliares que iriam orientar a vida da Igreja a partir dos anos 60.

²⁵⁸ GOBBI, S. op. cit., p. 23.

²⁵⁹ AZZI, R. *A neocristandade*. p. 93.

²⁶⁰ Idem, p. 95.

²⁶¹ Idem, p. 93. C.f também resultado das Conferencias dos Exmos. Srs. Arcebispos de Diamantina e Bispos Sulfragânicos reunidos na cidade episcopal de Montes Claros, Diamantina, Tip. A Estrela Polar, p. 104.

²⁶² BARROS, M. *Presbíteros de Hoje no Mundo de Amanha: Notas Sobre Identidade e espiritualidade dos Presbíteros*. p.23.

III – O IMPACTO DO CONCÍLIO VATICANO II E A IGREJA DO SERTÃO (1962-1968)

O Concílio Vaticano II representou para a Igreja um momento de retomada de caminho. Não temos, com certeza, uma visão unânime do concílio, pois “*alguns acham que o Concílio Vaticano II foi um acontecimento acidental e pouco feliz: não lhe reconhecem nenhum efeito positivo e atribuem-lhe muitos efeitos negativos*”.²⁶³

Diferente dos opositores Kloppenburg, Comblin e Beozzo juntam suas vozes para afirmar a positividade deste grande acontecimento da Igreja Universal. Da voz Profética de Comblin temos o indicativo: “*O Concílio Vaticano II foi o maior acontecimento do século para a Igreja Católica: tudo o que se fez na Igreja, pelo menos depois de 1918, recebeu o seu significado histórico no Vaticano II*”.²⁶⁴ Sem sombra de dúvida, a Igreja não mais seria a mesma. O Vaticano II trouxe toda uma atmosfera de renovação. O Concílio não representava uma reunião qualquer, mas um momento dos bispos do mundo inteiro se reunirem para discutir os grandes temas relevantes para a Igreja. Temas que serviriam para o momento histórico e para toda a trajetória que viria posteriormente, seriam tratados naquele momento histórico em que a Igreja preparava a grande reunião.

O Concílio Vaticano II tem um diferencial por não querer ser um concílio doutrinário. “*O Concílio Vaticano II quis ser um concílio pastoral. João XXIII seu idealizador o pensou desde o início com uma finalidade Pastoral*”.²⁶⁵ A finalidade pastoral suaviza aquele grande momento eclesial, pois fugia ao rigorismo doutrinal que permanecia desde o Concílio de Trento. O concílio não tinha a pretensão de ser um momento de afirmação de doutrinas. Uma nova postura mais generosa ia se firmando. Em mensagem à Humanidade no dia 20/10/62 lembrava João XXIII: “*Procuraremos apresentar aos homens de nosso tempo, íntegra e pura, a verdade de Deus de tal maneira que eles a possam compreender e a ela espontaneamente assentir*”.²⁶⁶

A atitude impositiva parecia dar lugar a uma postura dialogal. O Vaticano II evoca um novo tempo para a Igreja. Kloppenburg lembra que “*sentir com a Igreja, no momento atual, significa sentir e sintonizar com o Vaticano II*”.²⁶⁷ Sintonizar com o Concílio Vaticano II é colocar-se numa nova postura mais compatível com o mundo moderno. Se o passado fora

²⁶³ COMBLIN, J. *Vaticano II: Ontem e Hoje*. **Vida Pastoral**, n.º 125, ano XXVI, Nov/Dez, 1985, p.02.

²⁶⁴ Idem. P.02

²⁶⁵ KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições e Decretos e Declarações, p.08.

²⁶⁶ Idem. p. 09.

²⁶⁷ Idem, p. 08.

marcado pelo espírito da imposição, o presente vislumbra uma perspectiva mais aberta para uma Igreja de comunhão. Lembra Häring que uma das marcas do Concílio Vaticano II foi a idéia de colegialidade. O novo clima de participação sugeria que se deveria ouvir mais, dentro de uma conjuntura onde “*o tema da colegialidade era para mim muito importante, já no período Preparatório*”.²⁶⁸

O ideal de tolerância que marca o concílio já podia ser encontrado na primeira sessão do mesmo quando João XXIII lembrava que “*preferimos mais o remédio da misericórdia do que a severidade*”.²⁶⁹ A atitude de João XXIII é reafirmada por Paulo VI no discurso de abertura da segunda sessão no dia 29/09/1963, quando faz questão de reafirmar a finalidade pastoral do concílio lembrando que “*a palavra deve ser geradora de vida e ação*”.²⁷⁰

Estava instaurada uma nova época, isto é, um novo tempo de abertura entendido por Beozzo “*como uma dádiva e uma benção de Deus para a sua Igreja*”.²⁷¹ Os debates que viriam a ser travados durante as sessões seguintes não ficariam ausentes de tensões entre os grupos que davam direção para o concílio.

Häring em seu texto *Minha participação no Concílio Vaticano II* lembra que o concílio não teria sido pensável sem a contribuição de inúmeros teólogos e cardeais de expressiva formação e abertura para as grandes questões emergentes na Igreja pré-conciliar. Lembra Häring que “*sem o trabalho sacrificado e o sofrimento de inúmeros teólogos*”²⁷² o concílio não seria possível. Enumera John Henry Newman, Karl Rahner, Henri de Lubac, Yves Congar, E. Schillebeeckx, A. Bea, J. Ratzinger, M. D. Chenu, G. Philips.²⁷³ Ficou como marca do concílio o espírito de colaboração entre Papa, bispos e teólogos.

O Concílio Vaticano II propunha de fato um “*aggiornamento*” da Igreja. Monsenhor Guerry apresenta quatro condições para uma apresentação pastoral do Concílio. Em primeiro lugar, que a doutrina seja revificada, isto é, entendia naquele momento que o corpo doutrinário já não respondia os apelos da modernidade. Em segundo lugar, que a doutrina fosse apresentada de modo acessível, assimilável em linguagem clara e simples. Entendia Guerry que era “*preciso exprimir a mensagem de Cristo através dos conceitos e*

²⁶⁸ HÄRING, B. *Minha Participação no Concílio Vaticano II*. **REB**, Vol LV, p. 383.

²⁶⁹ Idem. p. 08.

²⁷⁰ Idem. p. 08.

²⁷¹ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja Após o Vaticano II*. p.33.

²⁷² HÄRING, B. op. cit. p. 380.

²⁷³ Idem. p. 380.

*linguagens dos diversos povos e adaptar o Evangelho na medida do possível à capacidade de todos e às exigências dos sábios”.*²⁷⁴

A Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*” expressara o sentimento de uma Igreja que necessita compreender, escutar e falar ao mundo de hoje. É importante salientar que a idéia da “*Gaudium et Spes*” surge no final da I sessão em 1962 no discurso do cardeal Suenens no dia 04/12/1962. O primeiro esquema tinha como título *A presença da Igreja no mundo moderno*.²⁷⁵ Este tema constituiu em um dos mais polêmicos. Como é sabido, havia setores eclesiais que resistiam aos questionamentos colocados pela Igreja naquele momento de mudança da história eclesiástica. A elaboração do documento final da “*Gaudium et Spes*” levou pelo menos quatro anos desde a idéia em 1962 até sua votação e promulgação no dia 06 de dezembro de 1965. Lembra Paulo VI que

o encontro da Igreja com o mundo atual foi descrito em páginas admiráveis na última Constituição do Concílio. Toda pessoa inteligente, toda alma honrada deve conhecer essas páginas. Elas levam, sim, de novo a Igreja ao meio da vida contemporânea, mas não para dominar a sociedade, nem para dificultar o autônomo e honesto desenvolvimento de sua atividade, mas para iluminá-la, sustentá-la e consolá-la.²⁷⁶

O concílio tentou expressar na “*Gaudium et Spes*” a vontade de dialogar com todos os homens. Lembra o documento conciliar que “*o Concílio Vaticano II não mais hesita em dirigir a palavra somente aos filhos da Igreja e a todos os que invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens*”.²⁷⁷ O concílio refletia o clima de mudança que se colocava em andamento na sociedade. Havia uma percepção que o mundo não era mais o mesmo. Registra o concílio que

a inteligência humana dilata de certa maneira o seu domínio também sobre o tempo. Sobre o passado, pelo conhecimento histórico. Sobre o futuro, pela prospectiva e planificação. O progresso das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só contribuem para que o homem se conheça melhor, mas fornece-lhe também os meios de influenciar diretamente na vida da sociedade.²⁷⁸

A Igreja tomava consciência de que a história acelerava-se rapidamente. Reconhecia as dificuldades de seguir as demandas colocadas pela modernidade. Teria a Igreja

²⁷⁴ KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições e Decretos e Declarações, p.11.

²⁷⁵ “*De Praesentia Ecclesiae in mundo hodierno*” O primeiro esquema de 1962 foi modificado em Lovaina pelo cardeal Suenens que apresentou novo esquema em novembro 1963.

²⁷⁶ Paulo IV.C.f. KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições e Decretos e Declarações, p.142.

²⁷⁷ G.S., n.º 2.

²⁷⁸ G.S., n.º 5.

dormido no tempo? Sua presença na clausura durante a Idade Média a fez perder a noção do progresso?

A “*Gaudium et Spes*” sinaliza para a necessidade de repensar a sociedade que apontava para mudanças. *Percebe a Constituição Pastoral em questão que “as instituições, as leis, os modos de pensar e agir legados pelos antepassados não parecem sempre bem adaptados ao estado atual das coisas”*.²⁷⁹ A consciência da mudança se colocava nos padres conciliares. Havia uma inquietude que pairava na sociedade e no interior da Igreja. As preocupações “*ad intra*” haviam obscurecido o horizonte da Igreja. No momento histórico o Concílio Vaticano II não representava apenas uma vontade de reunir, mas de responder as mudanças que atingiam “*amplamente as letras, as artes, a interpretação das ciências humanas e da história e as próprias leis civis, de tal modo que em consequência muitos se perturbem*”.²⁸⁰

A modernidade representava uma ameaça para a velha instituição que secularmente definia os destinos das artes, literatura, filosofia e da própria ciência. Ao fazer a experiência da perda a Igreja demonstra seu desconforto. Em nome dos valores cristãos a Igreja desperta de sua sonolência e tenta erguer a voz em uma conjuntura conturbada. O espírito autoritário parece exaurir por alguns instantes. O ar de prepotência parece perder força para quem deseja ouvir. Ainda na “*Gaudium et Spes*” podemos encontrar a confirmação da brandura reinando sobre a tirania. O documento conciliar indica que “*o concílio tem a intenção antes de tudo de distinguir sob esta luz – luz nova – aqueles valores que hoje são de máxima estimação, relacionando-os à sua fonte divina*”.²⁸¹

A abertura proposta pelo Vaticano II exprime um profundo espírito de tolerância. O Vaticano II teve a intenção de dialogar de forma positiva com o mundo emergente em questão. Lembra-nos Kloppenburg que “*neste Vaticano II não temos cânones ou a doutrina negativa ou o “quid sit de fide vitandum et damnandum”, mas temos os capítulos ou a doutrina positiva ou o “quid sit de fide tenendum”*”.²⁸²

O concílio faz o esforço para criar condições de diálogo com o mundo moderno. Por que dialogar com a modernidade? A modernidade “*define-se através da razão cada vez mais liberada da religião e através do humanismo, ou seja, na ênfase atribuída à ciência e à*

²⁷⁹ G.S., n.º 7.

²⁸⁰ G.S., n.º 7.

²⁸¹ G.S., n.º 11.

²⁸² KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições e Decretos e Declarações, p. 25. “*quid sit de fide vitandum et damnandum*” = “O que se deve evitar e condenar que prejudica a fé”. “*quid sit de fide tenendum*” = “O que se deve manter sobre a fé”.

política.”²⁸³ O clima que se instalou começa a favorecer uma atitude política e religiosa que questionava o autoritarismo da religião. Ao perceber os ares da modernidade muitos procuraram satanizá-la como obra que viria destruir os valores eternos da fé cristã. Muitos cristãos “*passaram a exaltar a tradição com os eternos valores do passado, entre os quais se destacam a obediência e submissão às autoridades constituídas, a ordem e a disciplina na organização social e eclesiástica*”.²⁸⁴

Na perspectiva de ZAJDSZNAJDER

o período moderno seria caracterizado pelo reconhecimento da importância decrescente ou nula do divino nos assuntos humanos; pela predominância da razão científica de natureza experimental, da indústria sobre a agricultura e da cidade sobre o campo; e pela afirmação de uma revolução política de natureza democrática.²⁸⁵

Entendemos que a atitude da Igreja naquele momento histórico apresentava ambigüidade, pois se de um lado parte dos fiéis pediam abertura, do outro lado, católicos tradicionalistas reivindicavam o fechamento. Matos recorda que

de um lado, estavam aqueles católicos que aceitam os avanços obtidos com a Revolução, sobretudo os ideais de liberdade e de democracia. Propõem uma *modernização* da igreja, a fim de colocá-la em sintonia com as aspirações da época.²⁸⁶

A atitude antagônica da Igreja representava, por sua vez, desconfiança diante dos clamores de mudanças. Desconfiança de quem estava do lado de quem sempre mandou. Neste clima de tensão

outra força do catolicismo da época é formada por aqueles que militam a favor da restauração, ou seja, da *conservação* do modelo de *cristandade*, tipo medieval. Seus adeptos constituem a grande maioria na Igreja de então. Tomam posições intransigentes frente às novidades e declaram seu ódio à Revolução com sua bandeira de liberdade e igualdade para todos. A democracia não pode ser obra de Deus.²⁸⁷

Diante da necessidade de abertura, Guerry enumera as duas últimas condições finais para a apresentação pastoral do concílio. Em terceiro lugar, que o concílio se estenda aos problemas reais que angustiam o homem de hoje. Lembra Kloppenburg que “*a doutrina estende-se aos problemas reais e que são a preocupação constante, não raro angustiante, dos*

²⁸³ ZAJDSZNAJDER, L. *Ética, Estratégia e Comunicação: na passagem da modernidade à pós-modernidade*. p. 25.

²⁸⁴ MATOS, H. C. J. *Caminhando pela história da igreja*. p. 13.

²⁸⁵ ZAJDSZNAJDER, L. *Op cit.* p. 27.

²⁸⁶ MATOS, H. C. J.. *Op cit.* p.16

²⁸⁷ *Ibid.* p. 17.

homens de hoje”.²⁸⁸ O concílio se colocava em um momento forte de redefinição dos valores para o mundo emergente. A experiência brutal de um modelo político no leste europeu abria caminhos para a angústia que viria posteriormente ser tema de discussão no mundo da filosofia. Lev Chestov (1866-1938) e Nikolaev Berdjajev (1874-1948) inicia o grande sonho de discutir a tragédia humana. As experiências da 1ª e 2ª Guerras alimentavam ainda mais o questionamento que tomaria corpo posteriormente na França com o nome de existencialismo.²⁸⁹

As mudanças tornavam-se necessárias e o clima estava instalado. Pontua Barros que um modelo novo estava colocado, pois o Concílio Vaticano II colocava seus alicerces com duas questões básicas: o primado da palavra de Deus e com a renovação eclesiológica.²⁹⁰ Na primeira questão o concílio coloca uma questão fundamental que é a necessidade do diálogo. O primado da palavra obscurece momentaneamente o primado da autoridade. No segundo aspecto, indica o concílio para a distinção entre a “Igreja de Cristo” e Igreja Católica. Lembra a constituição *Lumen Gentium* que a “Igreja de Cristo”, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste na Igreja Católica governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele, embora fora de sua visível estrutura se encontre vários elementos de santificação e verdade. (LG 08)

A Igreja de Cristo é a Igreja Católica, mas também não é a Igreja Católica. A controvérsia filosófica clássica colocada por Heráclito e Parmênides se coloca como necessidade para elucidação do que se aponta neste momento singular da história da Igreja. Lembrando Boff, Barros retoma o conceito de “*subsistit in*”, que quer dizer “concretiza-se”.²⁹¹

Na análise de Barros, a Igreja Católica não foi capaz de dar conta das diferenças que existem fora dela e também não foi capaz de atinar para a existência de outros continentes. O episcopado reunido no concílio não se deu conta que havia um universo que se estendia em outros continentes. A leitura restrita dos bispos impedia que os mesmos não se vissem como africanos, americanos ou asiáticos e continuassem a pensar a fé a partir do paradigma europeu.

²⁸⁸ KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições e Decretos e Declarações, p.11.

²⁸⁹ O existencialismo ou filosofia da existência é uma vasta corrente filosófica contemporânea que se afirma na Europa logo depois da Primeira Guerra Mundial. Este é um período considerado de crise.

C.F. REALE, G. ANTISERI, D. *História da Filosofia*. Vol. III, São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p.593-625.

²⁹⁰ BARROS, M. *Por uma Igreja Conciliar e Pluralista O Vaticano II, o Diálogo Inter-religioso e a vida consagrada*. Rev. Convergência, CRB, ano XLI, nº390, março,2006.p. 95.

²⁹¹ BOFF, L. *Quién subvierte el concílio?* Respuesta al cardinal Ratzinger a propósito de la Dominus Jesus, in Revista Latinoamericana de Teología, 52, enero – abril, 2001, p.37.

O Concílio Vaticano II tratou da relação Igreja Católica com o mundo moderno ocidental, sem se dar conta das peculiaridades de outros continentes. No terceiro mundo, os anos 60 foram marcados por movimentos de libertação na África, tentativas revolucionárias e golpes militares em diversos países da América latina. O Concílio não falou diretamente a este mundo, quem fez isso foi a Teologia da Libertação que procurou partir do mundo dos empobrecidos e pôr em prática o que João XXIII sonhava: uma Igreja serva e pobre.²⁹²

Freitas indica que o mais difícil no Vaticano foi exatamente “*alcançar a difícil meta de articular os dois pólos, o da Grande Tradição e o do aggiornamento*”.²⁹³ Desta mesma perspectiva comunga Maccise quando traz à memória que

infelizmente, no período pós conciliar, o discurso teórico está sendo frequentemente desmentido por uma práxis eclesial, caracterizada por um crescente centralismo, autoritarismo, dogmatismo e jurisdicção, geradores de exclusão, ao estilo do modelo anterior de Igreja – sociedade perfeita.²⁹⁴

O concílio permitiu que a Igreja do rigor abrisse suas portas para a Festa. Com o Concílio Vaticano II a Igreja entrou renovadamente na festa. Nas palavras de João XXIII abria-se uma “*flor de uma inesperada primavera*”. Lenz faz questão de registrar as transformações ocorridas. Entre várias, sublinha o fato dos padres conciliares rejeitarem grande parte dos esquemas preparados anteriormente pela Cúria Romana.

O que se viu foram os 2.500 membros do Concílio tomarem a decisão corajosa de abandonar os 72 esquemas previamente elaborados pela Cúria Romana, em três anos de preparação e partir para a elaboração de textos novos, sobre os temas que eles discerniram como fundamentais, esquemas novos, reduzidos afinal a 16 textos oficiais.²⁹⁵

Uma grande confraternização universal acontecia na Europa abalada anteriormente por diversos acontecimentos tristes. Se a guerra fragmentava os seres humanos e semeava a violência o Concílio trazia uma nova áurea de harmonia. O concílio tornava-se uma grande festa. A festa vinha ornada com um espírito de pluralidade.

A abertura ao Espírito inspirou uma segunda atitude básica no trato das questões internas da Igreja: a atitude de escuta e de diálogo, como maneira mais evangélica de aproximar-se da verdade através da busca comum na certeza de que o Espírito fala às diversas Igrejas e se manifesta através de cada participante. Diálogo com o mundo, mas também

²⁹² BARROS, M., Idem. P.96

²⁹³ FREITAS, M. C. de. *O Vaticano II quarenta anos depois*. **Rev. Convergência**, CRB, Ano XL, nº388, Dezembro, 2005, p.577.

²⁹⁴ MACCISE, C. *La Violencia en la Iglesia*. **Revista Testimonio**, noviembre, 2003, p.03. Nota: Padre Camilo Maccise. Presidente da União Internacional de Superiores Religiosos. Superior Geral em Roma.

²⁹⁵ LENS, Pe. Martinho. *O que o Concílio Vaticano II tem a dizer hoje à vida religiosa? Desafios Sócio-Pastoriais*. **Rev. Convergência**, CRB, Ano XL, nº.388, Dezembro, 2005, p.590.

diálogo dentro da Igreja: entre o Papa e os demais membros do Concílio, entre os padres conciliares, entre bispos, teólogos e leigos.²⁹⁶

Estava armada a grande tenda cristã para discutir os grandes problemas emergentes daquele período. No Vaticano II participaram observadores de 17 Igrejas cristãs²⁹⁷ convidadas, outros credos e religiões puderam manifestar neste grande momento singular da história da Igreja. O que estava colocado provocava alegria em todos, “*tem-se a nítida impressão de que a iniciativa do Papa, vista com alto índice de aprovação pela opinião pública, católica ou não, foi recebida com perplexidade pelas autoridades máximas da Igreja.*”²⁹⁸

A assembléia reunida espantava a todos pelo número reunido de bispos jamais visto em toda história da Igreja.

Considerando os bispos auxiliares, os diversos bispos da Cúria Vaticana, os bispos chegavam em todo o mundo a cerca de 4.000, nesta mesma data. Jamais, não só na história da igreja, mas pode-se talvez dizer em toda a história, uma assembléia se apresentou tão numerosa e com caracteres tão universais.²⁹⁹

A assembléia reunida manifestava um forte desejo de mudança. Desejo que inicialmente esbarrava no “mau humor da Cúria” romana tentado controlar os possíveis avanços que o Concílio Vaticano II prometia. Palácio indica que pelo menos “*três décadas*

²⁹⁶ Idem.p.591.

²⁹⁷ C.F. MARTINA GIACOMO. *História da Igreja: De Lutero a nossos dias*. Tradução: Orlando Soares Moreira. Ed. Loyola: São Paulo, 1997, p.278. No Concílio Vaticano II “não se tratava, todavia, de tomar solenes posições negativas contra erros que se alastravam, mas de encontrar o modo melhor de expor a antiga doutrina nos novos tempos, de instaurar um diálogo com toda a humanidade. Não se deviam preparar condenações ou anátemas, estratégias de resistência e de contraposição à Sociedade Moderna, mas dar início a um diálogo com todos, próximos e distantes”. 278. C.F. LOPES GONÇALVES, 2004:7. Citado por LENZ, Pe. Martinho. *O que o Concílio Vaticano II tem a dizer hoje à Vida religiosa? Desafios sócio-pastorais*. **Rev. Convergência**, CRB, Ano XL, N.388, Dezembro 2005, p.591. “O Vaticano II fez nos passar de uma Igreja-Instituição ou uma Igreja Sociedade-Perfeita para uma Igreja-Comunidade, inserida no mundo, a serviço do Reino de Deus; de uma Igreja-Poder para uma Igreja Pobre, Despojada, Peregrina; de uma Igreja-Autoridade para uma Igreja-Serva, Servidora, Ministerial; de uma Igreja-Piramidal para uma Igreja-Povo,... de uma Igreja-Cristandade, para uma Igreja-Missão”.

²⁹⁸ MARTINA GIACOMO. *História da Igreja: De Lutero a nossos dias*. Tradução: Orlando Soares Moreira. Ed. Loyola: São Paulo, 1997, p.279. Comenta Martina que dos 75 cardeais vivos, apenas 26 responderam, ou diretamente ao papa, ou ao secretário de Estado. Quase todas as cartas eram genéricas sobre a intenção de realizar um concílio. Havia resistência da ala conservadora e de seus elementos como Ottaviani, Ruffini e Siri.

²⁹⁹ MARTINA GIACOMO. *História da Igreja: De Lutero a nossos dias*. Tradução: Orlando Soares Moreira. Ed. Loyola: São Paulo, 1997, p.283. “O Concílio Ecumênico Vaticano II (...) foi o maior concílio pelo número de padres, vindos de todas as partes da terra, mesmo daquelas onde só há pouco foi constituída a hierarquia; foi o mais rico pelos temas que, durante quatro sessões, foram tratados com empenho e perfeição. Foi o mais oportuno, enfim, porque tendo em conta as exigências dos nossos dias, atendeu sobretudo as necessidades pastorais; e, alimentando a chama da caridade, esforçou-se muito para atingir com afeto fraterno não só os cristãos ainda separados da comunhão da Sé Apostólica, mas também toda família humana”. C.f. JOSAPHAT, Frei Carlos. Vaticano II. *Aposta Evangélica em Uma Igreja do Diálogo e da Comunhão, em Sintonia com a Humanidade*. **Rev. Convergência**, CRB, Ano XL, nº381, Abril,2005, p. 143 –153. Citação de Carta Apostólica com a qual Paulo VI encerra o Concílio Vaticano II, em 08 de Dezembro de 1965.

terão sido necessárias para passar da primavera conciliar ao “inverno eclesial”.³⁰⁰ Afinal, dentro da Instituição um grupo expressivo de bispos conservadores tentaram empurrar a Igreja para o centro. Crítica, por sua vez, Palácio a tentativa enganadora da Igreja de querer resolver suas questões voltando para a autoridade. A volta para o centro constitui um equívoco quando se deseja dialogar com as novas realidades colocadas pela modernidade. Lembra-nos bem Libanio que

no coração da modernidade, estão a liberdade de pensar, de agir e de opinar, a autonomia das ciências e das realidades terrestres, a democracia, o pluralismo de posições, a valorização do indivíduo, os direitos inalienáveis da pessoa humana, os direitos sociais, o espaço para experiências novas e criativas nos diversos campos.³⁰¹

João XXIII continuou firme no propósito de levar o concílio adiante apesar dos obstáculos. Sua morte parece refletir o dissabor de um embaixador que procurava equacionar interesses distintos nos debates conciliares.

Na noite de 03 de junho de 1963, depois de uma longa e serena agonia, morria João XXIII. Seus últimos meses de vida tinham sido amargurados pelas críticas e declarações reservas, nascidas dentro e fora do Vaticano, por suas corajosas intervenções, por sua linha aberta.³⁰²

A morte de João XXIII favorece profeticamente a continuidade do concílio, pois seu falecimento comove *“homens de todas as idéias e de todas as religiões, ateus, budistas, mulçumanos, judeus, ortodoxos, protestantes das diversas confissões. Toda a humanidade, enfim, naqueles dias, encontrava-se espiritualmente reunida na Praça de São Pedro”*.³⁰³

Ao assumir o concílio, Paulo IV faz um apelo à unidade. Fala em perdão recíproco e aproximação com outros cristãos. Levanta a questão das tradições orientais e num tom otimista e realista se dispõe a dialogar com o mundo moderno.

O concílio chega ao sertão com a presença de Dom José Alves Trindade. O mesmo expressa nas Diretrizes Pastorais de Montes Claros 1967 –1970 que o Concílio Vaticano II havia projetado na Igreja luzes novas que orientaria a caminhada pastoral de renovação da

³⁰⁰ PALÁCIO, C. Teologia, Magistério e “recepção” do Vaticano II. In. **Revista Perspectiva Teológica**. n° 22, maio/agosto, vol. 57, 1990. p. 154.

³⁰¹ LIBANIO, J. B. A Trinta Anos do Encerramento do Concílio Vaticano II. Chaves Teológicas de Leitura. In. **Revista Perspectiva Teológica**. n° 27, Setembro/Dezembro, vol.73, 1995. p.302.

³⁰² Idem. p. 299.

³⁰³ MARTINA GIACOMO. *História da Igreja: De Lutero a nossos dias*. Tradução: Orlando Soares Moreira. Ed. Loyola: São Paulo, 1997, p. 299. Vários contatos foram feitos com as igrejas anglicanas, igrejas alemãs, escocesas, orientais. Segundo estimativa de Martina no final havia pelo menos 30 “Igrejas Separadas” participando do Concílio.

Igreja Montes-clarense. A partir daquele momento histórico, isto é, julho de 1967 “nosso objetivo é renovar a Igreja, conforme a imagem do Vaticano II”.³⁰⁴

O concílio vinha trazendo novos ares que se confrontaria com um quadro pouco otimista. As primeiras Diretrizes Pastorais deixam claro o campo que a atividade evangelizadora encontraria neste período. A novidade que a Diocese respirava vinha das idéias do concílio. Lembra-nos as Diretrizes que em síntese o cristianismo em Montes Claros podia ser dividido em quatro fases distintas naquele momento de efervescência conciliar. A primeira fase é denominada de “fase sacramentalista. Assim, a denominamos porque a Religião nesta época reduziu-se quase só à administração dos sacramentos do batismo e matrimônio”.³⁰⁵ A segunda fase é chamada no documento de “fase pastoral. A mesma se inicia com a vinda dos padres premonstratenses e a criação da Diocese, e vai até 1930 mais ou menos. Intensifica a vida religiosa da cidade, através dos trabalhos apostólicos dos seus sacerdotes”.³⁰⁶ Já a terceira fase é denominada de “fase crítica. Entende as Diretrizes que a partir de 1930. A religião em Montes Claros apresenta os primeiros sinais de crise, provocada pelo desequilíbrio entre o progresso sócio-econômico e a religião tradicional”.³⁰⁷ Esta fase permanece até a chegada das idéias vindas do Concílio Vaticano II que inaugura uma nova fase denominada de “fase de reflexão”. Entende as Diretrizes Pastorais que “a grande obra de Dom José é a renovação da Diocese, inspirada nas idéias e orientações do Concílio Vaticano II, que abriu uma fase decisiva para a Igreja de Montes Claros”.³⁰⁸

O concílio chegava em uma diocese com particularidades que necessitavam de uma atenção pastoral diferenciada. Afinal, em 1967 Montes Claros já era a quinta cidade mineira em densidade demográfica e a terceira em importância econômica. Predominava ainda uma mentalidade rural apesar de já possuir algumas pequenas indústrias. O Concílio chegava em um ambiente de contrastes, pois “com o desenvolvimento desordenado, atraindo o homem do campo, provocando colapso no meio rural, e, na cidade, sérios problemas de ordem social e moral” começavam a fazer parte do cotidiano da Diocese.³⁰⁹

A nova mentalidade emergente exigia uma nova maneira e percepção diferenciada dos problemas que hora se colocavam para a Igreja em um mundo em permanente transformação. No entendimento de Souza Lopes, este

³⁰⁴ PIMENTA, Côn. Paulo E., QUEIROGA, Côn. Quirino. (Coord.) Diretrizes Pastorais de Montes Claros. 1967 – 1970, Secretariado Diocesano de Pastoral, Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1967, p. 09.

³⁰⁵ Idem, p. 10.

³⁰⁶ Idem, p. 10.

³⁰⁷ Idem, p. 10.

³⁰⁸ Idem, p. 16.

³⁰⁹ Idem, p. 25.

foi um momento privilegiado onde teve início a chamada dos leigos para a participação. A liturgia passava por um processo de mudanças. A Igreja começa a deixar de ser definida pelo clero e o leigo começa a crescer. O crescimento do leigo deixava a impressão que não havia mais necessidade do clero. A Igreja cresceu muito em qualidade. O leigo deixou de ser freguês para ser protagonista. O mesmo passou a ler a bíblia e participar nas decisões.³¹⁰

A evolução da Igreja era perceptível por parte dos clérigos que registram os sinais de uma nova maneira de trabalhar com a realidade em um espaço que o evangelho deveria se inserir. O contraste social despontava, pois *“em tudo se notam as características de uma comunidade em evolução: centro com residências luxuosas, bairros de classe média, com boas condições de vida, bairros pobres e favelas”*.³¹¹

O Concílio entrava no sertão das Minas Gerais encontrando os dilemas que a modernidade espalhou pelo mundo. O Norte de Minas Gerais não ficava distante dos dilemas da pobreza e miséria encontrada em todo o Brasil, pois

a população preexistente na zona rural norte-mineira, foi sendo na verdade transformada em agregados, posseiros e pequenos proprietários, ou seja, em mão-de-obra barata para o capital. Essas transformações, entretanto, nem sempre se manifestaram de forma pacífica. De fato, na medida em que grandes grupos econômicos ingressavam na Região encontravam, muitas vezes, a resistência das populações ali estabelecidas. Estas, no entanto, normalmente acabavam por serem expulsas das terras.³¹²

Tornava-se necessário enfrentar as estrutura injustas que haviam se cristalizado no decorrer da história do Norte de Minas. Afinal o Norte de Minas Gerais era visto

basicamente como região fornecedora de mão-de-obra e capital. Por isso mesmo, as intervenções governamentais até então ocorridas ali, eram dependentes da vontade das oligarquias rurais da Região e verificadas predominantemente em caráter emergencial. Contudo, ainda nesta década, a estrutura de dominação política tradicional, baseada no fenômeno denominado “coronelismo”, começou a ceder lugar às novas formas políticas de controle do poder local e regional representados por comerciantes, fazendeiros e chefes políticos.³¹³

As idéias conciliares chegavam em uma região de muitas dificuldades. Registra Pereira que desde os anos 50

a mendicância era o que mais “incomodava”. Diversas entidades filantrópicas atuavam na assistência às crianças e idosos que “moravam” nas ruas... Os furtos e roubos eram uma constante na cidade. Entretanto, o assunto só parece ter chamado

³¹⁰ SOUZA LOPES, J. B. O Concílio Na Diocese de Montes Claros. Entrevista. Montes Claros, 2006.

³¹¹ Idem, p. 25.

³¹² OLIVEIRA, M. F. de, RODRIGUES, L. (Org.) *Formação Social e Econômica do Norte de Minas*. Montes Claros: Unimontes, 2000, p.228.

³¹³ Idem, p. 231.

atenção da imprensa e autoridades locais quando um “estranho” invadiu a casa de diversas autoridades e feriu a golpes de madeira o Juiz de Direito e o Vice prefeito.³¹⁴

Mas, afinal, como foi a recepção do concílio na Diocese de Montes Claros?

O concílio não foi implantado de imediato, pois havia necessidade de preparação dos leigos para que as idéias do mesmo, pudessem tomar lugar. Segundo Castro “*o concílio dizia que a Igreja era povo de Deus, mas não havia povo de Deus para a recepção desta Igreja*”.³¹⁵ Os fiéis possuíam poucas informações sobre o concílio e não eram capaz de medir as conseqüências teológicas e eclesiológicas para a vida cotidiana da Igreja. Assim sendo, as mudanças foram ocorrendo lentamente. Atitudes simples foram sendo introduzidas no cotidiano das pessoas e da Igreja. Destacamos o estímulo à leitura da bíblia que passa a fazer parte da vida do povo. Na Diocese de Montes Claros “*Dom José sabendo que o concílio havia estimulado a leitura da bíblia, ao voltar do mesmo, reúne o povo e o estimula à leitura da palavra de Deus*”.³¹⁶ A redescoberta da Bíblia reacende o fervor do povo de Deus. A Bíblia toma lugar como novidade na liturgia e na vida cotidiana das pessoas. Poder ler a palavra de Deus passa a ser ponto de estímulo e de descoberta das novidades até então escondidas dos olhos do povo de Deus acostumados com as histórias de santos e com a reza do terço. Lembra-nos Higuét “*que na reflexão bíblica, também o leigo assume uma posição ativa na comunidade quando estes rompem a relação catequética e estabelece uma igualdade de poder interpretar a palavra de Deus em suas vidas*”.³¹⁷

O concílio chegava dando lugar e esperanças aos leigos silenciados, por tantos anos, subjugados a uma atividade evangelizadora dominadora. Para compreender a situação da igreja local, no período pós-conciliar, a Diocese se apressou em fazer uma Assembléia Diocesana para traçar metas para o período de novas idéias que hora iniciava. Constata as Diretrizes de 1967 que

a Igreja de Montes Claros, apesar de seus recursos, não conseguiu acompanhar o processo rápido e até desordenado do progresso local. Suas formas ainda infantis – de evangelização – nada diziam às classes dirigentes que se conscientizavam cada vez mais. Tivemos então uma religião, que não chegou a impressionar as lideranças e se refugiou cada vez mais na área feminina e no meio das crianças.³¹⁸

³¹⁴ O episódio data de 1952. C.f PEREIRA, Laurindo Mékie. *A Cidade do Favor*. pp. 76-77.

³¹⁵ CASTRO, G. M. de. A recepção do Concílio Vaticano II na Diocese de Montes Claros. Simpósio sobre os 40 anos do Vaticano II. Montes Claros. 27- Nov-2005.

³¹⁶ CASTRO, G. M. de. A recepção do Concílio Vaticano II na Diocese de Montes Claros. Simpósio sobre os 40 anos do Vaticano II. Montes Claros. 27- Nov-2005.

³¹⁷ HIGUET, E. O Misticismo na Experiência Católica. In. **Revista de Estudos e pesquisas em Religião**, p. 42.

³¹⁸ PIMENTA, Côn. Paulo E., QUEIROGA, Côn. Quirino. (Coord.) Diretrizes Pastorais de Montes Claros. 1967 – 1970, Secretariado Diocesano de Pastoral, Belo Horizonte:Editora São Vicente, 1967, p.32.

A consciência de que o modelo de evangelização centrado na figura da autoridade esvaía parece clara na primeira assembléia do povo de Deus da Diocese de Montes Claros. Neste contexto, é importante salientar que a Igreja tem consciência de sua inoperância e incapacidade de dialogar com os novos problemas que se colocavam a partir do concílio. Mas, como indica Palácio, sofreríamos de uma

inquietante esquizofrenia entre a teoria e a práxis eclesial neste tempo pós-conciliar. Não se rejeita, evidentemente, a teoria conciliar. A práxis real, porém, é o reflexo de outra teoria, coerente sem dúvida, mas estranha ao que deveriam ser a função da teologia e as suas relações com o magistério, dentro da eclesiologia conciliar.³¹⁹

Na verdade, os conflitos surgiam em uma conjuntura eclesiológica onde o novo oscilava e o velho pedia lugar para ficar. É a presente constatação que Palácio faz questão de deixar claro quando entende que a eclesiologia piramidal do Vaticano I parecia ser restaurada em detrimento da eclesiologia pensada pelo Vaticano II. A eclesiologia do Vaticano I parece não querer abrir as portas para o novo que deseja entrar. Assim sendo, no sertão o concílio foi recepcionado com esperanças, mas guardou as inúmeras dificuldades para sua entrada na Diocese de Montes Claros. Na mesma perspectiva de Palácio, entende Rolim que alguns anos após o vaticano II, a partir sobretudo de 1978, reforça-se a centralização romana a despeito da pluralidade das Igrejas particulares.³²⁰

A centralização reflete, sem dúvida, a dificuldade de se lidar com as mudanças em curso. Entende Palácio que as tensões do período pós-conciliar nas igrejas particulares refletem “a polarização, visível na difícil convivência, durante o Concílio, entre a “maioria” (conservadora) e a “minoría” (que decidiu os rumos do concílio)”.³²¹ Na verdade, os conflitos não são exclusivos dos bispos, teólogos e das grandes escolas de teologia. O povo também se indispõe com o clero que tenta romper com a fé pacata que durante vários séculos predominou no sertão. No período pós-conciliar foram muitas as tensões, conflitos e muita vontade de mudanças. Em suas memórias registra Souza Lopes que

houve momentos de tensões na hora de colocar em prática os resultados do Concílio Vaticano II. Na busca de uma nova mentalidade padres quebraram os altares e as imagens de santos. Especificamente em Montes Claros o padre Joaquim Macedo quebrou o altar da catedral. Os jovens vibravam com as mudanças.³²²

³¹⁹ PALÁCIO, Carlos. Teologia, Magistério e “recepção” do Vaticano II. In. **Revista Perspectiva Teológica**. nº 22, maio/agosto, vol. 57, 1990. p.153.

³²⁰ ROLIM, F. C. Neoconcervadorismo eclesiástico e uma estratégia política. In. **Revista Eclesiástica Brasileira**, 49 (1989) 259 281.

³²¹ PALÁCIO, C. Teologia, Magistério e “recepção” do Vaticano II. In. **Revista Perspectiva Teológica**. nº 22, maio/agosto, vol. 57, 1990. p.156.

³²² SOUZA LOPES, J. B. O Concílio Vaticano II na Diocese de Montes Claros. Entrevista. Montes Claros, 2006.

A chegada do Concílio Vaticano II no sertão das Minas Gerais ficou registrado por Lopes a partir de duas visões. A primeira está marcada por uma parte que aceitava as mudanças e contemplavam as maravilhas das mesmas. A segunda nutre um sentimento que a Igreja havia acabado.³²³ Segundo Lopes, “*as novidades traziam esperanças, mas alguns pensavam que as mesmas passariam muito rápido. Parte dos fiéis resistiam no mundo devocional. As devoções impediam que as novidades fossem colocadas, pois o povo preferia às devoções à bíblia*”.³²⁴ Entendiam muitos fiéis que o Concílio provocava um esfriamento na Igreja. A mudança de mentalidade foi muito sofrida. Na verdade, tornava-se necessário uma mudança simbólica drástica na vida do povo. Implicava a partir daquele momento retirar uma piedade secular fundada no universo devocional para implementar uma cultura bíblica letrada em uma região em que o povo não tinha hábito de freqüentar os bancos escolares. Os primeiros indicados por Lopes procuravam fazer as mudanças possíveis que acabavam por provocar escândalos e incompreensão por parte de alguns fiéis. Lembra Lopes que na Diocese de Montes Claros padres em seus sermões ironizavam as devoções do povo. Os atritos se tornaram evidentes quando em determinado momento

a sociedade montesclarensense promove uma coroação com os filhos da alta sociedade na catedral de Montes Claros. O padre da catedral chama meninos e meninas pobres e os colocam no mesmo altar. A reação foi imediata com um artigo de João Valle Maurício criticando o padre por desprezar as tradições da cidade.³²⁵

O concílio foi encontrando seu espaço de maneira tímida no sertão. Permaneceu a piedade popular que resistiu dentro de uma Igreja letrada que para alguns para nada servia. Lembra-nos Lopes que

alguns elementos tardaram a chegar. Podemos citar: o entendimento da Trindade, Deus Pai e o Espírito Santo. Nossa Senhora é mais representativa, pois a mãe possui um simbolismo maior no imaginário do povo. Assim, as pregações sobre Nossa Senhora, seu sofrimento comovia e arrancava lágrimas da multidão.³²⁶

Diferente dos primeiros, os segundos procuravam conservar os elementos institucionais que secularmente haviam tomado espaço dentro da fé católica. Para estes a Igreja havia chegado ao seu fim. Diante das mudanças estes não viam sentido em permanecer na Igreja. Estes podem ser caracterizados por dois grupos distintos. O primeiro representado pelos defensores da tradição. Estes não aceitam as mudanças propostas, pois, afinal, “*fora da*

³²³ LOPES, Ir. Marilda. *Visão do Concílio Vaticano II na Diocese de Montes Claros*. Entrevista, 2006.

³²⁴ Idem.

³²⁵ Idem.

³²⁶ Idem.

Igreja não há salvação”. Lembra-nos Greinacher “*que no tocante à prática dos cristãos-católicos, homens e mulheres, o que se tinha ou não se tinha que fazer estava estabelecido até os mínimos detalhes. As orientações correspondentes podiam ser encontradas nos manuais da casuística moral*”.³²⁷ Para este primeiro grupo a Igreja já havia dito tudo o que necessitava dizer para o mundo. Os mesmos não aceitavam a possibilidade e o entendimento de que “*a Igreja católica é uma Igreja cristã. Outras igrejas e comunidades cristãs também são instituições que seguem legitimamente a Jesus, que com os homens estão a caminho da salvação*”.³²⁸ O Concílio teria vindo para destruir a religião verdadeira e semear no mundo as sementes da discórdia. Entendiam os descontentes com o Concílio que o mesmo havia acabado com a velha identidade familiar católica que dava segurança aos fiéis por tantos anos. Os do segundo grupo são aqueles que resolvem abandonar a Igreja por suas mudanças. O Concílio provocou uma debandada de padres que deixaram o ministério após as inovações do Concílio. Lembra-nos Souza Lopes que

quando se começou a sentir que a Igreja era povo o nivelamento começou. Houve um nivelamento em relação às vestes e a freqüência do padre a ambientes antes não freqüentado. Antes do Concílio o padre vivia separado. A partir do momento em que começamos a conversar e conviver com mulheres uma crise se instalou. No ano de 1965 éramos 09 sacerdotes, destes só restaram 02”.³²⁹

O Vaticano II chegou ao sertão com todas as dificuldades e foi se adaptando ao jeito de ser da Igreja do homem sertanejo. A Igreja do Vaticano II que encontramos no sertão resiste com sua tipicidade. Não é uma Igreja que tem a cara de Roma. Também não tem a cara da Europa. É a Igreja que tem a cara do homem sertanejo. Mais que preocupações com mudanças teológicas e litúrgicas, o povo entendeu uma única lição. Esta lição pode ser expressa no depoimento de Lopes que diz:

o mais importante do Vaticano II foi a inserção do povo na Igreja. Antes do Concílio era virtude ficar longe do povo de Deus. Havia muita oração. Hoje a oração diminui na casa religiosa e aumenta junto com o povo. Elogio a abertura da Igreja saindo do seu conservadorismo. Destaco duas coisas fundamentais do Concílio: a abertura para o vernáculo na liturgia e a possibilidade de inserção da vida religiosa.³³⁰

O povo de Deus continua expressando sua fé sem muitas preocupações com formalidades litúrgicas ou burocracias eclesiais. O povo deseja rezar e encontrar com Deus. O Concílio permitiu no sertão de Minas Gerais que o mesmo reencontrasse seu lugar na

³²⁷ GREINACHER, N. *Identidade Católica na Terceira Era da História da Igreja*. p.13 (679)

³²⁸ Idem, p. 16 (682).

³²⁹ SOUZA LOPES, J. B. *O Concílio Vaticano II na Diocese de Montes Claros*. Entrevista. Montes Claros, 2006.

³³⁰ LOPES, Ir. Marilda. *Visão do Concílio Vaticano II na Diocese de Montes Claros*. Entrevista, 2006.

Igreja. O Concílio não inovou no sertão, apenas confirmou uma realidade que predominou por vários séculos nesta região: a Igreja é do povo de Deus. Ser povo de Deus implica na busca permanente de uma identidade que não se revela mais como totalidade. Na perspectiva de Greinacher

antes do Concílio a identidade católica consistia em identificar-se totalmente com todas as declarações e afirmações dos papas e bispos. Agora ficou claro que em face da ambivalência da existência humana e da conseqüente possibilidade de erro da Igreja e do magistério eclesiástico, demonstrada pela história, uma identificação total com a Igreja não somente não é possível, mas também não é digna do homem. Resulta daí que a identidade pós-conciliar só pode consistir numa identificação parcial com a Igreja.³³¹

³³¹ GREINACHER, N. *Identidade Católica na Terceira Era da História da Igreja*. p.13.

IV – O CATOLICISMO PÓS-CONCILIAR NA ARQUIDIOCESE DE MONTES CLAROS

O concílio vaticano II repercute pelo mundo cristão produzindo reflexão e mudanças. Na América Latina o Concílio só é, de fato, introduzido a partir de **Medellín** (1968).³³² O Documento de **Puebla**³³³ registra que o vigor da evangelização na América Latina só foi retomado no período posterior ao Concílio Vaticano II. O que se percebia antes do concílio era uma Igreja pouco expressiva e pouco visível no cenário universal. O cansaço produziu incertezas. As perseguições trouxeram crises e

aquela fase da evangelização tão decisiva na formação da América Latina, após um ciclo de estabilização, cansaço e rotina, foi seguida pelas grandes crises do século XIX e dos começos do nosso. Estas provocaram perseguições e grandes amarguras na igreja, que esteve submetida a enormes incertezas e a conflitos que a abalaram até aos fundamentos. Superando esta prova tão dura, ela conseguiu, com potente esforço, reconstruir-se e sobreviver.³³⁴

A história do catolicismo na América Latina não seria a mesma depois dos encontros do episcopado latino-americano. O episcopado latino-americano se dava conta que durante vários séculos a Igreja havia vivido de mãos dadas com os poderes constituídos, por sua vez, esquecendo os mais pobres. Lembra ainda o Documento de Puebla que *“é certo que a Igreja, em seu labor apostólico, teve de suportar o peso dos desfalecimentos, das alianças com os poderes da terra, de uma visão pastoral incompleta e da força destruidora do pecado”*.³³⁵ Apesar da consciência das desventuras acontecidas na história da Igreja latino-americana surgia uma fresta de luz que via o continente numa perspectiva de esperança, pois, afinal a evangelização poderia transformar o continente em **“Continente da Esperança”**.³³⁶

A América Latina despertava de um grande sono. Nascia uma consciência diferente que aos poucos ia contaminando os outros países do continente. A nova consciência refletia o clima pós-conciliar, pois

a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja foi renovando, pouco a pouco, com autêntico dinamismo evangelizador e captando as necessidades e as esperanças dos

³³² Medellín foi o ponto de partida do episcopado latino-americano. Medellín na Colômbia, a cerca de 300 km ao sul da capital, Bogotá, a 1.500 metros de altitude, numa eterna primavera de agosto e setembro de 1968. C.f MARTINA GIACOMO. *História da Igreja: De Lutero a nossos dias*. p.365.

³³³ Puebla, México, a 100 km a sudeste da capital, Cidade do México em janeiro e fevereiro de 1979.

³³⁴ Doc. Puebla. *Conclusões da Conferência de Puebla*. Texto Oficial, Edições Paulinas, 1984. n°11.

³³⁵ Idem. n°10.

³³⁶ Idem. n°10.

povos latino-americanos. A energia que convocou seus bispos a Lima, ao México, à cidade do Salvador na Bahia e a Roma manifesta-se ativa nas Conferências do Episcopado Latino-Americano do Rio de Janeiro e de Medellín, que ativaram as suas energias e a preparam para os desafios do futuro.³³⁷

O momento era de grande dificuldade para a Igreja da América Latina em sua totalidade.

Grandes desafios caracterizavam a caminhada da Igreja no último quartel do século XX, tais como a crescente urbanização e secularização da sociedade; a pobreza endêmica e estrutural de boa parte da população latino-americana; o alarmante fenômeno das seitas e manifestações pára-religiosas; a inculturação do Evangelho em contextos históricos e sociais diferentes.³³⁸

Todas estas questões despontavam e se colocavam diante de uma Igreja que necessitava reagir e juntar sua voz à de inúmeros homens e mulheres nos países da América.

A Igreja começava a entender que a mesma não era “*apenas uma milenar instituição com sua doutrina, seus hierarcas, seus cânones e tradições*”.³³⁹ Ouvindo os novos clamores procurava abrir suas portas para os desafios que circundavam a América Latina nos anos 60. Os clamores populares transpunham os muros da velha instituição que secularmente nutria do seu próprio rigorismo. Restaurava-se na América dominada uma Igreja questionadora diferente daquela que só soubera ditar normas. Pergunta Ribeiro: “*onde está a Igreja nestes negros tempos de um novo genocídio? Onde está a Igreja da ousadia do pensamento utópico?*”³⁴⁰

Nascia em toda América Latina um espírito de ousadia que iria apontar para um novo momento da Igreja neste continente. Este novo momento eclesial nascia na contramão daquilo que a Cúria Romana pensava para a Igreja da América. Se o “*Papa da América Latina*”³⁴¹ plantara as sementes da romanização, o movimento de libertação preiteado pelo episcopado latino abria uma cratera nos planos do Vaticano. A criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1953, por Dom Helder Câmara, abria novas inspirações para a criação de outros organismos que viria fortificar os laços de união do episcopado latino-americano. Lembra-nos Boff que “*sem embargo, sempre foi forte no seio da Igreja brasileira a vontade de encarnação e de lançar raízes na nossa polícroma cultura,*

³³⁷ Idem. nº11

³³⁸ MATOS, H. C. J. *Caminhando Pela História da Igreja*. pp. 197–198.

³³⁹ BOFF, L. *O Caminhar da Igreja com os Oprimidos*. p. 29.

³⁴⁰ RIBEIRO, D. *A Utopia Brasil*. C.f. BOFF, L. *O Caminhar da Igreja com os Oprimidos*. p.18.

³⁴¹ Sob o longo pontificado de Pio IX (1846 – 1878) o papa da América Latina, lança-se as bases para aquilo que se chamou romanização. C.f. BOFF, L. *O Caminhar da Igreja com os Oprimidos*. p. 34.

qual cadinho onde se mesclam inúmeras raças.”³⁴² Esta vontade esteve presente na história da Igreja do Brasil que se constituiu como Igreja de irmandades e confrarias. Diferente das outras experiências do catolicismo latino-americano,

no Brasil, notamos a seguinte dialética: na medida em que a Igreja como um todo estreita seus laços com o centro (Roma), reproduz seus modelos pastorais, litúrgicos e disciplinares, se fortifica corporativamente e fortalece sua unidade interna: mais perde o povo, fica abstrata e alienada das principais questões sociais e deixa o campo aberto à proliferação das seitas e dos cultos afro-brasileiros, porque estes respondem concretamente à demanda religiosa do povo.³⁴³

O Vaticano II produziu a grande revitalização do continente e, especificamente, da Igreja do Brasil. A prática pastoral de bispos brasileiros passou a ser admirada por católicos do Brasil e de outras nacionalidades. Destacam Dom Helder Câmara, Paulo Evaristo Arns, José Maria Pires, Pedro Casaldáliga, Tomás Balduino, Moacyr Grechi e Adriano Hypólito de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense. Estes tomaram a frente das grandes questões que atingiam os pobres de suas dioceses. Passaram a freqüentar favelas e apoiar suas reivindicações. Tomaram o caminho das prisões e foram se colocar do lado dos torturados. Abraçaram a causa da reforma agrária e passaram a denunciar os poderes repressores. Abriram suas igrejas para as passeatas e suas dioceses para as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nascentes. A Igreja nascente com o espírito do Concílio não ficaria longe das tensões do poder central. Teólogos foram chamados e silenciados. Livros foram proibidos, seminários foram fechados e professores proibidos de lecionar em seminários e faculdades.

A visão que vinha da Europa não era muito positiva daquilo que acontecia na Igreja da América Latina. Pairava um pessimismo com relação às idéias nascentes. Martina, um dos grandes historiadores da Igreja, faz referência a este período como um momento de utopia lembrando que “*na metade do século XIX, a América Latina se aventurou de modo crônico em tentativas de reforma, que em geral acabaram sendo utopistas pela rapidez da evolução e expectativas irrealistas*”. Lembra o mesmo que tais experiências não tardaram a fracassar.³⁴⁴ Aponta Martina para o despreparo da hierarquia que não conseguia responder às demandas daquele momento histórico. Quanto aos bispos de atuação mais decisiva são considerados apenas como voz profética em meio a uma Igreja da indiferença. A visão do historiador europeu não retrata com fidelidade a tipicidade do que acontecia na América Latina e, especificamente, no Brasil. Desconsidera o grande movimento que se implantava na

³⁴² BOFF, L. *O Caminhar da Igreja com os Oprimidos*. p.38.

³⁴³ Idem. p.39.

³⁴⁴ MARTINA GIACOMO. *História da Igreja: de Lutero a nossos dias*. p. 364.

Igreja do Brasil que serviria de inspiração para outras Igrejas do mundo. O Brasil, especificamente, passou a ser modelo eclesial de admiração para outros continentes, despertando assim atenção e maior vigilância da Cúria Romana. Lembra-nos Boff que foi Dom Helder

quem conseguiu aproximar os vários episcopados, dando força à atuação das Conferências Nacionais dos Bispos para a definição de temas importantes do concílio, evitando o voluntarismo e individualismo dos bispos. Contribuiu significativamente para que, a exemplo do CELAM, se criassem organismos continentais na África, Estados Unidos, Canadá e Europa, fortificando assim a descentralização do poder.³⁴⁵

Um sentimento novo estava colocado após o Concílio que parecia irremediável na história da Igreja do Brasil. Tocava-se em temas que despertava o orgulho dos cristãos no interior das comunidades. A história do povo voltava a fazer parte das celebrações. No campo da espiritualidade “*a revalorização da religiosidade popular, apesar de seus desvios e ambigüidades, exprime a identidade religiosa do povo*”.³⁴⁶ Estava instaurado no Brasil um espírito novo, isto é, um novo modo de ser Igreja que se espalharia por todos os recantos do país.

Logo no início não faltaram reações contrárias ao modelo de Igreja nascente nas bases populares. Uma das vozes destoante era a de Kloppenburg que entendia que os acontecimentos em andamento no interior da Igreja, eram em sua perspectiva, extremamente prejudicial para a vida institucional da Igreja Católica. Em sua reflexão lembra que

existem certas radicalizações que prejudicam a unidade e desedificam os fiéis, seja por espírito tradicionalista (os padres de Campos, RJ), seja por ideologização política que colabora para desvirtuar o autêntico objetivo evangelizador da Igreja, seja por abandono de normas disciplinares causado por certo bloqueio psíquico em relação à autoridade eclesiástica e uma acepção da imagem de Igreja povo de Deus numa linha democrático-demagógica, mais ou menos no sentido do poder do povo.³⁴⁷

Na verdade, o entendimento eclesiológico de determinados setores da Igreja a impedia de vislumbrar os possíveis ganhos que as Comunidades Eclesiais de Base representavam para a Igreja do Brasil. Ao se referir à experiência da Igreja popular que emergia, Kloppenburg afirma que “*a Igreja Popular que nos é proposta como nova alternativa de vida eclesial, simplesmente, já não é a nossa Santa Igreja Católica. Não tem*

³⁴⁵ BOFF, L. *Op. cit.* p.38.

³⁴⁶ Puebla. N° 109.

³⁴⁷ KLOPPENBURG, Dom Boaventura. *Igreja popular*. p.12

nada daquilo que o Concílio Vaticano II descrevia.”³⁴⁸ Atacava a idéia de resgate do conceito de povo quando este era identificado com a categoria de pobre. Na perspectiva de Kloppenburg, os bispos do Brasil erraram quando identificavam “povo” com pobre. Faz questão de lembrar que o “*Concílio entendia por ‘povo’ não exclusivamente os pobres-oprimidos-conscientizados, mas ‘todos os homens em geral’*”.³⁴⁹ Não obstante as críticas, a Igreja fazia o esforço de romper com as ataduras tradicionais e as idéias de transformação foram sendo divulgadas por todas as dioceses do Brasil.

No Norte de Minas Gerais a Igreja Popular encontra seu espaço nos diversos festejos preservados pela religiosidade popular. As festas religiosas no sertão têm seu lugar de destaque na vida do homem sertanejo. Lembra-nos Oliveira Silva que

para integrar a confraternização popular e religiosa, percebe-se que os festejos religiosos da região eram coroados por rituais sagrados e profanos. Dentre os rituais estão a presença das missas, procissões, sermões, bênçãos, rezas e ladainhas. Do lado profano das festas observam-se as danças e os espetáculos dos fogos.³⁵⁰

A Igreja popular no Sertão de Minas Gerais encontrará lugar fértil nas experiências da religiosidade popular típica do catolicismo sertanejo. Lembra-nos Ribeiro que “*a religiosidade popular é a religião do povo*”.³⁵¹ Isto não quer dizer que a religiosidade popular seja menor que outras expressões da piedade cristã. A religiosidade popular traz sua tipicidade, pois a mesma sofre influência de fatores socioeconômicos e político-culturais. Daí entendermos que “*a religiosidade popular européia será naturalmente diferente da africana. A religiosidade popular asiática diferente da latino-americana. As mesmas têm, por sua vez, elementos característicos fundamentalmente diferenciadores*”.³⁵² Um destes elementos importantes e característicos da religiosidade popular no Norte de Minas é o fato da mesma ser: 1) Eminentemente católica; 2) Possuir elementos que valorizam a cultura local; 3) A religiosidade popular do sertão é integradora e agrega valores que socializam os membros da comunidade local.

Na primeira perspectiva, entendemos que, a religiosidade popular nasce de uma raiz eminentemente católica. Pondera Ribeiro que “*toda a religiosidade popular latino-americana tem um fundamento histórico católico*”.³⁵³ A presença das festas católicas marca o

³⁴⁸ Idem. p. 77.

³⁴⁹ Idem. 78. C.f. LG 13.

³⁵⁰ OLIVEIRA SILVA, F. *Sub Umbra Alarum Tuarum*. História da Criação da Diocese de Montes Claros (1903 – 1943). p. 258.

³⁵¹ RIBEIRO, H. *Religiosidade Popular na Teologia Latino-Americana*. p. 16.

³⁵² Idem. p. 16.

³⁵³ Idem. p. 19.

catolicismo popular brasileiro. O jeito de ser católico no Brasil assume sua tipicidade na profunda influência que recebemos de inúmeros missionários que trouxeram para estas terras uma forma de percepção da religião de seus países e que aqui assumiram faces diferenciadas no decorrer da história do catolicismo brasileiro. Não deixa perder a memória Hoornaert quando faz menção que o catolicismo brasileiro que chega ao sertão, num primeiro momento, entra em choque com o projeto de criação de gado dos fazendeiros. A ação missionária “*entra em choque com os interesses dos fazendeiros de gado cuja prosperidade dependia da eliminação dos grupos indígenas existentes no sertão*”.³⁵⁴

Como registra a história, a instituição acaba por si conformar com os desmandos dos fazendeiros. A Igreja institucional representada pelos missionários presentes no sertão acaba por conformar-se com a ordem vigente. Os missionários acabam se adaptando à situação e passam a criar gado e possuir escravos no sertão de Minas Gerais. Hoornaert pontua que foi tal conjuntura que favoreceu o começo do

ciclo do gado sertanejo e os próprios religiosos vão se conformando com a situação, criando gado também, e conseqüentemente possuindo escravos. Surgem as grandes fazendas: Montes Claros, Angicos, Juazeiro, Olho d'Água, Jaíba, Pau-a-Pique, Palma. Só resta um sinal de resistência, atrativo para os pobres e incompreensível aos ricos: o Santuário de Bom Jesus da Lapa (origem 1695-1696).³⁵⁵

O sertão está marcado pelo sangue de índios e negros. A resistência quilombola expressa ainda hoje nas festas de agosto presente na cidade de Montes Claros. Festas que se desenvolveram às margens do catolicismo oficial. Afinal, tais manifestações nunca encontraram espaço nos lugares sagrados oficiais. Registra Oliveira Silva que

as festas de agosto sempre foram vividas com muito entusiasmo pelo povo. Desde as primeiras notícias de sua existência que datam de 1829. E como todas as festas populares na região norte-mineira, essas festas na sua simplicidade divertem o povo, amenizando seus dias de miséria e penúria.³⁵⁶

O espaço da religiosidade popular constitui a trincheira do homem sertanejo e pobre que busca na fé a energia para suas lutas. Hoornaert lembrará que a religiosidade do povo constitui o espaço de luta e de resistência dos “*inúmeros indígenas sacrificados, dos pobres esmagado*” e o lugar de resistência contra os colonizadores que vivem do suor alheio.³⁵⁷ Além de não contar com os poderes constituídos os pobres e fracos também não podiam contar com os padres que os desprezavam. Na verdade, o clero local nunca

³⁵⁴ HOORNAERT, E. *História da Igreja no Brasil*. p. 63.

³⁵⁵ Idem. p. 75.

³⁵⁶ OLIVEIRA SILVA, F. *Sub Umbra Alarum Tuarum*. p. 261.

³⁵⁷ HOORNAERT, E. *História da Igreja no Brasil*. p. 75.

compreendeu as manifestações do povo virando para os mesmos as suas costas. Lembra-nos Azzi que na verdade esta era uma forma de “*afirmação do próprio modelo tridentino que tinha como consequência imediata a restrição e o controle do espaço ocupado pela religião popular*”.³⁵⁸ A religiosidade do povo sofre com a vigilância do clero que não permitia que nada pudesse ser feito sem a prévia autorização dos mesmos. Este movimento de controle e de fortalecimento da Igreja institucional havia começado desde os anos 20 quando Dom Leme estabeleceu um projeto de fortificação da Igreja através das elites. O pacto com as elites fortalecia o catolicismo oficial, pois havia uma crença que somente a elite católica

estava capacitada a imbuir-se plenamente do novo espírito católico, que exigia não apenas leigos praticantes, mas verdadeiramente militantes. São os intelectuais, são os homens que dominam o mundo da cultura que estão em condições de vivenciar plenamente as verdades da fé católica, e lutar por elas com denodo.³⁵⁹

O povo é excluído da esfera de participação da Igreja. Uma nítida intenção de colocar as manifestações dentro dos parâmetros da liturgia oficial afasta as manifestações populares. Azzi lembra trecho do Primeiro Sínodo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro que deixa registrado:

Toleramos nas procissões as bandas de música, contanto que só toquem de quando em quando, permitindo assim ao clero e ao povo cantar ou rezar orações adequadas. Velem os responsáveis pelas procissões para que as peças tocadas por bandas obedeçam às determinações da Comissão de Música Sacra, cujos membros poderão, inclusive, fornecer repertório adequado. Renovamos a proibição de desfilar nas procissões meninos e meninas, imitando determinados santos ou santas, tolerando-se apenas os chamados ‘anjos’ desde que se trate de crianças menores de 12 anos, estejam convenientemente vestidas e convenientemente preparadas para servir de edificação dos fiéis. Confiamos aos párocos e reitores de Igrejas, mediante avisos oportunos, cientificar os fiéis dessas nossas determinações, levando-os a mudar para tornar mais esclarecido o testemunho de sua devoção e de suas promessas.³⁶⁰

A hierarquia atua com firmeza na tentativa de disciplinar o catolicismo popular que nas comunidades criava um elemento socializador na vida dos mais pobres. O controle se tornava necessário no entendimento da hierarquia, pois qualquer abertura ou acolhida das manifestações populares tornava sinal de insubordinação e perturbação da ordem social. Esta preocupação estará presente até a I Conferência do Episcopado Latino-Americano no Rio de

³⁵⁸ AZZI, Rioldando. *A Neocristandade. Um Projeto Restaurador*. p.93.

³⁵⁹ Idem. p.94.

³⁶⁰ *Primeiro Sínodo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro*, p.187. C.f. AZZI, R. *A Neocristandade. Um Projeto Restaurador*. pp. 96-97.

Janeiro em 1955 onde os bispos ainda conservarão uma idéia de que o povo é ignorante e necessita de uma melhor educação na fé.³⁶¹

A religiosidade popular indicava ignorância de uma cultura teológica predominante na hierarquia da Igreja. Por sua vez, desconfiamos da idéia fundada na ignorância e indicamos a religiosidade popular como um elemento desagregador da ordem institucional. A religiosidade popular questiona a soberania do institucional e, na perspectiva de Sanchis, “*no plano político, isso significa o fim de uma situação de hegemonia. Não só religiosa, mas no campo da política em nome da religião. São as relações já tradicionais entre a dimensão política e a religião que estão mudando*”.³⁶² A religiosidade popular mobiliza a comunidade instituindo uma nova maneira de vivência do sagrado. As festas acompanhadas de comidas, danças e batuques dão uma dinâmica de vida para a comunidade que experimenta a grandeza da fé. A religiosidade popular vai modelando um novo jeito de Igreja popular, diferente do “*modelo de Igreja que se constrói ao redor do clero, a que cabe a hegemonia na condução da Igreja*”.³⁶³ A Igreja Popular, “*se constrói sob a participação de todos, com a presença forte do povo organizado, novo sujeito histórico emergente na sociedade e na Igreja*”.³⁶⁴

O segundo elemento que devemos levar em consideração em nossa análise é o fato da religiosidade popular no norte de Minas Gerais integrar e valorizar os elementos da cultura local. Entendemos por cultura o conceito dado por Bosi, que a entende como, o “*conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social*”.³⁶⁵ A cultura se coloca como elemento que agrega um povo, pois a mesma plasma costumes e hábitos de um determinado povo. A cultura estrutura a casa humana, isto é, o lugar a partir de onde os seres humanos visualizam o universo. A cultura cria condições para que as *Tradições* tomem lugar em um universo dinâmico que se recria permanentemente. Vaz indica que a própria significação literal do termo *Tradição* (*traditio*) indica entrega ou transmissão de uma riqueza simbólica que as gerações passam uma à outra.³⁶⁶

A religiosidade popular no norte de Minas Gerais assume aspectos típicos na medida em que a mesma procura traduzir as experiências do homem sertanejo. A

³⁶¹ RIBEIRO, H. *Religiosidade Popular na Teologia Latino-Americana*. p. 169. “O grito oprimido da religião do povo começa a ser ouvido marcadamente em Medellín, que é o eco dos estudos das diversas ciências e de algumas preocupações pastorais”.

³⁶² SANCHIS, P. (Org.) *Fiéis & Cidadãos*. p. 11.

³⁶³ BOFF, L. *E a Igreja se fez povo: Ecclesiogênese*. p. 59.

³⁶⁴ Idem. p. 59.

³⁶⁵ BOSI, A. *Dialética da Colonização*. p. 17.

³⁶⁶ VAZ, H. C. de L. *Escritos de Filosofia II*. p. 19.

religiosidade popular liga o povo às suas tradições fazendo-os mais resistentes e mais unidos. O povo tem seu jeito típico de ser. Seus rituais diferem da rigidez litúrgica proposta pela Igreja oficial. Lembra-nos Leers que “*a religiosidade popular, sendo grupal, comunitária, costuma estar integrada na própria convivência social e rede de relações do povo*”.³⁶⁷

O povo tem seu jeito específico de ser. Em suas comunidades estrutura um novo modelo eclesial que foge dos padrões da oficialidade. A comunidade atua como elemento criativo, pois a mesma “*identifica o lugar de pertencimento geográfico dos indivíduos*”.³⁶⁸ A comunidade preserva e recria seu mundo de significados. Assim sendo, a mesma se institui como espaço marginal das instituições oficiais. Predomina um outro modelo lógico que difere das teorias e dos códigos. A vivência do mundo popular dispensa a postura legalista e repressora. Predomina a postura de acolhida e compaixão. Assim sendo “*um casal que não pode casar-se na igreja, como o povo diz, mas vive muito bem, cria bem os filhos, ajuda muito na pastoral e chega a certa liderança na comunidade local*”.³⁶⁹ A maneira de experimentar a religião se manifesta diferente do teórico que deseja explicar e reger os comportamentos, costumes e atitudes de um povo.

A valorização da cultura de um povo fortifica suas relações e permite que os mesmos formem redes de solidariedade para enfrentar suas próprias dificuldades. A religiosidade popular garante o elo de relações do ser humano com sua história, sua terra e sua espiritualidade. O mundo da teologia oficial não tem importância para uma esfera onde a oralidade tem mais eficácia. Afinal, a religiosidade popular se faz presente no meio de um povo simples, pouco letrado que dificilmente tem a oportunidade de frequentar os espaços das academias. Sendo assim, os mesmos elaboram e transmitem suas experiências oralmente. No mundo da religiosidade popular “*a transmissão da fé se efetua mediante uma língua comunitária que comporta três níveis: teológico (conceitual), axiológico (moral) e experimental (pessoal e identifiante)*”.³⁷⁰ No entanto, podemos dizer que a postura centralizadora da Igreja procura, com sua atitude de controle, reduzir a experiência do povo apenas ao primeiro elemento, isto é, reduzindo a experiência religiosa ao puro rigorismo conceitual. O teólogo acaba exercendo o papel de vigilante da instituição que deve proibir os exageros e aquilo que é incompatível com a ortodoxia. Lembra-nos Aubry que na religião do

³⁶⁷ LEERS, Frei Bernadino. *Religiosidade Popular em Caminho para Deus*. p. 241.

³⁶⁸ SOUZA, J. V. A. de. *Igreja, Escola e Comunidade*. p. 129.

³⁶⁹ LEERS, Frei Bernadino. op. cit. p. 241.

³⁷⁰ DUCH, L. *O Tempo Vivido e Simbolizado*. p. 38.

povo “*mostrar enfado pela festa é o mesmo que renegar sua cidadania*”.³⁷¹ A religiosidade popular traz o elemento indissociável da festa. Na cultura popular

os sinais da festa: a elegância dos trajes para as ‘cerimônias’ (ritos sociais), a ‘cachaça’ para as relações sociais, as reuniões (na casa de um principal), as refeições (muito álcool) e, sem dúvida, não pode faltar a imensa reunião popular com seus indefectíveis acordos econômicos (o mercado, a feira).³⁷²

É neste ambiente que vive o sertanejo que busca em sua espiritualidade a força para enfrentar as provações da vida e dureza do sertão. A religiosidade popular afirma uma mensagem fundamental: “*Esta aldeia é nosso torrão natal, aqui se acham nossas raízes, jamais seremos citadinos. Aqui repousam nossos mortos, aqui desejamos viver e morrer*”.³⁷³ Resumindo, podemos dizer que a cultura ligada à espiritualidade de um povo afirma a sua identidade e o fortalece. Cria condições de resistência e superação da opressão. Manifesta a solidariedade desse povo com outros grupos étnicos e aponta para uma perspectiva libertadora.

O terceiro aspecto que devemos levar em consideração é o fato da religiosidade popular ser integradora e agregar valores que socializam os membros da comunidade. Aqui apontamos para o forte caráter de resistência encontrado nas experiências de fé do povo. Ao apontar a tipologia do catolicismo popular Higuét aponta para quatro enfoques dialéticos propostos por Waldo César. A tentativa de sistematização leva em consideração: “*Em primeiro lugar, popular identifica-se com o rural e contrapõe-se a urbano (enfoque ecológico)*”.³⁷⁴ “*Em segundo lugar, popular opõe-se a oficial (Enfoque político)*”.³⁷⁵ “*O terceiro enfoque é cultural: popular é o que não se aprende na escola, em posição a ‘erudito’*”.³⁷⁶ Em quarto lugar “*‘popular’ significa sagrado em oposição a secular (enfoque religioso)*”.³⁷⁷

No enfoque ecológico encontramos o homem que sai do campo em direção à cidade grande. A cidade representa o lugar da racionalidade. As ruas são medidas e os quarteirões expressam um sentido matemático que aprisiona o corpo e a mente dos seres que habitam aquele espaço. O homem que deixou o campo traz consigo seu mundo de significados que continua refletindo o antigo habitat. O mesmo sente dificuldades de se

³⁷¹ AUBRY, A. *A Festa Dos Povos e o Estilhaçamento da Sociedade*. p. 91.

³⁷² Idem. p. 91 [227]

³⁷³ Idem. p.94 [230]

³⁷⁴ HIGUET, E. *O misticismo na Experiência Católica*. p. 24. C.f “O que é ‘Popular’ no catolicismo popular”. In. REB, 36/141, março de 1976, pp. 5-18.

³⁷⁵ Idem. p.25

³⁷⁶ Idem. p.26

³⁷⁷ Idem. p.26

enquadrar nos esquemas propostos pelo mundo urbanizado. É freqüente no noticiário diário das grandes cidades a querela entre vizinhos em função de um galo que canta na madrugada ou um cavalo que pasta em uma via pública. Lembra-nos Dom José Alves Trindade que “*torna-se fácil tirar o homem da roça, mas que mais difícil é retirar a roça do homem*”. O enfoque ecológico aponta para um universo regido por uma “*mística da natureza*”. Nas palavras de Higer, “*o homem se vê numa dependência incondicional em face das forças do cosmo, vividas como manifestações do sagrado. Tudo funciona dentro de uma constelação universal em que Deus é a providência onipresente e a última razão de todo ser*”.³⁷⁸

A identificação do homem urbano com o catolicismo rural torna-se evidente nas grandes cidades. Se, de um lado, a racionalização gerou a descrença, de outro, as raízes rurais garantem o misticismo e a piedade popular. O homem urbano continua sentindo necessidade de proteção em um mundo que desagrega as relações pessoais. Se o mundo rural rodeado pela natureza representava perigo para a vida, a selva de pedra coloca uma nova necessidade de proteção calçada nos mesmos fundamentos da velha natureza. O homem tem necessidade

de encontrar alguém que pisou os caminhos dos homens, conheceu a sua experiência e viveu os seus sentimentos – e ao mesmo tempo ultrapassa o quadro da sua experiência imediata e é investido de um poder que lhe permite dominar o cosmo, a existência social, a vida.³⁷⁹

A existência do catolicismo de resistência na cidade reflete a necessidade de segurança em mundo que ameaça a vida a todo instante. Se no passado

as religiões sentiam-se freqüentemente mais à vontade no mundo rural, reproduzindo hábitos e rotinas. Nas últimas décadas, houve uma inversão e a realidade urbana passou a ser determinante, penetrando, inclusive, porosamente, no campo.³⁸⁰

Por sua vez, o homem mesmo migrando para o mundo urbano não perde seus medos e nem perde seus antigos mitos. Continua reproduzindo em seu cotidiano as experiências herdadas do universo cósmico rural. A visão do sagrado “*com fins exclusivamente utilitários*”, toma lugar numa constelação que exige proteção contra os infortúnios da natureza.³⁸¹ Diante do medo das forças incontroláveis da vida o homem sente necessidade de se proteger no interior da comunidade, criando assim relações que se sustentam na visão mágica do universo. “*A constelação das proteções reúne as práticas pelas*

³⁷⁸ HIGUET, E. *O misticismo na Experiência Católica*. p. 24.

³⁷⁹ SANCHIS, P. *Arraial: Festa de um Povo*: As Romarias Portuguesas. p. 45.

³⁸⁰ SOUZA, L. A. G. de. *Catolicismo em Tempos de Transição*. p. 09.

³⁸¹ HIGUET, E. *O misticismo na Experiência Católica*. p. 26.

quais o homem entra em contato com os seus santos, para alcançar deles vantagens concretas e visíveis".³⁸²

O espírito do catolicismo popular transplantado do meio rural guarda as mesmas semelhanças no mundo urbano. A visão contratual com o sagrado continua orientando as relações em um mundo onde o ser humano tem dificuldade de se aproximar do sagrado. Na cidade o sagrado ficou mais distante, prisioneiro das catedrais e dos burocratas da religião. A religiosidade popular continua sendo a fonte de resistência na medida em que continua apontando para a possibilidade e fortalecimento de redes solidárias nas periferias das grandes cidades. Lembra-nos Souza que *"em divergência com diagnósticos pessimistas, dá para pressentir o surgimento, bem no fundo das práticas religiosas, de novas tendências, na contramão do rotineiro"*.³⁸³

O catolicismo de resistência continua vivo na sua expressão popular. Encontramos outras possibilidades de caracterizá-lo, mas entendemos que o catolicismo popular guarda sempre uma perspectiva de resistência diante do catolicismo oficial. Parker, por exemplo, faz uma nova tipologia do catolicismo brasileiro com quatro tipos: *"católico tradicional, católico popular racionalista, católico popular renovado tradicional e católico popular renovado"*.³⁸⁴ O primeiro caracteriza-se pela figura que assume um núcleo central que se compõe de três elementos, ou seja, crer em Deus, na virgem Maria e nos Santos. O segundo são aqueles que assumem os três elementos essenciais do primeiro tipo, mas abandona a vivência dos sacramentos. O terceiro tipo é caracterizado pelo fiel que cria e intensifica sua adesão à comunidade aumentando sua frequência aos sacramentos e maior participação na vida eclesial. O quarto tipo é o do católico popular renovado que procura maior compromisso com as correntes mais avançadas de renovação eclesial, valorizando o compromisso social e libertador.³⁸⁵

A primeira tipologia ecológica descrita anteriormente não se desvincula e encaminha para a política. O catolicismo popular neste segundo momento se apresenta como religião dos pobres.

O catolicismo popular, nesse sentido, caracteriza-se por religiosidade simples e espontânea contraposta à organização e ao aparelho de poder da religião oficial, dispensando os serviços especializados do sacerdote e a sistematização dos conteúdos da fé.³⁸⁶

³⁸² Idem. p.27.

³⁸³ SOUZA, L. A. G. de. *Catolicismo em Tempos de Transição*. p. 12.

³⁸⁴ PARKER, C. "Fragmentação do Campo Católico", 1995. A análise da tipologia de Parker e feita por FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *Por que uma pesquisa sobre catolicismo?* p. 20.

³⁸⁵ FERNANDES, S. R. A. *Por que uma pesquisa sobre catolicismo?* p. 20.

³⁸⁶ HIGUET, E. *O misticismo na Experiência Católica*. p. 25.

Este espaço foi no passado ocupado por rezadores, beatos, raizeiros e benzedeiros que no universo católico popular tem mais importância do que o clero com suas reflexões teológicas.

Neste modo de ser igreja o povo manifesta maior autonomia e espontaneidade. São eles mesmos que organizam suas festas e sustentam a dinâmica de suas devoções. Neste catolicismo os leigos tornam-se os maiores protagonistas e alimenta um catolicismo “*repleto de sobrevivências pagãs, com seu politeísmo disfarçado, superstições e feitiços, que atraíam também os negros, facilitando sua adesão e paralela transformação*”.³⁸⁷

No terceiro aspecto encontramos o enfoque cultural que interpenetra as relações sociais das camadas populares.

O catolicismo popular constitui, porém uma verdadeira cultura, no sentido antropológico do termo, expressando-se por um conjunto de crenças, de rituais e de formas de organização peculiares. É um sistema cultural que exprime na pessoa um conjunto de disposições profundas e duradouras que formam o “sentimento religioso do povo”.³⁸⁸

No aspecto cultural a festa toma lugar do legalismo litúrgico. A vida se manifesta em sua espontaneidade. A festa coloca em questão o controle institucional. Na perspectiva de Abreu, as festas desagradavam as autoridades religiosas e civis preocupadas com a continuidade da ordem. As festas eram momentos de fugir da regra, incentivo à gula, bebida, sexo e desordem.³⁸⁹ Nesta conjuntura proibir uma festa representava tentar manter o rigor da disciplina.

Um balde de água fria foi jogado no catolicismo popular com as grandes questões religiosas em curso no país. Registra Martins que “*no acompanhamento dos indicadores observamos um crescente declínio do catolicismo, que chama a atenção para uma transformação da identidade cultural do brasileiro*”.³⁹⁰ O mundo globalizado coloca novas questões para um catolicismo de raízes rural que procura sobreviver na cidade. O mundo marcado pelo crescente individualismo coloca a velha ordem em questão requerendo uma nova resposta para as novas interrogações que se colocam na atualidade. Na verdade, uma dialética se estabelece na procura de uma nova identidade. Na leitura de Martins, o institucional sobrevive ao lado do popular, pois

³⁸⁷ ABREU, M. *Festas Religiosas no Rio de Janeiro*. pp. 183 –203.

³⁸⁸ HIGUET, E. op. cit. p. 26.

³⁸⁹ ABREU, M. op. cit. pp. 183-203.

³⁹⁰ MARTINS, A. D. *Crenças e Motivações Religiosas*. p. 61.

as duas orientações traduzem o movimento ambivalente da própria modernidade contemporânea: a dinâmica da afirmação do valor das instituições, especialmente como construtoras de vetores para a conduta social e religiosa do fiel, e a afirmação da emoção e escolha individuais, como também legítimo de validação das crenças e motivações religiosas de um indivíduo.³⁹¹

Enfim, encontramos o enfoque religioso. Neste elucidamos uma perspectiva sagrada da realidade. O mundo é um todo carregado do divino, isto é, “*dá-se valor religioso a todos os eventos da vida, seja os do dia-a-dia, sejam as grandes decisões, de tal forma que a vida prática parece envolvida por um certo mistério que torna dependente o domínio religioso*”.³⁹² Esta visão fascinante do mundo impede que o homem interfira na ordem do cosmo, pois Deus é que governa todas as coisas e controla o destino dos humanos. Tudo o que acontece é pura vontade de Deus. Para Fernandes continua viva

uma relativa valorização de práticas que possuem um caráter mágico-religioso. Essas práticas são pautadas por um sistema de crenças paralelas ao sistema tradicional e podem conviver, na representação do fiel, de maneira pacífica com sua religião de origem. Neste sentido, ir a cartomantes ou buscar adivinhações, são práticas que parecem estar sendo naturalmente experimentadas por boa parcela dos católicos.³⁹³

O que percebemos é que o catolicismo popular se apresenta em sua dinâmica permanente. Nas últimas décadas passou por transformações em seu contato com a vida urbana, mas guarda em seu referencial os elementos básicos que sempre o alimentou, isto é, uma mística ligada à natureza e à sua dimensão festiva. Apresenta-se como leigo e presente no mundo dos pobres. Desenvolve-se fora do espaço institucional criando seus elementos culturais próprios e de resistência. Guardando sempre uma visão sagrada do universo e do homem que o cerca. Pontua Ramalho que

a cultura brasileira e sua matriz religiosa tradicional possuem como componentes muito evidentes valores do catolicismo ibérico, dos cultos afro e da religiosidade indígena. Tais componentes, nas suas expressões culturais, estiveram ausentes, em parte ou no todo, na maioria das práticas religiosas oficiais.³⁹⁴

³⁹¹ Idem, p. 87.

³⁹² Waldo César. “O que é ‘Popular’ no catolicismo popular”. In. REB, 36/141, março de 1976, pp. 5-18. Citado por: HIGUET, E. *O misticismo na Experiência Católica*. p. 26.

³⁹³ FERNANDES, S. R. A. *Prática religiosa e Participação Social* p.127.

³⁹⁴ RAMALHO, J. P. *Desafios no Campo Religioso Brasileiro*. p. 04.

V – O CONCÍLIO VATICANO II LANÇA RAÍZES NO SERTÃO

O Concílio Vaticano II consolidará sua presença na Diocese de Montes Claros a partir da 1ª Assembléia Diocesana de Pastoral em 1967.³⁹⁵ A Assembléia de 1967 será o momento de ressonância das idéias do Concílio Vaticano II no Norte de Minas Gerais. Os impactos do Concílio tornam-se inevitáveis entre clérigos e leigos na Igreja particular de Montes Claros. A Princesa do Norte não estava fora do mundo. Assim sendo, as repercussões importantes passavam por este ponto irradiador de cultura e espiritualidade cravado no Norte das Gerais. Na perspectiva de Lopes, o marco inicial das mudanças se deu com o Movimento de Renovação “*O Mundo Melhor*”.³⁹⁶ Este Movimento foi recebido com muita expectativa pelos leigos da Diocese de Montes Claros. O laicato tinha ânsia por ver as mudanças que poderiam acontecer no mundo eclesiástico. O Movimento indicava novos rumos a partir das idéias do Concílio Vaticano II e “*era acolhido por quase todas as Dioceses e Paróquias do Brasil*”.³⁹⁷

O Movimento “*O Mundo Melhor*” lançou bases prósperas para o Cursilho de Cristandade que se tornaria instrumento de evangelização no contexto das idéias Pós-conciliares. O Cursilho de Cristandade teve início no contexto social, econômico, político e religioso da Espanha na década de 1930/1940.³⁹⁸ Em 1962 o movimento chega ao Brasil e realiza o primeiro Cursilho em Valinhos no Estado de São Paulo. No Brasil “*o clima pastoral de toda Igreja era de renovação e de grandes esperanças. Em Roma o Concílio Vaticano II caminhava para sua segunda sessão, enquanto aqui no Brasil, começava a ser implementado, com entusiasmo, o Plano Pastoral de Emergência, sugerido pelo Papa João XXIII ao Episcopado brasileiro*”.³⁹⁹ O Movimento de Cursilho de Cristandade encontrou no momento histórico brasileiro o desafio de colocar-se em sintonia com o espírito conciliar que começava a tomar força nas paróquias do Brasil. Surgia naquela década “*um novo desafio: colocar o Movimento de Cursilhos em sintonia com toda a Igreja Católica, especialmente na América*

³⁹⁵ A 1ª Assembléia de Pastoral teve como assessores membros da CNBB, regional Leste II.

³⁹⁶ O Movimento serviu na Diocese para implantar as primeiras bases para a chegada do Cursilho de Cristandade. AEAMC.

³⁹⁷ CUSILHO DE CRISTANDADE DO BRASIL. *Mensagem do Movimento de Cursilhos de Cristandade do Brasil*. p. 17.

³⁹⁸ Idem, p. 15. Alguns sacerdotes da Diocese de Mallorquina trabalhando com a Ação Católica e com a Juventude da Ação Católica Espanhola (JACE) influenciados pelas Encíclicas “*Mystici Corporis*” (1943) e “*Mediator Dei*” (1947), do Papa Pio XII, sentem a necessidade de explicar ao mundo o verdadeiro sentido do Espírito Cristão.

³⁹⁹ Idem, p. 17.

Latina e no Brasil".⁴⁰⁰ Entedia os dirigentes do Cursilho de Cristandade que os desafios da Igreja do Brasil não podiam ficar fora da tarefa evangelizadora do movimento. No início predominou uma visão social assistencialista. Lembra Santos que *"pensava-se o social a partir de uma visão assistencialista. Por sua vez, o assistencialismo mesclava com projetos mais avançados"*.⁴⁰¹ No início havia pouca compreensão de um projeto social mais arrojado que só foi clareando com o tempo. Não se compreendiam as questões com muita facilidade. *"Comecei a participar efetivamente da vida da Igreja em 1976 e só assumir um cargo no sindicato em 1987. O despertar para a luta é uma construção. Não adquirimos liberdade de um dia para o outro"*.⁴⁰² Se o início foi difícil, a caminhada ficava mais clara com as orientações sociais da Igreja. Um documento importante para a reorientação da atividade evangelizadora do Cursilho foi Puebla. A partir deste, o movimento indica para seus militantes seis aspectos importantes para a evangelização. Em primeiro lugar *"deixar-se sensibilizar pela realidade do pobre: a miséria, a marginalização, a fome aí estão à vista de todos"*.⁴⁰³ O Cursilho entrava em sintonia com o espírito renovador que nascia das idéias sociais do Vaticano II e das orientações do Episcopado em questões ligadas à evangelização.

Em segundo lugar, entendia o movimento que seus membros devia *"conhecer melhor os mecanismos de opressão nos quais, em muitos casos, há um envolvimento geral, ainda que inconsciente ou mesmo voluntário"* dos cristãos e cristãs do tempo em questão.⁴⁰⁴ Em terceiro lugar é necessário *"sentar-se com o pobre, isto é, junto com o pobre, olhar as realidades com a ótica do pobre e, a partir dela, tentar construir a sociedade"*.⁴⁰⁵ Ainda pondera o Documento do Cursilho de Cristandade as três últimas questões importantes, ou seja, *"não admitir a injustiça social, denunciar as injustiças e articular-se em grupos ou núcleos nas suas comunidades ou ambientes: os grupos dão mais força e mais estímulo à ação, ao mesmo tempo que favorecem a formação e o apoio a movimentos populares"*.⁴⁰⁶

No final da década de 60 o Cursilho de cristandade tornou-se instrumento importante de evangelização e formação dos leigos na Diocese de Montes Claros. Registra o documento do Cursilho de Cristandade que

⁴⁰⁰ Idem, p. 19.

⁴⁰¹ SANTOS, R. S. *O Concílio e o Vaticano II*. Entrevista, Montes Claros, 2006.

⁴⁰² CURSILHO DE CRISTANDADE DO BRASIL. *Mensagem do Movimento de Cursilhos de Cristandade do Brasil*. p. 01.

⁴⁰³ Idem, p. 44.

⁴⁰⁴ Idem, p. 44.

⁴⁰⁵ Idem, p. 44.

⁴⁰⁶ Idem, p. 44.

não se pode ignorar e nem deixar de registrar e louvar a Deus por isso, o imenso bem operado através dos Cursilhos, tanto em milhares de pessoas que encontraram o caminho do coração do Pai, como benefício de tantas Igrejas particulares. Muito fervor foi reacendido, muitos apóstolos suscitados, muita ação pastoral, sobretudo intra-ecclesial, foi motivada.⁴⁰⁷

As ações do Cursilho não foram imediatas. Na Diocese de Montes Claros realizaram-se uma média de seis Cursilhos por ano. O Cursilho atingiu de maneira direta de 06 a 07 mil homens e mulheres com seu programa de formação.⁴⁰⁸

O período pós-conciliar exigia o surgimento de lideranças mais comprometidas com a Igreja que sentia a necessidade de formá-las e trazê-las para suas fileiras de pastoral. Lembra-nos Wernet que

sinteticamente falando afirma-se que o Concílio Vaticano II: enfatizou a missão social da Igreja; insistiu e declarou a importância dos leigos na Igreja; ressaltou a corresponsabilidade dos bispos, encaminhando-se, até certo grau, a uma maior descentralização administrativa da Igreja; desenvolveu a noção de Igreja Povo de Deus; valorizou o diálogo ecumênico e modificou a liturgia pela promoção da concelebração, e, entre outras medidas, introduzindo o uso da língua vernácula na celebração da Missa.⁴⁰⁹

Além das mudanças no nível eclesial colocava-se a exigência de maior participação no Mundo. Para tanto, necessitava-se de lideranças que estivessem comprometidas com as realidades da vida, ou seja, escolas, empresas, oficinas, comércio e os empreendimentos do dia-a-dia. Os leigos começavam a participar das ações da Igreja e do mundo do trabalho provocando mudanças. Os leigos formados pelo Cursilho de Cristandade incomodavam em seu local de trabalho, pois “*os mesmos, participam em suas categorias e provocavam mudanças. Nas empresas havia forte influência e participação de cursilhista. Havia uma informação que todo cursilhista era fichado no Serviço de Segurança Nacional*”.⁴¹⁰ Predominava um clima de medo, pois estávamos em plena Ditadura Militar e o povo brasileiro sob rígido esquema de vigilância.

As mudanças se tornavam necessárias em uma sociedade que clamava por renovações. Lembra-nos Brighenti que

na década de 1960, a secularização supunha a criação de dois mundos em contraste, o secular e o profano face ao religioso. A partir da década de 1970,

⁴⁰⁷ Idem, p. 18.

⁴⁰⁸ SANTOS, R. S. *O Concílio e o Vaticano II*. Entrevista, Montes Claros, 2006.

⁴⁰⁹ WERNET, A. *As Ordens e Congregações Religiosas no Catolicismo Pós-conciliar*. pp. 01-02.

⁴¹⁰ SANTOS, R. S. *O Concílio e o Vaticano II*. Entrevista, Montes Claros, 2006.

contra todo diagnóstico sociológico ou teológico, a tendência inverteu-se. Hoje, a religião não cessa de fortalecer-se.⁴¹¹

A religião não cessa de fortalecer porque a mesma não se deixa aprisionar pelo dado institucional. Ela é dinâmica e se constitui como espaço livre para a realização do humano. Nela muitos homens e mulheres encontram espaço para o exercício da cidadania. Instaura-se um clima de profecia e a religião torna-se lugar de buscar forças para as lutas diárias. Lembra-nos Souza que *“o homem religioso sofre, mas redimensiona seu sofrimento. Ele sabe que não se encontra sozinho, ele tem consciência de que Deus é o Deus da vida. Sendo assim, um Deus que abomina a escravidão, a exploração e todas as formas de anti-vidas”*.⁴¹²

O Concílio havia constatado que o mundo já não era mais o mesmo. Esta mesma percepção tinha as lideranças religiosas da Diocese de Montes Claros que, sensíveis aos apelos de mudança, colaboravam e incentivavam as transformações necessárias para aquele momento histórico da Igreja particular de Montes Claros. Lembra-nos Souza Lopes que o período pós-conciliar *“foi um momento privilegiado de participação dos leigos. A liturgia mudou muito. A presença dos leigos na celebração e na vida da Igreja provocava conflitos”*.⁴¹³ Os conflitos repercutiam no interior da Igreja e fora dela. As resistências às mudanças eram visíveis. Muitos não aceitavam o clima de mudança que apontava. Na perspectiva de Santos, *“Dom José era um bispo aberto e incentivava o crescimento do leigo. Durante as audiências que tinha com os mesmos, dava cartas de apresentação para as tarefas a serem realizadas”*.⁴¹⁴ O apoio às causas populares gerava embates e uma sorradeira perseguição. Dom José rezava com os operários e mostrava profunda sensibilidade por suas causas. Reconhece Santos que *“sua preocupação com os mais pobres lhe rendeu o título de bispo agiota”*.⁴¹⁵ Na visão de Santos, uma forma de agredir aquele que se sensibilizava pela causa dos pequenos. Quando os ricos não roubam o suor dos mais pobres, roubam-lhes a vida, quando fracassam em seus propósitos, difamam e caluniam.

O Concílio tomava força exatamente em um momento crucial da vida do país e da região Norte Mineira. A Primeira Assembléia de Pastoral da Diocese de Montes Claros se realiza em um momento impar para o Brasil, isto é, no final do governo de Castelo Branco

⁴¹¹ BRIGHENTI, A. *A Missão Evangelizadora no Contexto Atual: Realidade e Desafios a partir da América Latina*. p. 25.

⁴¹² SOUZA, A. A. *Religião: Protesto Contra Um Mundo Injusto*. p. 15.

⁴¹³ SOUZA LOPES, J. B. de. O Concílio na Diocese de Montes Claros. Entrevista, 18/10/06.

⁴¹⁴ SANTOS, R. S. *O Concílio e o Vaticano II*. Entrevista, Montes Claros, 2006.

⁴¹⁵ Idem, p. 01.

(1964 – 1967). Sua escolha por via indireta quebrava a linha de sucessão constitucional. Por sua vez, foi legitimado o *Ato Institucional Nº 1*. O mesmo estabeleceu que o presidente da República poderia remeter ao Congresso sugestões para a reforma da Constituição. A declaração do AI-1 foi acompanhada pela repressão política, deposição de governadores e cassação de direitos políticos. Em 1967 aumentava o princípio centralizador do Estado e a repressão severa aos opositores.

No interior da Igreja as opiniões não eram unânimes com a direção que se devia tomar. Predominava a falta de direcionamento. Não obstante a falta de um posicionamento claro o documento da Assembléia de 1967 entende que

os homens não deviam esperar pela Igreja: caminhem para frente. Se ela parar, se ela descuidar-se, se ela se omitir perderá terrenos difíceis de recuperarem. Diante de problemas tão angustiantes, só resta à Igreja uma saída – parar e refletir; refletir e decidir; decidir e agir; isto é, Planejar.⁴¹⁶

A Igreja de Montes Claros sentia a necessidade de estar em consonância com as grandes transformações que ocorriam no mundo.

A Diocese de Montes Claros não ficará distante das mudanças ocorridas no âmbito da Igreja Universal. A mesma estará em sintonia com os grandes acontecimentos da Igreja Católica no mundo. Esta sintonia se manifesta, sobretudo na presença da Diocese de Montes Claros em todo o período do Concílio Vaticano II. Como nos lembra Palácio

cronologicamente e teologicamente o Vaticano II representa uma virada decisiva na tumultuada história das relações entre catolicismo e mundo moderno. Tomada de consciência embrionária das causas profundas do mal-estar cristão, vontade decidida de abrir-se e responder aos desafios que lhe vêm da realidade e inversão da tendência de distanciamento e condenação que durante mais de um século, marcará a atitude da Igreja com relação à sociedade.⁴¹⁷

A Igreja de Montes Claros esteve representada por Dom José Alves Trindade no Concílio Vaticano II. O prelado ficou conhecido na Igreja local como o *Bispo do Concílio*. Sua participação no Concílio servirá de referência para toda a sua vida episcopal na Diocese de Montes Claros. Nos anos de 1962 encontramos na diocese uma intensa mobilização em função do Concílio Vaticano II. A Imprensa acompanhou os passos do bispo registrando os momentos importantes e repercussões da grande reunião para os católicos no Norte de Minas Gerais. No mês de janeiro de 1962 encontramos artigo do Jornal Gazeta do Norte mencionando a realização do Concílio Vaticano II. Naquele momento o clero, os paroquianos

⁴¹⁶ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes de Montes Claros 1967 – 1970*. p. 27.

⁴¹⁷ PALÁCIO, C. *Teologia, Magistério e “Recepção” do Vaticano II*. pp. 151–170.

e as autoridades civis se mobilizavam para que Dom José pudesse chegar a Roma e representar de forma honrosa a Diocese de Montes Claros. Encontramos artigo intitulado: “Bodas de Prata de Dom José Alves Trindade” que conclama “*as paróquias da cidade e interior, assim também os amigos e admiradores do Sr. Bispo montesclarenses, a cotizar e oferecer uma passagem a Roma, onde S. Excia. assistirá o Concílio Ecumênico*”.⁴¹⁸

A participação de Dom José se tornava importante para uma região que experimentava um grande fervor espiritual. Não havia uma clareza do que o Concílio representaria para a fé simples do homem sertanejo. Afinal, estes fiéis estavam em um mundo dinâmico que demandava transformações, e estas, eram esperadas nestes longínquos rincões. A presença de Dom José no Concílio era uma questão fundamental, pois assim expressa Monsenhor Gustavo em circular aos clérigos da Diocese de Montes Claros. O eclesiástico lembra que “*o presente das paróquias e de todo o povo da Diocese é o custeio da viagem de ida e volta de S. Excia. Revda por ocasião do próximo Concílio Ecumênico*”.⁴¹⁹

O Concílio chamava atenção para o clima de transformação e mudanças que posteriormente atingiria a vida da Igreja. As mudanças seriam recebidas com o entusiasmo que traz as novidades e com o espanto que mexe com as velhas estruturas já cristalizadas. Lembra-nos Souza Lopes que o Concílio

foi uma grande alegria. Esperança de renovação na Igreja. Queríamos mudanças na Igreja. A Igreja estava tão amarrada ao conservadorismo, ao autoritarismo e ao clericalismo da hierarquia. Foi um momento de esperança e renovação.⁴²⁰

Dom José foi um bispo simples, popular e preocupado com as questões que envolviam a vida do povo. Não era um bispo de tomar partido nos momentos difíceis que envolviam conflitos de interesses. Ao seu modo, colaborava com as iniciativas dos movimentos sociais. Lembra Souza Lopes que “*Dom José não incentivava e não proibia. Nunca condenou ou desaprovou os avanços. Soube conviver com os mesmos. Houve um crescimento muito grande dos leigos. Dom José seguia as orientações do Concílio*”.⁴²¹

Por ocasião do Concílio Vaticano II, Dom José fala pela Rádio Vaticana aos diocesanos, encoraja os mesmos, para o entendimento das futuras modificações que estavam por vir.

⁴¹⁸ GAZETA DO NORTE. *Bodas de Prata de Dom José Alves Trindade*. Ano XLIII, Num.2913, C.D.UNIMONTES, Montes Claros, 25/01/62.

⁴¹⁹ GAZETA DO NORTE. *Circular da Cúria Diocesana: Aos Revdos Srs. Vigários, Capelães, Sacerdotes, seculares e regulares e Religiosos da Diocese de Montes Claros*. Ano XLIII, Num.2915, C.D. UNIMONTES, Montes Claros, 01/02/62.

⁴²⁰ SOUZA LOPES, Idem.

⁴²¹ Idem.

Entende o bispo que o povo de Deus devia se preparar para a nova realidade que o Concílio imprimiria nas vidas dos católicos. Em sua fala ao povo da Diocese lembrará aos “*caríssimos diocesanos: é crente no nosso inteligente e generoso entusiasmo em favor agora da construção do seminário, da execução futura do programa do Concílio*”.⁴²²

Conhecendo a realidade do Norte de Minas Gerais, Dom José parece se posicionar de forma crítica diante dos acontecimentos que o envolvia. Afinal, antes mesmo de sua partida para Roma visando a participação no Concílio, teve atuante participação nos problemas sociais da região. Em 1962, o mesmo, já participava das reuniões e discussões das questões gritantes no Norte de Minas Gerais. A fome rondava seus diocesanos. A penúria da seca castigava o homem do campo e as ruas estavam cheias de maltrapilhos que ficavam no corredor da migração forçada vindos do Nordeste para a cidade de São Paulo. Montes Claros estava no meio do caminho de uma das maiores rotas de migração e expulsão do homem de suas terras. Por aqui passava o trem de passageiros que vinha de Salvador para a cidade de São Paulo. Muitos, por falta de recursos para continuar a viagem, ficam neste sertão seco aumentando suas dificuldades e inchando as fileiras dos miseráveis. Diante de tantos problemas, o bispo declara: “*Estarei sempre ao lado da cidade e do povo*”.⁴²³

A presença de Dom José em defesa do povo torna-se significativa por seu poder de mobilização e participação nas instâncias que tinha como objetivo defender interesses coletivos. Já em 1962 o mesmo atuava de forma significativa em reuniões do DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca. Nesta esfera estatal colaborou para que fosse resolvido um dos problemas mais significativos da cidade de Montes Claros, isto é, a falta de água. Registra a Gazeta do Norte a “*inestimável colaboração que vem dando também S. Excia. Aos problemas da cidade, entre os quais o do abastecimento d’água que teve em Dom José infatigável defensor no Grupo de Trabalhos do DNOCS*”.⁴²⁴

A atuação em questões sociais obedecia os princípios da Doutrina Social da Igreja. Mas, que documentos eclesiais inspiravam Dom José em sua atuação no campo dos problemas sociais? Em seus apontamentos e homilias encontramos referências às encíclicas: *Rerum Novarum* de Leão XIII de 15 de maio de 1891, *Mater et Magistra* de João XXIII de 15 de maio de 1961, *Populorum Progresso* de Paulo VI de 26 de março de 1967 e a Carta Apostólica *Octogésima Adveniens* de Paulo VI de 14 de maio de 1971. Lembra-nos Libânio

⁴²² GAZETA DO NORTE. *Pela Rádio do Vaticano: Palavras de Dom José ao Povo de Montes Claros*. C.D. UNIMONTES, Ano XLIV, Num. 2992, 25/11/62.

⁴²³ DIÁRIO DE MONTES CLAROS. *Dom José recebe Vereadores de Montes Claros*. Ano II, Num. 242, 21/01/64.

⁴²⁴ GAZETA DO NORTE. *Jubileu de Prata de S. Excia. Dom José Alves Trindade*. C.D. UNIMONTES, Ano XLIII, Num. 2930, 25/03/62.

que na década de 60 duas encíclicas causam um grande impacto na atuação da Igreja e, por sua vez, na vida dos bispos mais sensíveis às questões sociais, ou seja, as duas encíclicas de João XXIII, a *Pacem in Terris* e a *Mater et Magistra*.⁴²⁵

As questões sociais começavam a incomodar setores da Igreja sensíveis às mazelas do povo de Deus. Entre as questões que mais chamavam a atenção eram a fome e a miséria que começam a rondar as cidades. Registra o primeiro plano de pastoral da época pós-conciliar que

Montes Claros, quinta cidade mineira em densidade demográfica, terceira em importância econômica; 1200 estabelecimentos comerciais, 06 grandes indústrias, dezenas de indústrias médias e pequenas, empregando 5000 operários. Comunicando-se por rodovias, pela E.F.C.B e por avião, com os principais centros do país, é o ponto de encontro do progresso norte-mineiro e dos movimentos migratórios entre Norte e Sul.⁴²⁶

A cidade experimentava um processo de empobrecimento que agravava as condições de vida do povo. A decadência regional que se estabeleceu desde a saída brusca do homem do campo para procurar novas alternativas de sobrevivência se articula com uma conjuntura de degradação do meio-ambiente e com a devastação do patrimônio natural da região.

A cidade tomava uma nova feição. Cresciam os problemas sociais e o número de miseráveis rodeava as igrejas e ocupavam as praças públicas. Em volta da catedral de Montes Claros tornou-se necessária a colocação de uma grade para afastar os inúmeros mendigos que ali dormiam e cozinhavam seus alimentos. Na Avenida Francisco Sá vários migrantes estendiam cobertas improvisadas para se acalentarem do causticante calor da região. Recorda as Diretrizes Pastorais de 1967 que

a zona urbana é formada de bairros pobres, algumas famílias remediadas, e uma multidão de trabalhadores, empregados no comércio, biscateiros e mendigos. Esta parte da cidade acolhe os elementos da região rural e dos Estados do Nordeste, que aqui aglomeram à procura de melhores condições de vida. Assim Montes Claros não foge à imagem das cidades do Nordeste, com acentuada transição para a industrialização, mas com grande parte da população marginalizada deste processo.⁴²⁷

O espírito da *Rerum Novarum* possibilitava naquele contexto histórico tomar posições que pudessem favorecer o operariado nascente. A Igreja sentia necessidade de falar aos operários. Lembra-nos Leão XIII que “os ricos e os patrões não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem realçada ainda pela do cristão. O

⁴²⁵ LIBÂNIO, J. B. *Introdução ao Documento de Puebla*. p. 67.

⁴²⁶ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes de Montes Claros 1967 – 1970*. p. 25.

⁴²⁷ Idem, p.26.

que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor dos seus braços".⁴²⁸ A causa do operariado e dos mais pobres passava ser objeto de atenção por parte de algumas autoridades eclesiásticas.

Se, de um lado, a Igreja mostrava interesse pelas questões dos operários, outra parte via com desconfiança a preocupação com as questões sociais nascente. Pontua Giordani que *"Leão XIII viu sua encíclica aclamada por uma parte dos católicos, tolerada, com reservas e murmurações, por outra, exaltada ou escarnecida, segundo as filosofias, fora do mundo católico"*.⁴²⁹ Grande parte do episcopado via com ressalva a proximidade da Igreja com o mundo. Afinal, por vários séculos a Igreja havia condenado o mundo como perverso e lugar de perdição.

É verdade que muitos estranhos à Igreja entendiam a posição oficial do magistério como uma interferência brusca na vida do operariado. Não faltaram críticos que viam na posição da Igreja apenas uma manobra para impedir que os operários fossem tragados pelo comunismo. As palavras "socialismo", "marxismo" e "comunismo" passaram a ser satanizadas pelo campo católico que tentava a qualquer custo manter os fiéis longe da investida vermelha. Na Diocese de Montes Claros as palavras figuram com ressalvas na boca dos fiéis. Lembra-nos Ponciano que *"jamais haverá acordo entre Igreja e Marx, pois o dia em que a Igreja o fizesse estaria traindo sua missão"*.⁴³⁰

A inserção social da Igreja ia acontecendo de forma tímida e progressiva. Os debates suscitados envolviam questões ideológicas e acabavam ficando distante da prática da própria Igreja. Se, de um lado, predominava o medo e a distância da ameaça comunista, do outro, atuações localizadas permitiam criar outras opiniões e fortificar um espírito que consolidaria a abertura da Igreja, para as questões sociais, naquele momento histórico da Diocese de Montes Claros.

Repercute também na prática episcopal de Dom José Alves Trindade as idéias e princípios da Carta Encíclica *Mater et Magistra* de João XXIII. A mesma recorda a todos os homens de boa vontade que

a Santa Igreja, apesar de ter, como principal missão, a de santificar as almas e de as fazer participar dos bens da ordem sobrenatural, não deixa de preocupar-se, ao mesmo tempo, com as exigências da vida cotidiana dos homens, não só naquilo que diz respeito ao sustento e às condições de vida, mas também no que se refere à

⁴²⁸ LEÃO XIII, *Carta Encíclica de sua Santidade o Papa Leão XIII sobre a Condição dos Operários*. São Paulo: Paulinas, 2002. Nº 12.

⁴²⁹ GIODANI, I. *Sobre a Condição dos Operários*. In. LEÃO XIII, *Carta Encíclica de sua Santidade o Papa Leão XIII sobre a Condição dos Operários*. São Paulo: Paulinas, 2002.

⁴³⁰ PONCIANO, Pe. Jorge. *Diário de Montes Claros*. Ano II, Montes Claros, Num. 149, 26/05/63.

prosperidade e à civilização em seus múltiplos aspectos, dentro do condicionalismo das várias épocas.⁴³¹

Em seu tempo, Dom José soube colocar os tijolos que edificaria uma Igreja mais comprometida com os mais pobres. Em consonância com a *Mater et Magistra*, fica registrado não ser “*possível determinar, em pormenor, quais as estruturas do sistema econômico que melhor correspondem à dignidade humana e mais eficazmente desenvolvem o sentido da responsabilidade*”, Dom José chama atenção e pondera que: “*não se deve somente combater o capitalismo, quando em nossa porta ronda o comunismo opressor*”.⁴³² Parece ficar claro para a Igreja naquela conjuntura que a melhor opção era se fixar na Doutrina Social. Entendia Dom José Alves Trindade a força da doutrina social e a segurança que a mesma podia trazer para os cristãos. Em homenagem prestada pelos operários no Círculo de Trabalhadores Cristãos manifesta aos trabalhadores defendendo o “*vigor e a atualidade da Doutrina Social da Igreja*”.⁴³³

As atitudes avançadas do episcopado de Dom José na área social são visíveis e reconhecidas pela sociedade montes-clarense que registra sua participação nos momentos significativos das grandes conquistas sociais da região. Sua preocupação com as questões gritantes da região fará com que Dom José Alves Trindade se desloque até o Recife para as reuniões da SUDENE. Nestas reuniões encontrava com bispos do Nordeste que também manifestavam grande sensibilidade social. Entre estes bispos destacamos Dom Helder Câmara, o mesmo, teve papel decisivo neste momento histórico nas reuniões da SUDENE. A agenda do bispo do Sertão contará com inúmeras reuniões para discutir e levantar propostas para o desenvolvimento local. Em 1963, o jornal Diário de Montes Claros registra a viagem do bispo da Diocese Norte Mineira ao Recife, levando uma pauta que continha as seguintes reivindicações: “*casas populares, BR – 3, Abastecimento de água, Verbas para o hospital psiquiátrico Clemente de Farias e apoio para a fundação de uma Faculdade de Filosofia*”.⁴³⁴

Se, de um lado, encontramos um bispo que assume as questões de seu tempo e as enfrenta com o ardor de um soldado da fé; do outro, as Diretrizes de 1967 constata que no campo social vivíamos a timidez de uma região que ainda sentia as marcas dos poderes de mando que aqui foram se constituindo durante vários séculos. Lembra-nos o documento que

⁴³¹ JOÃO XXIII, *Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa João XXIII sobre a Evolução da Questão Social à Luz da Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1999. N° 04.

⁴³² Diário de Montes Claros. Ano II, APAM, Montes Claros, Num. 245, 28/01/64.

⁴³³ Idem.

⁴³⁴ Diário de Montes Claros. Ano II, APAM, Montes Claros, Num. 175, 28/07/63.

no campo social “as *constatações e sugestões foram curtas e vagas demonstrando o baixo grau de conscientização dos grupos com relação a problemas sociais*”.⁴³⁵

A Primeira Assembléia reconhece a exclusão da maior parte da comunidade, dos benefícios do progresso social da região. Entende que o povo sofre com os baixos salários e com o descaso das autoridades governamentais. Destaca o documento de 1967 que a causa da “*exploração do trabalho se encontra na ignorância e na falta de conscientização*”.⁴³⁶ Entendendo que a ignorância é parte da vida da massa de explorados, a Igreja se propõe a tirar do papel a Doutrina Social. Um apelo é feito ao final da Assembléia de 1967 para que a presença do cristão seja mais efetiva na construção da “*Ordem Social*”.

A Assembléia de 1967 avança e coloca os indicadores para uma Igreja nascente mais comprometida com a realidade social. Entendemos, por sua vez, que o documento final de 1967 não contempla a totalidade das experiências eclesiais da Diocese de Montes Claros. Afinal, experiências isoladas surgiam no vasto sertão Norte Mineiro. Entre estas experiências destacamos a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, da cidade de Coração de Jesus, na Diocese de Montes Claros, que registra iniciativas de reflexão social sobre o problema da terra causando incomodo os fazendeiros locais. No dia 25 de fevereiro de 1964 o Diário de Montes Claros publica manchete com o seguinte destaque: **Liga Católica de Coração de Jesus vai pedir a palavra de Dom José sobre reforma.** O conteúdo da matéria revela que o Padre Colatino Mesquita discutia na Igreja a Reforma Agrária. O que causava desconforto e criava um ambiente favorável para o comunismo. Registra o referido Diário que

sob a presidência do Padre Colatino Mesquita debateu a Reforma Agrária, tema que está empolgando o país. O Padre Colatino Mesquita, diretor espiritual da entidade dirigiu os trabalhos com muita segurança. Durante os debates um dos secretários dos núcleos da Liga Católica afirmou não haver comunistas no Brasil.⁴³⁷

Os anos 60 serão marcados por uma tomada de consciência que indicava necessariamente para mudanças das estruturas da sociedade. Nestas mudanças pleiteadas estavam três necessidades que deveriam se tornar objeto de atenção naquele momento específico: a promoção das populações carentes e vítimas da seca, expulsas do campo; a questão da educação e superação da ignorância e a necessidade de organização social. Para a primeira questão encontramos o empenho de Dom José Alves Trindade na luta para a consolidação de um projeto de desenvolvimento regional que atendesse as demandas locais e a necessidade dos migrantes que por aqui passavam vindo do Nordeste brasileiro. A ligação

⁴³⁵ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes de Montes Claros 1967 – 1970*. p. 69.

⁴³⁶ Idem, p.70.

⁴³⁷ Diário de Montes Claros. Ano II, APAM, Montes Claros, Num. 253, 25/02/64.

com lideranças políticas como Juscelino Kubistschek tinha por objetivo garantir um maior volume de recursos para o Norte de Minas Gerais. Dom José Alves Trindade demonstra sua adesão e crença em um modelo de desenvolvimento capaz de amenizar o sofrimento do homem sertanejo. Lembra-nos Barros que

o enraizamento profundo da Igreja no meio rural brasileiro, intensificado sobretudo a partir da separação oficial entre Igreja e Estado, ocorrida no alvorecer do regime republicano (final do século XIX), levou os bispos mais conscientes do problema a defender um modelo de desenvolvimento um pouco diverso, embora sem explicar academicamente suas bases teóricas.⁴³⁸

Nos discursos oficiais encontramos a idéia de que a Igreja não tem partido e que a mesma não devia se misturar com tais assuntos, ou seja, de ordem partidária. Tudo que a Igreja estava fazendo tinha somente uma finalidade, cumprir sua missão de “*Mãe e Mestra*”.⁴³⁹

O desenvolvimento pensado pela Doutrina Social da Igreja excluía qualquer possibilidade de conflito, seja na ordem social, política ou eclesial. Lembra-nos a encíclica *Mater et Magistra* que “*o desenvolvimento econômico e o progresso social sejam realizados, na medida do possível, gradual e harmonicamente, em todos os setores da produção: agricultura, indústria e serviços*”.⁴⁴⁰

A SUDENE vinha responder às necessidades locais implementando uma política de desenvolvimento pensada a partir das esferas superiores sem levar em consideração as questões específicas da região. Lembra-nos Oliveira & Rodrigues que “*à primeira vista, ganha importância a existência de uma determinação do capital local (estadual) continuar a manter seus investimentos próximos à sua base de operação original*”.⁴⁴¹ Assim sendo, o modelo a ser implantado visava acordos políticos e concessões de benefícios que não incluía a solução dos problemas sociais da região, mas o fortalecimento de um modelo capitalista concentrador que continuava a abrir feridas no contexto regional. Ao analisar atentamente as ponderações de Oliveira & Rodrigues, entendemos que os incentivos fiscais são determinantes para atrair as empresas para o Nordeste e para o Norte de Minas Gerais.⁴⁴²

Outro fator importante que constava na pauta de reivindicações de Dom José Alves Trindade era a questão da fundação da Faculdade de Filosofia. A Doutrina Social da

⁴³⁸ BARROS, R. C. de. *Para Entender a Igreja no Brasil: A Caminhada que Culminou no Vaticano II* (1930 – 1968). p.115.

⁴³⁹ JOÃO XXIII, *Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa João XXIII sobre a Evolução da Questão Social à Luz da Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1999. Nº 01.

⁴⁴⁰ Idem, Nº 165.

⁴⁴¹ OLIVEIRA, M. F.; RODRIGUES, L. (Org.) *Formação Social e Econômica do Norte de Minas Gerais*. p. 74.

⁴⁴² Idem, p.74.

Igreja assinalava para esta perspectiva em 1961 com o Papa João XXIII que incentivava a cooperação científica e técnica tendo em vistas os avanços do mundo moderno. Constatava o Papa que

organismos mundiais e regionais, estados, fundações, sociedades particulares, oferecem cada vez mais a esses países sua própria cooperação técnica em todos os setores da produção, e proporcionam, a milhares de jovens, ocasião de irem estudar nas universidades das nações mais adiantadas e adquirir formação científica, técnica e profissional atualizada.⁴⁴³

O atraso cultural tornava-se objeto de preocupação em uma região que apresentava índices desfavoráveis no campo da educação. Entendia a Igreja que não se fazia mudanças sem pensar na educação do povo. A educação tornava-se instrumento poderoso nas mudanças sociais pretendidas para a região. Registra Oliveira & Rodrigues que

um dos aspectos consensuais sobre o desenvolvimento é que ele não se faz sem melhorias na educação. O acesso a ela significa uma melhor e maior qualificação da mão-de-obra. Mais do que isso, representa uma melhoria do padrão de vida, pois este pode ser entendido como abertura no campo de escolha do Indivíduo.⁴⁴⁴

É importante destacar que nos anos 60, 70 e 80, Montes Claros possuía taxas de analfabetismo próximas à do Nordeste. A cidade reafirmava sua identidade comum com o Nordeste brasileiro não só pela seca, mas também pelo seu nível de desenvolvimento. Em 1960 a taxa de analfabetismo era de 56,50%, em 1970, 32,80% e em 1980, 22,17%.⁴⁴⁵

Em 1967 nascia uma consciência que apontava para uma educação mais crítica e que fosse capaz de formar os leigos para os desafios do mundo moderno. Entendia o documento da Primeira Assembléia Diocesana de Pastoral que a presença do cristão na educação era ainda insipiente. A educação não formava “*para um mundo em rápido processo de socialização, e interesses financeiros que prejudicam as altas finalidades das escolas*”.⁴⁴⁶ Entendiam os leigos, religiosos, religiosas e clérigos reunidos na Primeira Assembléia que a educação existente na cidade não respondia às demandas sociais dos que necessitavam de um posicionamento mais crítico. Na década de 50 e 60 dois colégios tinham influência sobre a formação da juventude montes-clarense, ou seja, Colégio Imaculada, das Irmãs do Sagrado Coração de Maria e o Colégio Marista São José dos Irmãos Maristas. Lembra-nos Azzi que “*o Colégio Marista São José, na cidade de Montes Claros, foi inaugurado em 1957 pelo*

⁴⁴³ JOÃO XXIII, *Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa João XXIII sobre a Evolução da Questão Social à Luz da Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1999. Nº 162.

⁴⁴⁴ OLIVEIRA, M. F. de. RODRIGUES, L. (Org.). op. cit. p. 80.

⁴⁴⁵ Idem, p.81.

⁴⁴⁶ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes de Montes Claros 1967 – 1970*. p. 71.

presidente Juscelino Kubitschek”.⁴⁴⁷ Os referidos colégios, durante várias gerações, formavam as camadas privilegiadas da cidade de Montes Claros e região. Por volta dos anos 80 o Irmão Afonso Murad tentou uma inserção de alunos pobres no colégio, o que não teve êxito.

As diversas tentativas de inserção social da Igreja eram vistas por muitos com ressalva. Afinal, a Igreja não estava familiarizada com política. Sendo assim, encontramos um clero pouco politizado e um laicato distante das questões de ordem política. Constata o primeiro documento diocesano que a “*falta de politização do clero e descrédito da Igreja no problema social*”⁴⁴⁸ faz com que a mesma perca credibilidade na sociedade. A Igreja estava numa encruzilhada de difícil opção: se de um lado, encontrava um clero pouco politizado, do outro lado, estava também um laicato que não se interessava por questões políticas.⁴⁴⁹

Nos anos 60 a inserção social era sinônimo de comunismo na sociedade brasileira. A ditadura militar tentava deixar claro que as questões de ordem políticas e sociais não eram de competência da religião. Na perspectiva de Barros, os militares “*deixavam igualmente entrever que as questões políticas, econômicas e sociais eram de responsabilidade do Estado e por este deviam ser conduzidas, sem interferência da Igreja*”.⁴⁵⁰ Assim, a militância política dos cristãos era entendida como subversão da ordem estabelecida.

As ações dos leigos comprometidos com questões sociais passam a ser identificadas com questões políticas que ameaçavam a ordem estabelecida. Assim, suas posições eram vistas sob um prisma ideológico e pintadas de vermelhas. Era necessário eliminar aqueles que espalhavam idéias contrárias ao regime militar. Lembra-nos *Brasil Nunca Mais* que “*os anos de 1962, 1963 e 1964 foram marcados pelo rápido crescimento das lutas populares e pela aceleração da luta por reformas estruturais*”.⁴⁵¹ As lutas populares se espalham pelo Brasil provocando o desaparecimento de inúmeras pessoas.

Em Montes Claros nos dias 25 e 26 de abril de 1964 acontece no Colégio São José um Encontro com participação do bispo e 40 sacerdotes onde três questões fundamentais foram discutidas, a saber: 1) que tratou da posição social da Igreja; 2) Pastoral de conjunto; 3)

⁴⁴⁷ AZZI, R. *História da Educação Católica no Brasil*. p. 170.

⁴⁴⁸ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes de Montes Claros 1967 – 1970*. p. 73.

⁴⁴⁹ Idem, p. 75. C.f. O estudo do círculo 25 da Primeira Assembléia de Pastoral registra que “apresentam a ausência dos cristãos na atividade política. A pesquisa afirma que a influência das lideranças católicas na vida política – da Diocese de Montes Claros em 1967 - é mínima”.

⁴⁵⁰ BARROS, R. C. de. *Para Entender a Igreja no Brasil: A Caminhada que Culminou no Vaticano II (1930 – 1968)*. p.157.

⁴⁵¹ Arquidiocese de São Paulo. *Brasil Nunca Mais*. p. 57. C.f também as torturas e os castigos impostos aos presos políticos do país entre os anos de 1964 a 1979.

valorização e formação dos leigos.⁴⁵² O Encontro em questão formulou as seguintes orientações que foram publicadas no Diário de Montes Claros do ano de 1964.

Reunidos sob as bênçãos de Deus na cidade de Montes Claros. Bispo e sacerdotes, ao examinarmos, com outros problemas do nosso sagrado ministério, a conjuntura atual de nosso país, achamos nossa obrigação esclarecer os fiéis católicos sobre determinadas posições da Doutrina Social da Igreja: 1º) Lembramos que continua de pé a afirmação da Santa Igreja de que o comunismo é intrinsecamente mau não se compreendendo pois, o católico que adira a esta ideologia. 2º) Devem ser denunciados como opositor à Doutrina da Igreja os erros do capitalismo liberal, que tantos males também tem causado à humanidade. 3) Insistimos no conhecimento da Doutrina Social da Igreja, que devem os católicos seguir pois defende sempre a dignidade e os direitos da pessoa humana fora de qualquer solução extremista.⁴⁵³

A posição de setores da Igreja ia ficando clara nas restrições e aproximação com o marxismo. O marxismo se apresentava como a grande besta destruidora que iria destruir a fé e a Igreja. Restava a Igreja se lançar na campanha para o extermínio deste grande mal que rondava a humanidade.

Em junho de 1964 estive em Montes Claros Dom Geraldo Proença Sigaud que faz conferência no Cine Fátima abordando a necessidade de se formar uma grande corrente para o combate ao comunismo. Dom Sigaud deixa claro para os fiéis católicos que o ouve que “*o catolicismo não pode combinar com o marxismo*”.⁴⁵⁴ Se de um lado, encontramos setores da Igreja que inicia um processo de aproximação da realidade com uma leitura marxista, outros por sua vez, o satanizavam e o bania dos espaços eclesiais. Na verdade, Dom Sigaud colaborava na manutenção de uma ordem social que devia se manter inabalável. Os interesses conservadores do bispo o fazia aglutinar uma grande parcela da população que representava os setores tradicionais que concentravam as terras. Estes setores da sociedade, “*acreditavam estar lutando pela defesa de suas propriedades e contra o comunismo*”.⁴⁵⁵ Não podemos nos esquecer que Dom Sigaud fazia duras críticas ao clero progressista. O mesmo fundou a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Entende Oliveira que “*além do aval ideológico ao movimento nacional, é interesse da elite regional manter-se em posição hegemônica num projeto político patrimonialista, pois não só as terras têm donos, mas também a política, a organização de poder. A idéia da divisão poderá romper o encadeamento hierárquico e familiar de transmissão de terras e poder*”.⁴⁵⁶

⁴⁵² Diário de Montes Claros. Ano II, Montes Claros, Num. 255, 01/03/64.

⁴⁵³ Idem.

⁴⁵⁴ Artigo intitulado “*Igreja Reconhecida aos que Livraram o País do Comunismo*” Diário de Montes Claros. Ano II, Montes Claros, Num. 295, 07/06/64.

⁴⁵⁵ OLIVEIRA, E. A. F. de. *Nova Cidade, Velha Política. Poder Local e Desenvolvimento na Área Mineira do Nordeste*. p. 119.

⁴⁵⁶ Idem, p.120.

Na perspectiva de Carvalho Dom Sigaud, é o “*conservador por antonomásia*”. Anticomunista e porta-voz oficioso da TFP. Em sua atitude radical e conservadora chegou a postular a prisão de Dom Hélder, em palestra a militares no Rio de Janeiro.⁴⁵⁷

O medo do comunismo espalhava-se pelo sertão de Minas Gerais. Eram utilizados os órgãos oficiais que mantinham seus interesses na região para a manutenção do aparato de repressão aos descontentes. Na verdade, o que estava em jogo não era só o medo do comunismo, mas uma outra proposta que pudesse viabilizar a participação de todos nas riquezas regionais. Pondera ainda Oliveira que

quando em 1961, foi elaborado o Plano de Colonização e Reforma Agrária do Estado de Minas Gerais, pretendendo assentar, através da venda de terras, 4.000 agricultores em todo o Estado, com promessas de apoio técnico para criação de gado, as lideranças regionais logo se sintonizaram. A notícia se espalha como doação de terras, causa um certo reboio, mas as entidades representativas dos grandes proprietários acusam o Plano de se assemelhar às propostas das ligas camponesas e sindicatos de trabalhadores rurais, segundo elas, de orientação comunista.⁴⁵⁸

A resistência estava colocada quando nos anos 60 opositores iniciam um movimento de protesto contra a conjuntura em andamento. Os mesmos eram de orientação católica e estavam sob a orientação “*da Ação Popular – AP, da Juventude Estudantil Católica – JEC e da Juventude Universitária*”.⁴⁵⁹ Setores ligados à Igreja iniciavam uma luta de resistência inaugurando um novo modelo de participação que refletiria na conjuntura eclesial. As ações que estavam sendo plantadas preparavam o terreno para as ações mais ousadas que viriam, posteriormente, com os outros Planos de Pastoral do episcopado de Dom José Alves Trindade.

As lutas que se iniciavam já exigiam a postura destemida da Igreja que ensaiava as atitudes corajosas que depois haveria de tomar. Lembra-nos Oliveira que

em 1985, os estudantes fizeram o enterro simbólico do governador Magalhães Pinto. Não se deslocaram mais do que 20 metros e o Coronel de polícia, Georgino de Souza, comandou uma ação policial que culminou com a detenção dos estudantes dentro da sede do diretório estudantil. Posteriormente, o Departamento de Vigilância Social do governo do Estado interveio diretamente na posse da diretoria eleita pelo DEMC, obrigando à realização de eleições indiretas, quando o candidato anteriormente escolhido pelos estudantes se elege. Tendo sua posse impedida pela segunda vez, o impasse se resolve com a intermediação do bispo diocesano.⁴⁶⁰

⁴⁵⁷ CARVALHO, J. de A. *Dom Helder e Dom Sigaud*. Expoentes do Episcopado Brasileiro. p. 451.

⁴⁵⁸ Idem, p.125.

⁴⁵⁹ Idem, 153.

⁴⁶⁰ Idem, p.155.

O segundo Plano de Pastoral da Diocese de Montes Claros fica pronto em 1975. O mesmo orientará a Diocese no quadriênio 1975 – 1978. Já em sua abertura encontramos o texto de apresentação de Dom José Alves Trindade que adverte para o momento novo que a Diocese estava vivendo. Chama atenção o parágrafo que pondera que

é consciência comum de nossa Diocese e por isso mesmo uma **OPÇÃO**, que à **evangelização e à catequese**, se deva dar Prioridade e canalização dos recursos que tivermos ou que viermos conseguir. Dentro da Evangelização e Catequese em toda a Diocese, se deve olhar com carinho a organização de **Comunidades Eclesiais de Base**, consciente de que a Igreja de Cristo é comunidade, e que esta é o lugar ideal para a transmissão e vivência da mensagem evangélica.⁴⁶¹

Pela primeira vez, aparece nos documentos diocesanos a expressão *Comunidades Eclesiais de Base*. É interessante observar que a mesma já estava inserida na eclesiologia da Igreja do Brasil desde os anos 60. Barros é de parecer que

a Comunidade Eclesial de Base (CEB) parece ter sido uma criação do processo renovador que, sob a ação do Espírito, trabalhava a Igreja no Brasil ao longo da década de 50 para, finalmente, tomar forma, ao longo dos anos 60.⁴⁶²

As Comunidades Eclesiais de Base surgiam em um momento singular da história da Igreja do Brasil. O Vaticano II havia colocado muitas idéias de renovação e colocava em questão o modelo tradicional de se fazer pastoral nas dioceses do Brasil. A Igreja se descobria urbana e distante da realidade rural que a sustentava por vários séculos. As CEBs representavam o caminho de reorientação de uma Igreja que se via numa nova realidade. Entendemos também que as CEBs respondem melhor a um modelo descentralizado de poder que chega melhor aos fiéis. O catolicismo urbano, visto a partir da ótica da cidade, isto é, da modernização questiona de forma violenta o modelo centralizador do catolicismo rural. Lembra-nos Comblim que

a religião que sofre o impacto da nova cultura é a religião hierarquizada. A nova cultura tende a desacreditar todas as discriminações de hierarquia. Por isso as castas e as categorias tradicionais fundadas por razões simbólicas tendem a desaparecer.⁴⁶³

A nova cultura colocada pela modernidade não exclui o sagrado, mas não aceita com facilidade a visão de uma espiritualidade controlada pela hierarquia com sua rigidez. Por sua vez, as CEBs se colocam como possibilidade de resposta da Igreja que deseja permanecer

⁴⁶¹ TRINDADE, Dom José Alves. *Ao Povo de Deus*. Introdução. In. Secretariado Diocesano de Pastoral *Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros 1975 – 1978*. Mimeografado AEAMC.

⁴⁶² BARROS, R. C. de. *Para Entender a Igreja no Brasil: A Caminhada que Culminou no Vaticano II (1930 – 1968)*. p. 180.

⁴⁶³ COMBLIM, J. *Despertar da Igreja Católica para a Cidade*. p. 11.

viva na cidade. Na cidade o fiel não deseja exclusivamente os sacramentos. O leigo mais consciente deseja encontrar no espaço de organização eclesial um meio para a socialização e crescimento de sua postura na fé. Lembra Comblim que não podemos desconsiderar as particularidades da cidade, pois

a cidade reforça a autonomia da pessoa em relação aos grupos naturais, à família, à vizinhança, ao clã, à raça, à religião, à etnia. No mundo rural, ela está bem mais identificada e não tem muita possibilidade de frequentar outros grupos. Ora, a pessoa torna-se autônoma e livre quando pode manter contato com os outros grupos.⁴⁶⁴

A cidade torna-se o espaço da liberdade e da convivência. Neste espaço dinâmico assistimos o findar dos preconceitos. Afinal, na cidade as pessoas se agrupam voluntariamente.

As CEBs foram se enraizando nas favelas, aglomerados urbanos, periferias e comunidades de fé. Lembra-nos Comblim que *“não há dúvida que as CEBs têm a fórmula adaptada à cidade, quando viabilizadas de modo autêntico. Também não há dúvida de que são incompatíveis com o clericalismo e, por isso, suscitam tanta oposição.”*⁴⁶⁵ A Comunidade Eclesial de Base aprendeu a viver com o pluralismo da cidade e distanciou-se da visão reduzida do mundo rural. As relações dos cristãos nas cidades se tornam mais complexas e pontuadas por desafios. Libânio não permite que percamos o caminho do entendimento da lógica da cidade quando afirma que na cidade *“a fé depara-se com a difícil tarefa do discernimento dos veículos culturais compatíveis com sua identidade inegociável. Nem toda expressão cultural coaduna-se com as exigências cristãs”*.⁴⁶⁶ As CEBs enfrentam a necessidade de dialogar com um mundo mais dinâmico e mais competitivo.

Neste ambiente competitivo tornava-se necessário criar condições de diálogo com a política, cultura, grupos étnicos e outras experiências religiosas. O amadurecimento político de setores avançados da Igreja a estimulava a colocar em evidência a prática libertadora de Cristo. O povo começava a entender *“em poucas palavras o alcance político da ação concreta e da mensagem do próprio Jesus”*.⁴⁶⁷ Em entrevista a Astrogildo Cândido de Souza, Padre Antonio Silva registra o que é uma CEBs com o seguinte sopro criativo. *“As CEBs tornam-se um sacramento vivo e verdadeiro porque nelas o povo pode falar, de maneira livre e aberta e bem à vontade, daquilo que é a Palavra de Deus e do que é a sua justiça”*.⁴⁶⁸ Nas

⁴⁶⁴ Idem, p. 14.

⁴⁶⁵ Idem, p.15.

⁴⁶⁶ LIBÂNIO, J. B. *A fé em meio às lógicas da cidade*. p. 07.

⁴⁶⁷ ANJOS, M. F. dos. *A igreja, religião e política*. p. 05.

⁴⁶⁸ SOUZA, A. C. de. *CEBs: Experiência de Vida*. p. 07.

CEBs o povo encontra a possibilidade de organização e preparo para a sua ação política na sociedade. Neste espaço articula-se fé e vida, responsabilidade eclesial e social.

As CEBs desejam ser Igreja do povo e organização do povo. Uma Igreja comunidade que acolhe as diferenças para a grande festa da vida. Assim sendo, os encontros das Comunidades Eclesiais de Bases constituem verdadeiras festas da gratuidade. O espírito festivo toma conta do povo de Deus que assume a dimensão celebrativa como elemento constitutivo de sua própria existência. As CEBs contribuem para retirar o ser humano do anonimato e da massificação de uma sociedade que prima pelo isolamento e pelo individualismo. Os encontros das CEBs estão carregados de alegria. Alegria contagiante que reanima os espíritos abatidos. Lembra-nos Carpanedo & Guimarães que

quem participou dos Intereclesiais pode recordar o encanto e a magia das celebrações que marcam cada encontro. O visual, o movimento, os símbolos, a palavra, o canto, a memória da vida e da morte tão presente, a esperança e a utopia.⁴⁶⁹

A dimensão celebrativa toma lugar nos encontros das Comunidades Eclesiais de Bases e suscitam a esperança de um mundo melhor. Os elementos litúrgicos da vida do povo fazem parte do grande ritual da esperança. A identidade na liturgia e com a vida aproxima o povo de Deus. A felicidade toma conta da vida da comunidade que celebra, pois as Comunidades Eclesiais de Base forjaram ao longo dos últimos 30 anos um novo modelo de Igreja e, por consequência, um novo estilo de liturgia que tem as seguintes características: o caráter popular e participativo, uma liturgia pascal, a centralidade da palavra de Deus, os novos ministérios, a integração com a natureza, o dado simbólico e musical e a dimensão do ecumenismo.

Na primeira característica entendemos que a celebração não é um ato individual. Toda celebração expressa uma dimensão comunitária. A celebração da vida expressa a alegria da comunidade que festeja suas esperanças e alegrias. Toda celebração guarda um elemento de festividade. É um momento de aproximação e de expressão da felicidade. Nas celebrações das Comunidades Eclesiais de Bases

valoriza-se, como sinal desta presença, o ato de estar juntos, de escutar a Palavra em comunidade, de olhar-se mutuamente, de cantar e dançar juntos, de comer e beber em comunhão. Cuida-se das relações interpessoais, evitando a massificação e garantindo que cada pessoa sinta-se valorizada em sua individualidade e possa participar com sua experiência de vida.⁴⁷⁰

⁴⁶⁹ CAPANEDO, P.; GUIMARÃES, M. *Um jeito novo de celebrar*. p. 131.

⁴⁷⁰ Idem. p. 133.

A segunda característica aponta para a dimensão pascal, isto é, para a dimensão de superação dos obstáculos na caminhada da comunidade. O louvor e a ação de graças toma o lugar de uma liturgia rígida e burocrática que acentua demasiadamente a formalidade do culto. As celebrações tornam-se celebrações pascais onde o sentido da vida assume o seu lugar de plenitude. Se a antiga liturgia romana enfatizou de maneira demasiada a rigidez e a formalidade, nas CEBs encontramos a espontaneidade do encontro com Deus.

Na experiência das comunidades de base o gosto pela festa leva a resgatar o sentido da vigília pascal, dando-lhe a força de festa maior ao longo do ano. Ao mesmo tempo, procura-se fazer de cada celebração um memorial da páscoa, de modo a impregnar de páscoa o ano inteiro.⁴⁷¹

O terceiro elemento importante para as Comunidades Eclesiais de Base é a proximidade com a palavra de Deus. Não podemos deixar de pontuar que

a palavra de Deus é um elemento forte na experiência celebrativa das comunidades de base. Nas celebrações há um jeito próprio de proclamar os textos bíblicos, encenando ou cantando, narrando ou contando como se conta uma história; acompanhado de gestos e procissões, beijo e palmas, velas e incenso.⁴⁷²

A palavra de Deus é uma descoberta das comunidades de base que se inserem em um outro contexto social. A realidade urbana aponta para pessoas letradas que tem maior contato com os livros. A leitura da palavra de Deus confere importância a quem tem o domínio sobre os textos sagrados. Os textos são lidos por todos e comentados por adultos, crianças, religiosos, jovens e religiosas. Além do texto escrito valorizam-se as experiências pessoais que são contadas ou relatadas na comunidade. Os exemplos dos mártires do nosso tempo misturam com os textos sagrados. Texto sagrado e Texto vivido constituem um momento ímpar para animar a vida da comunidade de fé. As experiências de luta do povo tornam-se textos vivos para animar a luta e as conquistas da vida da comunidade. Outro dado importante é a dimensão de serviço que encontramos nas CEBs. As CEBs se constituem como espaço de fomento e valorização dos ministérios. Para que os ministérios se tornassem eficazes fazia-se necessário criar pelo Brasil escolas de formação de leigos. Para responder as demandas das comunidades “*cresce por toda parte, a preocupação com a formação destes novos ministérios*”.⁴⁷³ Além da formação para os serviços e ministérios encontramos a relação com a natureza. As comunidades incorporam um discurso ecológico que defende a biodiversidade e a integração do homem com a natureza.

⁴⁷¹ Idem, p. 135.

⁴⁷² Idem, p. 135.

⁴⁷³ Idem, p. 136.

A natureza passa fazer parte da vida litúrgica. Os elementos da natureza são colocados nas celebrações e valorizados em sua dimensão simbólica. As CEBs colocam para a sociedade uma visão mais otimista do universo. A natureza é vista como a grande Mãe que necessita ser acarinhada por todos os humanos. Lembra-nos Boff que *“há uma exigência política de uma educação ecológica, para que os seres humanos aprendam a conviver com todos os seres, animados e inanimados, como cidadãos de uma mesma sociedade”*.⁴⁷⁴ A consciência ecológica foi tomando conta dos Encontros das Comunidades Eclesiais de Bases. O tema da ecologia passa freqüentar os encontros e as palestra. A presença de indígenas, geraizeiros, sertanejos, quilombolas, seringueiros, barranqueiros, povos dos mangues, pescadores, povos do serrado e da Amazônia alimentam os debates em torno da relação entre fé e meio ambiente. Os assentados do meio rural também têm papel importante na reflexão sobre o uso adequado do meio-ambiente. Além das questões ecológicas surge uma nova consciência

especialmente a partir das romarias da terra, onde se começou a valorizar, nas celebrações das CEBs, a natureza e os elementos cósmicos: toca-se o chão para saudar a mãe terra, levanta-se a mão para sentir o irmão ar e o irmão vento, invocam-se as criaturas todas do universo para participar do louvor do Senhor do céu e da terra.⁴⁷⁵

A CEBs também é o lugar da criatividade. Destacamos o dado simbólico e musical. No dado simbólico encontramos a tentativa da comunidade se comunicar com a relação com o mundo. Lembra-nos Cassirer que o símbolo *“é uma nova aquisição que transforma o conjunto da vida humana”*.⁴⁷⁶ A dimensão simbólica do ser humano possibilita que este *“não viva em um universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A realidade física parece recuar em proporção ao avanço da atividade simbólica do homem”*.⁴⁷⁷ A valorização do simbólico desperta a consciência para a esfera do sagrado que anima as lutas do povo sofrido no seu caminhar em um mundo injusto e desigual. Associado ao mundo do símbolo encontramos a musicalidade própria das CEBs com seu vasto repertório com os “cantos da caminhada”. Os cantos animam os encontros e as reuniões do povo de Deus. Os mesmos expressam o sentido do caminhar das comunidades. O canto das CEBs é um *“canto que brota do sofrimento onde o povo se descobre como parceiro do amor preferencial de Deus, e da sua aliança”*.⁴⁷⁸ Os cantos falam da caminhada e da vida do

⁴⁷⁴ BOFF, L. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. p. 91.

⁴⁷⁵ CAPANEDO, P.; GUIMARÃES, M. *Um jeito novo de celebrar*. p. 138.

⁴⁷⁶ CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem*. p. 47.

⁴⁷⁷ Idem, p. 48.

⁴⁷⁸ CAPANEDO, P.; GUIMARÃES, M. *Um jeito novo de celebrar*. p. 139.

povo. Retrata o sofrimento e as esperanças de crianças, jovens, mulheres e homens de diversas idades que tem esperanças de um mundo melhor. O canto anima e consola, pois é Deus que com “*sua mão sustenta o pobre, ninguém fica ao desabrigo; dá sustento a quem tem fome, com a fina flor do trigo. Alimenta os nossos sonhos, mesmo dentro da prisão; ouve o grito do oprimido que lhe toca o coração*”.⁴⁷⁹ Os cantos expressam o sentimento de fortaleza e de vitória. Indica para a consciência política e de latinidade. Lembra

que pelos caminhos da América há tanta dor tanto pranto. Pelos caminhos da América há caveira de ditadores. Pelos caminhos da América há cruzeiros beirando a estrada. Pelos caminhos da América um negro toca tambores. Pelos caminhos da América há um índio tocando flauta, recusando a velha pauta que o sistema lhe impôs.⁴⁸⁰

Os cantos trazem um elemento formador para a consciência política do povo. Os mesmos falam de terra, lutas, organização sindical, ecologia e missão evangelizadora. Estes foram vistos como uma afronta para a religião oficial que se sentia diminuída em seus anseios metafísicos. Os críticos da CEBs diziam que a Igreja havia se mundanizado e se misturado com assuntos que não era de sua competência.

Destacamos ainda a dimensão ecumênica que os Encontros das CEBs fomentaram. A comunidade de base mostra sua mística no diálogo fraterno e franco com as denominações cristãs e no diálogo inter-religioso com os cultos afros. Na verdade, as CEBs representam para a Igreja um novo momento de esperança e de renovação. A Igreja entrava definitivamente na festa. A Igreja tornava-se, de fato, universal na acolhida às diferenças, no diálogo com as outras denominações, na recepção tolerante das culturas africanas e indígenas e no grande avanço com os desafios da cidade. Com as CEBs inaugura-se na Igreja uma nova época. Entendemos o novo na perspectiva de Boff que pontua oito características desta novidade, ou seja,

é nova porque o **sujeito** principal dela são os próprios pobres; é nova porque está baseada mais no **evangelho** do que num corpo de doutrinas, cristalizados nos catecismos; é nova pelos novos **destinatários**, que são a cultura popular, os oprimidos, os negros, a mulher marginalizada, os menores abandonados, sem teto, favelados; é nova porque se usam **método novos**, na linha da pedagogia do oprimido e da educação como prática da liberdade; é nova porque nela codificam **novos conteúdos** derivados da articulação da fé com a justiça social; é nova porque inaugura **um modo novo de ser Igreja**, que se caracteriza pela comunidade; é nova porque gera uma **nova espiritualidade**, que se manifesta na vida cotidiana da comunidade; por fim, é nova porque cria **uma nova relação da Igreja com o mundo** que deixa atrás de si a aliança histórica com os poderosos e se articula com os setores oprimidos

⁴⁷⁹ FABRETI. *Javé o Deus dos pobres*. In. Celebrar a Fé e a Vida. Irmãos Maristas. Publicação para uso interno, Versão 2005. nº 14.

⁴⁸⁰ Cantos do Povo de Deus. C.f também: Cantos da Libertação. 4ª edição, Centro Pastoral de Integração, Apoio e Assessoria à Ação Evangelizadora, Diocese de Itabira/Coronel Fabriciano – MG, 1988.

em defesa dos seus direitos, mostrando-lhes que o cristianismo não é cativo da ordem capitalista, mas pode ser uma força poderosa de mobilização social em vista de uma nova sociedade mais aberta e participativa.⁴⁸¹

A Diocese de Montes Claros recebe as Comunidades Eclesiais e a incorpora em seu Plano de Pastoral. As mesmas passam a ser prioridade nas Diretrizes Pastorais de 1975 – 1978. A implantação das CEBs tinha como finalidade principal “*ser uma Igreja voltada para o povo, numa atitude de serviço e presença*”.⁴⁸² Uma nova postura tomava conta do presbitério montes-clarense que via a renovação bater na porta de suas paróquias. A grande renovação que vinha do Concílio Vaticano II tornava-se inevitável e impossível de ser freada no Norte de Minas Gerais. Uma decisão importante já havia sido tomada no ano de 1964. Exatamente no dia 15 de agosto de 1964, solenidade da Assunção de Nossa Senhora quando a missa em latim teve seu fim decretado na Diocese de Montes Claros. O Diário de Montes Claros registra matéria com o título: “*Missa em Português, Novidade Hoje*”. O conteúdo da matéria em questão procurava deixar os fiéis conscientes do fim da liturgia que havia feito parte da vida dos católicos por tantos séculos. A novidade se espalha e foi registrada com as seguintes palavras

a Comissão Litúrgica da Diocese de Montes Claros, sob a presidência de Dom José Alves Trindade, elaborou na última sexta feira, **o roteiro para a santa missa em português**. Tal medida é fruto de resolução do Concílio Ecumênico no ano passado sob a presidência do Papa Paulo VI.⁴⁸³

O Concílio trazia para a Diocese de Montes Claros, novas luzes. O episcopado de Dom José Alves Trindade se mostrava aberto para as inovações que estavam acontecendo. A preocupação com o espírito de comunidade permeava as discussões naquele momento histórico da História da Igreja no sertão do Norte de Minas. O espírito de colegialidade que atingia o episcopado estendia também até as comunidades. A preocupação foi expressa no documento diocesano que usa várias vezes a expressão “comunidade de base”. Sugere as Diretrizes Pastorais que “*haja igualmente nas comunidades mais evoluídas, um conselho da comunidade, que seja encarregado de dinamizar a vida comunitária numa linha de unidade*”.⁴⁸⁴

⁴⁸¹ BOFF, L. *América Latina: da conquista à Nova Evangelização*. pp. 101-103.

⁴⁸² Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros 1975–1978*. Mimeografado AEAMC. 1975.

⁴⁸³ Diário de Montes Claros. Ano III, Montes Claros, Num. 325, 16/08/64. APAM, No mesmo Diário podemos encontrar o Roteiro de orientação para a Santa Missa em português. O roteiro foi publicado na página 02 do dia 16 de agosto de 1964.

⁴⁸⁴ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros 1975–1978*. Mimeografado AEAMC. 1975. p. 20.

A palavra do momento era participação. Todos eram chamados para a participação na liturgia, nas reflexões, nos estudos da palavra de Deus, na formação catequética e política. O cristão católico se descobre sujeito participante do processo de transformação que ocorria na Igreja naquela década. A participação da comunidade é fundamental para a formação do militante cristão. Lembra-nos Macedo que “a participação na CEB é vista como algo que permite o acesso a um universo de saber mais elaborado. Redefinem-se, assim, pelo conhecimento e pela habilidade política no trato social, as possibilidades de enfrentar as classes dominantes numa base mais igualitária”.⁴⁸⁵ As CEBs contribuem para uma visão mais organizada de mundo, facilitando a compreensão das questões religiosas, sociais e políticas.

Muito importante neste momento histórico é a preocupação com a formação de leigos mais conscientes para assumir as tarefas eclesiais. A participação do leigo, demandava uma sólida formação catequética, pastoral, bíblica e social. Pensando na inserção do leigo os participantes da II Assembléia fortificam o compromisso com a formação dos homens e mulheres disponíveis para o serviço da Igreja. Lembra o nº 44 das Diretrizes de 1975 – 1978 que “o curso de teologia para leigos, fica sob a responsabilidade da equipe encarregada da catequese de adultos”.⁴⁸⁶ O documento em questão guarda avanços significativos para a época, indicando a possibilidade de construção de uma Igreja mais aberta. Chama atenção ainda, a preocupação com a liturgia,⁴⁸⁷ culto dominical,⁴⁸⁸ pastoral de conjunto,⁴⁸⁹ preocupação com a mulher,⁴⁹⁰ a divisão da diocese em setores⁴⁹¹ e o

⁴⁸⁵ MACEDO, C. C. *CEBs: Um Caminho ao Saber Popular*. In. **Revista Vida Pastoral**. Num 146, ano XXX, Maio/Junho, 1989. p. 21.

⁴⁸⁶ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros 1975 – 1978*. Mimeografado AEAMC. 1975. p.18.

⁴⁸⁷ Idem, nº 04. O documento lembra que no ano de 1975 celebrava-se em Manaus o IX Congresso Eucarístico Nacional. Neste ano valoriza-se mais as celebrações. Importante destacar que a partir daí a Igreja do Brasil passou a rezar a oração eucarística de nº V, oração tipicamente brasileira. No nº 42 das Diretrizes Pastorais encontramos também uma preocupação com a participação dos fiéis na Santa Missa. “Nas missas, de modo especial nas de preceito, procure-se fazer com que haja sempre muita participação de todos, nos diálogos e nos cânticos, distribuindo-se as funções com maior número de pessoas, para leituras, etc.”

⁴⁸⁸ Encontramos no nº 41 uma preocupação com o culto dominical. Antes do Concílio Vaticano II os fiéis participavam das missas e das devoções. A partir do Concílio valoriza-se a celebração da palavra. A palavra *Culto*, inicialmente não é bem aceita por lembrar o modo de celebrar das denominações cristãs vindas da Reforma. A palavra *Culto* vai desaparecendo e toma lugar a expressão: *Celebração da Palavra*.

⁴⁸⁹ Encontramos no nº 41 uma preocupação com o culto dominical. Antes do Concílio Vaticano II os fiéis participavam das missas e das devoções. A partir do Concílio valoriza-se a celebração da palavra. A palavra *Culto*, inicialmente não é bem aceita por lembrar o modo de celebrar das denominações cristãs vindas da Reforma. A palavra *Culto* vai desaparecendo e toma lugar a expressão: *Celebração da Palavra*.

⁴⁹⁰ O Documento no seu nº 13 mostra-se aberto e avançado no trato com a mulher. Destaca a necessidade de um trabalho com as domésticas em situação de exploração e com as prostitutas. Com relação a estas últimas lembra o Documento que a Igreja “não poderá por mais tempo manter uma atitude discriminatória com relação a elas”. p.12

⁴⁹¹ No nº 57 encontramos uma preocupação com o entrosamento da Diocese. Assim sentia-se necessidade de criar setores que ajudassem na dinamização do trabalho pastoral. As longas distâncias faziam que as notícias demorassem a chegar. Neste ano a Diocese tinha por volta de 60 mil quilômetros quadrados.

ecumenismo.⁴⁹² As DPDMC de 1975/78 mostram-se muito avançada para o momento que a Diocese estava vivendo. Um caminho novo estava abrindo para a tentativa de consolidação de uma Igreja mais aberta no sertão das Minas Gerais.

É nesse espaço aberto pela dinâmica da vida eclesial que os cristãos católicos encontram referências para a vivência da fé. A Igreja incorporava o universo simbólico do povo católico. Tal incorporação se efetiva de maneira superficial, pois a tentativa dos teólogos de criar um discurso regrado sobre a vivência das comunidades mina o processo de recriação das experiências espirituais do povo. Lembra-nos Macedo que o percurso das CEBs não

é isento de algumas dificuldades. Em primeiro lugar, a teologia da libertação propõe uma visão unificada do mundo que vai de encontro a certas concepções do universo popular, que precisam ser dissolvidas como **ignorância**. Em segundo lugar a tentativa de não destruir o saber popular.⁴⁹³

Na primeira dificuldade encontramos os obstáculos colocados pela própria hierarquia para a compreensão do novo momento que a Igreja estava vivendo. Pontua Castro que *“nas primeiras Assembléias os leigos arrazavam os padres. As relações eram conflituosas. Por sua vez, os padres sentiam medo de perder a posição privilegiada. Neste momento muitos deixaram o sacerdócio”*.⁴⁹⁴ A experiência de fé do povo confrontava-se com o modelo emergente. Se, de um lado, a participação do povo era positiva, por outro lado, esta participação gerava conflitos em um universo secularmente dominado por clérigos. O ranço do saber teológico se colocava na medida que muitos presbíteros sentiam-se no direito de continuar controlando a espiritualidade dos fiéis. Os guardiões do sagrado instituíam o que era ignorância e o que era saber catequético legítimo. A catequese legítima mutilava e entrava em confronto com a visão livre e aberta dos fiéis. Descreve Macedo

uma experiência marcante que vivenciei numa CEB foi a tentativa de dissolução da quermesse por parte do novo vigário, alegando que era uma prática conservadora e despolitizada. Ignorava ele, contudo, que a quermesse era um ponto-chave na constituição da rede de sociabilidade católica do bairro e um dos principais pontos de integração da CEB no bairro.⁴⁹⁵

O segundo obstáculo se coloca com a preocupação excessiva com a formação. A mentalidade elitista de uma educação bancária indica para uma desconfiança no saber milenar

⁴⁹² O ecumenismo é tratado em dois lugares do Documento, ou seja, nos nº 05, 05 da linha 03 sobre “A unidade e o ecumenismo”. Ao final do Documento encontramos ainda os nº 48 e 63.

⁴⁹³ MACEDO, C. C. *CEBs: Um Caminho ao Saber Popular*. In: **Revista Vida Pastoral**. Num 146, ano XXX, Maio/Junho, 1989. p. 21.

⁴⁹⁴ CASTRO, Dom Geraldo Magela de. *Recepção do Concílio na Diocese de Montes Claros*. Montes Claros, 27/11/2005.

⁴⁹⁵ MACEDO, C. C. *CEBs: Um Caminho ao Saber Popular*. p. 22.

que o povo carrega. Predomina uma visão elitista de que só o intelectual é capaz de conduzir os destinos da comunidade. Por sua vez, fica velada a idéia de que a hierarquia e os teólogos sempre sabem o que é melhor para o povo. Entende Blank que

nessa nova visão comunitária, deve mudar também a maneira de agir de muitos padres e agentes de pastoral. Para muitos deles, a instituição, a administração da comunidade como corpo jurídico, é mais importante do que os homens concretos. Em tal visão, porém, até as reuniões de grupos ou as missas dominicais se tornam acontecimentos administrativos a serem organizados de maneira administrativa.⁴⁹⁶

A prática da caridade e da solidariedade fica distante das nossas comunidades. A maneira autoritária de gestão do sagrado inviabiliza o sonho de uma comunidade mais fraterna. *“Neste sentido, os nossos padres deveriam muito mais tornar ouvintes, e não sempre falantes. A liderança deles e a autoridade que eles têm sem qualquer dúvida, não pode mais se mostrar hoje da mesma maneira como se exprimiu numa Igreja hierárquica de poder”*.⁴⁹⁷

Nos anos 80 a Diocese de Montes Claros deu novo passo realizando uma nova Assembléia Diocesana de Pastoral. No início do Documento Dom José Alves Trindade lembra que

para executar hoje a missão, a Igreja se orienta universalmente pelo Concílio Vaticano II, continentalmente pelo CELAM, nacionalmente pela CNBB e regionalmente pelo LESTE II. São instâncias de organização para atender eficazmente as igrejas diocesanas, que vivem em distantes e difíceis regiões. E aqui se registra a nossa querida Diocese, ao Norte de Minas, com uma superfície acima de 60.000 km² e uma população em torno de 800.000.⁴⁹⁸

Se nos documentos anteriores toma destaque a preocupação com a Igreja local, o novo documento aponta para uma visão mais abrangente de Igreja, afirmando a idéia de universalidade, representada pelo Concílio; a perspectiva de latinidade dada pela participação no CELAM e a nacionalidade representada pela CNBB; além disso, destaca-se a preocupação com o regional Leste II.

As *Diretrizes Pastorais de Montes Claros 1967 – 1970*, difere das *Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes 1975-1978* nos seguintes aspectos: As primeiras diretrizes foram marcadas pelo forte momento do Concílio Vaticano II. Era a tomada de consciência e um momento de choque para toda a Igreja católica. A Igreja saía do porão que havia se enclausurado por séculos. Fazia-se necessário uma abertura para o diálogo com o mundo e as mudanças que ora se colocavam. Na perspectiva de Frangiotti,

⁴⁹⁶ BLANK, R. *Caminhos para uma Igreja Fraterna*. p. 32.

⁴⁹⁷ Idem, p.32.

⁴⁹⁸ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Planejamento Diocesano de Pastoral*. 1981 – 1983. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1981.

por todo esse contexto, a Igreja se obriga a repensar toda sua teologia para responder aos novos problemas de ordem política e de libertação. Deve repensar também a pedagogia da fé e da ação pastoral que permitam à Igreja estar presente no meio das massas como sinal acreditado de libertação e de salvação.⁴⁹⁹

O Concílio contribuiu para expulsar a Igreja do paraíso, ou seja, do mundo de suas regalias. O Concílio questiona o triunfalismo e a pompa, convida a Igreja para a pobreza. O modelo que sustentava a ausência do diálogo torna-se inconcebível em uma sociedade que aponta para a modernidade. Schillebeckx ilumina o novo olhar, isto é, apontado para a necessidade de volta à comunidade fraterna dos primeiros cristãos. Pontua o mesmo que “*a hierarquia da casa (ôikos) grego-romana com os seus aspectos explícitos de androcentrismo, poder e sujeição, não é apenas assumida, mas recebe uma legitimação com argumentos teológicos*”⁵⁰⁰ no decorrer da história da Igreja. O Concílio postula uma Igreja mais aberta e descentralizada. Estas idéias são freqüentes na primeira Assembléia de Pastoral da Diocese de Montes Claros. Uma forte influência dos documentos conciliares torna-se presente na redação do texto final da Primeira ADP do Norte de Minas. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e a Constituição *Sacrosanctum Concilium* são freqüentemente citadas no decorrer do texto final da primeira ADP. Lembra-nos Kloppenburg que “*a Constituição pastoral Gaudium et Spes, sobre a Igreja no mundo de hoje, pretende falar a todos, para esclarecer o mistério do homem e cooperar na descoberta da solução dos principais problemas de nosso tempo*”.⁵⁰¹ A GS em seu início chama atenção para as alegrias e tristezas dos homens de hoje, sobretudo os pobres e os que sofrem. A Igreja queria dirigir sua palavra não aos cristãos, mas a todos os homens. Lembra a GS que “*o mundo que tem diante dos olhos é o dos homens, e toda a família humana com a totalidade das coisas entre as quais vive*”.⁵⁰²

Havia uma insatisfação com as transformações em andamento. O documento conciliar registra os avanços no campo da tecnologia e das grandes descobertas científicas. Reconhecia também o documento a incapacidade dos avanços de resolver os problemas humanos que se avolumavam com a modernidade. A GS denuncia que “*o gênero humano nunca dispôs de tantas riquezas, possibilidades e poder econômico. No entanto, ainda uma parte considerável dos habitantes da terra padece fome e miséria e inúmeros analfabetos*”.⁵⁰³ A GS instituiu uma consciência social mais elaborada. A voz profética da Igreja soava em um

⁴⁹⁹ FRANGIOTTI, Pe. Roque. *A Nova Igreja da América Latina*. In. **Revista Vida Pastoral**. Num 101, ano XXII, Novembro/Dezembro, 1981. p.29.

⁵⁰⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Por Uma Igreja mais Humana*. p. 94.

⁵⁰¹ KLOPPENBURG, B. *Introdução Geral ao Compendio do Vaticano II*. p. 18.

⁵⁰² GS. N°202.

⁵⁰³ GS. N° 208.

mundo em transformação. Uma forte consciência social tomava lugar nos documentos oficiais da Igreja, tal consciência orientaria os cristãos católicos a partir daquele momento histórico. Reconhecia a GS que a pobreza corroía o mundo no absurdo da desigualdade social, pois

os povos oprimidos pela fome interpelam os povos mais ricos. As mulheres reivindicam, onde ainda não a conseguiram, sua paridade de direito e de fato com os homens. Os operários e lavradores não querem somente ganhar o necessário para a alimentação, mas também pelo trabalho cultivar sua personalidade, e mesmo participar na organização da vida econômica, social, política e cultural. Agora, pela primeira vez na história humana, todos os povos já estão convencidos de que os benefícios da cultura realmente podem e devem ser estendidos a todos.⁵⁰⁴

O espírito aberto para o social não era a grande novidade. Chamava atenção também a abertura litúrgica proposta pelo Concílio. As idéias da *Sacrosanctum Concilium* abriam as portas para a valorização dos elementos culturais dos diversos povos. Esta abertura permitiu a Igreja do Brasil inovar suas celebrações. Encontramos na primeira ADP de Montes Claros a preocupação com uma liturgia mais dinâmica e participativa. As idéias da SC produziam frutos recentes na vida litúrgica do povo sertanejo. Os conflitos colocavam em evidência a abertura do povo para a renovação e o fechamento do clero para as possíveis renovações. Lembra-nos o Documento da Primeira ADP que

depois do primeiro entusiasmo, os fiéis começam a aperceber-se de que o problema fundamental da liturgia é o da **participação**. Apesar de toda renovação litúrgica que tem marcado a Igreja local, permanece nos grupos a convicção de que esta participação tem sido um tanto externa e superficial: não atinge o Mistério. “Ritualismo”, “formalismo”, “pompa”, “incompreensão”, são termos que toda hora voltam na reflexão”.⁵⁰⁵

Os católicos queriam uma liturgia mais viva que expressasse suas experiências de vida. Surge neste momento uma forte preocupação com a **Encarnação** da liturgia. A SC advertia que “a Igreja não desejava impor na liturgia uma forma rígida e única para aquelas coisas que não dizem respeito à fé ou ao bem de toda comunidade. Antes, cultiva e desenvolve os valores e os dotes de espírito das várias nações e povos”.⁵⁰⁶

O Concílio havia colocado a preocupação com a maior participação dos fiéis na liturgia. Seja incentivando a língua vernácula, os cantos e as orações. O povo desejava participar intensamente da vida da Igreja. Uma posição avançada na Primeira ADP foi o pedido que a liturgia fosse encarnada na realidade do Norte de Minas Gerais. Se na SC encontramos a preocupação que “o canto popular seja inteligentemente incentivado, de modo

⁵⁰⁴ GS. Nº 227.

⁵⁰⁵ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes de Montes Claros 1967 – 1970*. p. 58.

⁵⁰⁶ SC. Nº 37.

*que os fiéis possam cantar nos pios e sagrados exercícios e nas próprias ações litúrgicas”,*⁵⁰⁷ na Diocese de Montes Claros, os grupos insistiam no caráter dinâmico da liturgia. Entendiam que a mesma *“deve ser uma Liturgia encarnada. Deve conter a linguagem dos homens de hoje e exprimir sua vida real, as características de sua civilização e cultura”*.⁵⁰⁸

O Concílio possibilitava uma série de aberturas que dependeriam das Igrejas locais e de seus bispos. A SC lembra ainda que

havendo em algumas regiões, principalmente nas Missões, povos que têm uma tradição musical própria, a qual desempenha importante função em sua vida religiosa e social, a esta música se dêem a devida estimação e o lugar conveniente, tanto para lhes formar o senso religioso, quanto para adaptar o culto à sua mentalidade.⁵⁰⁹

As portas estavam abertas para a renovação. Renovação que custaria chegar pelas ambigüidades encontradas no interior da própria Igreja. Não tínhamos uma Igreja unânime. A comunidade católica encontra-se dividida com as mudanças que deviam ser efetivadas. O Documento da Primeira ADP evidencia este conflito quando registra que o tradicionalismo e a fixidez impediam as mudanças acontecerem. De um lado, a parcela do povo gritava por mudanças e o clero resistia, do outro lado, parte do clero queria as mudanças e o povo não as compreendiam.⁵¹⁰

Diferente da Primeira ADP, a Segunda ADP tem uma proximidade maior com a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada em Medellín na Colômbia de 26 de agosto a 04 de setembro de 1968.

A característica de Medellín é marcada pela situação de um mundo subumano. A visão do Vaticano II foi uma visão otimista e a palavra chave era desenvolvimento. Em Medellín, a teologia do desenvolvimento e da promoção humana cede lugar à teologia e pastoral da libertação. É descobrir o sub-mundo dos pobres, dos países pobres, que é a maioria da humanidade, e pobres devido a uma situação de dependência opressora que gera injustiça.⁵¹¹

A libertação neste momento singular apontado por Medellín indica para a necessidade de libertação dos pobres da situação de injustiça a que os mesmos estão submetidos. A Segunda ADP procurava se adequar às exigências da II Conferência do Episcopado Latino-americano. Neste contexto, a Diocese de Montes Claros toma maior consciência de sua presença no contexto latino-americano. Para esta compreensão fazia-se

⁵⁰⁷ SC. Nº 118.

⁵⁰⁸ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes de Montes Claros 1967 – 1970*. p. 59.

⁵⁰⁹ SC. Nº 119.

⁵¹⁰ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes de Montes Claros 1967 – 1970*. p. 59.

⁵¹¹ LORSCHIEDER, A. C. In. Documentos do CELAM: *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. p. 08.

necessário a inserção da Igreja norte-mineira no contexto latino-americano. A Diocese de Montes Claros se sentia desafiada a se compreender dentro do cenário da América Latina. Lembra o Documento da Segunda ADP que “*É necessário frisar também as exigências do Pluralismo numa pastoral latino americana*”.⁵¹²

O entendimento da América Latina tornava-se um desafio para os bispos do continente. Entender as mazelas dos latinos e colocar-se numa atitude profética diante da situação degradante era o desafio do episcopado latino. Lembra-nos Galeano que na América “*os navios negreiros já não cruzam mais o oceano. Agora, os traficantes de escravos operam a partir do Ministério do Trabalho. Salários africanos, preços europeus*”,⁵¹³ é o que se presencia neste continente.

Medellín é a tentativa de compreensão da Igreja a partir do continente latino-americano. Entendia Medellín que “*a América Latina, além de uma realidade geográfica, é uma comunidade de povos com uma história própria, com valores específicos e com problemas semelhantes*”.⁵¹⁴ Levanta o problema da ausência de uma consciência social por parte das elites que são insensíveis aos problemas dos mais pobres. O episcopado entendia que se tornava necessário denunciar as posturas tradicionalistas e conservadoras que não manifestavam pouca ou nenhuma consciência social. Os setores conservadores “*em geral se preocupam com a manutenção de seus privilégios, que eles identificam com a ordem estabelecida*”.⁵¹⁵ O episcopado se levantava para a percepção dos problemas da Igreja Latino-América. A Igreja não podia ficar indiferente às realidades encontradas por toda a América. Lembra-nos o texto oficial de Medellín que “*o episcopado latino-americano não pode ficar diferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantém a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza, que em muitos casos chega a ser miséria desumana*”.⁵¹⁶

À luz de Medellín a Diocese, em sua Segunda ADP, entende que a evangelização deveria levar em consideração “*a formação da Consciência social e percepção realista dos problemas da comunidade e das estruturas sociais*”.⁵¹⁷ Entendemos, por sua vez, que a Diocese de Montes Claros cravada no sertão norte mineiro não ficou distante das discussões da Igreja em sua universalidade.

⁵¹² Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros 1975 –1978*. Mimeografado AEAMC. 1975. p. 05.

⁵¹³ GALEANO, E. *As Veias Abertas da América Latina*. p. 300.

⁵¹⁴ CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín -1968*. Trinta Anos Depois, Medellín é Ainda Atual? p. 27.

⁵¹⁵ Idem, p. 117.

⁵¹⁶ Idem, p. 195.

⁵¹⁷ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros 1975–1978*. Mimeografado AEAMC. 1975. p. 05.

A terceira Assembléia de Pastoral assume e cristaliza a caminhada construída pelo Vaticano II e Medellín. Nas duas primeiras assembléias encontramos a presença viva destes dois momentos importantes na Igreja presente no sertão. A terceira ADP teve como resultado o *Planejamento Diocesano de Pastoral – Diocese de Montes Claros 1981 –1983*. Os anos 80 estavam marcados por uma nova mentalidade construída nos anos anteriores.

Neste momento histórico, Montes Claros já dava passos mais sólidos na tentativa de implementar um modelo democrático, diferente do modelo de controle e mando que predominou durante décadas na cidade. Pontua Oliveira que

com a abertura política dos anos 80, tem-se um sindicalismo um pouco mais crítico, candidaturas parlamentares tentando uma representação política formal de perspectiva popular, e a ampliação de entidades como a Comissão Pastoral da Terra –CPT, a Pastoral Operária – PO e As Comunidades Eclesiais de Bases – CEBs.⁵¹⁸

De acordo com Oliveira, os movimentos populares foram se fortificando e tomando lugar no Norte de Minas Gerais. Fato importante indicado por Oliveira neste período é o fortalecimento das organizações sociais na cidade de Montes Claros e cidades da região. Montes Claros sofre a influência do crescimento do movimento popular que tomava lugar no país. Em Montes Claros

o principal núcleo de oposição desta fase formou-se a partir de alguns religiosos maristas. Eles promoviam estudos e debates, visando discutir a Bíblia, a história da classe trabalhadora e procurando formar quadros para o movimento popular. Além dos religiosos, estavam envolvidas pessoas que atuaram como oposição nos anos 60. Foram formados núcleos nos bairros periféricos, na área urbana da cidade; grupos de jovens atuavam em associações de bairros e mantinham um serviço de denúncia de arbitrariedades contra trabalhadores rurais e urbanos. Contavam com a participação de pessoas de outros municípios, como o Padre Peçanha de Coração de Jesus.⁵¹⁹

Os anos 80 serão marcados pela forte presença da Teologia da Libertação. Segundo Gutierrez “a teologia da libertação começou a se articular de forma mais

⁵¹⁸ OLIVEIRA, E. A. F de. *Nova Cidade, Velha Política*. p. 156.

⁵¹⁹ Idem, p. 159.

sistemática em meados de 1968".⁵²⁰ Mas afinal, o que é a Teologia da Libertação? A tarefa da resposta será dada neste trabalho a dois teólogos: Gustavo Gutierrez⁵²¹ e Leonardo Boff.⁵²²

Gutierrez aponta para a plasticidade do conceito de teologia. Recorda o mesmo que *"Teologia e Libertação são termos suscetíveis de interpretações diversas. Para situar devidamente e com certa clareza a questão que nos ocupa, é necessário examinar criticamente a noção de teologia"*.⁵²³ A teologia nos primórdios estava na Igreja estreitamente ligada à vida espiritual. Pensar a teologia era se inserir numa experiência espiritual distante do labor mundano. A partir do século XII, a teologia começa a se constituir como "ciência". Esta concepção dista do que hoje compreendemos por ciência no sentido específico da palavra. Na perspectiva de Tomás de Aquino, este saber se vincula de maneira estreita com a razão,

pois quando surgiram as primeiras universidades, a teologia começou a relacionar-se mais diretamente com outras formas da pesquisa e do saber científico. Santo Alberto Magno e Santo Tomás, embora admitindo uma ligação orgânica entre filosofia e a teologia, foram os primeiros a reconhecer à filosofia e às ciências a autonomia de que precisavam para se debruçar eficazmente sobre os respectivos campos de investigação.⁵²⁴

Diferente da antiga tradição teológica clássica a Teologia da Libertação se propõe ser reflexão crítica e uma resposta para a perspectiva de mundo do povo latino-americano. Lembra Gutierrez que *"a teologia da libertação nos propõe talvez não tanto novo tema para a reflexão quando **novo modo** de fazer teologia. A teologia da libertação é reflexão crítica da práxis histórica. Teologia da transformação libertadora da história da humanidade"*.⁵²⁵ A teologia da Libertação não se limita a pensar o mundo, mas transformá-lo.

É importante salientar que o tema da libertação toma maior vigor com a *"Mensagem dos Bispos do terceiro Mundo"* publicada como resposta precisamente, ao apelo

⁵²⁰ GUTIERREZ, G. *A Força Histórica dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1984, p.129. Segundo Enrique Dussel, 1968 foi o ano fundacional. E, ao contrário de alguns historiadores da teologia da libertação, ele inicia destacando a tese doutoral de Rubem Alves, *Towards a Theology of Liberation*, escrita em 1967 e defendida em 1968. Em português foi traduzida e publicada com o título: *Da Esperança*, Campinas, Papirus, 1987. Dussel coloca também o trabalho de Hugo Assmann *Teología desde la praxis de la liberación. Una evaluación prospectiva*, como a primeira demarcação com respeito às outras teologias existentes. Em 1971, aparece a obra clássica de Gutierrez, *Teologia da Libertação*, em Lima, que constituiu, o fim de constituição da teologia latino-americana. C.f. SUNG, Jung Mo. *Teologia e Economia*. Repensando a Teologia da Libertação e utopias. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁵²¹ Gustavo Gutierrez é de Lima (Peru), nascido em 1928. Sacerdote católico, estudou nas Universidades de Louvania e Lyon e é licenciado em Psicologia e Teologia.

⁵²² Leonardo Boff é um dos mais conhecidos teólogos da libertação. Professor emérito de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Dedicou-se atualmente ao tema da ecologia e espiritualidade, com vistas à construção de uma eco-democracia integradora e planetária.

⁵²³ GUTIERREZ, G. *A Força Histórica dos Pobres*. p.13.

⁵²⁴ JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, São Paulo: Paulinas, 1999. N.º 45.

⁵²⁵ GUTIERREZ, G. *Teologia da Libertação*. p. 27.

da *Populorum Progressio*.⁵²⁶ O tema da libertação convida a comunidade cristã para um maior compromisso com a transformação das estruturas injustas da sociedade. Na verdade, não se trata somente de uma libertação do pecado, mas dos mecanismos opressores que retira o vigor da vida do povo. A Teologia da Libertação coloca em cena a questão do pecado social. O ser humano não ofende somente a Deus, mas sua ação nefasta contamina e prejudica a vida social do grupo em que este mesmo está presente. Assim, enfatiza Boff que a “*libertação supõe processo de libertação de um tipo de relacionamento de-pendente, vivido como de-primente e de-pauperador. Convoca para uma des-obstaculação com o fito de deslanchar uma libertação para a condução in-dependente e auto-assegurante do próprio caminho*”.⁵²⁷ A libertação se coloca como horizonte a partir de onde se pode visualizar as realidades novas. Exige-se um enraizamento de um novo modo de percepção da fé e das realidades do mundo. A Teologia da Libertação não pretende ser apenas uma reflexão sobre a libertação do pecado. A mesma “*quer apresentar-se, ao contrário, como uma maneira global de articular práxis com a inteligência da fé*”.⁵²⁸ Entendemos, então, que a teologia da libertação pretende ser uma reflexão crítica da práxis no horizonte da fé cristã.

Lembra-nos Boff que “*a situação de pobreza de imensas maiorias produziu uma comoção do amor cristão que procurava ser eficaz. Fez-se uma verdadeira experiência espiritual, ponto de partida da teologia da libertação*”.⁵²⁹ O teólogo da libertação deseja que entendamos que a Teologia da Libertação é, por conseguinte, resultado e não realidade primeira. Não foi a Teologia da Libertação que nasceu primeiro, mas a mesma nasce do clamor em favor dos menos favorecidos de nossa sociedade. Teólogos e leigos se engajam em favor de uma luta pela justiça. É a fé articulada com a práxis. A “*fé-práxis nunca se oferece pura e simplesmente*”⁵³⁰, as mesmas operam em uma relação dialética, ou seja, a fé motiva a práxis e a práxis por sua vez, motiva a fé. Assim, não se entende a Teologia da Libertação sem sua vinculação com a fé. Por sua vez, não entendemos a fé sem uma ligação profunda com a práxis política do cristão. Lembra-nos Boff que

a libertação ocorre igualmente na teologia-conversão ou teologia como reflexão crítica sobre o sujeito da fé. A libertação vem tematizada na Teologia da Libertação, ou seja, é colocada como centro da tarefa teológica. Na América Latina os cristãos se deixaram sensibilizar pelo peso e pela gravidade da opressão econômico-político-social. A Teologia da Libertação quer fazer a fé operante e eficaz na libertação de tal

⁵²⁶ Idem, p. 42.

⁵²⁷ BOFF, L. *Teologia do Cativo e da Libertação*. p. 18.

⁵²⁸ Idem, p. 26.

⁵²⁹ Idem, p.29.

⁵³⁰ Idem, p.32.

situação corporificada no pecado social, e na libertação para um mundo mais fraterno.⁵³¹

É dentro do contexto da Teologia da Libertação e da II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano que podemos fazer os apontamentos da terceira e última Assembléia do episcopado de Dom José Alves Trindade. Dom José lembra aos fiéis que “*dentre os vários acontecimentos que, em 1980, podem marcar o 70º aniversário da Diocese montesclarensense, destaca-se a Assembléia Diocesana de Pastoral. Diocesana, porque com o Bispo se reuniu toda a sua Igreja: Presbíteros, Religiosos e Leigos*”.⁵³² O sentimento de colegialidade expresso no documento transcende a idéia de colegialidade existente entre os bispos. Aqui, a colegialidade se manifesta na comunhão perfeita entre os membros da Igreja diocesana que em torno do seu pastor se reúne para pensar e planejar o futuro da Igreja local. A Igreja local mostra sua plena comunhão em torno do bispo, pastor visível que organiza e coordena seu povo. A manifestação de Dom José intensifica o papel da comunhão expressa na colegialidade da Igreja particular de Montes Claros que se reúne com seu bispo para traçar as metas para a dinâmica pastoral da Diocese. A atitude do bispo indica a comunhão fraterna.

O ponto de partida das reflexões é a “*opção preferencial pelos pobres*”.⁵³³ A opção pelos pobres orientará o Planejamento Diocesano de Pastoral 1981 – 1983. Entende o documento que “*assumir uma opção preferencial é comprometer-se com o evangelho não só verbalmente ou ao nível de inteligência, mas praticamente, na defesa dos oprimidos, na denúncia das injustiças e na promoção de uma sociedade fraterna pela mobilização de todas as forças emergentes*”.⁵³⁴

As reflexões daquele momento histórico fundamentavam-se no documento de Puebla . O contexto eclesial latino-americano passava a ter uma nova chave de leitura, mais comprometida com as esperanças do Continente Latino-Americano. Lembra Santos na Introdução ao documento oficial de Puebla que

o documento de Puebla não é um tratado de teologia, isto é, um discurso sistemático e metódico sobre a compreensão da fé. Não é um documento de natureza jurídica, destinado a traçar uma conduta obrigatória e devida. Trata-se de um documento **pastoral**, que pretende ser fonte de inspiração para a caminhada da Igreja em nosso continente.⁵³⁵

⁵³¹ Idem, p. 53.

⁵³² Secretariado Diocesano de Pastoral. *Planejamento Diocesano de Pastoral*. 1981 – 1983. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1981.

⁵³³ Idem, p. 03.

⁵³⁴ Idem, p. 03.

⁵³⁵ SANTOS, Pe. Beni dos. *Introdução a Uma Leitura do Documento a Partir da Opção Preferencial Pelos Pobres*. In. Conclusões da Conferência de Puebla. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1984. p.55.

O documento partia de uma realidade concreta que era a América Latina. Puebla não queria ser apenas uma literatura de diletantes, mas uma tentativa de ajuda para o entendimento das alegrias e esperanças do povo oprimido do continente. Lembra-nos o documento que “*a Igreja da AL tem procurado ajudar o homem a passar de situações menos humanas à mais humanas. Tem-se esforçado por convocar as pessoas para uma contínua conversão individual e social*”.⁵³⁶ A realidade da América Latina se tornava o desafio pastoral no final dos anos 70 e início dos anos 80. Havia por parte do episcopado e de muitos leigos uma profunda consciência de que o continente apontava para arestas possíveis de transformação. Entre os elementos que propiciavam esperanças enumeramos:

a capacidade do homem latino-americano de compadecer e externar solidariedade com os mais pobres; o desejo de participação política e social, embora estes direitos estejam espezinhados em muitos lugares; o interesse crescente pelos valores autóctones e pelo respeito à originalidade das culturas indígenas, de negros e de suas comunidades. Além disto, há um profundo amor à terra; a capacidade de organização dos jovens; a consciência que somos um continente próspero e miserável.⁵³⁷

A Igreja tomava consciência da necessidade de estreitar o diálogo com os latino-americanos numa perspectiva fraterna e sincera. Para tanto, reconhecia os problemas eminentes que enfrentaria naquele momento específico da história da evangelização do continente. Entre as questões graves aponta o documento de Puebla: “*o crescimento demográfico, o indiferentismo e a ignorância religiosa, a secularização e a injustiça social*”.⁵³⁸

Na verdade, a Igreja fazia um pedido de perdão de suas falhas no longo processo de evangelização que havia se enraizado na América Latina. A Igreja se tornara Igreja das elites e feito elos profundos com os poderosos. Secularmente, fez *habitat* natural nos grandes centros, esquecendo a periferia das grandes cidades. Destaca Benedetti que

importa notar que tanto movimentos quanto comunidades surgem num momento em que a Igreja perde sua capacidade de influir sobre o Estado. Os movimentos, dirigidos sobretudo às classes médias, e às comunidades de base, às classes populares, são uma estratégia para atingir e influenciar a sociedade, não mais via Estado, mas via sociedade civil.⁵³⁹

Seria então uma nova forma de manipulação do sagrado sobre as vidas das pessoas? Seria o reconhecimento do leigo como agente transformador da face da Igreja latino-americana?

⁵³⁶ CELAM, *Conclusões da Conferência de Puebla*. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1984. Nº 16.

⁵³⁷ Idem, p. 92. Nº 17,18,19,20,21 e 22.

⁵³⁸ Idem, p. 105 – 106. Nº 79 – 83.

⁵³⁹ BENEDETTI. *Templo, Praça, Coração*. p. 249.

Lembra-nos Benedetti que “*para entender esta penetração molecular é preciso repensar sociologicamente a categoria de leigo. Aqui a teoria de Bourdieu, revela-se insuficiente. Para Bourdieu, o leigo é o objetivamente desapropriado porque ignora esta desapropriação enquanto tal. Ou seja, ele é definido pela exclusão*”.⁵⁴⁰ Entendemos, então, que o leigo não tem o papel fundamental nesta transformação significativa que a Igreja deseja para a América Latina. Sendo assim, os leigos tornam-se massas de manobra nas mãos de setores do clero e do episcopado que vislumbravam uma sociedade igualitária sem pobres e excluídos nesta terra.

Teria a Igreja coragem de aceitar o protagonismo dos leigos e levá-lo até às últimas conseqüências? Observamos que os anos 80 impõem uma nova dinâmica no interior da Igreja, ou seja, “*nem a rígida buracratizada como a de Trento, nem a contestatória pós – 68*”.⁵⁴¹ Fato importante a destacar é que quando os leigos assumem o protagonismo nas principais lutas políticas a Igreja inicia um movimento de fechamento de suas portas. Parece oportuno observarmos que o papel do leigo foi decisivo no processo de uma constituição eclesiológica diferente na AL, na medida em que os mesmos enquadravam-se no estatuto de ignorantes e impotentes pela instituição. A Igreja não mediu a capacidade de organização e o poder dos leigos de construir um caminho alternativo dentro da instituição, nem foi capaz de prever o tamanho dos passos que a Igreja do povo poderia desbravar. É muito importante os documentos eclesiais darem tanto destaque ao fato do continente ser marcado pela ignorância. Mas, de que ignorância se tratava? Seria a ausência de pessoas letradas para o entendimento das transformações necessárias para o conjunto dos problemas dos latino-americanos? Afinal, parece que instrução nunca foi importante para as modificações necessárias nestas terras. Ao contrário, os que aqui puderam ter acesso ao saber culto sempre tripudiaram os mais simples. Não ficou de fora um clero elitista que se denominava culto e que sempre fez ligações e conchavos com as classes dominantes. Lembra-nos Sodré que

os letrados dos primeiros decênios são, pois, homens da religião, soldados da fé. Os conhecimentos que recebem não são procurados por si mesmos, pelo prazer ou pela utilidade que possam proporcionar, mas pela finalidade, como elementos indispensáveis, como ferramenta de trabalho de catequese.⁵⁴²

Os bispos percebiam que a América Latina crescia e que tinha uma população eminentemente jovem. O fenômeno da secularização colocava em questão o futuro da fé em meio a uma sociedade que urbanizava e punha suas esperanças nas novas tecnologias. A

⁵⁴⁰ Idem, p. 249.

⁵⁴¹ Idem, p. 256.

⁵⁴² SODRÉ, N. W. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. p. 17.

preocupação com a resistência da fé tornava-se ponto fundamental em uma conjuntura desagregadora do ser humano. Não bastava libertar o ser humano das amarras da pobreza, tornava-se necessário instituir mecanismos que ajudassem os cristãos a manter o primado da fé católica no continente latino-americano. Constatou Puebla que “*há cinco séculos que estamos evangelizando a América Latina. Hoje vivemos um momento grande e difícil desta evangelização*”.⁵⁴³ A evangelização pretendida nestes cinco séculos não foi capaz de instituir uma ordem diferente na América Latina. A evangelização partiu de uma perspectiva etnocêntrica que excluiu negros, indígenas, mulheres e pobres. Entende Casaldáliga que

todos estávamos entendendo que a Igreja deve ser de outro modo. Queremos que toda a Igreja seja mais comunitária e, por causa disso, mais participativa. Que a Igreja seja verdadeiramente plural, encarnada nas diferentes culturas e conjunturas sócio-político-históricas que os povos vivem.⁵⁴⁴

O resultado da terceira Assembléia Diocesana de pastoral expresso no documento Planejamento Diocesano de Pastoral - PDP 1981 – 1983 começava a deixar nas entrelinhas o medo de uma opção mais comprometida com as causas sociais na Diocese de Montes Claros. Na verdade, a Igreja se sentia melindrada para falar abertamente de temas que poderiam fazer a mesma perder privilégios já consolidados no Norte de Minas Gerais. Assim sendo, encontramos no PDP a seguinte ponderação:

assumir uma opção preferencial pelos pobres é comprometer-se com o Evangelho não só verbalmente ou ao nível de inteligência, mas praticamente, na defesa dos oprimidos, na denúncia das injustiças e na promoção de uma sociedade fraterna pela mobilização das forças emergentes. Uma opção preferencial pelos pobres não excluirá a proclamação da Palavra Libertadora para os pobres de fé e os pobres de generosidade, que não sabem repartir.⁵⁴⁵

Mas, afinal o que entendia a Igreja de Montes Claros pela categoria de Pobre? Seria o Pobre material e excluído da sociedade ou os Pobres de fé e generosidade? Muñoz recorda-nos que a categoria de pobre é precisa, pois “*o evangelho nos leva à predileção pelos pobres. São eles os privilegiados no reino de Deus*”.⁵⁴⁶ Os pobres são os preferidos de Deus. A teologia latino-americana remonta a Tradição profética que coloca em primeiro plano a defesa dos injustiçados. A viúva e o órfão são aqueles que prefiguram a defesa de todos aqueles que a sociedade exclui da participação plena. Gutierrez lembra-nos Bartolomeu de

⁵⁴³ CELAM, *Conclusões da Conferência de Puebla*. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1984. Nº 342.

⁵⁴⁴ CASALDÁLIGA, D. Pedro. *Para Uma Igreja Comunitária e Participativa*. In. **Revista Vida Pastoral**, Num 167, Ano XXXIII, 1992. p. 05.

⁵⁴⁵ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Planejamento Diocesano de Pastoral*. 1981 – 1983. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1981. p. 03.

⁵⁴⁶ MUÑOZ, R. *Nova Consciência da Igreja na América Latina*. p. 141.

Las Casas com o seguinte pensamento: “o pobre é, amado por Deus com amor de predileção porque Deus tem memória muito presente e muito viva, desde o menorzinho”.⁵⁴⁷ A teologia latino-americana não estava preocupada com os pobres de generosidade e de fé, mas com aqueles que, de fato, estavam excluídos dos bens que a sociedade produzia. Entende Betto que “é preciso que a nossa consciência de amar os pobres faça-se carne em nós”.⁵⁴⁸ Deixar que os pobres se faça carne em nós é compreender sua real situação e construir com estes os mecanismos de sua libertação.

Boff, por sua vez, entende o pobre como aquele totalmente despossuído dos bens materiais. Pontua Boff que “tomando o sentido de pobre numa forma imediata e direta; pobre é aquele que objetivamente é atingido por alguma carência, seja no interior de sua condição social (comerciante pobre, professor pobre), seja relacionando uma condição com a outra (economicamente poderoso e economicamente fraco)”.⁵⁴⁹ É interessante salientar que a Igreja antiga era uma Igreja de pobres, e que a mesma, a partir de Constantino e Teodósio, é levada a se tornar Igreja dos poderosos aliada aos mecanismos de poder daquele momento histórico.

A dificuldade da Igreja de Montes Claros não estava só em assumir a opção preferencial pelos pobres. Estava também na própria dificuldade de compreender o papel que a Igreja deveria assumir no contexto histórico em questão. A Igreja se sentia tímida para levar adiante um projeto arrojado sem o apoio da totalidade do clero e sem leigos politizados para tal empreitada. Se a Igreja se intimidava, os movimentos sociais continuavam em marcha em busca de projetos alternativos que contribuíssem para as mudanças pleiteadas pela sociedade.

Nos anos 80 teve papel importante a Comissão Pastoral da Terra – CPT.

A Comissão Pastoral da Terra – CPT atua no Norte de Minas desde 1982, como uma entidade vinculada à Igreja Católica, com objetivos semelhantes à PO e às CEBs. Diferem quanto à estratégia de ação: a CPT, conforme sua orientação nacional, está voltada principalmente para a assessoria ao movimento de trabalhadores rurais,

⁵⁴⁷ LAS CASAS, B. de. *Carta al Consejo*, 1531, V 44b. In. GUTIERREZ, G. *Em Busca dos Pobres de Jesus Cristo*. O Pensamento de Bartolomeu de Lãs Casas. p. 81.

⁵⁴⁸ BETTO, Frei. FERNANDO, Frei. IVO, Frei. *O Canto na Fogueira*. Cartas de Três Dominicanos Quando em Cárcere Político. Petrópolis: Vozes, 1977. p.219.

⁵⁴⁹ BOFF, Leonardo. *São Francisco de Assis: Ternura e Vigor*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 70. Leonardo Boff cita também o conceito de pobre de Michel Mollat que entende o pobre como: “aquele que de forma permanente ou temporária se encontra numa situação de fraqueza, de dependência, de humilhação, caracterizada pela privação de meios, variáveis segundo as épocas e as sociedades, meios de poder, ciência, qualificação técnica, honorabilidade de nascimento, vigor físico, capacidade intelectual, liberdade e dignidade pessoais. Vivendo no dia-a-dia, o pobre não tem nenhuma possibilidade de se levantar sem a ajuda do outro. Uma tal definição pode incluir os frustrados, os deixados por conta deles próprios, os associas, os marginais; esta definição não é específica de uma época, duma região, de um meio. Ela não exclui sequer aqueles que por um ideal ascético ou místico quiserem se desapegar do mundo ou que, por devotamento, escolheram viver pobres entre os pobres”. Cf. MOLLAT, M. *Les Pauvres au moyen-âge*. Paris:1978. p. 14.

enquanto as outras duas entidades investem na formação de quadros em área urbana.⁵⁵⁰

A Igreja continuava resistindo com seus quadros mais politizados. A resistência se cristaliza em lideranças isoladas que continuam a manter as idéias dos documentos do episcopado latino-americano na Diocese de Montes Claros. Fato importante na tomada de consciência do laicato é a fundação da casa de Pastoral Comunitária da Diocese de Montes Claros em 1983. Lembra-nos Oliveira que

em 1983 funda-se a Casa de Pastoral Comunitária, procurando ser apoio institucional mais efetivo para o movimento de trabalhadores rurais no Norte de Minas. É formada uma equipe de coordenação, que também irá elaborar e implantar projetos para a criação de oportunidades de trabalho, melhoria de renda e apoio à organização política.⁵⁵¹

Se de um lado, a Igreja se intimidava e tinha dificuldades para assumir uma postura mais politizada, os leigos assumiam a vanguarda das pastorais sociais. As dificuldades eram eminentes, pois as mesmas não podiam contar com o apoio de parcela do clero que não queria misturar sua vida pastoral com a atividade política. Lembra-nos Oliveira que

como não poderia deixar de ser o grande obstáculo é político. A grande maioria dos bispos, padres e empresários da região oferecem resistência permanente. São comuns telefonemas anônimos, cartas de ameaças à segurança pessoal de lideranças oposicionistas e campanhas difamatórias através dos órgãos de comunicação.⁵⁵²

A insegurança fazia com que a Igreja local construísse formulações que permitisse uma dupla interpretação, ou seja, que não permitisse a possibilidade de ser mal interpretada e ganhar a antipatia das classes mais abastadas da Diocese. Pondera Betto que dificilmente entenderemos o que significa ser pobre e ficar do lado dos pobres, pois *“geralmente os conventos oferecem um padrão de vida que só os ricos usufruem: quatro refeições por dia, lavanderia própria, turma de empregados, variedades de eletrodomésticos, etc., além da*

⁵⁵⁰ OLIVEIRA, E. A. F. de. *Nova Cidade, Velha Política*. p. 160.

⁵⁵¹ Idem, p. 160. C.f também: Entrevista com Ana Maria Rodrigues e Rosely Carlos Augusto em 1985. A mesma é citada por Evelina Antunes Oliveira. Na mesma podemos ler que “anteriormente havia sido tentada a organização de trabalhadores rurais, em municípios próximos a Montes Claros, pelo Padre Peçanha e Heliomar Valle Silveira (Centro Regional de Saúde). Entretanto, encontraram muita resistência por parte do próprio clero e dos empresários regionais. Com a chegada de Luiz Chaves, ex-seminarista, ex-militante da CPT de Goiás Velho (GO) e assessor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Minas Gerais – FETAEMG, a CPT local ganha maior visibilidade. É criada uma Comissão de defesa dos trabalhadores rurais, com representantes de outras cidades da região como juramento, Januária, Brasília de Minas e São Francisco”. In. OLIVEIRA, E. A. F. de. *Nova Cidade, Velha Política*. p. 160.

⁵⁵² Idem. p. 161.

tranqüilidade de viver sem tomar conhecimento do preço das coisas".⁵⁵³ A mentalidade burguesa e clerical impedia que se tomassem posições mais arrojadas em função de uma Igreja mais progressista. A diocese tinha carência de homens mais avançados. Lembra-nos Lopes que *"a figura do padre para o povo era fantasiosa. O padre era visto como santo e fora do mundo. Muitos padres tinham pouca cultura e vivia contando histórias que impressionava o povo, ou seja, sobre castigos, punições e inferno"*.⁵⁵⁴ Com um clero pouco numeroso e sacramentalista as idéias de mudanças tinham dificuldade para expandir. Os leigos tinham dificuldade de aceitar a participação e as tarefas confiadas a outros leigos da comunidade. Registra o PDP que *"há dificuldades na aceitação dos ministérios leigos ligados ao culto"*.⁵⁵⁵ Os fiéis resistem à participação do leigo e não entendiam sua presença nos lugares reservados aos clérigos. Lembra-nos Ildefonso que *"homem que subisse no altar era alvo de deboche para o povo nas igrejas. Os mesmos eram apelidados de: Manoel padre, José Maria padre, etc"*.⁵⁵⁶ A presença dos leigos nos lugares de importância que cabiam à hierarquia estranhava a comunidade católica que os estigmatizava e os excluía. Intolerância maior era com as lideranças femininas que tinham suas celebrações boicotadas. As mulheres, apesar de ser maioria, não aceitavam a liderança e celebrações feitas por outras mulheres. Dificuldade também encontrava os primeiros ministros da eucaristia. Os fiéis se recusavam a receber a comunhão das mãos de homens casados, pois os mesmos eram vistos como pecadores. Maiores dificuldades encontravam as mulheres, as mesmas assistiam os fiéis mudarem de fila durante as celebrações para não receberem comunhão das mãos das mesmas. Mesmo falando em mudanças, os clérigos não toleravam a presença dos leigos nos lugares reservados aos mesmos. Assim, no que se refere ao feminino, só restava-lhe as tarefas de cantar, arrumar o altar e limpar a igreja depois das celebrações. Neste momento chegamos a uma encruzilhada na caminhada da Igreja diocesana, ou seja, ou a mulher aceitava a sua condição discriminatória de opressão, ou reagia e derramava lágrimas à procura de um espaço na vida eclesial.

A questão da mulher é antiga na religião e necessita ser revista no contexto atual de uma Igreja que deseja mudanças. Na perspectiva de Weiler, a situação da mulher é histórica, pois *"a inferioridade religiosa da mulher evidencia-se na famosa oração do judeu: Eu te agradeço, Senhor, por não ter nascido infiel, nem inculto, nem escravo, nem*

⁵⁵³ BETTO, Frei. FERNANDO, Frei. IVO, Frei. *O Canto na Fogueira*. Cartas de Três Dominicanos Quando em Cárcere Político. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 308.

⁵⁵⁴ LOPES, Ir. Marida. *Visão do Concílio Vaticano II na Diocese de Montes Claros*. Entrevista, Montes Claros, Outubro, 2006.

⁵⁵⁵ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Planejamento Diocesano de Pastoral*. 1981 – 1983. p. 12.

⁵⁵⁶ ILDEFONSO, J. *O Cursilho de Cristandade e o Vaticano II*. Entrevista, Montes Claros, Novembro, 2006.

mulher”.⁵⁵⁷ Mas, o mais significativo é tentar compreender a força que anima as mulheres de nossas Comunidades de Base. Elas conseguem a liderança e apesar do desprezo continuam alimentando a vida da comunidade. O coração fecundo da mulher continua tal qual Prometeu acorrentado, dando continuidade ao processo gerador de vida e de fé. É importante destacar que *“as CEBs abrem um novo espaço eclesiológico-pastoral, onde a mulher tem oportunidade de revelar a face materna de Deus e o jeito feminino de ser Igreja”*.⁵⁵⁸

A participação das mulheres na Igreja coloca uma questão fundamental, ou seja, *“saindo da esfera doméstica a mulher descobre um novo sentido da vida e inicia um processo de descobrimento de sua própria identidade, refazendo à sua maneira tudo aquilo que lhe foi ensinado como definitivo”*.⁵⁵⁹ A presença da mulher na comunidade muda seu posicionamento na sociedade. Se na família vivia submetida ao marido, na fábrica ao patrão e na sociedade aos parâmetros machistas. Na comunidade percebe sua força transformadora e mutante capaz de romper as estruturas de injustiça que recaem sobre si mesma. As mulheres dão nova cara para a Igreja. Uma cara mais humana e mais democrática. Reflete Casaldáliga que *“a mulher exige, cada vez mais, ser reconhecida como mulher e ter plena participação. Aqui a Igreja continua tendo um pecado grave: a mulher não é reconhecida. Isso se deve reconhecer honestamente. Enquanto a mulher não puder ter acesso a todos os ministérios, continuará sendo marginalizada na Igreja”*.⁵⁶⁰ Esta valorização só acontecerá com uma reflexão que gire em torno de uma Igreja servidora. Segundo Brandão, a estratégia é recuperar a teologia do serviço. Assim, a Igreja seria compreendida pela dimensão do serviço compartilhado. O serviço compartilhado se difere da imposição e da postura de mando que coloca o poder acima do amor fraterno.

As mulheres são maioria nas CEBs. Ali alimentam os sonhos de muitas outras mulheres. São catequistas, líderes de comunidade e coordenadoras de círculos bíblicos.

A força que possui a mulher faz maravilhas em favor dela e de toda a Igreja. Transforma fraqueza em coragem e invencibilidade, pobreza em riqueza, silêncio em palavra sonora e transformadora, impotência em poder, sofrimento em consolo, morte em vida. A força que possui a mulher e que habita no seu interior transborda para fora dela e vai fecundar e fazer fortes outros e outras que, por sua vez, farão com que a Palavra se alastre e o Reino cresça.⁵⁶¹

⁵⁵⁷ WEILER, L. *A Mulher na Bíblia*. p. 05.

⁵⁵⁸ Idem, p. 09.

⁵⁵⁹ BRANDÃO, M. L. R. *O Rosto da Mulher Brasileira*. p. 19.

⁵⁶⁰ CASALDÁLIGA, Dom Pedro. *Para Uma Igreja Comunitária e Participativa*. p. 05.

⁵⁶¹ BINGEMER, M. C. L. *No Princípio Era a Força que Move a Mulher*. p. 17.

Após leitura atenta dos documentos diocesanos observamos que não havia por parte dos clérigos interesse que os leigos se tornassem conscientes. Uma parcela dos presbíteros nada fazia para que os leigos tomassem lugar definitivo nas comunidades. Ao contrário, entendiam que homens e mulheres deveriam ser mantidos distantes dos altares e das ideologias que colocassem em perigo sua fé genuína. Tornava-se necessário que os leigos não esquecessem os princípios da caridade evangélica, mas que não a confundisse com militância política. Assim o PDP lembra que “*em face à efervecência da ideologia e da ação social, que a reflexão diocesana se faça a partir da Escritura e dos documentos da Igreja e da CNBB*”.⁵⁶² Sintomático e significativo é constatar que, em meados dos anos 80, quando a Igreja do Brasil e da América Latina procurava entender a realidade do continente a partir do método ver, julgar e agir, a Diocese de Montes Claros ainda formulasse seus problemas a partir de uma perspectiva medieval aristotélico-tomista.⁵⁶³ O medo da proximidade com a metodologia das ciências humanas, dificulta e impossibilita uma análise precisa dos problemas da região. Talvez a realidade demonstrasse o contrário, pois enquanto as comunidades seguiam seu caminho, os clérigos pensavam uma outra Igreja hierarquizada e distante da realidade do povo.

Na perspectiva de Libânio, são os silêncios significativos que podemos encontrar neste momento histórico da história da Igreja do Brasil. Afinal, predominava o medo do devastador marxismo que poderia destruir e aniquilar a fé cristã. Se, de um lado, predominou o medo da modernidade com as suas novidades, por outro lado, o pavor do Marxismo rondava a Igreja que necessitava empurrá-lo para bem distante de seus fiéis. Neste momento da história da Igreja

pervade, em geral, a idéia negativa sobre ideologia, como algo ruim de que o cristão sobretudo os responsáveis pela Igreja devam tomar distância.⁵⁶⁴ Conclui o PDP que as organizações populares são esforços conjugados de reivindicação social, econômica e política do povo. São segmentos políticos de uma determinada comunidade. A fé cristã e a atividade política estão unidas no cristão, **mas** não se identificará a tarefa da fé com uma determinada tarefa política.⁵⁶⁵

⁵⁶² Secretariado Diocesano de Pastoral. *Planejamento Diocesano de Pastoral*. 1981 – 1983. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1981. p. 13.

⁵⁶³ Idem, p.15. Nesta página encontramos a seguinte formulação: “À luz do Reino anunciado, a partir da opção preferencial pelos pobres, que o homem seja integrado livre, que a sociedade seja mais fraterna por uma ação mais participativa e de comunhão. Causa material: A libertação do homem (opção preferencial pelos pobres); Causa formal: A luz do reino anunciado; Causa eficiente: A ação participativa e de comunhão; Causa final: a) Próxima: A sociedade fraterna, b) remota: o Reino definitivo.

⁵⁶⁴ LIBÂNIO, J. B. *Introdução ao Documento de Puebla*. p. 67.

⁵⁶⁵ Secretariado Diocesano de Pastoral. *Planejamento Diocesano de Pastoral*. 1981 – 1983. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1981. p. 23. O destaque dado ao **mas** tem como objetivo ajudar a perceber a força do mesmo dentro do texto em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do episcopado de Dom José Alves Trindade nos coloca diante do desafio da compreensão da história da Igreja no Norte de Minas Gerais. Sabemos que toda compreensão é parcial, pois a mesma se mostra fragmentada e possuidora de suas próprias possibilidades de superação. Assim, a história do episcopado de Dom José Alves Trindade é parte da história da construção da Diocese de Montes Claros. Dom José é um marco não só da história da Igreja no Norte de Minas Gerais, mas testemunha do próprio processo de desenvolvimento sócio-econômico da região. Seu longo episcopado, isto é, 32 anos à frente da Igreja de Montes Claros demarca a história da fé do homem sertanejo. São trinta e dois anos de influência espiritual ativa, mais dezoito anos de influência espiritual até a sua morte na tarde do dia 07 de março de 2005.

Guardar os fatos e acontecidos parece um desafio em uma sociedade que supervaloriza o presente e trata com descaso o passado. Lembra-nos Le Goff que “*o futuro, tal como passado, atrai os homens de hoje, que procuram suas raízes e sua identidade e, mais que nunca, fascina-os. Mas os velhos apocalipses, os velhos milenarismos renascem, alimentados por um novo fortificante, a ciência ficção*”.⁵⁶⁶ O passado continua alimentando o nosso presente. Afinal, o presente e o passado se misturam numa mescla de futuro. Nossas buscas continuam sendo orientadas pelo sentido originário de nossas perdas. Na verdade, não buscamos o futuro, mas restauramos o passado a cada momento.

Entendemos que não existe só uma história do passado, mas uma história que se constitui de passado, presente e futuro. Uma história que relaciona os acontecimentos vividos com o movimento da sociedade. Assim, compreendemos que o estudo do episcopado de Dom José não constitui apenas um amontoado de fatos, mas o reconstruir da história viva de um povo em uma região sofrida que é o Norte do Estado de Minas Gerais. O sofrimento guarda na memória o desejo de separação pleiteado ainda hoje pelos defensores da criação do Estado de Minas do Norte. Na história do episcopado de Dom José Alves Trindade reconstruímos a história da Igreja de Montes Claros. Neste trabalho descobrimos a farta documentação que possibilitou remontar a trilha do apostolado do bispo do Sertão. História relato, história-testemunho e história escrita possibilitaram a construção fecunda desta elaboração acadêmica. Le Goff alerta para a fragilidade destas abordagens quando adverte que “*este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento*

⁵⁶⁶ LE GOFF, J. *História e memória*. p. 228.

*da ciência histórica. Paradoxalmente, hoje se assiste à crítica deste tipo de história, devido à vontade de colocar a explicação no lugar da narração”.*⁵⁶⁷

O cientificismo coloca em dúvida a possibilidade das ciências históricas questionando sua validade. Em nome das ciências da natureza lançam suspeitas sobre a veracidade e possibilidade da reconstituição da história. A influência da perspectiva científicista exige a quantidade de documentos para a constituição de um método de crítica científica que dê estatuto à ciência histórica. É verdade que muitos povos superaram o limite da história oral, pois durante séculos tornaram-se capazes de responsabilmente cuidar do seu acervo, reunindo documentos escritos e fazendo deles testemunhos de sua presença no mundo. Outros ainda têm dificuldade de remontar seu passado pelo descuido e pela negligência com seu patrimônio, seu acervo e com a destruição dos bens exemplares que ajudam na compreensão da presença do homem no mundo. Compreender um povo não se torna tarefa fácil, sobretudo quando fazemos parte dele, isto é, vivenciando seus desafios e angústias diárias. Assim, Gadamer chama atenção para aquilo que é vivenciado, isto é, que ganha duração, peso e importância em nossas vidas.⁵⁶⁸

Estudar a história da Igreja de Montes Claros é contribuir em um momento significativo para a recuperação da memória eclesial às vésperas das comemorações dos 100 anos da criação da Diocese em 1910 pelo Papa Pio X. A pesquisa ajudou-nos a compreender o desenvolvimento da espiritualidade do homem norte-mineiro em um período histórico determinado. Durante o trabalho indicamos qual o significado da formação histórica da Diocese e das idéias que orientaram o episcopado de Dom José Alves Trindade. O eixo teórico orientou-se por uma postura que considera três pilares básicos para a compreensão da história da Igreja neste período histórico na Diocese de Montes Claros. Em primeiro lugar, mereceu destaque o Concílio Vaticano II; em seguida, a II Conferência do Episcopado Latino Americano em Medellín e, em terceiro lugar, a III Conferência do Episcopado Latino-americano em Puebla. Os três grandes acontecimentos foram lidos à luz das três principais Assembléias diocesanas do episcopado de Dom José Alves Trindade.

O presente trabalho é resultado do estudo da história da Igreja na Diocese de Montes Claros – MG, pontuou os elementos aglutinadores das três conferências do episcopado latino-americano com suas forças dinamizadoras no episcopado de Dom José Alves Trindade. O episcopado de Dom José foi colocado na sua relação com as três Primeiras Assembléias de Pastoral realizadas no contexto da vida espiritual durante o episcopado em

⁵⁶⁷ Idem, p. 09.

⁵⁶⁸ GADAMER, H. *Verdade e Método*. p. 119.

questão. Destas assembleias diocesanas resultaram três documentos que serviram para a nossa análise neste trabalho, pois os mesmos, além de expressarem o clima espiritual da época também possibilitam perceber as transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e espirituais da época analisada. São aspectos que saltam aos nossos olhos, mas que, por não fazer parte do problema em questão da pesquisa, não tiveram maior atenção do trabalho em questão.

Em primeiro lugar, podemos dizer que o ponto de partida para o desenvolvimento da Diocese de Montes Claros é o Concílio Vaticano II. O Concílio chegava em uma Diocese que tinha pouca expressão e pouco vigor espiritual. Os que aqui passaram anteriormente registravam a simplicidade do povo, a pouca familiaridade com o culto, um clero desinteressado, amante da simonia que estava presente nesta região. O descaso do sertanejo e sua suposta “ignorância” se justificam no tratamento recebido por uma Igreja que pouco fazia questão de incluí-lo em seu espaço sagrado. Saint-Hilaire destaca a incredulidade e o descaso que encontrou no Sertão ao se deparar com uma incredulidade e um povo embrutecido, distante dos rituais e das orações que eram feitas nas pequenas capelas. Registra em sua passagem por Formigas que encontrou uma procissão com um número insignificante de fiéis que andavam pelas ruas.

A história do catolicismo no Sertão de Minas Gerais deixa marcas questionadoras para a construção de um monumento espiritual sólido, pois

no imaginário popular, os padres da diocese de Montes Claros (1911 – 1943) deixaram as mais diversas lembranças. Padres políticos, padres agressivos, padres avarentos, padres luxuriosos, padres Santos. Na memória popular as histórias transmitidas oralmente desenhavam um quadro histórico daquele período.⁵⁶⁹

Este período parece repercutir no episcopado de Dom José Alves Trindade que não encontrou muitas facilidades para o desempenho de suas funções pastorais na Diocese de Montes Claros no período de 1956 a 1988. A pesquisa indica para um bispo solitário que não tinha muito respaldo do seu presbitério. Parece ser tradição na Diocese de Montes Claros o isolamento e as ações individuais do bispo em questão. Em sua carta de despedida em 1988 relembra as dificuldades encontradas no início do seu ministério episcopal na Diocese de Montes Claros. Entre as dificuldades iniciais destaca “*o número reduzido de leigos engajados, o pequeno patrimônio e a dificuldade para a manutenção do clero*”.⁵⁷⁰

⁵⁶⁹ OLIVEIRA SILVA, F. *Sub Umbra Alarum Tuarum*. p. 265.

⁵⁷⁰ TRINDADE, Dom José Alves. *Despeço-me Saudosamente da Diocese de Montes Claros*. Mimeografado. A E A M C, Montes Claros, 01/06/88.

A idéia de um clero minguido permanecerá por todo o episcopado de Dom José Alves Trindade. A preocupação com a escassez de presbíteros predomina no seu discurso de saudação aos diocesanos por ocasião de sua posse em Montes Claros e, posteriormente, é lembrada no documento da I ADP.⁵⁷¹ As dificuldades fizeram com que o bispo do sertão aprendesse a conviver com os sofrimentos que reservariam sua atividade episcopal. Entre estes sofrimentos destacamos a pobreza do povo da Diocese de Montes Claros. Lembra-nos o Documento da Primeira Assembléia Diocesana de Pastoral que metade dos habitantes de Montes Claros nos anos 60 não era da própria cidade, “*mas migrantes dos vários estados do Nordeste, do Sul da Bahia e das diferentes cidades norte-mineiras, que olham Montes Claros como centro de toda vida civilizada da região*”.⁵⁷² Uma grande multidão de famintos perambulava pela cidade enchendo as ruas e praças públicas num espetáculo de pobreza.

A pobreza desperta em Dom José uma atenção singular pelos mais pobres. Estes tornam-se os atendidos pelo bispo dos mais simples. Durante seu episcopado, Dom José atendia diariamente, na residência episcopal, todos os que ali chegavam. As portas estavam sempre abertas. Fato curioso se deu por ocasião de sua morte. Uma pergunta se coloca com curiosidade. Afinal, como fechar o Palácio Episcopal? Durante mais de 50 anos as portas sempre foram travadas por dentro com seus ferrolhos sem jamais serem fechadas com chave externa. De maneira simbólica compreendemos que durante o episcopado de Dom José nunca as portas se fecharam para ninguém. Detestava grades e as pessoas que afugentavam os pobres. A todos acolhia com generosidade e simplicidade.

D’Angelo em seu discurso de saudação na sagração episcopal de Dom José alertou o bispo para as dificuldades que o mesmo encontraria no decorrer de sua vida pastoral. Lembra o Padre José de D’Angelo que

a vida de Pastor é vida de sofrimento. Quantas vezes terá seus pés machucados e suas mãos feridas nos espinhos em que se emaranham as ovelhas transviadas. Não desejamos a V. Excia. a falta de sofrimento ou de ocasião de sacrifícios. Seria desejar um apostolado sem méritos, uma luta sem glórias e uma guerra sem triunfos.⁵⁷³

O compromisso com as idéias do Concílio possibilitou a Dom José uma atitude de maior abertura e compreensão para com os desafios da Igreja. Assim encontramos nas três primeiras assembléias diocesanas uma atitude de abertura para as novidades que estavam por

⁵⁷¹ SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. *Diretrizes Pastorais de Montes Claros*. 1967-1970. p.16. “Mas não tarda muito, Dom José concentra sua atenção para os problemas internos da Igreja. Reinicia a construção do Seminário, que em 1965 é inaugurado”.

⁵⁷² Idem, p.26.

⁵⁷³ D’ANGELO, Pe. *Discurso Proferido pelo Padre José de A’Angelo Neto por ocasião da sagração de Dom José Alves Trindade*. Datilografado, Mariana, 21/11/1943. A E A M C.

vir. É verdade, Dom José já respirava ares diferentes. Afinal, em 1933 foi enviado para Roma onde estudou teologia. Registra a história que

seminarista de Mariana, sua Arquidiocese de origem, aos fins de 1933 foi enviado para Roma, onde, aluno fundador do Colégio Pio Brasileiro, recebeu a ordenação sacerdotal em 27 de março de 1937 na Basílica de São João de Latrão e se laureou em teologia junto à Pontifícia Universidade Gregoriana.⁵⁷⁴

O episcopado de Dom José o coloca em sintonia com o seu tempo, isto é, em sintonia com o momento histórico que se deslanchava naquela circunstância. Recordamos neste momento Ortega y Gasset, o pensador das circunstâncias, que “*em cada momento de minha vida se abrem diante de mim várias possibilidades: posso fazer isso ou outra coisa*”.⁵⁷⁵ A documentação examinada indica para a opção consciente de um bispo que poderia ter feito outra opção. Vindo de Roma poderia ter tido um futuro mais promissor, mas repetia com frequência que “*nunca quis ter nada*”. Esta consciência permeia a despedida de Dom José da Diocese de Montes Claros. O mesmo escreve de próprio punho que voltava

para casa mais pobre materialmente de quando saí de lá. E sei que, ao tempo de “marajás” e de tamanhos “interesses”, não seria acreditado por eles e pelos que julgam os outros por si. Mas nos Cartórios estão os documentos de tudo quanto pertence à Diocese e não a mim. Entre eles uma escritura (assinada pelo Sr. Bispo-coadjutor) de minha doação à Diocese de todos os lotes (adquiridos por mim no bairro São Judas, logo após minha chegada). Monetariamente falando, portanto, servi à diocese e dela não me servi.⁵⁷⁶

O discurso de despedida trazia à tona um misto de tristeza que há anos conservara adormecido no coração de Dom José Alves Trindade. Afinal, em certa ocasião foi acusado de emprestar dinheiro a juros e praticar agiotagem. A acusação lhe reservou uma atitude totalmente despreendida e pouco preocupada com os bens materiais. Durante sua vida recusou o luxo e qualquer sinal que pudesse indicar ostentação. Não teve carro luxuoso, casa bonita, secretários e vida de pompa. Fazia os pequenos trajetos na cidade a pé. Vestiu sempre sua batina cinza e no trajar jamais mostrou ostentação.

A presença de Dom José Alves Trindade apresentava uma nova possibilidade de se pensar o Catolicismo no Norte de Minas Gerais. Diferente dos bispos de temperamento prepotente e orgulhoso, o mineiro José trazia a simplicidade e a cordialidade de Lagoa

⁵⁷⁴ SANTINHO. Jubileu de Prata Sacerdotal. 1962.

⁵⁷⁵ Ortega y Gasset In. FERNANDEZ, Clemente. *Los Filósofos Modernos*. Selección de textos. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLXXVI, p.493. “En cada momento de mi vida se abren ante mí diversas posibilidades: puedo hacer esto o lo otro”.

⁵⁷⁶ TRINDADE, Dom José Alves. *Despeço-me Saudosamente da Diocese de Montes Claros*. Mimeografado. A E A M C, Montes Claros, 01/06/88.

Dourada. Lembra-nos o padre Murta que dois destes, ou seja, Dom Antônio Morais e Dom Luiz Victor Sartori não deixaram saudade para os padres e para o povo. O episcopado de Dom José coloca em questão a necessidade da Primeira Assembléia diocesana de Pastoral no período pós-conciliar. A Primeira ADP apontava para três momentos significativos vividos pela Diocese desde sua ereção em 1910. A Primeira fase foi denominada de sacramentalista, pois estava marcada somente pela administração dos sacramentos. Registra o Documento da I ADP que os padres que por aqui passaram “*não parece terem sido muito zelosos, pois quando por aqui passou o Visitador, Rvdo. Manoel da Silva, lavrou um termo de visitas não muito lisonjeiro, pois tinha encontrado os livros de registros sem assinatura e adultos batizados sem o uso dos Santos óleos*”.⁵⁷⁷ O pouco zelo pastoral perpetuava uma fé sem muita preocupação com a vivência mais profunda dos ensinamentos da Igreja. A Distância dos grandes centros urbanos da época dificultava o acesso à informação. O acesso a Salvador tornava-se quase impossível pela dificuldade de transporte. Encontramos a rota dos vaqueiros que transportava o gado do sul da Bahia para o centro sul. O principal canal de ligação estava na rota feita pelos bispos que vinham de diamantina, passando por Terra Branca nas margens do rio Jequitinhonha, Grão Mogol, Riacho dos Machados e Januária nas margens do Rio São Francisco. Fica claro que Montes Claros não tinha, inicialmente, vulto espiritual que se tornará posteriormente. As pesquisas são unânimes em reconhecer a importância dos Premonstratenses na movimentação que tornou Montes Claros pólo de espiritualidade no Norte de Minas. Parece mais consistente a tese de que Januária, nas margens do Rio São Francisco, que pleiteava a sede episcopal do Norte de Minas ter sido prejudicada pela ação dos Premonstratenses que deram rumos diferentes para a evangelização do sertão de Minas Gerais.

A segunda fase é denominada de Pastoral. A mesma está marcada pelo período de preparação para a criação da Diocese de Montes Claros. Neste período percebemos a profunda influência pastoral dos padres premonstratenses.⁵⁷⁸ Já a terceira fase é denominada de crítica. Nesta fase Montes Claros enfrentava problemas com sua densidade demográfica. As Diretrizes Pastorais de Montes Claros registram as transformações sociais e culturais que aconteciam no final dos anos 60. Registra o aumento do comércio, a intensificação da imprensa, a vinda de muitos profissionais liberais e os problemas sociais agravando. Deixa

⁵⁷⁷ SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. *Diretrizes Pastorais de Montes Claros*. 1967-1970. p.11.

⁵⁷⁸ Ordem de cônegos regulares, fundada em 1120, na diocese de Soissons na França, no vale chamado de *Prémontré*. O fundador foi Norberto de Gennep convertido em 1115. Os padres premonstratenses chegaram em 1903. Eram eles: Cônegos Carlos Vincart, Francisco Moureau. Os mesmos vieram da Bélgica para o Sertão Norte-Mineiro.

registrado o documento diocesano a preocupação com a linha férrea que atravessava a cidade. Entendia a Igreja que “*o prolongamento da Central enchia a cidade de aventureiros, espalhando-se por todo o Estado a má-fama de Montes Claros pelo seu número de prostitutas, ameaçando até a tradicional moralidade de nossas famílias*”.⁵⁷⁹

Havia uma consciência de que a forma de evangelizar o sertanejo já não era mais eficaz. As práticas religiosas construídas nos anos anteriores não respondiam às necessidades espirituais do povo de Deus. Lembra-nos Otten “*que o Deus que foi trazido pelos portugueses é o Deus da religiosidade popular da Idade Média, um senhor feudal e juiz amedrontador*”.⁵⁸⁰ Este Deus amedrontador perde força na medida em que as pessoas vão se tornando mais cultas e críticas. Esta visão feudal só servia para cristalizar uma postura de mando e de arrogância que vai sendo rejeitada pelo povo. Este Deus com cara de Senhor Feudal excluiu da Igreja os pequenos e humildes. Restava, então, uma visão de um Deus cruel que vingava e castigava as pessoas. É interessante recordar que

o Bom Jesus e o crucifixo são símbolos desta via penitencial. O povo sertanejo, esmagado pela exploração humana e pelas calamidades naturais, se identifica com a paixão de Jesus e aceita o sofrimento como castigo de Deus pelos pecados cometidos. Quantas cruzeiros e capelas erigidas por missionários, eremitas e beatos não se tornaram lugar de devoção.⁵⁸¹

O episcopado de Dom José Alves Trindade se colocará de forma decisiva diante deste dilema teórico colocado pelos teólogos da Igreja. Afinal, não fica claro a separação entre o elemento teórico e a espiritualidade do povo sertanejo. Na verdade, o povo não entende a nova proposta que vinha do Concílio Vaticano II. Não era interesse do povo discutir questões teológicas, mas buscar elementos que pudessem alimentar a sua espiritualidade. As controvérsias teológicas não chegam ao povo que continuam vivenciando sua fé no mundo dos sacramentos e de suas piedades. Nos três documentos das assembleias diocesanas do episcopado de Dom José Alves Trindade que analisamos encontramos um forte apelo à formação. Incomoda a atitude renitente da I ADP de considerar o povo ignorante e sem compreensão da fé. A expressão “*ignorância religiosa*” aparece com frequência no resultado da primeira assembleia, enfatizando uma postura que pouco considerava o modo da espiritualidade do homem sertanejo. Esquecia a Igreja oficial que a vida do povo era uma grande via-cruz pela própria questão geográfica e as dificuldades climáticas que os mesmos tinham que enfrentar. Pontua Otten que “*para os sertanejos, a vida, muitas vezes, se torna*

⁵⁷⁹ SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. *Diretrizes Pastorais de Montes Claros*. 1967-1970. p.14.

⁵⁸⁰ OTTEN, Pe. Alexandre. “*Deus é Brasileiro*”: Uma leitura teológica do catolicismo popular tradicional. p. 13.

⁵⁸¹ Idem, p. 14.

*uma espaçada quaresma, uma fuga do mundo rumo à pátria celeste. O instinto de sobrevivência faz com que o sertanejo, cercado de tantas ameaças, crie uma multiplicidade de recursos de caráter mágico”.*⁵⁸² O sertanejo sabe viver e aprendeu a conviver com seus medos e insegurança. Aprendeu a conviver com uma Igreja que passava a maior parte do seu tempo com as portas fechadas. Se o sagrado não chegava por via institucional, o mesmo chegava por um caudal laico de piedades.

Chama nossa atenção a preocupação do documento da I ADP com a formação dos leigos. Como já assinalamos a intenção de dizer que o leigo era ignorante aparece pelo menos 05 vezes no documento de forma espalhada nos diversos temas abordados pelos grupos de estudos.⁵⁸³ Por sua vez, constatamos também a seguinte questão: como pensar um laicato consciente com um clero pouco culto?

Desde a posse de Dom José Alves Trindade encontramos uma preocupação com a formação do clero. A formação do clero não era uma preocupação nova, pois antes mesmo da criação da Diocese encontramos no livro de Tombo da *Parochia do Senhor do Bomfim* de Bocayuva o registro das Conferências realizadas em São Paulo em 1901. As Conferências manifestam preocupação com o clero necessário para o Brasil. Registra o referido livro que

queremos que os bons padres existentes em nossas dioceses, aos quais são consolação, nossa coroa e nossa glória, tenham sempre armas bastante para a vitória na campanha, que lhes fazem todos os inimigos, conjurados a perdel-os e tragal-os; queremos que tenham sucessores dignos delles, que lhes conservem os fructos do zelo e prolonguem indefinidamente em nossas freguezias e povoações o perfume de suas virtudes.⁵⁸⁴

As questões colocadas em 1901 são de grande pertinência, pois, afinal, muitas delas são ainda preocupação de muitos bispos e formadores na atualidade. Chama atenção ainda, nas conferências a preocupação com a necessidade de formação permanente do clero. Os bispos desejavam que se fizessem “*conferências theológicas, quando se pudessem reunir ao menos três sacerdotes sob a presidência do respectivo vigário foraneo, nas quaes se ventilem e resolvam pontos de moral, dogma e outras disciplinas eclesiásticas*”.⁵⁸⁵

⁵⁸² OTTEN, Pe. Alexandre. “*Deus é Brasileiro*”: Uma leitura teológica do catolicismo popular tradicional. pp. 15-17.

⁵⁸³ SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. *Diretrizes Pastorais de Montes Claros*. 1967-1970. p.14. Encontramos na página 36 a expressão “desconhecimento do leigo”. A expressão **ignorância religiosa** aparece nas páginas: 40, 52 e 67.

⁵⁸⁴ Cf. Livro de Tombo, I, 6B – 7B, *Pastoral Collectiva dos Senhores Bispos da Província Ecclesiastica Meridional do Brasil*. Comunicado ao Clero Secular e Regular o resultado das Conferências realizadas em São Paulo, de 03 a 12 de novembro de 1901. Consta no livro os nomes dos seguintes bispos participantes das Conferências. Joaquim, arcebispo do Rio de Janeiro, Antônio, bispo de São Paulo; Cláudio José do Rio Grande do Sul; Silvério, bispo de Mariana; Francisco de Petrópolis; José de Corytiba e João, bispo de Pouso Alegre.

⁵⁸⁵ Idem . p. 7B.

Dom José herdava os problemas crônicos que a diocese vinha trazendo em seus longos anos. Um bispo culto que tinha de lidar com um clero despreparado e pouco atualizado. As Diretrizes de 1967 constata que “*nota-se um desconhecimento da realidade e falta de vivência desta mesma realidade por parte do clero e escassez de pregadores atualizados*”.⁵⁸⁶ Percebemos que as idéias do pós-vaticano eram inovadoras num contexto distante da realidade eclesial da Igreja Católica no mundo. Faltava o essencial para uma pastoral inovadora, isto é, um laicato mais aberto e um clero mais atualizado. A I ADP destaca ainda que “*os ritos são arcaicos e complicadas as celebrações*”.⁵⁸⁷ Além dos fiéis terem que conviver com pregações “*inadequadas ao nível dos ouvintes*”.⁵⁸⁸

A Instituição não muda com facilidade. Vai se adaptando com pouca ousadia às inovações propostas pelo Concílio Vaticano II. Interessante notar que a hierarquia ousa muito pouco. A mesma se deixa aprisionar pelo mundo das normas. A Igreja hierárquica vive das normas. É uma cumpridora de normas e atos formais. Assim lemos no Diário de Montes Claros do ano de 1965: “*conforme decisão da última sessão do Concílio Ecumênico, os padres poderão, agora, quebrando uma tradição secular, andar vestido como um homem comum, isto é, calça comprida e paletó*”.⁵⁸⁹ As pequenas inovações eram feitas sem muito entusiasmo e apenas cumprindo as formalidades prescritas pelos documentos eclesiais. Por sua vez, as leves mudanças provocavam arroubos nos fiéis que não desejavam as mudanças na Igreja. As poucas inovações provocavam críticas de setores conservadores que não desejam as mudanças que estavam acontecendo. Uma destas críticas foi feita por Silveira no Diário de Montes Claros em 1967, isto é, cinco meses depois dos resultados da I ADP. Silveira critica a Igreja por sua fraqueza e incapacidade de continuar ser a guardiã dos bons costumes dizendo que

todas as vezes que se enfraquecem os laços da família, começa a decadência da sociedade. A Igreja, guardiã e defensora milenária dos bons costumes, afina o seu instrumental pelo diapasão do *transformismo*. Os seus padres vêm sendo satirizados como nestas quadras:

Jogaram fora a batina,
E não querem mais coroa.
Não falam língua latina
Já que a portuguesa é boa.
Nos seus ternos bem passados
Ou de camisas esporte,
Já não são considerados
Da moral um bom suporte”.⁵⁹⁰

⁵⁸⁶ SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. *Diretrizes Pastorais de Montes Claros*. 1967–1970. p.50.

⁵⁸⁷ Idem, p. 60.

⁵⁸⁸ Idem, p.62.

⁵⁸⁹ Diário de Montes Claros. *Padres Vão adotar o uso do Clegyman na Cidade*. Ano II, Num 384, 10/01/65.

⁵⁹⁰ SILVEIRA, O. da. *O Preço do Progresso*. Diário de Montes Claros, ano VI, Num 821, 17/12/67.

Respirávamos os ares do Concílio, mas as idéias novas custariam a chegar em uma Igreja que se recusava a dialogar milenarmente com seus fiéis. Percebemos um misto de indecisão em um momento que necessitava de uma presença forte do clero na vida da Igreja. Fica claro que o clero, nesta conjuntura, representa os interesses da Instituição e abandona a caminhada do povo. O poder eclesiástico aparece como regulador das relações eclesiais, representando os interesses oficiais de uma Igreja que não deseja perder as conquistas e os privilégios milenares.

Entendemos, por sua vez, que a Igreja é dinâmica. A mesma depende da hierarquia, mas a mesma não é a hierarquia. Assim sendo, o povo com suas manifestações populares empurra a Igreja dando vida às pastorais e movimentos. Lembra-nos Ribeiro que “*o povo tem um modo de teologizar próprio, difícil de ser lido por aqueles que não conhecem seus símbolos (sobretudo e quase sempre os não verbais): mitos, ritos e memória*”.⁵⁹¹ Se de um lado, o catolicismo romanizado tem a pretensão de enquadrar o povo na rigidez institucional, do outro lado, o povo continua resistindo em seu universo simbólico e devocional. O povo, com sua espiritualidade popular, se mantém distante do universo conceitual e teológico da hierarquia da Igreja. O povo pode interpretar os mistérios de Deus na sua simplicidade e com algumas distorções, mas jamais comete heresias. Não podemos deixar de recordar o Documento de Puebla trazendo a memória que

a religiosidade do povo, em seu núcleo, é um acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes incógnitas da existência. A sapiência popular católica tem uma capacidade de síntese vital; engloba criadoramente o divino e o humano.⁵⁹²

O episcopado de Dom José Alves Trindade manifesta a fragilidade de não conseguir se desvencilhar dos entraves colocados pela própria instituição eclesiástica que amarrava as inovações que poderiam ser mais arrojadas. O vínculo do bispo com as esferas de comando de Roma sempre se mantiveram intactas. A obediência ao Papa e a primazia dos documentos oficiais tornavam-se tônica de suas homilias e artigos em jornais. Sua vida era ornada pela presença do povo que recebia diariamente no Palácio Episcopal e a companhia dos cadernos onde anotava suas leituras. Fica claro nas leituras dos diversos cadernos que o mesmo não formulava opiniões próprias, mas copiava diversos artigos de revistas, páginas de livros, comentários de jornais, vida de santos e síntese de documentos

⁵⁹¹ RIBEIRO, H. *Religiosidade Popular na Teologia Latino-Americana*. p. 29.

⁵⁹² CELAM. *Puebla. III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Texto Oficial. São Paulo: Loyola, 1979. n° 448.

eclesiais.⁵⁹³ Não manifestava opinião favorável ou contra as idéias do período, ao contrário, abria espaço para políticos influentes como os citados em sua carta de despedida que faz um tributo a três homens, a saber: Juscelino, Costa e Silva e Tancredo Neves. Em sua carta de despedida lembra com boa memória os três homens

por me haverem atendido (que em Natal nos cognominou os Bispos do Nordeste “os Pais da SUDENE”), por urgentemente trazer do Rebentão dos Ferros água para esta cidade em apuros e, através do GTMIG, viabilizar um pouco os órgãos federais em prol da região; Costa e Silva, pelo seu pronto fornecimento de meios complementares a que pudéssemos liberar da morte milhares de vítimas das enchentes em 1968, em 14 localidades do Norte de Minas; Tancredo, por impedir injustiças a terceiros.⁵⁹⁴

A Instituição cumpria o seu papel de dialogar com as esferas de poder e estabelecer uma interlocução para garantir benefícios para o povo.

Dom José soube dialogar com as esferas do poder sem se tornar um bispo entreguista que conspirasse contra os interesses do povo. Recebeu altas autoridades políticas e eclesiais. Na Província conviveu com Dom Sigaud, mas jamais se deixou influenciar pelas idéias reacionárias do mesmo. Não o combateu, mas também não o apoiou em suas idéias que se colocavam contra os interesses do povo brasileiro.⁵⁹⁵ Manteve-se firme em seus

⁵⁹³ Ao leitor indicamos o Arquivo pessoal de Dom José Alves Trindade com uma vasta coleção de cadernos e agendas. Muitas anotações em blocos de papel com resumos de textos oficiais da Igreja. Podemos dizer que Dom José era mais um disciplinado estudante que escritor. Nos cadernos podemos encontrar síntese bibliográfica de filósofos, biografia de santos e santas. Curiosidades. Predomina os cadernos com apontamentos bíblicos. O que indica que o mesmo gostava de estudar permanentemente a Sagrada Escritura. Dos cadernos lidos 35 são sobre o Antigo e Novo testamento; 04 sobre Maria; 02 sobre cultura Geral; 04 Curiosidades; 04 Filosofia; 03 Latim; 14 Documentos oficiais; 01 Leigos; 05 Seitas/Umbanda; 02 Parapsicologia; 04; Casamento e Família; 01 Leigos; 03 Problemas Humanos; 10 Homilias; 02 Espírito Santo; 03 Retiro do Clero; 03 Crisma/ Confissão; 05 Problemas Sociais; 01 Liturgia; 05 Santos; 01 Catequese; 01 Ressurreição, 01 Dom Marcos Barbosa; 01 Santo Sudário; 01 Vida Contemplativa e 26 de assuntos diversos. A soma dos mesmos é de 142 cadernos de diversas cores e formatos. Chama atenção um caderno denominado “curiosidades” com diversas piadas e ditos populares anotados em tinta azul pelo próprio punho do bispo em questão.

⁵⁹⁴ TRINDADE, Dom José Alves. *Despeço-me Saudosamente da Diocese de Montes Claros*. Mimeografado. Montes Claros 01/06/1988. AEAMC. Cf. também Diário de Montes Claros, ano XXV, Num 6.992, 02/06/88. O mesmo publica na íntegra na página 07 a despedida de Dom José Alves Trindade. Além das interferências políticas em favor dos problemas sociais, Dom José foi grande batalhador pela vinda do ensino superior para o Norte de Minas como atesta as edições do Diário de Montes Claros dos dias 04 e 09 de maio de 1965. Na edição de nº 430 encontramos Dom José presidindo aula de abertura do Curso de Direito da FADIR. “O ato contou com a presença do bispo diocesano Dom José Alves Trindade, Prefeito Pedro Santos, Sr João Valle Maurício, representante do Governador de Minas nos atos constitutivos da Universidade Norte Mineira” (Diário de Montes Claros. Palestra de Padre Ponciano abre as aulas de Direito. Ano II, Num 430, 04/05/65). Na edição do dia 09 de maio de 1965 encontramos a manchete: Bispo diz que faculdade merece todo apoio dos montes-clarenses. Em seguida, segue a matéria com o seguinte conteúdo: “João Luis de Almeida, depois de um rápido retrospecto dos fatos que culminaram com a fundação da segunda escola superior, disse que a juventude estudantil de Montes Claros deve essa conquista, principalmente ao incentivo por ele recebido do bispo diocesano Dom José Alves Trindade, dos juizes Francisco Bórgia Valle e Vicente de Paulo Pimenta, do Promotor Jair Renault Castro e dos deputados Francelino Pereira dos Santos e Cícero Dumont, do Sr João Valle Maurício e do Padre Jorge Ponciano Ribeiro entre outros”. (Diário de Montes Claros. Ano III, Num 432, Montes Claros, 09/05/1965)

⁵⁹⁵ Dom Sigaud esteve em Montes Claros em junho de 1964 no Cine Fátima, localizado na Rua Dom Pedro II – Centro onde fez palestra sobre o Comunismo.

propósitos de colaborar para uma Igreja mais pobre e que tivesse os pobres como seus filhos prediletos. Em sua carta de despedida lembra e agradece “aos pobres, por haverem premiado a nossa residência que, ao fechar gostosamente a chamada “sala do trono”, manteve sempre aberta a porta para todos”.⁵⁹⁶ Pede também desculpas por não ter podido atender a todos em suas solicitações por escassez de recurso e pela sua própria pobreza; lembrando que

de minha omissão do dever postal e de minha ausência a tantos convites peço desculpas, acusando minha falta de secretário, de carro e de tempo na agenda de compromissos pastorais. Mas quero louvar “os maiores aos olhos do Senhor”, pela sua santidade, implorando-lhes humildemente a esmola de suas preces.³¹

Entendemos que o episcopado de Dom José Alves Trindade foi capaz de absorver com dificuldades a eclesiologia nascida do Vaticano II, possibilitando a emergência de uma Igreja popular com uma forte presença e preocupação com os mais pobres. A eclesiologia do Vaticano II se expressa na força do laicado presente na Igreja do Sertão. A Igreja do Sertão não precisava do apoio institucional irrestrito. Apenas de um espaço para florescer. Dom José foi a possibilidade dentro de uma conjuntura que somava vários fatores. Entre estes podemos destacar: a forte religiosidade do povo do Norte de Minas Gerais, o espírito de resistência e bravura herdado do sertanejo de seu labor cotidiano, o espírito de solidariedade para com os necessitados e o profundo enraizamento em suas tradições. A soma destes fatores possibilitou que a Igreja entrasse renovadamente na festa da vida. Cristalizou um novo jeito de ser Igreja que receberá atenção nas assembléias posteriores que procurarão respostas para perguntas tais como: que Igreja queremos ser?

Dom José encontrou um povo pobre, mas que tinha uma profunda espiritualidade. O Norte de Minas está marcado por uma religião do povo simples. É marca do Norte de Minas e tipicidade da religiosidade do povo sertanejo um forte sentimento de piedade. Uma religião devocional, centrada na figura dos santos e sem muita formalidade institucional. O padre é apenas um agente do sagrado que participa da vida do povo oferecendo os sacramentos. A organização da vida eclesial cabe ao povo que planeja suas festas e devoções à sua maneira. O povo procura viver sua fé em meio a um mundo em forte conflito, onde sua espiritualidade os ajuda a entender e viver seus problemas cotidianos. Se a Igreja considera a religiosidade do povo um espaço de superstição e ignorância, a mesma responde aos anseios dos cristãos católicos sem muitas burocracias. O povo não quer ouvir longos sermões e fazer

⁵⁹⁶ TRINDADE, Dom José Alves. *Despeço-me Saudosamente da Diocese de Montes Claros*. Mimeografado. A E A M C, Montes Claros, 01/06/88.

universidade da fé. O povo deseja viver a experiência de Deus em suas vidas.⁵⁹⁷ Em seu cotidiano expressam sua fé e vivem suas vidas no contato com seus santos e devoções. No Norte de Minas Gerais predomina os oratórios particulares. Nesta região as irmandades não tiveram muita influência. Predominou um catolicismo devocional e leigo. Neste catolicismo devocional e leigo destacam a figura dos rezadores e puxadores de benditos que animam a vida do povo. O catolicismo no Norte de Minas Gerais é tipicamente leigo e devocional. Muitas romarias, procissões e momentos de devoções são feitos por leigos que assumem a tarefa de manutenção da religião. Um exemplo típico na região da piedade é a organização das romarias ao Santuário do Bom Jesus da Lapa. As romarias deste seu início são leigas, sem padre e marcada com um sinal de muito despojamento. As mesmas passam por três períodos distintos, ou seja, os fiéis saíam a pé ou de cavalo margeando o Rio São Francisco em longas viagens até o Santuário. A segunda fase é marcada pela presença do *Pau-de-arara*, isto é, caminhões com carrocerias, cobertos de lona que levavam semanas para se chegar ao Santuário do bom Jesus. As viagens eram acompanhadas de longas paradas e montagem de barracas no meio do cerrado para orações e confecção de comidas para os romeiros.

O segundo elemento é o espírito de resistência pontuado por Hoornaert como aquele que permitiu ao sertanejo resistir com sua fé de homem simples. Destaca o mesmo que o projeto evangelizador pensado para o sertão foi de “*total incompatibilidade entre missão concebida em termos cristãos de fraternidade e implantação de estrutura agrária baseada em termos de escravidão*”.⁵⁹⁸ O sertanejo aprendeu a resistir dentro da própria Igreja que não reservou lugar para suas experiências do sagrado. A relação entre os sertanejos e o catolicismo oficial não parece tranqüila nestas cercanias, pois o imaginário popular guarda os conflitos entre a instituição e o povo. Entre estes desentendimentos registra-se o caso do Frei Clemente de Adorno, o apóstolo do Rio Pardo, região do norte de Minas Gerais e Sul da Bahia, venerado pelo povo, que morreu na vila do Rio Pardo envenenado com o vinho de missa.⁵⁹⁹ Outro episódio de destaque é a história do Padre José Vitório do povoado de São José do Gorutuba que foi morto com uma bala de ouro pelos jagunços da “malvada sinhazinha Ana Eugênia Godinho”.⁶⁰⁰ Destaca a literatura da época que o Padre José Vitório “*afastando-se da missão religiosa, para a qual unicamente fora mandado, deixou-se vencer pelo meio,*

⁵⁹⁷ Cf. CELAM. *Puebla. III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Texto Oficial. São Paulo: Loyola, 1979. n° 455. “A religião popular latino-americana, há tempo, sofre por causa do divórcio entre a elite e o povo. Isso significa que lhe faltam educação, catequese e dinamismo, devido à carência de uma catequese adequada”.

⁵⁹⁸ HOORNAERT, E. *O Ciclo do Rio São Francisco*. p. 63.

⁵⁹⁹ Idem, p. 66. O episódio aconteceu no século XVIII em Rio Pardo Norte de Minas Gerais. Informações colhidas por Primeiro, F. de. *Capuchinhos em Terras de Santa Cruz*. São Paulo, 1940.

⁶⁰⁰ PIRES, S. R. Gorutuba. *O Padre da Bala de Ouro*. p. 145.

adquirindo diversas personalidades pelas muitas atividades desenvolvidas. Surgiu com ele, na região do Gorutuba, o figurino do proprietário de terras, com lavoras, gados, escravos e, principalmente, de atilado negociante".⁶⁰¹ O abandono espiritual fez com que o povo buscasse à sua maneira o seu modo típico de expressar a fé. Destaca Oliveira Silva que "*em cada canto da diocese, as famílias tinham suas próprias rezas, seus cantos para marcar os acontecimentos da vida com a própria fé. A falta de padres não impedia que elas permanecessem firmes no catolicismo*".⁶⁰² Pondera ainda que

as festas do Norte de Minas sempre foram marcadas não só pela manifestação da fé, mas também pelo encontro de amigos e parentes. Essas festas sempre foram mais alimentadas pela tradição leiga do que pelo incentivo do setor institucional da Igreja. Mesmo que a Igreja fizesse um esforço para inculcar nos fiéis seus ensinamentos, essas festas muitas vezes foram vistas pelo clero com desdém, vendo nelas expressão de ignorância religiosa.⁶⁰³

Outro aspecto importante para a espiritualidade do homem norte-mineiro é o seu forte espírito de solidariedade. A herança rural deixou marcado no espírito do católico do sertão uma profunda admiração pela vida. A experiência da seca o coloca em estado permanente de vigilância. Além da seca, o mesmo se depara com a incerteza das colheitas e a escassez dos recursos naturais. A dificuldade desperta um sentimento profundo de solidariedade entre os sertanejos. Os anciãos aprenderam a viver dos frutos do cerrado como alternativa para a superação dos longos períodos de seca. Pretto destaca a capacidade que os pobres têm de criar uma "*sabedoria da sobrevivência*".⁶⁰⁴ Em meio às dificuldades os mais pobres tentam encontrar possibilidades para a sua sobrevivência. Assim, são capazes de se ajuntar para gestos concretos de solidariedade. Neste ambiente chama atenção o valor dado à religião como possibilidade de construção de uma nova perspectiva solidária. A religião mantém os laços afetivos e de solidariedade criando uma rede de ajuda mútua e de socorro aos mais pobres. Se a religião pode ser usada como instrumento legitimador de muitas situações de injustiça, aqui a mesma é entendida como possibilidade de construção de redes de solidariedade. Entendemos que quanto mais o povo se organiza em redes de solidariedade mais os mesmos expressam a força do evangelho. O projeto de fraternidade que brota do

⁶⁰¹ Idem, p. 55. Pe. José Vitório de Souza era natural da Província de Sergipe. Nasceu em 1822 e chegou à Freguesia de São José do Gorutuba aos vinte e cinco anos de idade, no ano de 1847. O mesmo foi morto no dia 20 de agosto de 1865. Conta a história ainda hoje que o próprio padre benzera a bala de ouro colocada debaixo do corporal por ocasião de uma celebração. Afinal, havia um boato que o padre só morreria se a bala fosse de ouro. Seus inimigos mandaram confeccionar uma que lhe deu a morte. Cf. PIRES, Simeão Ribeiro. Gorutuba. *O Padre da Bala de Ouro. Belo Horizonte: Barvalle Ind. Gráficas Ltda*, 1982.

⁶⁰² OLIVEIRA SILVA, F. *Sub Umbra Alarum Tuarum*. p. 244.

⁶⁰³ Idem, p.259.

⁶⁰⁴ PRETTO, Pe. Hermilo E. *A Força Histórica dos Pobres: Profecia ou Demagogia?* In. **Revista Vida Pastoral**. 25 (1984) 117. p.31.

coração do povo simples garante a possibilidade de manutenção da chama de uma Igreja da profecia. Entende Pretto que

este espaço de liberdade deve, pois, em nome do próprio futuro do Movimento Popular, ser mantido, na medida em que de seu interior possam surgir sempre mais pessoas motivadas a levar adiante o projeto de fraternidade, que se traduz concretamente na luta por uma sociedade alternativa, onde os pobres poderão ser respeitados no trabalho, no pão, teto, educação, cultura, lazer e participação.⁶⁰⁵

Dos três aspectos importantes que facilitaram a construção de uma Igreja mais voltada para o povo, destacamos ainda um quarto elemento de fundamental importância para a compreensão da tipicidade do catolicismo sertanejo, ou seja, o profundo enraizamento do catolicismo sertanejo em suas tradições. A espiritualidade do homem sertanejo se expressa em seus cantos, modo de rezar e tocar seus instrumentos. Destaca a rabeca⁶⁰⁶, a viola⁶⁰⁷ e a caixa que acompanham as manifestações religiosas do povo norte-mineiro. Os instrumentos artesanais revigoram a espiritualidade do catolicismo popular do homem do sertão. Desde Medellín encontramos a preocupação com a necessidade de encarnação da mensagem cristã no contexto da cultura local.⁶⁰⁸ Na verdade, o povo não precisava de normas para a vivência da fé na cultura, pois os mesmos, de forma natural, colocam suas experiências no cotidiano de suas vidas. Em Puebla encontramos uma preocupação com a inculturação da fé. Entendiam os bispos em Puebla que a Igreja devia se esmerar para adaptar-se, realizando o esforço de transvasamento da mensagem evangélica para a linguagem antropológica e para os símbolos da cultura em que se insere.⁶⁰⁹ O povo de Deus carrega um universo simbólico milenar que

⁶⁰⁵ Idem, p.15.

⁶⁰⁶ A Rabeca é um violino Popular de braço curto e escala muito aguda. Aparece com frequência nos festejos populares do Norte de Minas gerais, ou seja, nas marujadas e folia de reis. A mesma ficou conhecida na região co Zé Côco do Riachão. (Zé Côco é instrumentista. Compositor. Acordeonista. Fabricante de rabecas. Criado na localidade de Riachão, onde nasceu, às margens do rio que leva o mesmo nome, na confluência dos municípios de Mirabela e Brasília de Minas, no Vale do São Francisco. O pai era fazedor e tocador de violas. No momento de seu nascimento, passava uma folia-de-reis e ele foi consagrado pela mãe aos santos Reis; por isso "dos Reis" registrado em cartório. Zé Côco deixava claro sua devoção aos Santos Reis, e sempre se apresentava como José Reis Barbosa dos Santos. Ouvindo seu pai tocar desde que nasceu, aos 8 anos, já tocava viola que ele mesmo ia aprendendo a fazer. Foi marceneiro, carpinteiro, ferreiro, sapateiro, fazedor de cancelas, de engenho, de carro de boi, curral de tira, roda de rolar mandioca, mas o que o tornou conhecido, inclusive internacionalmente, foi a excelência dos instrumentos que fabricava e tocava: viola, violão, cavaquinho e rebeca. Aos vinte anos, assumiu a pequena fábrica de instrumentos do seu pai).

⁶⁰⁷ A Viola tem características muito semelhantes ao violão. Tanto no formato quanto na disposição das cordas e acústica, porém é um pouco menor. Tem sua origem em Portugal. Chegou ao Brasil trazida por colonos portugueses de diversas regiões do país. A viola é o símbolo da original música sertaneja. Uma característica do violeiro típico do sertão é o duelo de tocadores. Todo bom violeiro se auto-afirma o melhor da região. Se outro violeiro o contraria, a disputa segue, metaforicamente, sob a lei do faroeste. Neste caso, o duelo esta lançado. A viola e a rabeca são fabricadas artesanalmente no Norte de Minas gerais, sobretudo em Montes Claros e em Alto Belo – Bocaiúva.

⁶⁰⁸ CELAM. Conclusões da Conferência de Medellín. p. 137.

⁶⁰⁹ CELAM. III Conferencia Geral do Episcopado Latino Americano. p. 177. nº 404. Cf. também o nº 401 que afirma: "As culturas não são terrenos vazios, carentes de autênticos valores. A evangelização da Igreja não é um

necessita ser respeitado e valorizado, pois o universo cultural do ser humano fortalece suas relações com o universo que se encontra ao seu redor. Na perspectiva de Bosi, o enraizamento cultural possibilita a resistência de um povo. Cita o caso de Anchieta que aprende o tupi e faz cantar e rezar nessa língua os anjos e santos do catolicismo.⁶¹⁰

A Igreja, de fato, entendeu-se como carisma que é fruto do espírito de liberdade do Deus criador. As ponderações indicam que poderíamos ter uma Igreja mais centralizada. Por sua vez, entendemos como decisiva a postura de Dom José Alves Trindade na Diocese de Montes Claros. Há uma compreensão de que as Instituições não têm existência metafísica, mas que as mesmas são organizadas obedecendo a interesses e mentalidades. Assim, Dom José foi peça fundamental para as transformações ocorridas na Igreja particular de Montes Claros entre os anos de 1956 a 1988. Os leigos puderam se organizar em torno de uma pastoral mais orgânica e mais participativa. Estes anos propiciaram o nascimento de movimentos populares significativos para a região. É verdade, os mesmos trouxeram simpatias e antipatias por parte de setores que não desejavam ver a Igreja se engajando em questões sociais. Fica claro, no nosso entendimento, que uma atitude de medo serviu de freio para que novas conquistas não se efetivassem. Afinal, havia uma postura de medo que indicava para a possibilidade de uma separação no interior da Igreja por parte daqueles que tinham maior sensibilidade social e os que desejavam ver a Igreja enclausurada na sacristia e distante da política. Na verdade, os que desejavam a Igreja na sacristia continuariam a se locupletar da pobreza do Norte de Minas. Os mesmos rezam com frequência, mas são amantes dos regimes de semi-escravidão e exploração dos mais fracos.

A Igreja do sertão renasceu das cinzas e tomou novo vigor. Entrou, de fato, renovadamente da festa, e se espalhou por diversas comunidades como sinal profético. O Bispo é o pastor e ponto de unidade da comunidade eclesial. Entendemos que o episcopado de Dom José manifesta o indicativo de que podemos construir uma Igreja mais fraterna e voltada para a espiritualidade do povo. O povo de Deus continuará na sua caminhada, isto é, em uma eterna peregrinação à procura do Deus da Vida. A pesquisa deixa o entendimento que

processo de destruição, mas de consolidação e fortalecimento desses valores; uma contribuição dos germes do *Verbo* presentes nas culturas”.

⁶¹⁰ BOSSI, A. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 31. Sobre a importância da cultura confere também CASSIRER, E. *O Homem e a Cultura*. p. 107-361.

a fé em nossos dias torna-se fé voluntária, fruto de uma decisão pessoal livre, que se quer informada, uma fé comunitária e participante (co-responsabilidade), uma fé que em geral se destaca pela generosidade e pelo compromisso. Essa nova figura da fé se manifesta particularmente pelo gosto do estudo da teologia entre os leigos.⁶¹¹

A insistência na radicalização e burocratização da fé levará cada vez mais os fiéis para longe da religião institucionalizada.

A Igreja tem um grande desafio, isto é, estabelecer uma postura dialogal que valorize a espiritualidade do povo. Faz-se necessário vencer a idéia de que o povo é sempre “ignorante” e que o mesmo não tem uma postura crítica diante da fé. A Igreja deverá tomar consciência que não vivemos mais na Idade Média e que as experiências democráticas amadureceram os homens e mulheres do nosso tempo. Torna-se necessário uma tomada de consciência que a arrogância já não é mais a carta de apresentação no mundo pós-moderno.

Sabemos que a tarefa de concluir um trabalho não é muito fácil, pois são inúmeras as idéias que necessitariam ser registradas. Mas todo escritor, segundo Gadamer, é apenas uma peça ocasional na construção de um texto. Assim sendo, entendemos que a presente pesquisa é uma contribuição para o entendimento da espiritualidade do homem norte-mineiro.

Ó Deus, que velais sobre o vosso povo com bondade e o conduzis com amor, daí o espírito de sabedoria e abundância de vossas graças ao vosso servo D. José, nosso Guia e Pastor, a quem confiastes o cuidado de nossa direção espiritual, para que possa ele cumprir fielmente junto de nós os deveres do ministério pastoral e receber na eternidade a recompensa de um fiel dispensador. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.⁶¹²

⁶¹¹ SESBOUÉ, B. *O Magistério em Questão*. p. 344.

⁶¹² A presente oração foi feita em 1962 por ocasião das bodas de prata sacerdotais de Dom José Alves Trindade. Lembrança das comemorações do Jubileu de prata sacerdotal de sua EXCIA. REVMA. Dom José Alves Trindade. 1937 – 1962. AEAMC.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1 – FONTES

1.1 Fontes Manuscritas

1.1.1 Cidade de Bocaiúva

- Arquivo Paroquial. Livros de Tombo I e II.

1.1.2 Cidade de Grão Mogol

- Arquivo Paroquial. Livro de Tombo I e II.

1.1.3 Cidade de Montes Claros

- 1 - Arquivo Paroquial da Igreja Matriz Nossa Senhora e São José. Livro Tombo I, II e III.
- 2 - Arquivo Arquidiocesano.
- 3 - Arquivo de fotos de Dom José Alves Trindade.
- 4 - Arquivo de Documentos de Dom José Alves Trindade. Cartas, homilias e fotos.
- 5 - Arquivo Pessoal/ Jornais Impressos de Américo Martins.
- 6 - Carta de Despedida de Dom José Alves Trindade. 01/06/88. Mimeografado.
- 7 - Carta de Dom Zione. Botucatu de 24 de Setembro de 2004.
- 8 - Centro de Documentação da Universidade Estadual de Montes Claros.
- 9 - Documento: Bula *Postulat Sane* do Papa Pio X, de 10 de dezembro de 1910.
- 10 - Documento: Quarta Carta Pastoral, de 08 de Abril de 1926.
- 11 - Documento. *Diretrizes Pastorais de Montes Claros. 1967 – 1970*, Secretariado Diocesano de Pastoral, Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1967.
- 12 - Documento. *Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros. 1975 – 1978*, Mimeografado, 1975.
- 13 - Documento. *Planejamento Diocesano de Pastoral. 1981 1983*, Promoção da Família Editora, Belo Horizonte, 1981.
- 14 - Documento. Conferências dos Exmos. Srs. Arcebispos de Diamantina e Bispos Sulfragâneos reunidos na cidade episcopal de Montes Claros, Diamantina, Tip. A Estrela Polar.
- 15 - Livro de *Ata do Conselho dos Consultores Diocesanos*.
- 16 - Livro do Registro das Bulas e outros documentos da Santa Sé, Inventários dos bens da Mitra.

- 17 - Relatório de Pesquisa. *A Crise das Comunidades Eclesiais de Base e a Ascensão da Renovação Carismática Católica. Levon do Nascimento (org) Universidade Estadual de Montes Claros, 1999.*
- 18 - Dissertatio Ad Lauream In Facultate Theologica. Josephus Alves Trindade. Pont. Coll. Pio Brasiliensi. Roma, 1940. Título: *A Moral das Leis Penais Segundo Affonso de Castro, OFM*". Arquivo Cúria Arquidiocesana de Montes Claros.
- 19 - VV.AA., *Dossiê de Tombamento da Capela dos Morrinhos*. Cadernos de História, vol 3, nº 3, novembro, UNIMONTES, 1998.
- 20 - ANGELIS, Cônego Newton de. *Árvore genealógica ascendente*. Doc. Arq. Cônego. 22 de março de 1989, Rio Pardo de Minas.
- 21 - VV.AA., *Inventário de Proteção ao Acervo Cultural da matriz de Montes Claros*. Caderno de História, vol. 3, nº 3, novembro, UNIMONTES, 1998.

2 - IMPRESSOS TIPOGRÁFICOS DE ÉPOCA

2.1 Impressos do ano de 1956

CORREIA, Eduardo T. *Saudação aos Novatos. Verbum*, Órgão dos Seminaristas da Diocese de Montes Claros, 1956.

D'ANGELO NETO, Pe. José. *Discurso proferido por ocasião da Sagração de D. José Alves Trindade*. Manuscrito, 1956.

FERREIRA DE SOUZA, Monsenhor Gustavo. *Dom José Alves Trindade*. Convite de Posse, Festa da Natividade. Montes Claros, 08 de setembro de 1956.

GUERRA, Adolfo Leitão. *Discurso de acolhida a Dom José Alves Trindade*. 23/09/1956.

LACHENMAYER, Paulo. *Brasão de armas*. Lembrança de Posse do 5º Bispo Diocesano de Montes Claros, Salvador, Festa da Assunção de Nossa Senhora, 1956.

SOUTO FILHO, Joaquim. *São José*. Verbum, Órgão dos Seminaristas da Diocese de Montes Claros, 1956.

TRINDADE, Dom José Alves. *Jubileu de Prata Sacerdotal* – Montes Claros, 1962.

_____. *Mensagem do 5º Bispo eleito de Montes Claros aos seus diocesanos*. GAZETA DO NORTE, Ano XXXVIII, Num 2410 de 13 de setembro de 1956.

_____. *Entrevista*. O Diário, Montes Claros, 06 de outubro, 1956.

2.2 Impressos do ano de 1962

Gazeta do Norte. *Dom José Alves Trindade*: Transcorrerão em março as suas Bodas de Prata Sacerdotais. Ano XLIII, Num 2910, Montes Claros, 14/01/62.

_____. *Bodas de Prata de Dom José Alves Trindade*. Ano XLIII, Num 2913, Montes Claros, 25/01/62.

_____. *Circular da Cúria Diocesana*: Aos Rvdos. Srs. Vigários, Capelães, Sacerdotes Seculares e Religiosos da Diocese de Montes Claros. Ano XLIII, Num 2915, Montes Claros, 01/02/62.

_____. *Festas Jubilares de Dom José Alves Trindade*. Ano XLIII, Num 2925, Montes Claros, 08/03/62.

_____. *Comemoração do Jubileu de Prata Sacerdotal do Exmo. Sr. Dom José Alves Trindade*. Ano XLIII, Num 2929, Montes Claros, 25/03/62.

_____. *Assinalaram o Jubileu de Prata de Dom José Alves Trindade*. Ano XLIII, Num 2931, Montes Claros, 29/03/62.

_____. *Dom José Alves Trindade: Agraciado com a Grande Medalha da Inconfidência*. Ano XLIII, Num 2939, Montes Claros, 29/04/62.

_____. *Concílio Ecumênico: Seguiu para Roma o bispo de Montes Claros*. Ano XLIV, Num 2981, Montes Claros, 11/10/62.

_____. *Diretamente do Vaticano: Dom José falará à Diocese de Montes Claros*. Ano XLIV, Num 2989, Montes Claros, 15/11/62.

_____. *Pela Rádio do Vaticano: Palavras de Dom José ao Povo de Montes Claros*. Ano XLIV, Num 2992, Montes Claros, 25/11/62.

_____. *Dom José Alves Trindade Regressa do Concílio Ecumênico*. Ano XLIV, Num 2999, Montes Claros, 25/12/62.

2.3 Impressos do ano de 1963

Diário de Montes Claros. *É Preciso que Trabalhador Arregace as Mangas e Lute Contra o Desnível de Valores Humanos*. Ano II, Num 148, Montes Claros, 21/05/63.

_____. *Tática Russa*. (Artigo de Pe. Jorge Ponciano). Ano II, Num 149, Montes Claros, 26/05/63.

_____. *Dom José: Diocese necessita de mais Padres*. Ano II, Num 149, Montes Claros, 26/05/63.

_____. *Energia e Estradas temas do Encontro promovido por Dom José*. Ano II, Num 166, Montes Claros, 07/07/63.

Diário de Montes Claros. *Dom José na Chefia da Comissão que irá a Recife*. . Ano II, Num 175, Montes Claros, 28/07/63.

_____. *Concílio Ecumênico levará Dom José a Roma*. Ano II, Num 180, Montes Claros, 08/08/63.

2.4 Impressos do ano de 1964

Diário de Montes Claros. *Dom José Recebe Vereadores dizendo que estará sempre ao lado do Povo*. Ano II, Num 242, Montes Claros, 21/01/64.

_____. *Dom José e Pedro Santos homenageados no Círculo Operário*. Ano II, Num 245, Montes Claros, 28/01/64.

_____. *L C de Coração de Jesus vai pedir a palavra de Dom José sobre Reformas*. Ano II, Num 253, Montes Claros, 25/02/64.

_____. *Padres declaram opostos à Doutrina Social da Igreja os erros do Capitalismo Liberal*. Ano II, Num 255, Montes Claros, 01/03/64.

_____. *Igreja Reconhecida aos que livraram o País do Comunismo*.

Ano III, Num 295, Montes Claros, 07/06/64.

_____. *O Catolicismo não pode combinar com o Marxismo*. Ano III, Num 295, Montes Claros, 07/06/64.

_____. *Missa em Português, Novidade Hoje*. Ano III, Num 325, Montes Claros, 16/08/64.

_____. *Roteiro para a Santa Missa em Português*. Ano III, Num 325, Montes Claros, 16/08/64.

_____. *Dom Sigaud contra o Estatuto da Terra*. Ano III, Num 368, Montes Claros, 29/11/64.

2.5 Impressos do ano de 1965

Diário de Montes Claros. *Padres Vão Adotar o Uso do ‘Clegyman’ na Cidade*. ano III, Num. 384, Montes Claros, 10/01/65.

_____. *Impressões de Paris* – (artigo de Pe. Tolentino). ano III, Num. 384, Montes Claros, 10/01/65.

_____. *Palestra do Padre Ponciano abre as aulas de Direito*. ano III, Num. 432, Montes Claros, 04/05/65.

_____. *Bispo diz que faculdade merece todo apoio dos montesclarenses*. ano III, Num. 430, Montes Claros, 09/05/65.

2.6 Impressos do ano de 1966

Diário de Montes Claros. *Relíquia da Santa Cruz na procissão do dia 03*. ano III, Num. 405, Montes Claros, 28/02/66.

_____. *Dom José transfere cônego e anuncia mais paróquias*. ano IV, Num. 537, Montes Claros, 18/01/66.

2.7 Impressos do ano de 1967

Diário de Montes Claros. *Bispos Condenam amoralismo de publicação sobre sexo*. ano V, Num. 712, Montes Claros, 02/04/67.

_____. *Mitra faz Plano para acabar com mendicância*. ano VI, Num. 793, Montes Claros, 12/11/67.

_____. *O Preço do Progresso*. (artigo de Olyntho da Silveira). ano VI, Num. 821, Montes Claros, 17/12/67.

3 - DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil Nunca Mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.

CELAM, Conclusões da IV *Conferência do Episcopado Latino-americano, Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Nova Evangelização Promoção Humana Cultura Cristã* - Documento de Trabalho - CELAM, São Paulo: Loyola, 1992.

_____. Documentos do CELAM, *Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo*. São Paulo, Paulus, 2005.

_____. *Conclusões da Conferência de Puebla*, Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo, Paulinas, 1979.

_____. *Conclusões da Conferência de Puebla*. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968*. Trinta Anos Depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 1998.

COMPÊNDIO do Vaticano II. *Constituições. Decretos, Declarações*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CNBB. *Pronunciamentos do Papa no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1980.

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. Documento nº 71. São Paulo: Paulinas, 2003.

CURSILHO DE CRISTANDADE DO BRASIL. *Mensagem do Movimento de Cursilhos de Cristandade do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1991.

JOÃO XXIII. *Mater et Magistra*. Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa João XXIII sobre a Evolução da Questão Social à Luz da Doutrina Cristã. São Paulo: Paulinas, 1999.

LEÃO XIII, *Rerum Novarum*. Carta Encíclica de sua Santidade o Papa Leão XIII sobre a Condição dos Operários. São Paulo: Paulinas, 2002.

PADIN, Dom Candido (org.) *Conclusões de Conferência de Medellín, Trinta anos depois, Medellín e ainda atual*, São Paulo: Paulinas, 1988.

PAULO VI. *Populorum Progressio*. Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Paulo VI Sobre o Desenvolvimento dos Povos. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Humanae Vitae*. A Regulação da Natalidade. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Octogésima Adveniens*. Por Ocasão do 80º Aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*. São Paulo: Paulinas, 2000.

PAULO II, João. Carta Encíclica *Fides et Ratio*, São Paulo: Paulinas, 1999.

PAULO II, João. Encíclicas. *Edição Comemorativa do Jubileu de Prata do Pontificado 1978 - 2003*. São Paulo: Editora LTr, 2003.

4 - CADERNOS E HOMILIAS

TRINDADE, José Alves. Caderno de Homilia I – Cristo Rei e Advento. Manuscritos.

_____. Caderno de Homilia II – Homilias do Tempo Comum. Manuscritos.

_____. Caderno de Homilia III – Tempo Comum. Manuscritos.

_____. Caderno de Homilia IV – Diversos.

_____. Caderno de Homilia V – Diversos.

_____. Caderno de Homilia: Clássicos Latinos – Cor/rosa.

_____. Caderno de Homilia: J.C Jesus Cristo – Cor/branco.

_____. Caderno de Homilia: E.V Formação dos Evangelhos – Cor /rosa

_____. Caderno de Homilia: Santo Agostinho – Cor/rosa

_____. Caderno de Homilia: Bíblia – Cor/verde.

_____. Caderno de Homilia: Bíblia – A – Cor/verde.

_____. Caderno de Homilia: Ele e Ela – Cor/amarelo.

_____. Caderno de Homilia: O profetismo – PPF.

_____. Caderno de Homilia: Problemática humana- PHI.

_____. Caderno de Homilia: Os Leigos – Cor/verde.

_____. Caderno de Homilia: Nova Evangelização – CNBB – Cor/amarelo.

_____. Caderno de Homilia: Pregação I – Cor/bege.

_____. Caderno de Homilia: Evangelho de Lucas – Cor/azul.

_____. Caderno de Homilia: A Divina Comédia.

_____. Caderno de Homilia: Latim – Cor/verde.

_____. Caderno de Homilia: Orientações Catequéticas (Parapsicologia)

_____. Caderno de Homilia: Dom Marcos Barbosa – Cor/verde.

_____. Caderno de Homilia: Vida Contemplativa.

_____. Caderno de Homilia: “*De Gratia*” Teses 24.

_____. Caderno de Homilia: Homilia de Outubro de 93 em diante.

_____. Caderno de Homilia: Momentos Históricos de Nossa Fé. MHF-Cor/verde.

_____. Caderno de Homilia: Notícias Vitais I - Cor/laranja.

_____. Caderno de Homilia: Jesus em São Marcos - Cor/azul.

_____. Caderno de Homilia: Apontamentos Referentes à Bíblia. ABI.

- TRINDADE, José Alves. Caderno de Homilia: Evangelho São Mateus. ABII.
- _____. Caderno de Homilia: Encontros Bíblicos e Curiosidades Bíblicas.
- _____. Caderno de Homilia: Bíblia. ABII.
- _____. Caderno de Homilia: Evangelho de Marcos. ABIV.
- _____. Caderno de Homilia: Evangelhos em Latim e Ofício de Nossa Senhora.
- _____. Caderno de Homilia: Assuntos Bíblicos.
- _____. Caderno de Homilia: *Concetti Biblici* Del N.T.
- _____. Caderno de Homilia: Aulas Bíblicas – Cor/bege.
- _____. Caderno de Homilia: Noções Elementares de Bíblia.
- _____. Caderno de Homilia: Conhecer a Verdade I - cor/laranja.
- _____. Caderno de Homilia: Salmos – Cor/laranja.
- _____. Caderno de Homilia: Conhecer a Verdade II – Cor/Laranja.
- _____. Caderno de Homilia: Livros dos Salmos, Enciclopédia da Bíblia –Cor/bege.
- _____. Caderno de Homilia: Santo Sudário.
- _____. Caderno de Homilia: *Laborem Exercens* – CELAM.
- _____. Caderno de Homilia: A Bíblia ao Seu Alcance.
- _____. Caderno de Homilia: Bíblia para a Família.
- _____. Caderno de Homilia: Ressurreição – Cor/verde.
- _____. Caderno de Homilia: Introdução à Leitura do Código.
- _____. Caderno de Homilia: Confissão Individual e Comunitária.
- _____. Caderno de Homilia: Os Sinóticos e A T – Cor/laranja.
- _____. Caderno de Homilia: Bíblia, Mês da Bíblia (81).
- _____. Caderno de Homilia: Retiro do Clero.
- _____. Caderno de Homilia: Evangelhos Sinóticos I B.
- _____. Caderno de Homilia: Comunicação Social.
- _____. Caderno de Homilia: Família.
- _____. Caderno de Homilia: Pregação de Junho em Diante.
- _____. Caderno de Homilia: Catecismo.
- _____. Caderno de Homilia: II Terremoto de Lisboa.
- _____. Caderno de Homilia: Sentenças Latinas.
- _____. Caderno de Homilia: Nossa Senhora.
- _____. Caderno de Homilia: Enc. Mirador – os Evangelhos.
- _____. Caderno de Homilia: Explicaçõeszinhas na leitura dos quatro Evangelhos.
- _____. Caderno de Homilia: Os Profetas – (Caratinga).

TRINDADE, José Alves. Caderno de Homilia: Contemplação Infusa.

- _____. Caderno de Homilia: 1994.
- _____. Caderno de Homilia: Família – 1994.
- _____. Caderno de Homilia: O Espírito Santo (2).
- _____. Caderno de Homilia: Assuntos Bíblicos.
- _____. Caderno de Homilia: Cristologia.
- _____. Caderno de Homilia: Retiro – 1978.
- _____. Caderno de Homilia: Justiça e Paz.
- _____. Caderno de Homilia: A Dívida Externa.
- _____. Caderno de Homilia: Liturgia.
- _____. Caderno de Homilia: A Verdadeira Educação I a II.
- _____. Caderno de Homilia: Problemática Humana – I caderno.
- _____. Caderno de Homilia: Drogas.
- _____. Caderno de Homilia: Campanha da Fraternidade 1979.
- _____. Caderno de Homilia: 1981 – Reflexão Homilética.
- _____. Caderno de Homilia: 2 – Problemas Sociais.
- _____. Caderno de Homilia: 1979 – Natal – Epifania.
- _____. Caderno de Homilia: Teologia Espiritual.
- _____. Caderno de Homilia: Evangelhos (2).
- _____. Caderno de Homilia: Diversos – Cor/azul.
- _____. Caderno de Homilia: Martírio de São Pedro.
- _____. Caderno de Homilia: Atos dos Apóstolos – Cor/azul.
- _____. Caderno de Homilia: Quaresma - 1993.
- _____. Caderno de Homilia: Curiosidades – Cor/bege.
- _____. Caderno de Homilia: Latim/seca – Cor/verde.
- _____. Caderno de Homilia: Santos – Cor/verde.
- _____. Caderno de Homilia: A Crisma.
- _____. Caderno de Homilia: Igreja e sua Doutrina Social.
- _____. Caderno de Homilia: Purgatório, Céu e Inferno.
- _____. Caderno de Homilia: Nossa Senhora. N A.
- _____. Caderno de Homilia: Estatísticas da Diocese em 1977.
- _____. Caderno de Homilia: Ano Internacional da Criança.
- _____. Caderno de Homilia: Religiões não Cristãs.
- _____. Caderno de Homilia: Folclore.

TRINDADE, José Alves. Caderno de Homilia: 1982 – Advento/Reconciliação – Cor/laranja.

- _____. Caderno de Homilia: Uma Visão Sobre as Seitas.
- _____. Caderno de Homilia: Seitas e Movimentos Religiosos.
- _____. Caderno de Homilia: Religiosos.
- _____. Caderno de Homilia: Umbanda, Horóscopo e Magia.
- _____. Caderno de Homilia: Espírito Santo.
- _____. Caderno de Homilia: Quaresma 1979.
- _____. Caderno de Homilia: Quaresma 1980.
- _____. Caderno de Homilia: Unidade na Igreja.
- _____. Caderno de Homilia: Família – F. A.
- _____. Caderno de Homilia: Quaresma 1982.
- _____. Caderno de Homilia: Problemas.
- _____. Caderno de Homilia: João Paulo II e Suas Viagens.
- _____. Caderno de Homilia: 2 - Paulo VI.
- _____. Caderno de Homilia: Puebla.
- _____. Caderno de Homilia: Paulo II – Visita ao Brasil.
- _____. Caderno de Homilia: Papa João Paulo I.
- _____. Caderno de Homilia: Paulo VI – (I).
- _____. Caderno de Homilia: Jesus é a Estrela que anuncia o Novo Dia.
- _____. Caderno de Homilia: História do Calendário.
- _____. Caderno de Homilia: Notas Sobre São Vicente de Paulo.
- _____. Caderno de Homilia: Notícias Úteis (2).
- _____. Caderno de Homilia: Advento (1978).
- _____. Caderno de Homilia: Campanha da Fraternidade em 1981.
- _____. Caderno de Homilia: Cultura Geral.
- _____. Caderno de Homilia: Semana Santa 1980.
- _____. Caderno de Homilia: A Ressurreição de Jesus e os seus adversários.
- _____. Caderno de Homilia: Problemas Sociais I.
- _____. Caderno de Homilia: II Libertas (3º caderno) nº 28 ss.
- _____. Caderno de Homilia: Cristologia dos Evangelhos.
- _____. Caderno de Homilia: Problemática Humana I – Viver.
- _____. Cadernos de Homilia: (2) João Paulo II.
- _____. Caderno de Homilia: Cultura Geral.
- _____. Caderno de Homilia: Boas Curiosidades.

TRINDADE, José Alves. Caderno de Homilia: Notas de Parapsicologia.

- _____. Caderno de Homilia: A Doença.
- _____. Caderno de Homilia: Nossa Senhora IFP.
- _____. Cadernos de Homilia: Nossa Senhora IFK.
- _____. Caderno de Homilia: Problemática Humana I – Viver.
- _____. Caderno de Homilia: (2) João Paulo II.
- _____. Caderno de Homilia: Cultura Geral.
- _____. Caderno de Homilia: Boas Curiosidades.
- _____. Caderno de Homilia: Notas de Parapsicologia.
- _____. Caderno de Homilia: A Doença.
- _____. Caderno de Homilia: Nossa Senhora IFP.
- _____. Caderno de Homilia: Nossa Senhora IFK.
- _____. Caderno de Homilia: Retiro de 1982.
- _____. Caderno de Homilia: Pregação 1984.
- _____. Caderno de Homilia: Religião de Israel.
- _____. Caderno de Homilia: Puebla I K.
- _____. Caderno de Homilia: Livros do AT – B²K.
- _____. Caderno de Homilia: Quaresma e Semana Santa 1980.
- _____. Caderno de Homilia: Puebla (2) R..
- _____. Caderno de Homilia: Ano Santo em 1983.

5 - ENTREVISTAS E DEPOIMENTO

CASTRO, Dom Geraldo Magela de. *A recepção do Concílio Vaticano II na Diocese de Montes Claros*. Simpósio sobre os 40 anos do Vaticano II. Montes Claros. 27- Nov-2005.

ILDEFONSO, Diac.José. *O Cursilho de Cristandade e o Vaticano II*. Entrevista, Montes Claros, Novembro, 2006.

LOPES, Ir. Marilda. *Visão do Concílio Vaticano II na Diocese de Montes Claros*. Entrevista, 2006.

SANTOS, Raimundo Silva. *O Concílio e o Vaticano II*. Entrevista, Montes Claros, 2006.

SOUZA LOPES, Côn.João Batista. *O Concílio Na Diocese de Montes Claros*. Entrevista. Montes Claros, 2006.

6 - CARTILHAS E MENSAGENS DIOCESANAS

- *A Família como vai?* (cartilha), Diocese de Montes Claros, C.F, 1994.
- CASTRO, Dom Geraldo Magela de. *Carta de Saudação*. Diocese de Montes Claros, Julho, 1988.
- *CEB'S e a Nova Evangelização*, (cartilha), Diocese de Montes Claros, 1992.
- *Compromissos de Evangelização da Igreja de Montes Claros* (1996-2000), Diocese de Montes Claros, 1996.
- *Compromissos Eclesiais e Diretrizes Pastorais* (3º Assembléia Diocesana de Pastoral), Diocese de Montes Claros. Belo Horizonte: Família, 1990.
- Documento de *Orientação da Pastoral Familiar*, Diocese de Montes Claros, 1996.
- *Deus ouviu o clamor do Povo e Envia o Libertador* (cartilha), Diocese de Montes Claros, 1988.
- *Deus veio morar no meio de Nós*, (cartilha), Natal/94, Diocese de Montes Claros, 1994.
- *Deus envia seu filho: Liberta o seu povo e faz brotar a Igreja*, (cartilha), Natal/1989, Diocese de Montes Claros. 1989.
- E Deus Disse: *"Construam casas para vocês morarem"* (cartilha), C. F/93, Diocese de Montes Claros, 1993.
- *Juventude Caminho Aberto*, (cartilha) CF/92, Diocese de Montes Claros, 1989.
- *Maria Gerando a Vida Nova*, (cartilha), Natal, Diocese de Montes Claros, 1990.
- *Maria, mãe e modelo da Igreja que queremos Ser*, (cartilha), Diocese de Montes Claros. São Paulo: Loyola, 1988.
- *Natal Vida e Esperança*, (cartilha), Natal, Diocese de Montes Claros, 1992.
- *Nosso Projeto de Pastoral da juventude* (cartilha), Diocese de Montes Claros, 1991.
- *O Batismo na Igreja que queremos ser* (cartilha), Diocese de Montes Claros, 1991.
- *O Batismo Na Igreja que Queremos Ser*. (cartilha), Diocese de Montes Claros, 1989.
- *Planejamento Diocesano de Pastoral* (1981-1983), Diocese de Montes Claros, Agosto, 1981.
- *Pai Nosso, Pão Nosso* (cartilha), Natal/91, Diocese de Montes Claros, 1991.
- *Pastoral da juventude: 10 anos construindo história* (1985-1995), (cartilha), Diocese de Montes Claros, 1995.
- *Plano Diocesano de Evangelização*, Ano 2000 Documento para orientação pastoral, Diocese de Montes Claros, 1999.
- *Somos Igreja viva* (cartilha), Diocese de Montes Claros, 1991.

- Texto Base Para 4ª *Assembléia Diocesana de Pastoral*, Diocese de Montes Claros, 1994.
- Texto Base Para a 3ª *Assembléia Diocesana de Pastoral*, Diocese de Montes Claros, 1990.
- *Unidos Para a Missão* (cartilha), Diocese de Montes Claros, 1996.
- *Vinde, Vede e Anunciai: Reflexão sobre a tarefa missionária*, (cartilha), PRECOMLA, Diocese de Montes Claros, 1995.

7 - MEMORIALISTAS

GASPAR, M. Maurício. *No Sertão de Minas*. Abadia du Parc- Lez-Louvain, 1902.

_____. *Trente années d'Apostolat au Brésil*. Abadia du Parc, Parc, Bélgica, 1930.

MELLO, Oliveira. *A Igreja de Paracatu: Nos Caminhos da História*. Paracatu: Edição da Mitra Diocesana, 2005.

PAULA, Hermes. *Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes*. Rio de Janeiro, 1957.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1975.

_____. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1974.

_____. *Viagem as nascentes do Rio São Francisco (1816-1822)*. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1975.

SILVEIRA, Yvone; COLARES, Zezé. *Montes Claros de Ontem e Hoje*. Montes Claros, 1995.

VIANNA, Nelson. *Serões Montesclarenses*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.

_____. *Efemérides Montesclarenses (1707-1962)*. Rio de Janeiro: Pongetti Editores, 1964.

VIANNA, Urbino S., *Monographia do Município de Montes Claros*. Belo Horizonte, 1916.

8 - ARTIGOS DE JORNAIS ESCRITOS POR DOM JOSÉ ALVES TRINDADE

TRINDADE, Dom José Alves. *E Ele "Habitou Entre Nós"* (jo1,14) 02 e 03 Sábado/Domingo, nº 01 – Jornal Gorutubano, Janaúba.

_____. *Panorama Histórico da Doutrina Social da Igreja*, 09/12/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Pornografia*, 26/11/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

TRINDADE, Dom José Alves. *A Igreja (Corpo Místico de Cristo) e suas 4 Propriedades Principais*, 03/12/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *A “biografia do Rio São Francisco”*, Jornal o Juazeiro, Setembro – Bahia 1991.

_____. *Os Sentidos da Liberdade*, 19/11/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Possibilidade de um Fracasso Total (inferno)*, 05/11/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Os Santos Apóstolos de Jesus Cristo*, 17/09/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *A Assunção de Maria*, 20/08/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Camões e sua Obra-prima*, 27/08/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *As Sete Maravilhas do Mundo Antigo*, 10/09/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Um amigo de Jesus Reviveu*, 03/09/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Dois Africanos Imortais*, 03/09/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *A Bíblia de Gutemberg*, 15/10/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Dom José: Adeus a Montes Claros após 32 anos*, 02/06/88 Quinta-feira – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *O Lampião: Virgulino Ferreira da Silva*, Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG.

_____. *Curiosidades Históricas*, 12/06/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *O Papa escreve a todas as pessoas consagradas*, Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG.

_____. *Registro Eclesial*, 10/07/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Consumado o cisma de Lefebvre*, Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG.

TRINDADE, Dom José Alves. *As Seis linhas de atuação da CNBB*, Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG.

_____. *E o Super-homem?* 21/08/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Não é este o homem Moderno?*, 14/08/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Profecias ao crepúsculo do 2º Milênio*, 04/09/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *As duas Primeiras Missas no Brasil*, 11/09/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *O 1º Bispo Diocesano de Montes Claros*, 18/09/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Salve, Querida Beata, Laura Vicunha!*, 09/10/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Curiosidades Mineiras*, 16/10/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *A Psicologia do Mineiro*, 23/10/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Dois Pontos Capitais da Bíblia*, 20/11/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Palestina a Terra de Jesus*, 27/11/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Lúcida concepção do inferno*, 18/12/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Teologia da Comunicação*, Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG.

_____. *Cultura Popular*, 08/01/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Jesus Ressuscitou*, 02/03/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Meio Século de Eleição de Pio XII*, 09/04/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Notícias bem curtas*, 16/04/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

TRINDADE, Dom José Alves. *Igreja e Política*, 23/04/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Os carismas*, 07/05/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *O Episcopado fala ao Brasil*, 30/04/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Cartinha Super-famosa*, 21/05/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Textos Memoráveis*, 28/05/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *A Tríplice dimensão da cultura*, 14/05/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *As duas Potências humanas de Paulo*, 11/06/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Os AA: alcoólatras anônimos*, 04/06/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Como vai a Birmânia?!*, 18/06/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *“Os Versos Satânicos”* 25/06/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *A Fome no Mundo*, 02/07/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *A Doutrina do Judaísmo*, 08/07/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *“New Age” a moderna gnose!*, 30/07/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Notícias da Igreja Católica*, 06/08/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Jesus Cristo: Deus Salvador*, 13/08/89 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1989.

_____. *Registro Eclesial*, Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1991.

_____. *O homem novo da Teologia Paulista*, 04/10/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

TRINDADE, Dom José Alves. *Onde está o suco da Bíblia*, Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG.

_____. *As Duas Doutrinas*, 31/05/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Três Pontinhos de Reflexão*, 11/10/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Dois Pronunciamentos de Valor*, 18/10/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Dois Artistas da Itália*, 25/10/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Epitáfios da morte, nossa irmã*, 01/11/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *A teologia do purgatório*, 08/11/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Lembranças de Roma: as catacumbas*, 15/11/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Duas Jóias da Língua Portuguesas*, 22/11/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Os escritos e oratória de Cícero*, 06/12/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Dois Poetas Latinos*, 13/12/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *E os Milagres?*, 25/12/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Santuário de Aparecida*, 03/01/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Sabedoria Pastoral de João Paulo II*, 10/01/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Ciência Anticientífica!*, 31/01/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *O Aleijadinho: Antônio Francisco Lisboa*, 07/02/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Proveitoso Instrumento de Cultura*, 14/02/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

TRINDADE, Dom José Alves. *Liberdade Religiosa*, 21/02/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *A Escravidão no Brasil*, 20/03/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Os Três últimos Papas com o Pseudônimo de Pio*, 13/03/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Dificuldades de Nossa Democracia*, 06/03/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Carta de João Paulo II sobre a cidade de Jerusalém*, 22/07/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Para o Dia Missionário Mundial*, 29/09/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Duas Páscoas*, 13/04/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Madre Tereza de Calcutá*, 23/03/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *A Ressurreição do Senhor Jesus*, 30/03/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *A Mulher Vestida de Sol*, 11/06/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Fala de Gente Grande*, 24/12/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Resumo do documento sobre a Teologia da Libertação*, 16/09/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Orientação a respeito da Teologia da Libertação*, 16/09/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Por Meio de correspondência*, 23/06/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Fala de Gente Grande*, 24/12/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Resumo do documento sobre a Teologia da Libertação*, 16/09/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Orientação a respeito da Teologia da Libertação*, 16/09/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

TRINDADE, Dom José Alves. *Por meio de correspondência*, 23/06/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *O assassino convertido*, 15/03/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *A Luta dos EUA contra a Pornografia*, 08/06/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *“Técnica do poder da mente e a salvação”*, 11/09/83 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1983.

_____. *O V Centenário das Descobertas*, 22 e 23/11/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Nomes e Títulos Bíblicos de Deus no antigo Testamento*, 06/09/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Perante o mistério do sofrimento a escola de Buda e a de Jesus Cristo*, 15 e 16/08/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Com a Liberdade da Ciência: Galileu Galilei e Albert Einstein*, 08 e 09/08/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Os dois cismas da Igreja*, 02/08/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Noticias Raras*, 27/09/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *A Homenagem de Rene Bazin*, Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Mensagem Sempre Nova*, 19/07/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Que é a “Legião de Maria”?* 13/10/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Dois Mártires Ingleses*, 12/07/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *O Idioma Tupi Guarani*, Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG.

_____. *O Papa Confia nos Jovens*, 28/06/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *O “Caso” Lefebvre*, 21/06/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

TRINDADE, Dom José Alves. *Breves Noticias da Igreja*, 13 e 14/06/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Os Direitos do Zigoto*, 07/06/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Dom Oscar Romero*, Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG.

_____. *Teresa Neumann*, 17/05/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Caridade Política*, 10/05/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *O Perfil de Frederico Ozanan*, 03/05/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Sobre o avanço das Novas Seitas*, 24/08/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *A Terceira Idade*, 20/07/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Os Três Pilares da Teologia Eucarística*, 13/07/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Dante e sua “Comedia”*, 08/02/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *A Moral e “As Morais”*, 08/03/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *A Respeito do Demônio*, 19/04/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *A Doutrina Especial de Cada Evangelho*, 10/11/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Maria, Mãe de Deus e Modelo da Igreja*, 05/01/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *O Governo político na Palestina*, 25/04/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Tópicos de uma Radiomensagem*, 11/08/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Seitas com seus novos “Messias”*, 10/08/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

TRINDADE, Dom José Alves. *O que espera a Igreja dentro da Nova Constituição*, 29/09/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Raízes Cristãs da Democracia*, 07/10/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *A Eleição dos Constituintes*, 12/10/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *A mais longa viagem de João Paulo II*, 18/01/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Lances históricos da música Sacra*, 08/12/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Beleza Literária e humorista nos “Atos dos Apóstolos”*, Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *O registro de duas Desgraças*, 13/01/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Macumba, Umbanda e Candomblé, entre outras seitas*, 27/01/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Um Século da morte de São João Bosco*, 03/04/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *“Milagres” de um rapaz*, 23/02/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Elenco dos Santos Doutores: Resenha*, 25 e 26/08/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *O Purgatório: Resenha*, Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Notícias da Igreja em Cuba*, 02/09/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *A carta de um jovem*, 22/10/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *São muitas as Igrejas Cristãs?*, 20/10/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Pedro e Paulo nos “Atos dos Apóstolos”*, 08/09/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *XXVII Viagens Apostólicas*, 02/10/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

TRINDADE, Dom José Alves. *O comunicado do CELAN*, 01/10/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *O perdão pedido aos escravos*, 30/09/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Noticias do Papa*, 02/03/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Por que é Igreja contra o comunismo*, Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Padre Antônio Horta de Araújo*, Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Um casal de Cristo operário*, 03/06/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *De quem é o feto?*, 08/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *A “exousia” ou a Autoridade de Jesus*, 09/06/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Noções Elementares ao Estudo Bíblico*, 25/08/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *A Estrutura e as Estruturas*, 22/09/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Noção e classificação das seitas*, 28/11/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *A conversão do “rei do aborto”*, 20/02/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Dom. Antônio de Almeida Moraes Junior*, 09/12/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Proliferação das seitas no Brasil*, 16/02/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Os países pobres julgaram os ricos*, 11/02/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Em Medjugorje*, 14/02/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Nostradamus e suas “Profecias”*, 26/01/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

TRINDADE, Dom José Alves. *Documentos Haitianos*, 01/06/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *A Missão típica dos leigos*, 05/04/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *O contemporâneo de todas as gerações*, 22/03/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Fora da Igreja não há salvação*, 30/01/87 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1987.

_____. *Crítica Literária dos 4 evangelistas*, 10/02/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *As três marcas da Igreja católica*, 09/02/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Três Encíclicas de Bravura*, 16/02/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *A vitória do Amor sobre o Ódio*, 09/03/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Onde nasceu a Dignidade Humana*, 04/05/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *O cristão e a Política*, 01/12/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Fala o Santo Padre aos cônegos premonstratenses e aos irmãos_maristas*, 15/12/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Os Bispos da Nicarágua*, 18/05/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *Sesquicentenário Gomeniano*, 17/0/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *No vaticano o presidente do Brasil*, 21/09/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *A conversão de Aléxis Carrel*, 16/11/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *A Encíclica sobre o Espírito Santo*, 26/10/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *O pacote de Gabriel Marcel*, 30/11/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

TRINDADE, Dom José Alves. *Jovens insatisfeitos com a Igreja e a família?*, 07/12/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *V centenário de evangelização na América Latina (1492 a 1992)*, 23/11/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *O maior de todos os profetas escritores*, 14/12/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *As palavras de Jesus*, 18/08/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *O dia do catequista*, 26/08/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Reflexão Escatológica*, 03/11/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Um autêntico valor humano*, 26/08/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *A essência do franciscanismo está na imitação de cristo*, 27/10/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Profeta – Mártir dos nossos dias*, 29/12/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *O Papa e o analfabetismo no Brasil*, 12/01/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *O apóstolo Paulo: Orador, escritor e santo*, 10/03/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Parabéns a Companhia de Jesus!*, 03/02/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *“Beata” Elizabete da Trindade*, 21/10/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Medjugorje é notícia*, 02/06/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *O papa e a opção pelos pobres*, 26/05/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Erros judiciários*, 12/05/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Belos frutos de uma exposição científica*, 05/05/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

TRINDADE, Dom José Alves. *O “Magnificat”*, 28/04/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Os mortos vivem*, 02/11/86 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1986.

_____. *E a “Teologia da Libertação”?*, 14/04/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *O Dr. Angélico*, 17/03/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Cultura Popular*, 10/04/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Curiosidades culturais: o calendário mundial*, 01/05/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *A Igreja no “inferno verde”*, 20/01/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *De Pedro*, 07/07/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Lançado à vanguarda da história*, 17/07/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *A Igreja católica no mundo*, 21/07/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Em face do sofrimento*, 04/08/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Provas clássicas da existência de Deus*, 16/06/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *O fatalismo*, 25/07/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *A CNBB e a TFP*, 14/07/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *“Civilização do amor”*, 28/07/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *A fala do representante papal*, 12/08/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Nota pastoral do episcopado português*, 15/07/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

TRINDADE, Dom José Alves. “*Parem de fabricar bombas!*”, 27/05/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Repetiu-se o “milagre” de San Genaro*, 23/11/85 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1985.

_____. *Comunidades eclesiais de base*, 05/08/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Dupla desgraça*, 09/10/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Noticias do “celeste império”*, 18/11/84 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1984.

_____. *Lembranças da Europa: a catedral de Milão*, 17/04/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Aplicações práticas*, 24/05/88 Domingo – Jornal de Montes Claros, Montes Claros – MG 1988.

_____. *Teologia da Libertação*, 03/08/86 Jornal Agropecuário – Montes Claros – MG 1986.

_____. *Morreu e ficou imortalizado o Bispo Emérito de Januária*, 07/84 Folha de Januária – MG 1984.

9 - REVISTAS

ABREU, Marta. *Festas Religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX*. In: **Revista Estudos Históricos**. F. G.V, vol 7, N. 14, pp. 183-203, Rio de Janeiro, 1994.

ALBERIGO, Giuseppe. *1962 – 1992 Vaticano II. Trinta Anos Depois*. In. **Revista Concilium**, n.02, vol. 240, 1992.

ALMEIDA, Jaime de. *Há cem anos, o quarto centenário: dos horríveis sacrilégios às Santas alegrias*. In: **Revista de Estudos Históricos**. F.G.V, vol. 5, N. 9, pp. 14-28, Rio de Janeiro, 1992.

ANJOS, Márcio Fabri dos. *A Igreja, Religião e Política*. In. **Revista Vida Pastoral**. 101 (1981) 22.

ANTONIAZZI, Alberto. *Milenarismo não é só na Idade Média*. In: **Revista Vida Pastoral**. 206 (1999) 40.

ARNS, Paulo Evaristo. *O Povo e a Esperança*. In. **Revista Vida Pastoral**, 70 (1976) 17.

AZZI, Riolando. *A Igreja e a Republica no Brasil*. In: **Revista vida pastoral**, 146(1989)30.

AZZI, Riolando. “*Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução Histórica do Brasil*”. In. **Religião e Sociedade**, São Paulo, nº 1, maio, 1977.

_____. “*Dom Antônio Joaquim de Melo, bispo de São Paulo (1851/61) e o movimento de reforma católica no século XIX*”. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol.35, 1975, Fasc.141.

_____. “*Elementos para a história do Catolicismo popular*”. **Revista Eclesiástica Brasileira - REB**, vol. 36 (141) março 1976.

_____. *A Igreja e a República no Brasil*. In. **Revista Vida Pastoral**, 146 (1989) 30.

_____. *Rumo ao Novo Milênio. Um Plano de Ação conjunta para Bispos, Padres, Agentes de Pastoral e Comunidades*. In. **Revista Vida Pastoral**, 191 (1996) 37.

_____. *Novo Projeto da CNBB. Ser Igreja no Novo Milênio*. In. **Revista Vida Pastoral**. 216 (2001) 42.

_____. *A Igreja e o Menor Abandonado*. In. **Revista Vida Pastoral**, 132 (1987) 28.

BARBOSA, Maria Elci Spaccaquerche. *A Redenção do Feminino para a Transformação do Humano*. In: **Revista vida pastoral**, 150 (1990) 31.

BARROS, Marcelo. *O Mundo Exclui, Deus Manda Incluir – As CEBs e sua vocação para o Dialogo*. In **Texto-Base** do 10 Encontro Intereclesial, 11 a 15 de julho, Ilhéus, Bahia, 2000.

_____. *Presbíteros de Hoje no Mundo de Amanha: Notas Sobre Identidade e espiritualidade dos Presbíteros*. In. **Revista Vida Pastoral**, 216 (2001) 42.

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Igreja Difícil Busca de Identidade*. In: **Revista Vida Pastoral**, 112 (1983) 24.

BEOZZO, José Oscar. “*Indícios de uma reação conservadora*”. Rio de Janeiro: **Comunicações do ISER**, 9:39, 1990.

_____. *A Igreja Após o Vaticano II*. In: **Revista Vida Pastoral**, 125 (1985) 26.

_____. *Igreja Católica e Liberdade Religiosa nas Constituintes do Brasil*. In: **Revista Vida Pastoral**, 128 (1986) 27.

_____. *Perspectivas Para o Ecumenismo: De Medellín a Santo Domingo*. In: **Revista Vida Pastoral**, 170 (1993) 35.

_____. *CEBs, Povo de Deus. 2000 anos de Caminhada*. In **Texto-Base** do 10 Encontro Intereclesial, 11 a 15 de julho, Ilhéus, Bahia, 2000.

BINGEMER, Maria Clara L. *No Princípio Era a Força que Move a Mulher*. In. **Revista Vida Pastoral**, 150 (1990) 31.

BLANK, Renold. *Caminhos Para Uma Igreja Fraterna*. In. **Revista Vida Pastoral**. 129 (1986) 27.

- BOFF, Lina. *Maria e o Feminino de Deus*: Para uma espiritualidade Mariana. In: **Revista vida pastoral**, 194 (1997)38.
- BOFF, Clodovis. *CEBs. Igreja de Comunhão e Participação*. In **Texto-Base** do 10º Encontro Intereclesial, 11 a 15 de julho, Ilhéus, Bahia, 2000.
- BOTELHO, Wanderlei de Fátima. *Religiosidade Popular e Suas Manifestações*. In. **Revista Poiesis**, V.3, n.3, Unimontes,2003.
- BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro. *O Rosto da Mulher Brasileira*. Reflexão Teológica. In. **Revista Vida Pastoral**, 150 (1990) 31.
- BUCHE, Bárbara P. *O Feminino da Igreja*. In: **Revista vida pastoral**, 191(1996)37.
- CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *Educação e sexualidade ou "A pastoral do medo"*. In. **Anais**, I semana da educação, UNESP, Franca, 1988.
- CAPANEDO, Penha. GUIMARÃES , Marcelo. *Um Jeito Novo de Celebrar*. In. **CEBs Povo de Deus**. 2000 Anos de Caminhada. Paulo Afonso: Fonte Viva, 1999.
- CARVALHO, Jose de Assis. *Dom Helder e Dom Sigaud. Expoentes do Episcopado Brasileiro*. In. **Revista Atualização**. Set, Out, n 281, Belo Horizonte,1999.
- CASALDALIGA, Dom Pedro. *Nosso Deus tem Um Sonho e Nos Também* In **Texto-Base** do 10 Encontro Intereclesial, 11 a 15 de julho , Ilhéus, Bahia,2000.
- _____. *Para Uma Igreja Comunitária e Participativa*. In. **Revista Vida Pastoral**, 167 (1992) 33.
- COMBLIN, José. *Consequências Políticas Provenientes das Seitas*. In: **Revista vida pastoral**, 129(1986)27.
- _____. *Vaticano II Ontem e Hoje*. In: **Revista Vida Pastoral**, 125 (1985) 26.
- _____. *Medellín et les combats de L'Eglise en Amérique Latine*. In **Paul Ladrière e LUNEAU René.**, (Orgs.). *Le Retour de Certitudes événements et orthodoxie Depuis Vatican II*. Paris: Centurión, 1987.
- _____. *America Latina. Presente e Futuro, Esperança e Temor*. In. **Revista Vida Pastoral**. 216 (2001) 216.
- _____. *Despertar da Igreja Católica para a cidade*. In: **Revista Vida Pastoral**, 224 (2002) 43.
- _____. *Os Interrogantes da Vida Religiosa no Século XXI*. In. **Revista Convergência**. CRB. Março. Rio de Janeiro. 2004.
- DUCH, Luís. *O Tempo Vivido e Simbolizado*.In. **Revista Concilium**, 162, nº 2, 1981.
- FERRARO, Benedito. *Autonomia das Organizações Populares e Identidade da Igreja*. In: **Revista Vida Pastoral**, 112 (1983) 24.

- FABRETI. *Javé o Deus dos pobres*. In: **Celebrar a Fé e a Vida**. Irmãos Maristas. Publicação para uso interno, Versão 2005.
- FRANGIOTTI, Roque. *A nova igreja da América Latina*. In: **Revista vida pastoral**, 101(1981) 22.
- GAETA, Maria Aparecida Junqueira da Veiga. *Redes de sociabilidade e de solidariedade no Brasil Colonial: as irmandades e confrarias religiosas*. In: **Revista Estudos de História**, vol.2, Nº2, Franca, 1995.
- GOUVEIA, Gualberto Luiz Nunes. *Xô Satanás!!! Mas Afinal, Quem é Satanás*. In: **Revista de Cultura Vozes**, vol.90, Nº 21, Petrópolis, 1996.
- GREINACHER, Norbert. *Identidade Católica na Terceira Era da História da Igreja*. O Concílio Vaticano II e suas Consequências para a Teoria e Prática da Igreja Católica. In: **Revista Concilium**, nº 05, Vol. 255, 1994.
- HAERING, Bernhard. *Possível um diálogo ético o homem secularizado?* In: **Revista Vida Pastoral**, 70 (1976) 17.
- HIGUET, Etienne. *O Misticismo na Experiência Católica*. In: **Revista semestral de Estudos e Pesquisa em religião**, 2 (1984) 2.
- LACERDA, Geysa Telma Couto de. *Os Jesuítas no Brasil: A Experiência teatral*. In: **Revista Estudos de História**, vol.2, nº 2, Franca, 1995.
- LEERS, Frei Bernadino. *Religiosidade Popular em Caminho para Deus*. **Revista Convergência**, CRB, ano XXI, nº 292, Maio, 1996.
- LENZ, Pe. Martinho. *O que o Concílio Vaticano II tem a dizer hoje à Vida religiosa? Desafios sócio-pastorais*. In: **Rev. Convergência**, CRB, Ano XL, n.388, Dezembro 2005.
- LESBAUPIN, Ivo. *Comunidades que Lutam por Justiça*. In: **Texto-Base** do 10 Encontro Intereclesial, 11 a 15 de julho, Ilhéus, Bahia, 2000.
- LEWKOWICZ, Ida Horácio Guitierrez. *As Viúvas em Minas Gerais nos Séculos XVII e XIX*. In: **Revista Estudos de História**, vol. 4, Nº 1, Franca, 1997.
- LIBANIO, João Batista. *A Trinta Anos do Encerramento do Concílio Vaticano II*. Chaves Teológicas de Leitura. In: **Revista Perspectiva Teológica**. nº 27, Setembro/Dezembro, vol.73, 1995.
- _____. *Introdução ao Documento de Puebla*. In: **Texto Oficial da CNBB**, São Paulo: Loyola, 1979.
- _____. *A Fé em meio às Lógicas da Cidade*. In: **Revista Vida Pastoral**. 224 (2002) 43.
- LOWY, Michael. *Ética Católica e o Espírito do Capitalismo*. In: **Revista de Cultura Vozes**, vol. 92, N. 1, Petrópolis, 1998.

- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Fundamentalismo: uma gestão autoritária do sagrado*. In: **Revista vida pastoral**, 176 (1994) 35.
- _____. Pio IX e o catolicismo no Brasil. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, 40, 1980, 273.
- _____. *A Prática da Colegialidade Episcopal na Comunidade Eclesial Brasileira. (1901 – 1919)*, In: **Revista Atualização**. Set, Mar, Abr, n. 278, Belo Horizonte, 1999.
- _____. *Puebla. Um Momento de Realismo na Igreja Latino-Americana*. In: **Revista Vida Pastoral**, 86 (1979) 20.
- MAGGIE, Yvonne. *Cor, hierarquia e sistema de classificação: a diferença Fora do Lugar*. In: **Revista de Estudos Históricos**, F.G.V, vol.7, Nº 14, Rio de Janeiro.
- MATA, Sérgio da. *Sacralização da política, politização do sagrado* (quando a Igreja Descortina). In: **Varia História**, Nº 16, Belo Horizonte 1996.
- MARASCHIN. *O simbólico e o cotidiano*. In: **Revista semestral de estudos e pesquisa em religião**, Ano II, nº 2, julho, Paulinas, 1984.
- MACEDO, Carmen Cinira. *CEBs: um caminho ao saber popular*. In: **Revista Vida Pastoral**, 146(1989) 30.
- MENDONÇA, Antônio B. *A volta do Sagrado Selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil*. In: **Revista semestral de Estudos e Pesquisa em Religião**, 2 (1984) 2.
- NEGROMONTE, Pe. Álvaro. *A Igreja no Apocalipse*. In: **Revista A Ordem**, Dezembro, nº.06, vol.XLII,1949.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *CEBs A Caminho do seu 9 Encontro Intereclesial*. In: **Revista Vida Pastoral**. 191 (1996) 37.
- OTTEN, Alexandre. *"Deus é Brasileiro": uma leitura teológica do catolicismo popular tradicional*. In: **Revista vida pastoral**, 209(1999)40.
- OLIVEIRA, Ireny Caldeira de Souza. *Re-Pensando a História da Sociedade Rural de Montes Claros*. In: **Revista Vínculo**, nº05, maio/96, Unimontes Montes Claros.
- PALÁCIO, Carlos. *Teologia, Magistério e "recepção" do Vaticano II*. In: **Revista Perspectiva Teológica**. nº 22, maio/agosto, vol. 57, 1990.
- PESAVENTO, S. J. *Em Busca de uma História: Imaginando o Imaginário*. In: **Revista Brasileira de História**, v. 15, n.29, 1995.
- PIEPKE, Pe. Joaquim. *Os Caminhos da Libertação*. In: **Revista Vida Pastoral**, 86 (1979) 20.
- RADINZ, Roberto. *"A terra de Deus": a relação do colono alemão com a propriedade e a sua legitimação no discurso religioso*. In: **Coletânea.CCHA Cultura e saber**, vol. I, Nº 1,1997.
- Revista Nossa História**, Ano I, nº I, Montes Claros, 1999.

- ROLIM, Francisco Cartaxo. “*Gênese do Pentecostalismo no Brasil*”. Petrópolis. In: **REB**, V.41, Fasc.161.mar.1981.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Neoconservadorismo eclesiástico e uma estratégia política*. In. **Revista Eclesiástica Brasileira**, 49 (1989) 259 - 281.
- SILVA, Antonio Aparecido da. *Evangelização na Igreja da América Latina. Comunhão e Participação*. In. **Revista Vida Pastoral**, 86 (1979) 20.
- _____. *Igreja Missionária a Serviço da Evangelização na América Latina*. In. **Revista Vida Pastoral** 86 (1979) 20.
- _____. *Para Uma Leitura de Puebla*. In. **Revista Vida Pastoral** 86 (1979) 20.
- SILVA, Lázaro Francisco da. *O papa negro e os homens pretos*. In: **Revista de História**, Nº 7, Mariana, 1997.
- SILVA, Inez Gonçalves. *O culto de Nossa Senhora: imagens femininas*. In: **Revista Estudos de História**, vol. 3, Nº1, Franca, 1996.
- SOUZA, Astrogildo Cândido de. *CEBs: Experiência de Vida*. Entrevista com Padre Antonio Silva. In. **Revista Vida Pastoral**. 101(1981) 22.
- SOUZA, Antonio Alvimar. *Teologia da Libertação e Novas Perspectivas*. In. **Revista Poiesis**, V.3, n.3, Unimontes,2003.
- _____. *Religião: Protesto Contra Um Mundo Injusto*. In. **Revista Trama**. Num. 05, Outono, Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1995.
- TEIXEIRA, Faustino. *A Caminhada das CEBs nos Encontros Intereclesiais*. In **Texto-Base** do 10 Encontro Intereclesial, 11 a 15 de julho, Ilhéus, Bahia, 2000.
- TRASFERETTI, José Antonio. *Igreja dos excluídos: Pastoral na Periferia dos Centros Urbanos: Homossexualismo em Questão - Retratos Desconexos*. In: **Revista de Cultura Vozes**, vol. 91, Nº 4, Petrópolis 1997.
- WEILER, Lúcia. *A Mulher na Bíblia*. In. **Revista Vida Pastoral**, 150 (1990) 31.
- WERNET, Augustin. *As Ordens e Congregações Religiosas no Catolicismo Pós-conciliar*. Texto Datilografado. 2006.
- _____. *O “Jesus Histórico” e o “Cristo de Fé”: Um Histórico das “Vidas de Jesus”*. In. **Revista Poiesis**, V.3, n.3, Unimontes,2003.

10 - TESES E TRABALHOS: ARQUIVO UNIVERSIDADE SÃO PAULO

AGUADO, Juventino de Castro. *O acaso da utopia e o despertar do carisma*. Vivências na Igreja Católica em Ribeirão Preto. 1967-1988. Doutorado de História. Departamento/História, São Paulo, 1997.

AZEVEDO, Dermi. *Igreja e estado no Brasil colaboração de agentes religiosos com a repressão política do Regime de 1964*. Departamento de Ciências Políticas, Dissertação de Mestrado, 2001.

BARAGLIA, Mariano. *O poder na igreja e as comunidades eclesiais de bases*. Departamento de Sociologia, Tese de Doutorado, 1991.

BENCOSTTA, Marcos Ley Albino. *Igreja e poder em São Paulo: Dom João Batista Correia Nercy e a Romanização do Catolicismo Brasileiro (1908-1929)*, Departamento de História, Tese de Doutorado, 1999.

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Os santos nômades e o Deus estabelecido: um estudo sobre religião e sociedade em Campinas*, Departamento de Sociologia, Dissertação de Mestrado, 1981.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. *Famílias e Escravarias: Demografia e família Escrava no Norte de Minas Gerais no século XIX*(Dissertação de Mestrado), Dep./Historia Universidade de São Paulo, 1994.

CAMELLO, Maurílio José de Oliveira. *Dom Antônio Ferreira Viçoso e a reforma do clero em Minas Gerais no séc XIX*. Departamento de História, Tese de Doutorado, 1986.

CARVALHO, Raul de. *Gemendo e Chorando nesse Vale de Lágrimas: Aspectos da Ação da Hierarquia da Igreja Católica Junto às Classes Subalternas da Cidade de São Paulo-1930-1936*. Departamento de História, Dissertação de Mestrado, 1987.

CHAHON, Sérgio. *Os convidados para a ceia do Senhor: as missas e as vivências leigas do catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e arredores (1750-1820)*. Doutorado. Departamento de História, 2001.

FAUSTINO, Eduardo. *O catolicismo em São Paulo no segundo império e o dilema da modernidade*. Mestrado, Dep. História 1991.

FAUSTINO, Evandro. *O renitente catolicismo popular*. Departamento de História, Tese de Doutorado, 1996.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. *Os Percursos do Ultramontanismo em São Paulo no Episcopado de Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, 1873-1894*, Departamento de História, Dissertação de Mestrado, 1992.

- JESUS, Luciana Maria de. *Análise do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus: uma abordagem do culto televisivo*, DLCV, Dissertação de Mestrado, 2002.
- LUSTOSA, Oscar Figueiredo. *Igreja e política no Brasil: o Partido Católico (1870-1889)*, Departamento de História, Tese de Doutorado, 1980.
- MAIA, Pedro Américo. *Os jesuítas e os católicos de influência no Brasil centro-leste: uma ironia entre sonho e a utopia*. Doutorado. Departamento de História, 1990.
- MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina: os colégios das irmãs de São José de Chamberry (1859-1919)*. Departamento de História, Tese de Doutorado, 1988.
- MARCHI, Euclides. *A igreja e a questão social: o descaso e a práxis do catolicismo no Brasil, 1850-1915*. Doutorado em Historia, 1989.
- PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *A igreja e a pobreza em Santos 1924-1941*. Doutorado em História, 1990.
- QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência, 1870-1890*. Mestrado História, 1991.
- _____. *Lá vem o meu presente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro em Pernambuco (séc XVIII)*. Doutorado. Departamento de História, 1997.
- REIS, Fábio José Garcia dos. *Os redentoristas de Aparecida e a regeneração do Brasil: 1916-1931*. Doutorado História, 1998.
- _____. *Os redentoristas, o cônego Antônio Marques Henrique e a romanização da Igreja paulista 1888-1917*. Mestrado, Dep. História, 1993.
- SERPA, Élio Cantálicio. *Igreja, elites dirigentes e catolicismo popular em desterro/ Florianópolis, Lagunas e Lages- 1889-1920* Doutorado História Social.
- SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz. *Universidade, igreja e modernidade: restauração e Inovação*. Doutorado, 1996.
- SOUZA, João Valdir Alves de. *Igreja, Escola e Comunidade*. Elementos para a História Cultural do Município de Turmalina. Montes Claros:Unimontes, 2005.
- TANGERINO, Márcio Roberto Pereira. *Religião e política na crise da igreja popular*. Departamento de Sociologia, Dissertação de Mestrado, 1992.
- TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. *A missa e o culto vistos do lado de fora do altar: religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de Base do Bairro Petrolândia*, Departamento de Antropologia, Tese de Doutorado, 1997.
- ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. *Mulheres Beatas e Militantes na Igreja de Bauru*.(1960 – 1990). Departamento de Historia, Tese de Doutorado, 1999.

11 - BIBLIOGRAFIA GERAL

- ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial* (1500 – 1800). São Paulo: Itatiaia, 2000.
- AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus Contra os Pagãos*. Parte II. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. 2. edição. Petrópolis: Vozes, São Paulo, 1990.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. e Comentário Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ASSMANN, Hugo. *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- AUBERT, Roger. HAJJAR, Joseph. *A Igreja na Sociedade Liberal e no Mundo Moderno III*. Coleção. Nova História de Igreja. Vol V., Petrópolis: Vozes, 1976.
- AZEVEDO, Marcel. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 1986.
- AZZI, Riolando. *O Catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. *História da Educação Católica no Brasil*. Contribuição dos Irmãos Maristas. Vol. 4. São Paulo: SIMAR, 2005.
- BARROS, Mônica do Nascimento. *"A batalha do Armagedon"*. Uma análise do repertório mágico-religioso proposto pela Igreja Universal do Reino de Deus. UFMG, Belo Horizonte, 1995.
- BARROS, Raimundo Caramuru de. *Para Entender a Igreja no Brasil*. A Caminhada que culminou no Vaticano II (1930 – 1968), Petrópolis: Vozes, 1994.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana, Porto Alegre: L & PM, 1987.
- _____. *Teoria da Religião*. Tradução: Sergio Góes de Paula e Viviane de Lamare, São Paulo: Editora Ática, 1993.
- _____. *A Parte Maldita*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- BENEDETT, Luiz Roberto. *Templo, Praça, Coração. A Articulação do Campo Religioso Católico*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP – CER, 2000.
- BEOZZO, Jose Oscar. *A Igreja no Brasil, de João XXII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BETTO, Frei. FERNANDO, Frei. IVO, Frei. *O Canto na Fogueira*. Cartas de Três Dominicanos Quando em Cárcere Político. Petrópolis: Vozes, 1977.

- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Tradução Floriano de Souza Fernandes, Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERGER, Peter L. *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística*. Tradução de Danaldson M. Garschagen, Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Igreja Carisma e Poder*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. *E a Igreja se fez Povo. ECLESIOGÊNESE: A Igreja que nasce da fé do Povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. *O Caminhar da Igreja com os Oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. *O Rosto Materno de Deus*. Ensaio Interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *A Trindade e a Sociedade*. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *São Francisco de Assis Ternura e Vigor*. Uma Leitura a partir dos pobres Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *América Latina: da conquista à Nova Evangelização*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *Ecologia Mundialização Espiritualidade*. A emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *Teologia do Cativo e da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIER, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOSCHI, Caio. *A Universidade de Coimbra e a Formação Intelectual das Elites Mineiras Coloniais*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol 4, N.7, 1991.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRIGHENTI, Agenor. *A Missão Evangelizadora no Contexto Atual: Realidade e Desafios a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo brasileiro em época de Transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão. *O regionalismo mineiro*. Caderno Geográfico, vol. I, nº 3, outubro, UNIMONTES, 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CASALI, Alípio. *Elite Intelectual e Restauração da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem: Introdução à uma filosofia da cultura humana*. Trad. Tomás de Rosa Bueno, São Paulo: Martins Fontes, 1994.

- CASSIRER, Ernest. *Antropologia Filosófica*. Colecion Popular, México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.
- CHARTIER, Roger (org.); ARIÈS, Philippe. *História da vida privada – Da Renascença ao Século das luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- CHAYUS, Cipriano. *Pentecostes é hoje*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- CORETH, Emmerich. *Questões Fundamentais de Hermenêutica*. Tradução de Carlos Lopes de Matos, São Paulo: EPU/ EDUSP, 1973.
- DIAS, Fernando Correia. *A imagem de Minas: Ensaio de Sociologia Regional*. Belo Horizonte, 1971.
- DUBY, Georges. *História da vida privada - Da Europa Feudal à Renascença*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- ÉFESO, Heráclito de. *Fragmento 91*. Coleção Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. A essência das Religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Le Sacré et le profane*, Paris, 1969.
- ESPÍN, Orlando. *A Fé do Povo*. Reflexões Teológicas Sobre o Catolicismo Popular. Tradução: Bárbara Theoto Lambert, São Paulo: Paulinas, 2000.
- FERRAROTTI, F. *Sociologia da Religião*. Trad. Bertilo Brod. São Paulo: Paulinas, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FRAGOSO, H. *A Igreja na Formação do Estado Liberal*. In. *História da Igreja no Brasil*. Ensaio de Interpretação a partir do povo. HAUCK, João Fagundes. FRAGOSO. H. , BEOZZO, José Oscar. , GRIJP, Klaus Van Der., BROD, Benno., Petrópolis: CEHILA/Paulinas/Vozes, 1992.
- FREIRE, Eduardo. *O diabo na livraria do Cônego*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- FROMM, Erich. *Análise do homem*. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flavio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Trad. Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GLEISER, M. *A Dança do Universo: Dos Mitos da Criação ao BIG-Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- GIODANI, Igino. *Sobre a Condição dos Operários*. In. LEÃO XIII, Carta Encíclica de sua Santidade o Papa Leão XIII sobre a Condição dos Operários. São Paulo: Paulinas, 2002.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em Busca Dos Pobres de Jesus Cristo*. O Pensamento de Bartolomeu de Las Casas. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. *A Força Histórica dos Pobres*. Tradução de Álvaro Cunha. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. *Teologia da Libertação*. Tradução de Jorge Soares. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HEIDEGGER, M. *Sobre a Essência da Verdade*. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- HOORNAERT, Eduardo (org). *Das reduções latino-americanas as lutas indígenas atuais - IX Simpósio latino-americano da CEHILA*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- JAEGGER, Werner. *La Teologia de Los Primeros Filósofos Griegos*. Trad. José Gaos. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1952.
- _____. *Paidéia: A Formação do Homem grego*. Trad. M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes/UnB, 1989.
- JANCSÓ, István. KANTOR, Íris. (org.) *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Hucitec: Ed. Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Brasil, v.3, 2001
- JUANES, Benigno. *Que é a Renovação Carismática Católica?* São Paulo: Loyola, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *Historia e Memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Unicamp, 1996.
- LEVINAS, E. *Du Sacré au saint*. Cinq nouvelles lectures talmudiques, Paris, 1970.
- LIBÂNIO, João Batista. *A Volta à Grande Disciplina*. São Paulo: Loyola, 1983.
- _____. *A religião no Início do Milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LORSCHIEDER, Aloísio Card. In. Documentos do CELAM: *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.
- LUZ, Claudia. DAYRELL, Carlos. *Cerrado e Desenvolvimento*. Tradição e Atualidade. Centro de Agricultura Alternativa – CAA –NM, Montes Claros: Max Gráfica e Editora Ltda, 2000.
- KLOPPNBURG, Dom Boaventura. *Igreja Popular*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1983.
- MAGDALA, Miriam de. *O Evangelho de Maria*. 2. ed. Trad. e com. Jean-Yves Leloupe. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Caminhando Pela História da Igreja*. Belo Horizonte: Editora Lutador, 1996.

- MELO E SOUZA, Laura de. *História da vida privada no Brasil*. Cotidiano e Vida Privada na América portuguesa. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- _____. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- MOLLAT, M. *Les Pauvres au moyen-âge*. Paris:1978.
- MONDIN, Batista. *O homem: quem é ele?* Elementos de Antropologia Filosófica. Trad. R. Leal Ferreira e M. A S. Ferrari. São Paulo: Paulinas, 1980.
- MUÑOZ, Ronaldo. *Nova consciência da igreja na América Latina*. Trad. Jorge Soares. Petrópolis: Vozes, 1979.
- NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e Anti-Humanismos*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. *Nova Cidade, Velha Política: Poder Local e Desenvolvimento Regional na Área Mineira do Nordeste*. Maceió: EDUFAL, 2000.
- OLIVEIRA, Marcos Fábio de, RODRIGUES, Luciene. (Org.) *Formação Social e Econômica do Norte de Minas*. Montes Claros: Uimontes, 2000.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *Religião e Dominação de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- OLIVEIRA SILVA, Franscino. *Sub umbra alarum tuarum: história da criação e organização da Diocese de Montes Claros (1903 – 1943)*. Belo Horizonte: Fumarc, 2005.
- PIMENTA, Paulo Emílio. *As origens do fenômeno religioso*. Belo Horizonte: São Vicente, 1980.
- PIMENTA, Silvério Gomes. *Vida de Dom Antonio Ferreira Viçoso*. 3º edição, Mariana, Tipografia da Arquidiocese, 1920.
- PIRES, Simeão Ribeiro. *Gorutuba: o padre e a bala de ouro*. Belo Horizonte: Barvalle, s.d.
- _____. *Raízes de Minas*. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1979.
- QUALLS-CORBETT, Nancy. *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino*. Trad. Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1988.
- REESE, Thomas J. *O Vaticano por Dentro*. A política e a organização da Igreja Católica. Tradução Magda Lopes, Revisão Augustin Wernert. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- RESENDE E SILVA, Artur Vieira de. *Genealogia mineira*. VI parte, (A Família Tiradentes) Oficina Gráfica, 1939.
- RIBEIRO, Helcion. *Religiosidade popular na teologia latino-americana*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- RICOEUR, Paul. *Interpretações e ideologias*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Religião e classes populares*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.
- ROSSET, C. *A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica*. Traduzido por Getúlio Puell. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- RUBIO, Garcia. *Unidade na Pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristã. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SANCHIS, Pierre. (org) *Fiéis e Cidadãos: Percursos de Sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.
- SANTIAGO, Luiz. *O vale dos boqueirões: história do Vale do Jequitinhonha*. vol.I. Almenara: Edições Boca das Caatingas, 1999.
- SANTOS, Pe. Beni dos. *Introdução a Uma Leitura do Documento a Partir da Opção Preferencial Pelos Pobres*. In. Conclusões da Conferência de Puebla. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1984.
- SERBIN, Ken. *Os Seminários: Crise, experiências e síntese*. In. SANCHIS, Pierre (Org.). *Catolicismo: Modernidade e Tradição*. São Paulo: Loyola, 1992.
- SGARBOSSA, Mário. *Um santo para cada dia*. São Paulo: Paulus, 1983.
- SESBOUE, Bernard. *O Magistério Em Questão*. Autoridade, Verdade e Liberdade na Igreja. Petrópolis, Vozes, 2004.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Por Uma Igreja mais Humana*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SILVA, Franscino Oliveira. *Sub Umbra Alarum Tuarum: História da Criação e Organização da Diocese de Montes Claros (1903 –1943)*. Belo Horizonte: FUMARC, 2005.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- SOUZA, Antônio Alvimar. *Consciência social e realidade nacional em Álvaro Vieira Pinto*. Londrina: Editora UEL, 1999.
- SOUZA, Ney de. *Catolicismo em São Paulo. 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: Um Estudo Antropológico Sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SUESS, Paulo Guenter. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Tipologia de uma religiosidade vivida. São Paulo: Loyola, 1979.
- TERRA, L. E. Martins. *Religião e magia*. São Paulo: Loyola, 1985.

- TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TOURAINÉ, Alain. *Cartas a Uma Jovem Socióloga*. Tradução de Júlio César Montenegro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- VAZ, Henrique de Lima. *Antropologia filosófica*. Vol. I e II. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *Escritos de Filosofia: Ética e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1988.
- VOEGELIN, Eric. *A nova ciência da política*. Trad. José Viegas Filho. Brasília: Editora UnB, 1979.
- WACH, Joaquim. *Sociologia da religião*. Trad. Attilio Cancian. São Paulo: Paulinas, 1990.
- WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais. Parte I*. Trad. Augustin Wernet, 2. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1993.
- WERNET, Augustin. *A igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Os redentoristas no Brasil*. Vol I. Aparecida, São Paulo: Santuário, 1995.
- _____. *Os redentoristas no Brasil: tricentenário do nascimento de Santo Afonso de Ligório*. Vol. II (Expansão da obra Redentorista 1920-1944). Aparecida, São Paulo: Santuário, 1996.
- _____. *Os redentoristas no Brasil: crescimento, crise, renovação institucional. 1945-1972*. Aparecida, São Paulo: Santuário, 1997.
- ZAJDSZNAJDER, Luciano. *Ética, Estratégia e Comunicação: na passagem da Modernidade à pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- ZIZOLA, Giancarlo. *A Utopia do Papa João*. São Paulo: Loyola, 1990.

ANEXOS

ANEXO I

Mapa da Diocese de Montes Claros e seus setores.

ANEXO II

Bispos mineiros no Vaticano II – 1964.

ANEXO III

Da esquerda para direita: Dom João Resende Costa – Belo Horizonte; Dom Paulo Rolim – Mogi das Cruzes; Dom José Machado Campos – Bispo de Lorena; Dom José Alves Trindade – Montes Claros; em frente a Basílica de São Pedro – Concílio Vaticano II – 1964.

ANEXO IV

Dom José em inauguração – Estação Central do Brasil.

ANEXO V

Dom José em frente ao Santuário do Bom Jesus com Oliveiro Barbosa, Adauto e Anderson. (D-E)

ANEXO VI

Reunião da CNBB em 1964 no Colégio Pio Brasileiro em Roma.

ANEXO VII

Dom José em encontro com Celso Furtado na Sudene, em Natal – RN.

ANEXO VIII

Dom José em obra do DNOCS.

ANEXO IX

Dom José, no centro, tendo à sua direita Monsenhor Gustavo e ao fundo Cônego Siardo.

ANEXO X

Dom José em frente à Basílica de São Pedro – Roma.

ANEXO XI

Catedral do Nosso Senhor do Bonfim – BA.

ANEXO XII

Chegada em Bonfim – BA – 1949.

ANEXO XIII

Chegada em Bonfim – BA – 1949.

ANEXO XIV

Visita do Cardeal Leme ao Colégio Pio Brasileiro – Roma.

ANEXO XV

Aos dois dias do mês de junho de 1960, no Palácio Alvorada, em Brasília-DF.

ANEXO XVI

Brasão de Dom José Alves Trindade.

(Que todos sejam um)

ANEXO XVII

Dom José Alves Trindade.

ANEXO XVIII

Vista frontal do Palácio Episcopal – Montes Claros/MG.